Volume Seis da Série

O MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS



E TEM OUTRA COISA...

EOIN COLFER

Volume Seis da Série

O MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS



E TEM OUTRA COISA...

EOIN COLFER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



EXILADO DOS
LIVROS

EOIN COLFER

E TEM OUTRA COISA...

Volume Seis da Trilogia de Cinco

Tradução de
Alves Calado

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

ARQUEIRO

Para Jackie, Finn e Séan,
Que sentem minha falta,
Mas não tanta quanto eu sinto deles.

A tempestade agora havia realmente enfraquecido e,
se ainda havia sobrado algum trovão, estaria agora
roncando sobre colinas mais distantes, como um homem
que diz “E tem outra coisa...” vinte minutos depois
de admitir que perdeu uma discussão.

– Douglas Adams

Viajamos pelo espaço-tempo, meus amigos,
Pra botar pra quebrar outra vez!

– Tenacius D

agradecimentos

Quero agradecer a Douglas Adams por demolir minha perspectiva e reconstruí-la em outra dimensão. Todo o meu amor e gratidão a Jackie por todas as suas ideias, orientações, pesquisas e sugestões para escrever este livro e todos os outros nos últimos dez anos. Muita gratidão a Sophie e Ed por montarem este projeto e a Polly e Jane pelo apoio. Obrigado a Alex e Leslie, meus editores com olhos de águia, que provavelmente corrigiram estes agradecimentos. E, finalmente, obrigado a meu velho amigo Ted Roche, que me apresentou não somente ao *Guia* mas também ao Whitesnake. Dívidas que jamais poderão ser pagas.

sobre os autores

Douglas Adams nasceu em 1952 e criou todas as diversas e contraditórias versões do *Guia do Mochileiro das Galáxias*: a série de rádio, os livros, a série da TV, o jogo de computador, a adaptação para o teatro, as revistas em quadrinhos e até mesmo a versão escrita em uma toalha.
O Guia do Mochileiro das Galáxias foi publicado pela primeira vez há pouco mais de trinta anos, em 1979, e seu sucesso fenomenal levou-o direto ao primeiro lugar na lista de mais vendidos do Reino Unido. Em 1984, Douglas Adams se tornou o mais jovem autor a ganhar um Golden Pan. A série já vendeu mais de 15 milhões de exemplares em todo o mundo.
O filme estrelado por Martin Freeman e Zooey Deschanel, com Stephen Fry como a voz do *Guia*, foi lançado em 2005 usando boa parte do roteiro original e das ideias de Douglas. Ele viveu com sua esposa e filha em Islington, norte de Londres, e brevemente na Califórnia, onde morreu em 2001.

Eoin Colfer é autor da série Artemis Fowl, best-seller internacional que foi traduzido para mais de quarenta línguas, na maioria, humanas. Dentre outros títulos estão *A lista dos desejos*, *Os supernaturalistas* e *Half Moon Investigations*, que foi transformado em um seriado de sucesso pela BBC. Seus livros ganharam vários prêmios, inclusive o de livro do ano para crianças na Inglaterra e na Alemanha, além do prêmio Melhor Piso de Papel Betelgeusiano para Estreante mais Baixo, que ele mantém em seu barco no fundo do quintal porque é radioativo e assusta as crianças. *E Tem Outra Coisa...* é seu primeiro livro para adultos, e ele achou a experiência muito semelhante à de escrever para jovens, a não ser por usar bem menos as frases “não foi minha culpa” e “nenhum de vocês me entende”.

prólogo

Se você tem uma cópia do *Guia do Mochileiro das Galáxias* provavelmente a última coisa que digitaria no v-clado do livro seria o próprio título da obra, já que, como você tem um exemplar, pode-se presumir que sabe tudo sobre o mais extraordinário livro jamais publicado pelas grandes editoras da Ursa Menor. No entanto, *presumir* tem ficado em segundo lugar em cada uma das pesquisas sobre *Causas de Conflitos Intergalácticos* dos últimos milênios. O primeiro lugar invariavelmente fica com "aqueles filhos da mãe que invadem nosso planeta com armas enormes" e o terceiro costuma empatar entre "cobiçar a 'pessoa especial' de outro ser consciente" e má interpretação de simples expressões corporais" — o gesto que significa "Uau! Esse macarrão está fantástico!" de um povo pode ser o "Sua mãe deita e rola com marinheiros" de outro.

Digamos, por exemplo, que você esteja parado há oito horas em Porto Brasta, e sem crédito suficiente para uma Dinamite Pangaláctica. Depois de perceber que não sabe quase nada sobre esse supostamente maravilhoso livro que tem em mãos, você decida, por puro tédio, digitar "o guia do mochileiro das galáxias" no campo de busca do *Guia do Mochileiro das Galáxias*. Que resultados essa frívola digitação produzirá?

Primeiro, um ícone animado aparecerá num clarão de pixels e informará que há três resultados, o que é um pouco confuso, já que abaixo há uma lista de cinco itens, numerados na ordem usual.

> *Nota do Guia: Isto, é claro, se sua compreensão de ordem numérica usual vai do menor para o maior e não do derivativo para o inspirado, como fazem as Lesmas de Folfanga, que julgam o valor de um número baseando-se na integridade artística de sua forma. As notas fiscais de Folfanga são lindas obras de arte, mas sua economia colapsa uma vez por semana.*

Cada um desses cinco resultados é um longo artigo, contendo muitas horas de vídeo e áudio e também algumas reconstituições dramáticas com atores muito

conhecidos.
Esta não é a história desses artigos.
Mas, se você for direto para o quinto resultado, ignorando os anúncios de hipotecar seus rins ou aumentar o tamanho de sua jebalança, chegará a uma linha em fonte minúscula que diz: *“Se você gostou deste artigo, talvez também se interesse em ler...”*. Faça o cursor tocar nesse link e você encontrará um apêndice contendo apenas texto, sem nenhum áudio e nem mesmo um trechinho de vídeo filmado por um estudante de cinema que produziu tudo em seu quarto, pagando os colegas do curso de teatro com sanduíches.
Esta é a história desse apêndice.

introdução

Até onde sabemos... Um dia, diante de um balde de caranguejos-joias, o Governo Imperial Galáctico decidiu que era necessário construir uma via expressa hiperespacial na região mais brega da Borda Ocidental da Galáxia. Essa decisão passou por cima de vários canais oficiais, com a desculpa de que serviria para impedir engarrafamentos num futuro distante. Na verdade, a finalidade era dar emprego a alguns primos de ministros que viviam de vagabundagem na Praça do Governo. Infelizmente, a Terra estava no caminho dessa via expressa, de modo que os insensíveis vogons foram despachados numa frota de naves de construção para remover o planeta ofensivo com o gentil uso de armas termonucleares.

Dois sobreviventes conseguiram pegar carona na nave vogon: Arthur Dent, um jovem inglês, funcionário de uma estação de rádio local, cujos planos para aquela manhã não incluíam ver seu planeta natal sendo transformado em pó debaixo de suas pantufas. Se a raça humana tivesse feito um plebiscito, Arthur Dent muito provavelmente seria eleito *a pessoa menos adequada para carregar as esperanças da humanidade ao espaço*. Na verdade, no livro de formatura de Arthur estava escrito que ele "provavelmente vai terminar seus dias num buraco nas montanhas escocesas, tendo apenas sua chatice como companhia". Por sorte, o amigo betelgeusiano de Arthur, Ford Prefect, um pesquisador de campo do ilustre almanaque de viagens interestelares *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, era mais otimista. Ford via oportunidades de ouro onde Arthur só enxergava nuvens de tempestade, de modo que, unidos, os dois formavam um só viajante espacial prudente — a não ser que suas andanças os levassem ao planeta Junipella onde, literalmente, chovia ouro. Sem dúvida alguma, Arthur teria levado a nave diretamente para a nuvem soturna mais próxima e Ford com certeza tentaria roubar o ouro, o que resultaria na combustão catastrófica do gás natural que havia dentro dela. Isso tudo resultaria numa linda explosão, mas como final heroico careceria de um certo quê, como por exemplo, um herói vivo.

O único outro terráqueo a sobreviver foi Tricia McMillan, ou Trillian, como

preferiu ser chamada depois de embarcar para o espaço. Ela era um misto de astrofísica ambiciosa e repórter de primeira viagem que sempre acreditara haver mais coisas na vida do que a vida na Terra. Apesar disso, Trillian ficou pasma quando foi levada para as estrelas por Zaphod Beeblebrox, o rebelde presidente de duas cabeças da Galáxia.

O que se pode dizer de Beeblebrox que ele já não tenha mandado estampar em camisetas oferecidas como brindes a cada compra feita pelo uBid? ZAPHOD DIZ SIM A ZAPHOD foi provavelmente seu slogan mais famoso, mas nem mesmo sua equipe de psiquiatras entendia o que isso queria dizer de verdade. O segundo na preferência geral era: BEEBLEBROX. FIQUE FELIZ POR ELE ESTAR LÁ FORA.

É uma regra aceita universalmente que, se alguém se dá o trabalho de estampar qualquer coisa numa camiseta, ela quase definitivamente não é cem por cento inverídica, o que é o mesmo que falar que tem uma razoável probabilidade de ser um pouco menos do que totalmente não por completo falsa. Assim, quando Zaphod Beeblebrox chegava a um planeta, as pessoas sempre diziam “sim” para ele, e quando ia embora, todos ficavam felizes por ele estar lá fora.

Por uma grande improbabilidade, esses heróis nada tradicionais foram atraídos uns para os outros e embarcaram numa série de aventuras, que em grande parte implicavam vagabundear pelo espaço-tempo, sentando-se em poltronas quânticas, batendo papo com computadores gasosos e geralmente falhando em encontrar algum sentido ou realização em qualquer canto do Universo.

Depois, Arthur Dent acabou retornando ao buraco no Universo onde a Terra costumava ficar, e se surpreendeu ao descobrir que esse buraco fora preenchido por um planeta do tamanho da Terra e que se parecia e agia notavelmente como a Terra. De fato, esse planeta era a Terra, só que não a de Arthur. Pelo menos não *desse* Arthur especificamente. Como o planeta ocupava o centro de uma Zona Plural, o Arthur que nós conhecemos se viu empurrado pelo eixo dimensional até uma Terra que nunca fora destruída pelos vogons. Isso foi fantástico para o *nosso* Arthur, e seu humor geralmente pessimista melhorou muito quando conheceu Fenchurch, sua alma gêmea. Por sorte, esse período idílico não foi interrompido por um encontro com qualquer outro Arthur de algum *universo alternativo* que pudesse estar perambulando por aí, possivelmente trabalhando para a BBC em Los Angeles.

Arthur e seu verdadeiro amor viajaram juntos pelas estrelas até Fenchurch desaparecer no meio de um salto hiperespacial. Arthur revirou o Universo atrás dela, trocando seus fluidos corporais por bilhetes de primeira classe. Durante um tempo, ficou encalhado no planeta Lamuella e passou a ganhar a vida como Fazedor de Sanduíches para uma tribo tão primitiva que ainda acreditava que os

sanduíches eram um grande barato.
Sua tranquilidade só foi perturbada com a chegada de uma caixa enviada por Ford Prefect, que continha a segunda versão do *Guia do Mochileiro das Galáxias* sob a forma de um pássaro pan-dimensional. Trillian, agora uma jornalista bem-sucedida, também tinha mandado uma encomenda para Arthur, sob a forma de Random Dent, uma menina concebida com o que ele havia trocado pelo assento 2D em um voo noturno para Alfa do Centauro.
Com certa relutância, Arthur acabou assumindo o papel de pai, mas ficou totalmente aparvalhado com a adolescente truculenta. Random roubou o *Guia* versão II e estabeleceu uma rota para a Terra, acreditando que lá poderia finalmente se sentir em casa. Arthur e Ford foram atrás dela e encontraram Trillian já no planeta.
Só então o objetivo do *Guia* versão II é revelado. Os vogons, irritados com a recusa da Terra em permanecer *ca-buuumizada*, criaram o pássaro para atrair os fugitivos de volta ao planeta, para depois destruí-lo em todas as dimensões existentes, cumprindo assim a ordem original.
Arthur e Ford correram quase na velocidade da luz até o Clube Beta de Londres, fazendo uma pequena parada para comprar *foie gras* e sapatos de camurça azul. Graças a toda aquela coisa de eixo dimensional/Zona Plural, eles encontraram Trillian *e* Tricia McMillan coexistindo no mesmo espaço-tempo, além dos berros de uma agitada Random.
Confuso? Arthur ficou, mas não por muito tempo. Assim que notou os verdes raios da morte cortando a atmosfera, todas as picuinhas do dia, de repente, perderam sua picuinhice. Afinal de contas, a confusão dificilmente o cortaria em milhões de pedacinhos.
Prostetnic Vogon Jeltz fizera seu trabalho magnificamente. Não somente havia atraído Arthur, Ford e Trillian de volta à Terra, como também conseguiu enganar um capitão grebulon, fazendo-o destruir o planeta em seu lugar, poupando a tripulação vogon de ficar várias horas prestando contas ao Departamento de Munições.
Arthur e seus amigos sentaram-se impotentes no Clube Beta e não puderam fazer nada além de observar o ataque definitivo contra a Terra, incapazes de participar — a não ser que espasmos involuntários e liquefação de matéria óssea contem como participação. Desta vez, as armas de destruição eram raios da morte, e não torpedos vogons, mas, que diabo, um instrumento para matar planetas é igual ao outro quando você é o alvo.

capítulo 1

Segundo um auxiliar de faxineiro que costuma ficar à toa pelos corredores da Universidade de Maximegalon, o Universo tem 16 bilhões de anos. Essa suposta verdade é constante alvo de zombarias por parte de um grupo de poetas beat de Betelgeuse, que afirmam ter adesivos antirrugas mais velhos do que isso. No mínimo, 17 bilhões de anos, de acordo com seu exemplar dos manuscritos de *Sobre a ejaculação precoce e as origens do Universo*. Um adolescente prodígio da Terra disse certa vez que eram 14 bilhões, baseado num complicado cálculo de computador envolvendo a densidade das rochas lunares e a distância entre duas mulheres excitadas num horizonte de eventos. Uma divindade menor de Asgard murmurou que tinha lido alguma coisa em algum lugar sobre algum evento cósmico de um tamanho bastante razoável ocorrido 18 bilhões de anos antes, mas hoje em dia ninguém presta muita atenção a pronunciamentos de autoridades, pelo menos não desde a crise do *alvorecer dos deuses*, ou o escândalo de Thorgate, como ficou conhecido.

Independentemente de quantos bilhões sejam, o fato é que *são* bilhões, e o velho na praia parecia ter vivido pelo menos cada um desses milhões de milhões. Sua pele era enrugada e cor de marfim e, visto de lado, ele se parecia com um S maiúsculo trêmulo.

O homem se lembrava de ter tido um gato um dia, se é que era possível confiar nas lembranças como sendo algo além de meras configurações neurológicas atravessando trilhões de sinapses. As lembranças não podiam ser tocadas, não podiam ser sentidas como as ondas passando pelos seus calcanhares nodosos. Mas, afinal de contas, o que eram os sentimentos físicos senão mensagens elétricas vindas do cérebro? Por que acreditar neles, portanto? Havia algo digno de confiança no Universo, algo que pudesse ser agarrado e abraçado no meio de uma tempestade causada por borboletas, além de um vendaval de ar sólido hawalusiano?

Essas desgraçadas, pensou o homem. *Assim que deduziram que esse negócio de bater as asas afetava coisas a um continente de distância, milhares de borboletas tinham se juntado e ficado malignas.*

Sem dúvida isso não é real, pensou ele. *Tempestades causadas por borboletas?*
Porém outros neurônios jorraram em ainda mais sinapses e o alertaram sobre teorias de improbabilidades. Se algo estava fadado a não acontecer nunca, era certo que essa coisa se recusaria a não acontecer o mais rápido possível.
Tempestades causadas por borboletas. Era só uma questão de tempo.
Com esforço, o velho afastou para longe o pensamento sobre esse fenômeno antes que outra catástrofe lhe viesse à mente e começasse o preguiçoso processo de nascer.
Haveria algo digno de confiança? Alguma coisa com a qual se consolar?
O pôr do sol iluminou as pequenas ondas, poliu as nuvens, despiu em prata as folhas das palmeiras e fez brilhar o bule de porcelana na mesa da varanda.
Ah, sim, pensou o velho. *Chá. No centro de um Universo perturbado e possivelmente ilusório, sempre teremos o chá.*
O velho desenhou dois números na areia com sua bengala feita da perna descartada de um robô e olhou enquanto as ondas os lavavam.
Num momento, havia quarenta e dois, e no outro não havia nada. Talvez os números nunca tivessem estado ali, e talvez isso nem tivesse importância.
Por algum motivo, isso fez o velho rir baixinho enquanto se inclinava para subir a pequena encosta e chegar com dificuldade à varanda. Acomodou-se, os ossos estalando junto com a cadeira de vime totalmente apropriada para o ambiente, e mandou seu androide trazer alguns biscoitos.
O androide trouxe chá Rich.
Excelente escolha.
Segundos depois, o súbito aparecimento de um pássaro de metal causou um momentâneo lapso na concentração necessária para molhar o biscoito no chá, e o velho perdeu metade dele dentro da xícara.
— Ah, pelo amor de Deus — resmungou — Sabe por quanto tempo treinei essa técnica? Sanduíches e chá com biscoito. O que mais resta a uma pessoa?
O pássaro permaneceu imperturbável.
— Um pássaro imperturbável — sussurrou o velho, gostando do som. Fechou o olho que não funcionava direito desde que havia caído de uma árvore quando garoto, e examinou a criatura.
O pássaro pairou, as penas metálicas tremeluzindo vermelhas aos raios do sol, as asas batendo em turbilhões minúsculos.
— Bateria — disse ele, numa voz que fez o velho se lembrar de um ator que ele vira certa vez representar Otelo no teatro Globe de Londres. Era incrível o que se podia conseguir com uma única palavra.
— Você disse “bateria”? — perguntou, só para confirmar. Poderia ter sido “lataria” ou mesmo “mataria”. Sua audição não era mais como antes,

especialmente no que dizia respeito às consoantes iniciais.
— Bateria — repetiu o pássaro e, de repente, a realidade se rachou e se fez em milhões de pedaços, como um espelho quebrado. A praia sumiu, as ondas congelaram, estalaram e evaporaram. A última coisa a desaparecer foi o chá Rich.
— Droga — murmurou o velho, enquanto as últimas migalhas se dissipavam das pontas dos seus dedos. Recostou-se numa almofada na sala de céu que subitamente o rodeou. Alguém viria logo, ele tinha certeza. Das escuras cavernas de suas memórias antigas, as palavras Ford e Prefect sempre se associavam ao desastre iminente.
Toda vez que o Universo desmoronava, Ford Prefect estava por perto. Ele e aquele livro maldito. Como é que se chamava mesmo? Ah, sim, *O Dia do Mulambeiro é uma Falácia*.
Isso ou alguma coisa muito parecida.
O velho sabia exatamente o que Ford Prefect diria.
Veja pelo lado positivo, cara. Pelo menos você não está deitado na frente de uma escavadeira, não é? Pelo menos não estamos sendo jogados para fora de uma nave vogon. Uma sala de céu não é tão ruim assim. Poderia ser pior, muito pior.
— Vai ser muito pior — disse o velho, com uma certeza sombria. Em sua experiência, as coisas sempre ficavam piores e, nas raras ocasiões em que pareciam melhorar, era apenas um prelúdio dramático para uma piora apocalíptica.
Ah, esta sala de céu *parecia* ser bastante inofensiva, mas que terrores espreitavam por trás de suas paredes ondulantes? Nada que não fosse terrível, disso ele sabia.
Com um dedo, cutucou a superfície mole de uma parede que se assemelhava a pudim de tapioca. Isso quase o fez sorrir, até se lembrar de que odiava tapioca desde que um valentão havia enchido sua cueca com aquilo, na escola Eaton House.
— Smyth Pústula, seu sacana — sussurrou.
A ponta de seu dedo deixou um buraco momentâneo nas nuvens e, através dele, o velho vislumbrou de uma janela dupla e, atrás dela... poderia ele ter visto um raio da morte?
O velho temeu que sim.
Todo esse tempo, pensou. *Todo esse tempo e nada aconteceu.*

Se sua definição de sonho consiste em morar num dos naturalmente erodidos hotéis de cinco supernovas de Han Wavel, preenchendo seus dias com drinques tão extraordinários que vêm com aviso de que *podem causar danos permanente* e em encontros com fêmeas exóticas de diversas espécies diferentes, então, Ford Prefect vivia seu sonho.

E a melhor parte: os gastos desse pacote destruidor de caráter e possivelmente redutor do tempo de vida seriam pagos por seu cartão Jant-O-Card, que não tinha limite de crédito graças a uma pequena modificação nos computadores em sua última visita aos escritórios do *Guia*.

Se um jovem Ford Prefect tivesse recebido uma folha em branco e lhe pedissem para escrever um texto curto detalhando seus maiores desejos para o futuro, a única coisa que ele mudaria no parágrafo acima seria o advérbio "possivelmente". *Talvez*.

Os balneários de Han Wavel eram tão obscenamente luxuosos que dizia-se que um macho brequindaniano seria capaz de vender a mãe por uma noite na infame vibro-suíte do hotel Sandcastle. Isso não é tão chocante quanto parece, visto que pais são moeda corrente aceita em Brequinda, e uma septuagenária bem-conservada com uma boa arcada dentária poderia ser trocada por uma moto-carruagem familiar de médio porte.

Talvez Ford não fosse vender nenhum dos pais para financiar sua estadia no Sandcastle, mas tinha um primo de duas cabeças que frequentemente causava mais encrenca do que valia a pena.

Toda noite, Ford tomava o carnelevador até sua cobertura, resmungava para a porta abrir e depois ficava um tempo olhando nos próprios olhos antes de apagar e dar de cara na pia.

Esta é a última vez, jurava toda noite. *Sem dúvida meu corpo vai se revoltar e implodir*.

Como seria a nota sobre a minha morte no *Guia*?, pensou Ford. Muito breve, com certeza. Duas palavras. Talvez as mesmas que ele usara para descrever a Terra tantos anos antes.

Praticamente inofensiva.

Terra. Não tinha acontecido algo bastante triste com a Terra, algo sobre o qual deveria estar pensando? Por que havia algumas coisas de que conseguia se lembrar perfeitamente e outras que eram tão claras quanto as manhãs permanentemente cobertas de neblina nas Planícies Turvas de Nefologia?

Normalmente era nesse estágio que a terceira Dinamite expulsava a última partícula de consciência para fora do cérebro de Ford. Daí por diante, ele costumava dar dois risinhos, grasnar como uma galinha e executar um tombo

quase perfeito no receptáculo mais próximo do banheiro.
E no entanto, a cada manhã, se tivesse a sorte de conseguir levantar sua cabeça da bacia onde ela estava, Ford se via milagrosamente revitalizado. Sem ressaca, sem bafo de onça, sem nem mesmo um vaso sanguíneo estourado em qualquer um dos olhos para provar os excessos da noite anterior.
— Você é um cara dupal, Ford Prefect — dizia, invariavelmente, para si mesmo — No duro.
Tem alguma truta acontecendo aqui, insistia seu subconsciente cada vez menos ouvido.
Peixes?
Até mais, e obrigado pelos...
Não tinha algo a ver com golfinhos? Golfinho não era peixe, é verdade, mas eles habitavam o mesmo... habitat.
Pense, idiota! Pense! Você já deveria ter morrido mais de cem vezes. Consumiu bebida suficiente para transformar seu cérebro e o de várias versões alternativas de Ford Prefects em mingau! Como pode ainda estar vivo?
— Vivo e dupal — dizia Ford, quase sempre piscando para si mesmo no espelho, maravilhando-se ao ver como seu cabelo ruivo estava lustroso, como suas maçãs do rosto estavam pronunciadas. E parecia que um queixo estava crescendo. Um queixo de verdade, quadrado.
— Este lugar está me fazendo bem — disse ao reflexo — Todos os tratamentos com fotossanguessugas e colono-lemingues radioativos estão melhorando meu organismo. Acho que devo a Ford Prefect ficar mais um pouco.
E assim, ele ficava.

No último dia, Ford adicionou uma massagem subaquática na conta do cartão de crédito. O massagista era uma Lula Pom-Pom damograniana com 11 tentáculos e mil ventosas, que golpearam as costas de Ford e limparam seus poros em uma série de movimentos de chicote e pressão. Em geral, as Lulas Pom-Pom eram qualificadas demais para esse tipo de trabalho. Entretanto, elas eram constantemente tentadas a abandonar seu zilionésimo doutorado em troca de altos salários, de piscinas ricas em plâncton e da chance de massagear um caçador de talentos da indústria fonográfica e talvez conseguir um bom contrato numa gravadora.
— Você é caçador de talentos, amigo? — perguntou a lula, sem esperanças.
— Não — respondeu Ford, as bolhas saindo do capacete de acrílico, o rosto brilhando laranja na agradável luz da fosforescência rochosa — Mas, uma vez,

eu tive um par de sapatos de camurça azul, o que deve significar alguma coisa. Ainda tenho um; o outro está mais para o roxo, porque é uma cópia.
A lula mordiscou um plâncton enquanto falava, o que tornou a conversa um tanto desconjuntada.
— Não sei se...
— Se o quê?
— Ainda não tinha terminado.
— É que você tinha parado de falar.
— Passou um cintilo. Pensei que era o almoço.
— Você come cintilos?
— Não. Cintilos de verdade, não.
— É bom, porque os cintilos são filhotes de cintolhos, e são venenosos.
— Sei. Eu só estava dizendo que...
— Mais cintilos?
— Exatamente. Então, tem certeza de que você não é um caçador de talentos, nem empresário?
— Tenho.
— Ah, pelo amor de Zárquon — praguejou a lula, de modo pouco profissional — Eu trabalho aqui há dois anos. Eles prometeram: vão aparecer caçadores de talentos a dar com as ventosas. Nenhum. Nem unzinho. E eu estava estudando apito avançado, sabe?
Ford não conseguiu resistir a uma deixa dessas.
— Apito avançado? Até que ponto os estudos de apito podem ser avançados?
A lula se sentiu ofendida.
— Podem ser bem avançados quando você é capaz de tocar mil ao mesmo tempo. Eu fazia parte de um quarteto, dá para imaginar?
Ford desistiu. Fechou os olhos, desfrutou da pressão das ventosas nas costas e imaginou quatro mil apitos tocando em perfeita harmonia debaixo d'água.
Algum tempo depois a lula envolveu Ford com seus tentáculos e virou-o gentilmente. Ele abriu um dos olhos para ler o crachá do massagista.
Sou Barzoo, dizia a identificação. *Use-me como quiser*.
E logo abaixo, em letras menores:
Sou alérgico a borracha.
— Então, Barzoo, que tipo de música vocês tocavam?
O massagista deu um aperto com os tentáculos antes de responder, chicoteando um jorro de correntes aquáticas.
— Ah, principalmente coisas antigas. Covers. Já ouviu falar em Hotblack Desiato?
Já ouvi esse nome, percebeu Ford, mas não conseguia identificar de onde. As

coisas iam ficando mais turvas a cada dia.
— Hotblack Desiato. Ele não ficou morto por um tempo?
Barzoo inclinou a cabeça, pensando. O bico dele ficou aberto, ignorando as minúsculas filas de plâncton que passavam.
— Ei, se você não sabe, não tem erro. Também estou com uns problemas de memória. Coisas banais como há quanto tempo estou aqui, qual é o sentido da minha vida, em que pé calçar os sapatos. Coisas assim.
A lula não respondeu e seus tentáculos pousaram pesadamente sobre o tronco do betelgeusiano.
Ford esperava que Barzoo não tivesse morrido de repente. Se a lula tivesse *mesmo* passado dessa para melhor será que suas ventosas perderiam seu poder de sucção ou, pior, entrariam em algum modo de sucção mortal? Ele não estava a fim de passar o resto das férias removendo tentáculos das suas costas.
Então Barzoo piscou.
— Ei, meu chapa — suspirou Ford, as bolhas espiralando do capacete — Bem-vindo de volta. Por um segundo pensei...
— Bateria — disse a lula, com um clique no T — Bateria.
Não tinha reparado, pensou Ford, *mas essa lula se parece um bocado com um pássaro*.
Então, a caverna de massagem subaquática se dissolveu e Ford Prefect se viu numa sala feita de céu azul.
Havia uma figura familiar sentada no canto.
— Ah — disse Ford, lembrando-se.

> *Nota do Guia: Lembrar-se geralmente é um processo que envolve dois estágios no cérebro, implicando diálogo entre as partes consciente e subconsciente. O subconsciente inicia esse procedimento vomitando memórias relevantes, um ato que libera um jorro de endorfinas autocongratulatórias.*
> *— Muito bem, cara — diz o consciente — Esta lembrança é realmente útil nesse momento, e eu tinha me esquecido de onde a tinha guardado.*
> *— Você e eu, parceiro — diz o subconsciente, feliz por ver sua colaboração sendo reconhecida pelo menos uma vez — Nós estamos juntos nessa.*
> *Depois, o consciente revê a lembrança em sua mesa de trabalho e manda uma mensagem dizendo para o esfíncter se preparar para o pior.*

— Por que você me lembrou disso? — grita ele com o subconsciente
— Isso é medonho. É terrível. Não queria me lembrar. Por que zark você acha que eu a enfiei no fundo do cérebro?
— Essa é a última vez que eu te ajudo — choraminga o subconsciente enquanto se recolhe para as partes mais escuras de si mesmo, onde os pensamentos malignos se abrigam — Não preciso dele — diz a si mesmo — Posso fazer uma nova personalidade para mim com as coisas que ele descartou — E assim, as semente da esquizofrenia são plantadas junto com adubos de bullying, negligência, baixa autoestima e preconceito.
Por sorte, betelgeusianos não têm quase nenhum subconsciente, então tudo bem.

— Ah — disse Ford outra vez, seguido rapidamente por: — Droga.
Andou cautelosamente pelo piso de céu, notando, com um tremor de surpresa, que uma das suas pernas tremeluziu ligeiramente por um instante.
Não sou real, concluiu, o que bastou para rebaixar seu humor permanentemente elevado. Porém, Ford recuperou-se depressa, algo que o outro ocupante da sala ainda não parecia ter conseguido.
— Veja pelo lado positivo, cara — gritou para ele — Pelo menos você não está deitado na frente de uma escavadeira, não é? Pelo menos não estamos sendo jogados para fora de uma nave vogon. Uma sala de céu não é tão ruim assim. Poderia ser pior, muito pior.
E logo vai ficar, se eu estiver certo sobre o que está acontecendo aqui, pensou Ford, mas não verbalizou sua opinião. Arthur parecia ter recebido notícias ruins suficientes para um dia.

A repórter interplanetária Trillian Astra se deteve ansiosa por alguns minutos no banheiro antes de seguir para o auditório. Ela estava prestes a fazer aquela que poderia ser a entrevista de sua vida. No decorrer de uma carreira impecável, Trillian havia passado um ano disfarçada com próteses para trabalhar como balconista vogon no aglomerado de Megabrantis. Perdera o pé esquerdo congelado quando saqueadores mineiros em Beta de Órion arrebentaram um poço xamã-dentista quando teve a audácia de questionar a eficácia da utilização de mantras para o tratamento da cárie.
Toda a Galáxia conhecia o nome de Trillian. Ela era temida por políticos corruptos, magnatas do cinema e celebridades grávidas solteiras de Alfa do

Centauro a Viltvodle VI, mas nesse dia sentiu o medo pesar sobre seus ombros.
Random Dent, a presidente da Galáxia. Sua filha. Transmissão simultânea da Universidade de Maximegalon ao vivo para um público de quinhentos bilhões de seres.
Estava nervosa. Não, era mais do que isso. Estava apavorada. Trillian não via a filha desde...
Meu Deus, percebeu. *Não me lembro da última vez que vi Random*.
Tentou se acalmar.
— Até que você está bem, para uma velha — disse para o espelho.
— Acha mesmo, querida? — respondeu ele, obviamente ofendido com a imagem que via diante de seus sensores — Se isso é estar bem, então seus padrões estão abissalmente baixos.
Trillian se eriçou.
— Como se atreve? Se tivesse visto o que eu vi, se tivesse passado pelo que eu passei, acho que concordaria que estou muito bem.
Os suspiros sarcásticos do espelho fizeram ondular os oito alto-falantes de sua moldura.
— Chega de aula de história, minha querida. Não levo em conta o passado, só comento o presente. E, neste momento, deixe-me dizer, você parece T. Eccentrica Gallumbits no terceiro ciclo. E acredite, amorzinho, no terceiro ciclo daquela prostituta velha, as coisas eram formadas principalmente por líquido e gás. Se eu fosse você, compraria uma boa toalha, um roupão de banho e simplesmente...
Trillian meteu o dedo no botão de mudo do espelho.
Quando foi que começaram a dar traços de personalidade para os espelhos? Podia se lembrar de quando só os androides top de linha e uma porta ou outra tinham o anexo de Personalidade Genuinamente Humana da Companhia Cibernética de Sirius.
Embora Trillian não quisesse ouvir o que o espelho queria lhe dizer, tinha de admitir que ele estava certo.
Ela parecia velha. Ancestral, na verdade.
Isso porque sou mesmo *uma ancestral. Cento e cinco anos terrestres de idade. O que resta de mim?*
No decorrer dos anos, Tricia McMillan fora gradualmente esculpida pelo seu trabalho como repórter da Subeta Net e logo restava apenas Trillian. Essa não era somente uma declaração metafórica: Trillian Astra sempre estivera disposta a sacrificar tudo pela notícia: amigos, família, até mesmo membros do corpo.
Perdera o pé em Beta de Órion durante as hostilidades com os mineiros. Setenta

por cento de sua epiderme fora arrancada por um espirro de plasma durante sua cobertura na linha de frente nas Cavernas Gama de Carfrax. A mão e o antebraço esquerdos foram esmagados pela esteira de um veículo de batalha no deserto durante as guerras de Dordellis, e seu olho direito foi furado pela haste pontuda de uma bandeira presa durante uma fuga rápida de Gagrakacka.

Assim, o que restava de Tricia McMillan era o cérebro original (com líquido nuclear acrescentado), um olho repulsivo, um bochecha, uma nádega, uma variedade de ossos menores e dois litros e meio de sangue humano. Os outros três litros necessários para o corpo não eram tecnicamente sangue, mas lágrimas colhidas de um Diabo de Saliva Turquesa, um pequeno mamífero originário do sistema estelar de Hastromil. Esses animais são implacavelmente explorados, pois cada uma de suas partes é utilizada, absolutamente tudo. Suas línguas podem ser usadas como dobradiças de portas e até mesmo suas ondas cerebrais, quando conectadas a uma antena, podem ser usadas para melhorar a imagem da televisão, caso você viva num pardieiro. Os mesmos filósofos que apontam o peixe-babel como prova da inexistência de Deus também apontam esses infelizes — apenas conhecidos pelas iniciais DST — como prova da existência de Satã, um argumento tão sem sentido que até uma batata eletrocutada poderia refutar. Mas eles não se importam. Os doutores da cabeça adoram esse tipo de controvérsia.

Ironicamente, Trillian estava em Hastromil para cobrir uma passeata que pretendia chamar a atenção para a situação dos DSTs quando foi atropelada por um carro alegórico representando um Saliva Turquesa. A ironia atingiu o nível máximo quando ela recebeu uma transfusão de Saliva Turquesa enquanto usava uma camiseta com os dizeres “Salve os Saliva Turquesa”. Mais tarde, a própria Trillian informou em sua reportagem que todo esse montante de ironia localizada causara a morte de 11 sensitivos empáticos que estavam na manifestação. Doze, se o empático que já estava deprimido com tudo fosse acrescentado à estatística.

Trillian alisou a plastipele da bochecha. Estava lisa, mas ligeiramente esticada. O atendente no caixa havia prometido que iria afrouxar com o uso, mas isso não aconteceu. Nos dias ruins, Trillian achava que seu rosto parecia um crânio enfiado num balão.

Uma vez, um executivo da emissora a descreveu como: uma humanoide esguia, morena, com longos cabelos pretos, um narizinho estranho e arrebitado e olhos ridiculamente castanhos.

Nada mais.

Hoje era um desses dias ruins.

Random. Depois de todos esses anos.

Cada vez que encarava os olhos da filha, era como se comtemplasse os poços de sua própria culpa.
Trillian bateu com a palma da mão no espelho.
— Ai! Ei! — disse o espelho, desobedecendo ao controle de mudo.
Trillian o ignorou.
Precisava se controlar. Ela já fora a repórter mais respeitada da Galáxia, e isso era um grande feito. Teria que forçar o arrependimento a entrar de volta pela boca do estômago e fazer seu trabalho.
Arrumou um fio em seu capacete de cabelo sintético, realinhou os ombros e entrou no auditório para entrevistar a filha que fora concebida numa clínica de fertilidade de baixa gravidade localizada em um pequeno satélite perto da estrela de Barnard.
Estremeceu com a lembrança. Enjoo matinal já era ruim o suficiente sem colocar a baixa gravidade no meio.
Random tinha todo o direito de se sentir deslocada: seu pai era um tubo de ensaio; seu planeta natal — se é que tinha um — fora destruído em diversas dimensões; e sua mãe, assim que a viu, decidira enfaticamente seguir uma carreira que a levaria para longe de casa durante longos períodos.
Não era de se espantar que Random fosse meio gélida.
A presidente Random Dent estava sentada de pernas cruzadas numa cadeira-ovo flutuante no palco, cantarolando baixinho.
— O pré-molar fica atrás do canino, que fica atrás do incisivo lateral, que fica atrás do incisivo central. D-e-e-e-e-e-nte, ache o seu lugar.
A cortina ainda não fora aberta, mas ela podia ouvir o burburinho da multidão através do tecido pesado. A cortina era de veludo real, não holográfico — uma despesa paga com relutância pela universidade, por insistência de Random. Ainda que não fosse contra o progresso, a presidente acreditava que ainda havia espaço para a tradição na Galáxia.
Sorriu suavemente enquanto sua mãe era levada à plataforma. De longe, alguém poderia até pensar que os papéis estavam invertidos, e que Trillian era a filha e Random a mãe, mas de perto, a verdade era clara. O brilho cirúrgico era nítido em todo o rosto da velha.
A repórter hesitou ao ver a filha, mas se recuperou rapidamente.
— A senhora me parece muito bem, presidente — disse ela, naquele sotaque típico de gente da TV, que parecia algo nascido entre o Setor ZZ9 Plural Z Alfa e Asgard.
— Você também, mamãe — respondeu Random.
Trillian se acomodou numa segunda cadeira-ovo e consultou suas anotações.
— Presidente Random Viajante Frequente Dent. Ainda usa tantos nomes?

Random sorriu do modo tranquilo de quem não dá chiliques há décadas.
— E você, Trillian Astra, ainda usa o nome errado?
Trillian deu um sorriso tenso. Não ia ser uma entrevista fácil.
— Por que agora, Random? Não nos vimos mais do que uma dúzia de vezes nos últimos vinte anos. Por que agora, quando minha carreira está acabando? Saio das reportagens dos concursos de beleza em Nova Betel direto para a entrevista mais importante da minha vida.
Random sorriu de novo, um suave franzido no rosto. Seu cabelo com riscas grisalhas estava duro de sol e água salgada.
— Sei que já faz um bom tempo, mamãe. Até demais — Random acariciou uma bolinha de pelos pendurada no pescoço que grunhiu baixinho. Trillian viu dentes minúsculos e um rabo, e seu coração se encolheu.
— Ouvi falar dessa coisa. Você está sempre com ele, não? É algum tipo de gerbo pequeno, correto? Bonitinho.
— É mais do que um pequeno gerbo, mamãe. Fertle é meu companheiro. Um flaybooz. Totalmente adulto. Uma fonte de conhecimento constante, transmitindo telepaticamente — E então, ela soltou a bomba matadora de carreiras: — Nós nos casamos ontem.
A pele de Trillian pareceu mais esticada do que a um minuto antes.
— Vocês se casaram?
— É um elo mental, obviamente. Se bem que Fertle gosta quando eu coço a barriga dele.
Fique calma, disse Trillian a si mesma. *Você é uma profissional*.
— Deixe-me ver se entendi direito. Você se comunica *telepaticamente* com Fertle?
— Claro. É a comunicação que mantém as famílias unidas. Nunca ouviu falar nisso?
Nesse ponto, Trillian parou de ser repórter para começar a ser mãe:
— Menos insinuações vingativas, mocinha. Estamos falando da sua vida aqui. Você é Random Dent, presidente da Galáxia. Você uniu as tribos da Terra. Você supervisionou a cerimônia oficial do primeiro contato — Agora, Trillian estava de pé — Você foi a ponta de lança do mergulho econômico para o espaço. Você negociou os direitos iguais para todos os alienígenas.
— E agora quero algo para mim.
Trillian estrangulou um Fertle imaginário, dez centímetros à frente do verdadeiro.
— Mas não um gerbo. Não um zark de um gerbo. Como um gerbo vai me dar netos?
— Nós não queremos filhos — respondeu Random, jovialmente — Queremos

viajar.
— Do que você está falando? Ele é um roedor.
— Ele — disse Random, dura — é um flaybooz, como você sabe muito bem. E eu achava que de todas as pessoas, você seria primeira a entender nosso relacionamento. A fantástica Trillian Astra. Defensora de todas as pessoas, menos da própria filha.
Trillian pensou ter detectado um brilho de esperança na escuridão.
— Espera um minuto. O quê? Isso tem a ver comigo? Você vai destruir sua vida para se vingar de mim? Esse é um prato frio bastante deturpado, Random.
A filha coçou o marido até ele guinchar.
— Não seja ridícula, mamãe. Eu queria você aqui para apresentar seu genro à Galáxia. Será o auge de sua carreira de jornalista, e isso vai nos tornar uma família mais unida.
Subitamente Trillian viu toda a genialidade do golpe de misericórdia de Random. Se ela anunciasse essa união em Spectro-Vision totalmente 3D, seria motivo de chacota. Se não anunciasse, perderia a filha para sempre, e ela provavelmente se aproveitaria da situação para obter simpatia suficiente para um próximo mandato. No mínimo, teria o voto de todos os flaybooz, e havia zilhões deles.
O corpo de Trillian tremeu num espasmo. *Casada!*
— Esqueça, Random, você não vai me usar para que a Galáxia aceite o seu relacionamento. Assim que sair daqui, vou encontrar seu pai e ele irá cuidar de você.
Random deu uma gargalhada estrondosa, amedrontando o marido.
— Arthur! Você tem alguma ideia de até onde ele iria só para evitar algum confronto? — Random fez uma pausa, inclinado a cabeça — Fertle diz, e eu concordo, que *é você* quem deve anunciar isso, mamãe. A Galáxia está esperando uma grande notícia.
— De jeito nenhum. Eu me recuso a ser manipulada.
— Prefere ser controlada pelas grandes emissoras, como o robô que é. Posso ouvir daqui seu corpo zumbindo. Dá para sentir o cheiro dos seus circuitos. Há alguma parte sua que ainda seja real? Ou talvez saiba onde o tutano dela foi enterrado?
Trillian se sentiu quase aliviada quando sua fachada de civilidade acabou.
— Vá se foder, Random.
A presidente assentiu.
— Sim, Fertle. É exatamente assim que ela é. Agora você entende por que sou assim? Com todas as defesas que tive que erguer em volta do meu cérebro?
Trillian estava quase berrando:
— Você está falando com a porcaria de um brinquedo!

Fertle pareceu reagir a isso.

> *Nota do Guia: Ainda que os flaybooz não tenham ouvidos, eles são extremamente sensíveis à vibração, podendo até explodir em circunstâncias extremas. Thor, o deus de Asgard, e às vezes do rock, obteve o novo recorde de detonação espontânea de flaybooz quando lançou sua nova música, "É Hora de Martelar", numa carruagem na órbita de Squornshellous Delta. O recorde anterior era da banda de rock intergaláctico Disaster Area, que soltou um alto-falante explosivo na cratera de um vulcão onde os flaybooz curtiam um festival de eletricidade estática.*

O pelo de Fertle se eriçou e ele abriu uma minúscula boca que agora parecia ter um bico.
— Bateria — disse Fertle, numa voz metálica.
— O quê? — respondeu Trillian — Eu ouvi um flaybooz falar? — Isso sim seria uma notícia.
— Bateria — repetiu Fertle, desta vez com alguma urgência.
A cortina de veludo subiu lentamente, mas não havia plateia atrás dela, só uma sala de céu e duas figuras humanoides.
Random e Trillian se levantaram, boquiabertas, com a semelhança familiar nítida pela primeira vez, apesar de várias cirurgias e implantes.
— O que está acontecendo? — perguntou a presidente, com a voz subitamente aguda — Mãe? O que está acontecendo? Onde estão todos os jornalistas?
— Random, não entre em pânico — disse Trillian, tentando controlar o tremor da voz — Algo está acontecendo aqui.
— Algo está acontecendo? — berrou Random — Só isso? Todos esses anos de trabalho e tudo o que consegue constatar é que *algo está acontecendo?* Isto é uma tentativa de sequestro, sem dúvida. Nós fomos transportadas para algum lugar.
Trillian apertou os olhos para as outras figuras da sala, que pareciam se tornar cada vez mais familiares, como se o véu do esquecimento caísse de seus olhos.
— Sequestradas? Acho que não. Não por esses dois. Eles são... praticamente inofensivos.
Random adotou sua postura de poder presidencial favorita: pés firmes, braços cruzados.
— Vocês dois aí. O que fizeram? Exijo saber onde estamos.
O homem mais baixo notou a presença das duas recém-chegadas. Era bem

provável que cedo ou tarde isso acontecesse, já que uma delas estava gritando com ele.
— Acho que a pergunta certa é *quando* nós estamos, e depois, possivelmente, *quem* nos colocou aqui, seguido pela não menos importante *tem um carrinho de bebidas em algum lugar*?
Random fez uma careta.
— Carrinho de bebidas o cacete. Seja tão convencido quanto quiser, meu jovem, mas sei que por dentro você está tão apavorado quanto nós.
O rapaz sorriu.
— Sou betelgeusiano, Random. Não tenho muita coisa por dentro.
Random perdeu a vontade de responder quando o súbito reconhecimento do segundo homem a atingiu como uma torta Surpres-O-Plasma na cara.
— Pai? Papai? Papaizinho?
— Escolha uma opção — sugeriu o betelgeusiano — Isso vai tornar a conversa mais fácil.
Trillian correu pela sala de céu, movendo-se rapidamente, como não fazia em anos.
— Agora, vejamos o que seu pai tem a dizer sobre seu casamento.
De repente, Random pareceu muito mais nova.
— Papai! — uivou ela — Minha mãe é uma idiota e odeia meu marido!
A figura paterna baixou a cabeça e suspirou por uma xícara de chá.

capítulo 2

Ford Prefect explorou a sala de céu, bafejando na parede para ver se a superfície embaçava, fazendo caretas horríveis para verificar se havia algum sinal de repugnância e por fim tocou-a cautelosamente com a manga da camisa. Quando o tecido não teve os elétrons excitados até uma temperatura mais elevada, Ford considerou seguro cutucar a parede com o dedo. Ao fazer isso, a parede ondulou, espalhando imagens de cerimônias de casamentos com flaybooz, cabanas de praias e festas louquíssimas. Quando as ondulações cessaram, o mesmo aconteceu com as memórias residuais e a parede ficou novamente da cor azul-celeste.

— Por favor, não faça isso de novo — disse uma voz que parecia vir de toda parte — Meus indicadores já estão no vermelho, para usar uma frase arcaica. Se vocês ficarem parados, eu poderei sustentar essa elaboração mental por um pouco mais de tempo.

— Então você está dizendo que toda esta sala é uma elaboração mental? — perguntou Ford, cutucando a parede de novo.

— Será que você... Eu não acabei de dizer... *Sim*, é uma elaboração. Esta sala de espera está totalmente na cabeça de vocês. Na cabeça de todos vocês. É um cômodo virtual. Há outro modo pelo qual vocês gostariam que eu desse esta informação?

Ford coçou o queixo e ficou desapontado ao descobrir que ele não parecia tão quadrado como estivera em Han Wavel.

— Que tal um vídeo?

As paredes da sala de céu desapareceram completamente, substituídas por várias representações de um pássaro robótico batucando com uma garra impaciente.

— Ah — disse Ford — *O Guia do Mochileiro das Galáxias* versão II. Foi o que pensei. Não te vejo desde... — Ford folheou suas memórias que iam parcialmente se solidificando — desde que você tentou fazer com que a Terra fosse explodida em pedacinhos.

— Desde aquela época — disse o pássaro — Desde todo esse tempo. Imagine.

— Vejo que você fez um upgrade das penas. Agora são de ouro.

— É uma elaboração mental, betelgeusiano. Apareço como quero. Assim como você fez lá no balneário. Lembra-se do queixo?
Ford suspirou com saudades.
— Lembro. Aquilo era verdadeiramente dupal. Ah, as sombras que eu podia projetar com aquele queixo de deus.
— Já vi alguns deuses — observou o pássaro — Alguns deles não são tão bons no quesito queixo. Por que acha que Loki usa barba?
Ford andou um pouquinho de um lado para outro.
— De volta à minha pergunta. Que tal um vídeo?
O pássaro-Guia fez um muxoxo, algo bastante difícil para alguém com bico.
— Não me ouviu? Meus indicadores estão no vermelho. Mal consigo sustentar a sala de espera por muito tempo.
— Nada muito pomposo. Só uma animação em 2D, estilo antigo. Sei que consegue, se você se esforçar.
O pássaro revirou os olhos dramaticamente, e depois desapareceu de uma das paredes. Em seu lugar, surgiu uma tela preta e, na tela, havia quatro bonecos feitos de tracinhos de néon. Um tinha círculos representando peitos realmente bizarros e o outro não tinha muita coisa no quesito queixo.
— Rá, rá — gritou Ford para o céu — Muito engraçado.
Um pássaro de desenho animado apareceu na tela e pairou sobre os quatros humanoides, dizendo:
— Bem-vindos a essa demonstração em vídeo que eu gosto de chamar de: Elaboração Mental para Idiotas.
Ford levantou um dedo.
— Isso significa que as pessoas na elaboração mental são idiotas ou que você está explicando isso para idiotas?
O pássaro o ignorou.
— Como um guia de viagem pan-dimensional, extremamente avançado, onisciente, equipado com o melhor Organ-O-Cérebro, capaz de executar mais de dez trilhões de cálculos simultaneamente...
Ford bateu na tela.
— Será que dá para ir mais rápido? Tenho quase certeza de o que vem por aí são más notícias, e seria melhor se eu as recebesse primeiro. Tem gente aqui que não recebe notícias ruins tão bem. Eu gostaria de ter a chance de massagear a verdade um pouco antes de apresentá-la por completo.
— Bom, se você parasse de interromper...
— Já parei. Vá em frente, por favor...
O pássaro pigarreou de modo totalmente desnecessário.
— Como estava dizendo, sendo um organismo bio-híbrido tão avançado,

realocar um facho neurônico no centro dos sonhos de cada cérebro foi simples para mim... por sinal, seu cérebro foi o mais difícil de encontrar, betelgeusiano... e depois conectar as redes neurais através de um servidos central, isto é, eu mesmo.
Ford franziu a testa.
— Mostre o que você está falando no vídeo — disse ele.
Na tela, raios azuis se espalharam das pontas das asas do pássaro, entrando na cabeça dos humanoides por um dos ouvidos, depois saindo pelo outro e convergindo para a testa do *Guia* versão II.
— Então, você colocou a gente para dormir e criou esses sonhos?
— Eu lhes dei vida, e por um longo tempo.
— Mas foi só vida virtual, nós não fomos a lugar nenhum?
— Correto. Nenhum ou quandum.
— O que nem é uma palavra. Organ-O-Cérebro? Sério mesmo?
— Estava tentando ser sucinto.
Ford cutucou a parede novamente, desta vez com dois dedos, olhando as ondulações de memórias percorrerem as paredes e se misturarem umas às outras.
— Então foi tudo um sonho. E não somente esta sala?
— Não — disse a voz friamente — Não somente esta sala.
Mais cutucadas.
— Desde quando?
— Desde o Clube Beta.
— Clube Beta. Por algum motivo, isso dá um estalo na minha cabeça. Clube, ding dong, Beta — Ford parou de andar — Zárquon!
— Eu agradeceria se você moderasse seu linguajar — disse *O Guia do Mochileiro das Galáxias* versão II — Sou completamente programado para me ofender.
— E não somos todos?

> *Nota do Guia: Essa é uma verdade literal para os cifroles de Sesefras Magna, um gigantesco planeta gasoso no sistema de Plêiades. Os cifroles são minúsculos mastozoários invertebrados que absorvem a energia negativa emitida pelos seus predadores e a usam como forma de combustível. Isso possibilita que os cifroles nadem rapidamente, o que deixa os predadores com mais raiva, o que faz com que os cifroles nadem ainda mais rapidamente pelo oceano gasoso. Entretanto, os dragões de gás de Sesefras Magna aprenderam a se aproximar desses pequenos animais casualmente, assobiando uma*

musiquinha ou fingindo procurar moedas que deixaram cair no chão. Os cifroles sempre caem nesses truques, já que a natureza lhes deu enormes filtros de energia, mas minúsculos detectores de maldade.

A memória de Ford ainda estava meio turva.
— Clube Beta? Em Londres? Mas isso foi... nem tenho ideia de quanto tempo faz.
— Foi naquela época e é agora. Não tenho filtros, por isso vejo simultaneamente todos os momentos da minha existência.
— E quanto a nós, seres empobrecidos com percepções filtradas? — Ford não gostava nada daquele pássaro, e acreditava que não passaria a gostar dele nem mesmo depois de algumas Dinamites Pangalácticas.
— Vocês ainda estão no clube. Nenhum tempo se passou.
Ford agarrou tufos de seu cabelo ruivo.
— Por quê? Pelo amor de Zárquon, por quê?
O pássaro-Guia revirou seus olhos pixelizados.
— A gente tenta fazer um favor a alguém... francamente!
— Favor? — Ford reagiu, cuspindo enquanto falava, sem ligar a mínima para quem ouvia ou era atingido — Se você realmente quisesse nos fazer um favor, poderia ter nos transportado para longe do planeta que estava explodindo.
— Isso entraria em contradição direta com a minha programação. Eu prolonguei a vida de vocês em várias décadas.
— Quem pediu? Eu é que não fui.
— Random Dent fez o pedido. Ela é minha dona secundária. Quando a jovem humana percebeu que todo o planeta estava para ser destruído, expressou pesar por não ter tido a possibilidade de viver a vida como gostaria. Conceder esse desejo não entrava em conflito com minha diretriz primária.
— E o restante de nós?
— A senhorita Dent incluiu os pais e o amigo sem queixo e com pouca inteligência nos seus pensamentos.
Ford ficou magoado.
— Sem queixo? Ela pensou isso mesmo?
— Ah, sim — disse o pássaro, com óbvio prazer — Diversas vezes.
Algo ocorreu a Ford.
— Dona secundária? Então quem é o dono principal?
— Você não tem o direito de me interrogar — reagiu o *Guia* versão II.
Ford pegou emprestada a tática dos dragões de gás de Sesefras Magna:
— Sei disso. É inconcebível que um ser tão assombrosamente maravilhoso como

você não precisa prestar satisfações a um betelgeusiano desprezível como eu. Mas seria uma dádiva adorável, para mim, entender as complexidades de seu plano.
O pássaro inclinou a cabeça.
— Sei o que está fazendo.
— Não tenho dúvida.
— Eu experimento todos os momentos simultaneamente.
— Então não adianta discutir, não é? Você já sabe o que vai acontecer.
— Realmente. Muito bem pensado. Os vogons me criaram para que eu pudesse atrair vocês de volta à Terra antes que os grebulons a destruíssem.
— Que é o que está acontecendo *agora*.
— Agora, como vocês entendem. Sim.
— Nós seremos salvos?
— Provavelmente não.
— Então você nos deu a vida que desejávamos?
— Não. Eu lhes dei livre-arbítrio e uma elaboração mental. Vocês seguiram seus próprios caminhos sob minha supervisão.
Ford piscou para o pássaro.
— Ah, saquei. Agora estou entendendo tudo. Você queria experimentar o tempo real.
O pássaro-Guia baixou o bico lentamente, cruzando as asas diante do peito.
— Eu vivi a vida de vocês com vocês, jamais sabendo o que vira em seguida. Foi empolgante e... randômico.
— E agora?
— Agora? Agora sei *exatamente* o que acontece. Manter quatro Universos por cem anos esgotou minha fonte de energia. Só pude ir tão longe porque periodicamente combinava duas elaborações nos últimos 20 anos virtuais. Talvez eu devesse ter feito isso antes, mas o tempo linear é imediato demais. Em cinco minutos virtuais esta sala vai desaparecer e vocês serão deixados na Terra, diante dos raios destruidores de planetas dos grebulons.
De repente, a garganta de Ford ficou muito seca e os pensamentos, muito grudados. Como sentia falta do drinque da tarde!
— Cinco minutos?
— Iniciando a contagem regressiva — disse o *Guia* versão II, desaparecendo. Nos lugares onde o pássaro estivera, surgiram vários cronômetros digitais, que diziam 4:57, depois 4:56, depois 4:55, depois 4:54... Você entendeu o que quero dizer.
— Os humanos acham que os relógios digitais são um grande barato — murmurou Ford, distraidamente. Depois virou-se para encarar os três humanos

que estavam se esforçando ao máximo para não serem nem um pouquinho educados uns com os outros.

O velho não era tão ancestral quanto fora um instante atrás. Percebia isso pela pele das mãos jovem e pela qualidade da audição renovada.
Consigo ouvir cada palavra que essas duas mulheres estão berrando para mim. Maldição!
— Arthur! — gritou a mais velha das duas. Não gritavam com ele havia... décadas — Você ao menos está me escutando?
Estou tentando evitar, pensou Arthur, mantendo a cabeça baixa.
— Eu odeio ela — berrou a adolescente — Ela me abandonou e agora quer me controlar. Isso faz algum sentido?
— Arthur?
— Papai?
— Estou falando com você, Arthur Dent.
Arthur Dent. Eu me encaixo aí. Eu era ele.
— Arthur Dent — murmurou Arthur Dent, e não ficou feliz em ouvir isso.
— É só que tem a dizer? Depois de todos esses anos?
— Sou um velho — disse Arthur, esperançoso — Por favor, me deixem em paz.
— Velho? — perguntou a mulher — O que quer dizer com velho? Você está exatamente igual desde que o vi pela última vez. *Exatamente*. Como fez isso?
Era exatamente o que Arthur temia. Todos esses anos sozinho naquela praia, e agora ele estava de volta ao Universo em que as pessoas gritavam com ele e ele nunca tinha a mínima ideia do que estava acontecendo.
— Como eu fiz o quê?
— Permaneceu tão jovem. Eu sou *mais nova* do que você e pareço uma prótese de silicone depois de uma noite na torradeira. Ah, por que me incomodei com todas essas cirurgias? Deveria ter me aposentado. Ou trazido Random comigo. Outras mães teriam feito isso.
Arthur se resignou ao fato de que não voltaria mais para a praia e levantou a cabeça. Viu uma jovem magra, com a pele um pouco morena, cabelos pretos encaracolados até os ombros e olhos cor de chocolate, vestindo um terninho escuro e reluzente.
Lembranças fizeram cosquinhas na sua consciência.
— Trillian. Você está linda.
Os olhos castanhos piscaram.
— Não enche, Arthur. Não vim aqui para ser tratada com condescendência.

— Desculpe, mas você está linda como uma candidata a Miss Universo.
— Arthur. Eu escolhi Zaphod naquela festa, aceite isso e pare de ficar dando em cima de mim. Você precisa me ver como sou de verdade. Meu pé solta um zumbido constante, pelo amor de Deus.
— Mesmo? Eu não notei, e eu *notaria*, porque minha audição ficou ótima muito recentemente.
Trillian pôs dois dedos na perna esquerda, procurando a vibração que geralmente latejava na canela, e que sempre a mantinha acordada à noite.
— Não tem zumbido.
— Mamãe — disse Random atrás dela — Mamãe.
Trillian percebeu que todas as suas unhas eram suas. Nenhuma era um implante de acrílico.
— Mamãe!
— Só um minuto, Random. Vá fazer cosquinhas na porcaria do seu brinquedo, ou seja lá o que for.
— Fertle sumiu. Eu sou uma ninguém de novo.
Trillian finalmente percebeu a enormidade do que havia acontecido e correu para consolar a filha.
— Tudo bem, querida. Temos nossa vida para viver.
Random fechou os dedos, formando punhos minúsculos.
— Não quero esta vida. Quero ser presidente da Galáxia. Será que é pedir muito?
A presidente havia sumido. Em seu lugar estava uma adolescente gótica chorona.

> *Nota do Guia: O fenômeno gótico não é restrito à Terra. Muitas espécies optam por preencher seus períodos de adolescência com silêncios violentíssimos e a sincera crença de que seus pais pegaram o bebê errado no hospital, pois não era possível que os pais biológicos fossem tão mentalmente obtusos, tipo, chatos. Enquanto os adolescentes terráqueos anunciavam esse sentimento para o mundo usando roupas pretas e ouvindo bandas de rock com nomes como* Choque Sangrento de Escarro*, os uluvus (uma tonalidade de azul superinteligente) demonstram sua insatisfação com o Universo prendendo a respiração até ficarem roxos, e os zingatularianos tubulares (um crustáceo que habita profundezas marinhas) enlouquecem seus pais falando, literalmente, pela bunda.*

Trillian percebeu que a filha era criança outra vez, e abraçou a menina com certa

ferocidade.
— Nós temos uma à outra de novo. Papai também está aqui — O jorro de entusiasmo de Trillian bastou para deixar Random tonta — Todas as coisas que podemos fazer juntas... Acampar, comprar brincos e outras coisas. “Abaixo os conglomerados interplanetários” ou coisa assim. O futuro é seu. Você *vai* ser presidente da Galáxia de novo. Prometo.
Ford Prefect entrou na conversa, balançado sua toalha como uma bandeira da paz.
— Odeio ser a pessoa que vai deixar um saco de cocô sufliniano na porta da casa de sonho de vocês, mas pode não haver muito tempo disponível para montar uma campanha eleitoral neste planeta. Talvez nem dê mais para assegurar uma indicação do partido.
Trillian fez a Ford a pergunta que já fizera pelo menos uma vez em cada conversa de sua vida:
— Do que diabo você está falando, Ford?
Ford levantou as mãos para o alto, como um profeta.
— Tudo isto aqui é uma elaboração mental.

> *Nota do Guia: Por toda a história conhecida do Universo, as pessoas têm usado elaborações mentais para não ter que encarar a realidade. O método mais barato de escapar do brutal desespero cotidiano é se refugiar na própria imaginação. Durante o dia, uma pessoa pode ser obrigada a trabalhar numa terrível ardosieira chinfrega, mas, à noite, essa mesma pessoa pode se transformar num furunfador de velustras pela pura força de vontade e imaginação.*
> *O problema é que bilhões de pessoas não têm imaginação, mas para elas sempre há as Dinamites Pangalácticas. Depois de duas doses, mesmo o vogon mais sem graça e entediante vai se ver usando saltos agulha, iolireizando canções montanhesas e espalhando para todo mundo que é rei dos Feudos Confinantes Cinzentos de Saxaquine.*
> *Infelizmente, esse método de fuga não dura mais do que alguns fins de semana, pois nesse meio-tempo o fugitivo se encontrará morto, e a* causa mortis *será um fígado revoltado fazendo suas malas e abandonando o corpo de seu hospedeiro pela saída mais próxima.*
> *Como amotinação de fígado não é um dos melhores modos de se partir, muitas espécies procuram inventar alguma forma de elaboração mental para escapar da rotina. As formas mais primitivas dessa prática são pintura nas cavernas — a não ser que você seja*

uma criatura com guelras, pois nesse caso é difícil fazer a tinta grudar; e mesmo se você tentar em terra seca, não só a tinta vai ficar grudada, como suas guelras também. As pinturas em cavernas costumam levar a obras mais sofisticadas, como livros, inicialmente com figuras e depois sem. Com a televisão, voltamos às figuras. Seguimos adiante com experiências em 3D para, finalmente, termos elaborações interativas, multissensoriais e holográficas. Melhores até do que a realidade, diriam alguns. No caso dos Pântanos Gasosos de Flargathon, muito *melhores que a realidade.*

Os gasonianos de Flargathon estavam tão incomodados com seu nome e com a fedentina constante dos pântanos que resolveram contratar os hiperinteligentes magratheanos para criar uma elaboração idílica para cada um dos gasonianos ocuparem permanentemente, com exceção de um pessoal em escala rotativa que permaneceria acordado para fazer a manutenção da realidade virtual e manter as minas de gás funcionando. A elaboração foi projetada pela melhor equipe de Magrathea, composta pelos doutores Brewtlewine, Zetyfang e LaSane, premiados com um Lobo de Ouro por seu trabalho em Nova Asgard. Depois de 15 anos, a elaboração estava pronta para entrar em funcionamento e recebeu o nome de DB-DZ-DLS em homenagem aos doutores.

Durante anos as coisas foram áureas, somente sonecas felizes e dinheiro no bolso, até que, por um erro de cálculo, o computador acordou cinco pessoas que não tinham os melhores interesses da população em mente. Essas pessoas — vamos chamá-las de escrotas — perceberam que, enquanto os gatos curtiam as melhores festas virtuais, os ratos poderiam raptar o tesouro de todo o planeta e viver como les grands fromages *no Universo real.*

Foram necessários 10 anos, mas os escrotos conseguiram saquear o velho planeta, enquanto os magratheanos construíam ao mesmo tempo um novo lar para eles. Um belo planeta terrestre, aproximadamente do tamanho de Netuno (mas sem os pântanos), lançado na órbita do sistema de Alfa do Centauro. Os escrotos chamaram-no de Incognitus e assim que colocaram os pés nele aprovaram uma lei mundial de "não extradição". Cinco anos depois, os gasonianos acordaram e encontraram suas fraldas de animação suspensa transbordando, e o planeta fedendo mais do que nunca.

Qual é a moral da história? Na verdade, não há muitas: algumas pessoas são sacanas e nunca deveriam ser deixadas no comando, um magratheano sempre vai aceitar o dinheiro sem fazer perguntas e por fim: sempre use fraldas de compostagem automática, só para garantir. Porque a gente nunca sabe. Ninguém nunca sabe da verdade.

— Quatro minutos, Ford — disse Arthur Dent segundos depois, sentindo a confusão e a impotência surgirem sobre seus ombros como dois antigos colegas de escola que eram divertidíssimos na época, mas que agora se recusavam a amadurecer, ainda achando que as almofadas de peidos são *hilariantes* — Isso é típico desta Galáxia. No momento em que recebo minha filha de volta, estou para ser despedaçado em quatro minutos.
Ford deu um soco de brincadeira no ombro dele.
— Não, não, em quatro minutos nós voltaremos à realidade. Vai demorar ainda uns 30 minutos para os raios da morte dos grebulons arrebentarem todo o planeta. Seria muito mais fácil e barato usar armas nucleares. Veja os vogons, por exemplo. Eles nunca iriam usar raios da morte.
— Você está errado, Ford — disse Trillian, pálida de preocupação e raiva — Eu me lembro do Clube Beta. Nós sobrevivemos àquilo. Nossos peixes-babel nos transportaram para o Milliways. Lembro claramente.
— Claramente? Sério mesmo?
— Talvez não tão claramente — admitiu Trillian — foi há muito tempo.
— Não — interrompeu Random — Não foram peixes-babel, foram unicórnios.
— Unicórnios — ofegou Arthur, e então soube que Ford estava certo, o *Guia* versão II permitiu que eles próprios fornecessem seus meios de fuga. O dele implicava em ter todos os superpoderes da Terra. Impossível.
— Sim, *Arthur*. Um esquadrão de policiais unicórnios espaciais veio nos salvar. Lembro-me de Pedra Luzidia Casco Fiel, nos correspondemos por muito tempo.
Arthur mudou de assunto rapidamente antes que alguém começasse a se interessar pela teoria dos unicórnios.
— Dentro de quatro minutos esta sala vai sumir, Ford, nós vamos ficar diante de raios mortais dos grebulons e *você* achou que seria uma *grande* ideia perder metade desse tempo com suas imagens da campanha eleitoral?
— Eu não achei que era uma *grande* ideia — disse Ford, que não entendia sarcasmo a não ser que realmente se concentrasse, uma coisa que fazia apenas uma vez por ano, em geral quando tinha que apertar o botão correto de uma nave para evitar que ela explodisse — Achei que seria uma ideia *legal*. Numa escala

de um a dez, dou nota 4,5.
— Ford!
— O que é, Arthur, meu velho?
— Você está fazendo isso de novo. Perdendo tempo. A gente não deveria estar bolando um plano?
Random enxugou as lágrimas na manga da blusa. Iria engolir o sofrimento e segurar as pontas, como sempre fizera quando era presidente. Não foi ela que aguentou quando os cozinheiros-celebridade da Terra largaram suas espátulas e entraram em greve por causa da invasão da mão de obra barata e espalhafatosa vinda de Dentrassis?

> *Nota do Guia: Os chefes de Dentrassis são extremamente fofoqueiros e imensamente grosseiros com todo mundo, mesmo quando as coisas estão indo bem. Essas características fazem deles excelentes cozinheiros para a televisão. Além, disso seus casulos-fornos de salto temporal dispensam que eles tenham que preparar um prato antes do começo do programa.*

Ela não havia se antecipado quando os Kappanos de Blagulon lançaram doze milhões de vacas paraquedas no continente europeu, para tentar aumentar o conteúdo de metano da atmosfera?
Por sorte existiam poucos vegetarianos naquele continente, de modo que as vacas não duraram muito, em especial porque eram vacas de Ameglia Maior, que literalmente imploravam para serem comidas. A maioria não precisou pedir duas vezes. Muitas nem conseguiram pedir uma. E várias delas foram flambadas ao entrarem na atmosfera.
Eu vou assumir o controle, pensou Random, com uma determinação de fato superior à idade.
Afastou-se do abraço da mãe.
— Escuta, pessoal. Eu já estive em situações piores do que esta. O que precisamos fazer é conectar seu *Guia* ao sistema de comunicações dos grebulons para que eu negocie com eles, como futura presidente da Galáxia.
Ford deu um tapinha carinhoso na cabeça de Random.
— Silêncio agora, querida. Os adultos estão conversando.
— Seu jebalançador! — xingou Random, de uma forma não muito presidenciável.
— Ora, muito obrigado — disse Ford, sinceramente emocionado, pois sempre sentira orgulho de sua habilidade nos ringues de jebalançamento do Beco Babum

— Mas vamos deixar os elogios para depois.
— Depois? — perguntou Arthur — Que depois? Não vai ter um depois, graças ao seu pássaro-Guia.
— Não é meu — reagiu o betelgeusiano.
— Você o roubou, Ford. Você o enviou para si mesmo, sob meus cuidados. Acho que isso o torna seu.
— Exatamente. Veja só, eu o *roubei*. Portanto, não é meu. Você só está arranjando argumentos a meu favor.
O mostrador digital mostrava 2:37.
2:36.
Então:
0:10... 0:09...
— Hum — disse Ford, coçando o espaço no ar onde seu queixo obstinadamente se recusava a estar — Isso é um pouco esquisito.
— Eu sei — concordou Arthur — com certeza o sistema numérico não mudou, certo? Nós só ficamos fora por uns dois segundos.
— Bom, se o sistema numérico mudou, pode ser que isso nem sejam segundos.
O pássaro reapareceu, a imagem cheia de interferência.
— Desculpem, mas toda essa discussão está esgotando minha bateria. Energia negativa.
E o *Guia* versão II desapareceu, levando com ele a tranquila sala de céu. Arthur, Trillian Random e Ford se viram diante de uma escada que levava ao banheiro masculino do (até bem recentemente) chique Clube Beta de Londres, pertencente a Stavro Mueller, com as lembranças de suas vidas virtuais desaparecendo como névoa ao sol.
Esta é a vida real, percebeu Arthur. *Como é que pude me deixar enganar por aquela praia? Como aquilo poderia ser real, se ninguém estava tentando me atacar?*
O ar se enchia de sons: a cacofonia lancinante de uma civilização prestes a desmoronar, o ribombar e o zumbido dos raios destruidores de planetas dos grebulons e os esguichos de milhões de ratos fugindo da cidade, que os quatro recém-chegados conseguiram entender graças aos peixes-babel que estavam nos seus ouvidos.
— Eu vi o futuro nas tripas daquele cachorro — guinchou uma enorme ratazana chamada Audrey — Eu previ que todos os bípedes iriam ser mortos por uma grande luz verde que vinha do espaço. Mas ninguém quis me ouvir. Ninguém.
— Tenha dó, mãe — zombou seu décimo oitavo filhote, Cornelius — Você disse que um estranho sombrio cruzaria nosso caminho.

— Eles são estranhos e sombrios; do contrário, não estariam atirando em nós. Como você acha que eles são?
Cornelius remexeu o bigode que nos ratos era o equivalente ao revirar os olhos dos humanos.
— Você precisa ser mais específica. As pessoas estão tirando sarro de você.
— Seu menino indolente — disse Audrey, enquanto descia por um ralo.
O restante dos ratos dizia coisas como:
— Ah, não!
— Ó, Muroideam! (O pai de todos os deuses ratos.)
— Aaaargh! Estranhos sombrios, o caramba!
Arthur Dent sentou-se na escada no meio daquela confusão e sentiu-se estranhamente em paz. Não havia nada a fazer, a não ser ficar feliz por ter amado alguém e ter sido amado de volta. Era uma grande coisa, morrer. GRANDE. Mas não tão grande quanto já havia sido um dia.
Ao pé da escada, aos soluços, Random era consolada ao mesmo tempo por Trillian e Tricia McMillan.
Zona Plural desgraçada, pensou Arthur. *Você sai de uma Terra para dar de cara com outra. A Terra que eu deixei foi destruída pelos vogons e aquela para qual voltei tem uma Tricia McMillan que nunca foi para o espaço com Zaphod Beeblebrox. Ah, as infinitas possibilidades multidimensionais do meu planeta natal! Que grandes feitos eu poderia ter realizado em outra Terra. Poderia ter feito uma bela xícara de chá, por exemplo.*
Ele cantarolou uma música, distraído.
Os raios verdes se aproximavam. Arthur podia sentir o calor deles queimando um dos lados de seu rosto.
Minha pele vai descascar, pensou.
— Ei, olhem — disse Ford, animado — Meus sapatos de camurça azul. Dupal.

capítulo 3

A Tricia McMillan que era desta Terra e que nunca fora mantida artificialmente na elaboração mental do *Guia do Mochileiro das Galáxias* versão II teve uma ideia.

— Vou falar com eles, querida — disse à menina que era sua filha não-nascida provavelmente em alguma outra dimensão — Os grebulons vão me ouvir. Para eles sou uma espécie de pin-up.

E saiu correndo pelo corredor, segundos antes de o próprio corredor ser destruído, frito pelos raios, seus pedaços se espalhando como confetes ao vento.

Arthur estava entorpecido demais para ficar horrorizado. Em vez disso, sentiu uma inveja estranha.

Pelo menos ela morreu com algum senso de propósito. Encontrou uma resposta que não era apenas uma porcaria de um '42". Tudo o que posso fazer é ficar aqui sentado e ser inútil, para variar.

Arthur sentia uma descrença que conhecera bem em sua fase de mochileiro das Galáxias. Em mais de uma situação, ele secretamente suspeitou de que tinha enlouquecido completamente. Nunca tinha existido uma nave chamada Coração de Ouro, ou um alienígena chamado Zaphod Beeblebrox e certamente nunca existira um Pensador Profundo. Quanto aos magratheanos e sua fábrica de planetas, essa era uma ideia declaradamente ridícula. Mais ridícula até do que ratos falantes supostamente governando o planeta.

— Licença, chefe — disse um rato, desviando-se do pé de Arthur.

— Desculpe — murmurou Arthur, levantando automaticamente o pé.

Era tudo loucura. E, nesse exato momento, ele provavelmente estava sendo observado por um grupo de estudantes de faculdade que, sem dúvida alguma, estariam de porre devido a qualquer comemoração espalhafatosa da noite anterior e não podiam se importar menos com os sentimentos da Cobaia Arthur Dent.

Se eles não se importam, por que eu deveria?

Atrás dele, a porta do banheiro masculino se soltou e deu um rasante por cima de sua cabeça. Instantes depois, uma água muito suspeita começou a escorrer pelos

fundilhos de sua calça.
Ford deu uma risada abafada.
— Então, é verdade o que dizem. Ela *sempre* corre morro abaixo.
— Você acha que a gente deveria fugir?
— Fugir para onde, meu chapa? O planeta inteiro está sendo destruído. Não, nossos dias de fuga acabaram. E aqueles caras estão fora de alcance para nos dar carona — Ford remexeu a sacola pendurada em seu pescoço e pegou o que parecia um cigarro enrolado à mão — Ahhhh — suspirou feliz — Eu estava guardando isto para uma ocasião especial.
Arthur adorou ter alguma coisa para distrair a cabeça.
— O que é isso?
Ford franziu os olhos para ele.
— Isso é mais *sarcasmo*, por um acaso?
— Não. É uma pergunta legítima, inteiramente nascida da ignorância.
— Bom, nesse caso, meu velho, fico feliz em esclarecer. É um cigarro.
— Ah — Arthur sentiu seu interesse diminuir.
— Mas não um cigarro qualquer — continuou Ford, segurando-o como se fosse o mais sagrado dos objetos.
— Tem um raio da morte de longo alcance dentro dele?
— Claro que não.
— Talvez um transportador de matéria?
— Caramba, isso seria extremamente útil. Mas não.
— Então são só uns fiapos de fumo enrolados num papel?
— Fumo? Papel? Honestamente, Arthur, vocês, humanos, só usam 10% do seu cérebro e ainda por cima entopem essa fração com coisas relacionadas a chá. Isto aqui é um lagarto albino dos pântanos de Fábia. Falecido, obviamente. Ele passa a vida inteira absorvendo gás alucinógeno do pântano. Depois morre, e fica meio durinho.
Arthur deu uma olhada para cima. Um raio da morte havia acabado de destruir o andar superior, sem nem mesmo perder a velocidade. Um enorme avião rodopiou no céu, e Arthur podia jurar ter ouvido alguém entoando mantras.
— É uma história muito longa? É que acho que nosso tempo está acabando. E os minutos têm um dígito só. Entre um e três, talvez.
— Relaxa, já estou chegando na parte boa. Os mochileiros chamam isso de palitos da alegria. Com uma baforada, você se sente completamente feliz. Ama todo mundo, perdoa os inimigos, essa coisa toda. Duas baforadas deixam você em um estado gigantesco de curiosidade em relação a quase tudo, inclusive à morte horrível que está a caminho, só porque você fumou essa belezinha. “Isso vai ser sensacional”, você diz a si mesmo. Estou para experimentar uma

mudança profunda de energia para um novo plano de existência. Como vai ser? Vou fazer novos amigos? Tem cerveja lá?
— E a terceira baforada? — perguntou Arthur, cumprindo de forma exemplar seu papel de figurante na narrativa.
Ford remexeu a sacola procurando um isqueiro.
— Depois da terceira baforada, seu cérebro explode. E você fica com uma certa fome.
— Ah — disse Arthur, imaginando quantos mochileiros teriam morrido antes de deduzir o negócio da terceira baforada.
— Lá vamos nós — disse Ford, pegando um isqueiro de plástico com a legenda O Domínio do Rei em luzes piscantes — Uma baforada ou duas?
Arthur nunca fora muito de fumar. Sempre que experimentava um cigarro, sentia tanta culpa pelo que estava fazendo com os pulmões que seus pais lhe deram que chegava a sentir enjoo. Uma vez, numa festa que foi quando adolescente, tentou dar uma tragada num Silk Cut Blue, mas acabou vomitando na anfitriã enquanto tentava não vomitar no chihuahua dela. Ainda estava tão traumatizado com a lembrança que olhou em volta automaticamente, para ver se alguém daquela festa estava apontando para ele e segurando o riso.
— Obrigado, Ford, mas tenho estômago fraco.
— Tudo bem, meu velho — disse Ford, acendendo o isqueiro — Felicidade cega, aí vou eu.
— Então vou me despedindo, Ford. Sabe, eu não abriria mão de nenhum minuto.
— Sério?
— Não. Na verdade, acho que tem uns minutos dos quais eu abriria mão, sim.
O minuto em que Fenchurch desapareceu, por exemplo.
Ford tinha dado uma única baforada no palito da alegria quando um gigantesco cacto de gelatina surgiu no centro do saguão. Cambaleou por um momento, para depois se transformar num enorme olho. O olho girou loucamente, espiando ao redor, depois rolou para trás e se tornou um quarteto de Lulas Pom-Pom, tocando milhares de apitos em perfeita harmonia.
— Lindo — disse Ford, enxugando uma lágrima — Isso me deixa tão... Nem tenho palavras.
As lulas alcançaram uma nota aguda e desapareceram num monte de bolhas de sabão formando um arco-íris, que estouraram musicalmente até virar uma espaçonave branca com uma lágrima reluzente e algumas hastes de aipo.
— A Coração de Ouro — ofegou Arthur — Você só pode estar brincando.

> *Nota do Guia: A nave* Coração de Ouro *era tão inconcebivelmente maneira que só de vislumbrar seu folheto de propaganda um*

adolescente seria imediatamente lançado para algumas décadas no futuro, indo parar no exato momento da sua crise de meia-idade. A Coração de Ouro *era alimentada por motores convencionais e também pelo revolucionário gerador de improbabilidade infinita, que permitia que a nave viajasse por todos os pontos do Universo ao mesmo tempo, até ela decidir onde realmente gostaria de estar. Coincidências,* déjà vu *e uma enorme pilha de correspondência inútil eram efeitos colaterais do campo de influência nada convencional da* Coração de Ouro.

Ford apagou o palito da alegria na sola do sapato, depois enfiou-o na sacola.
— Vamos nessa, Arthur. Não fique tão surpreso. A Terra será destruída e nós seremos resgatados por Zaphod. É como sempre acontece, com alguns detalhes a mais ou a menos e meia dúzia de anos-luz de diferença. Que viagem, cara! Uma viagem cósmica.
— Então para que o palito da alegria?
— Só dei uma baforada, meu velho. Felicidade completa. Acho que sempre ajuda antes de um encontro com Zaphod.
Arthur correu pela escada.
— Mas e quanto a Tricia? Ela não deveria ter ido com a gente?
— Ei, Trillian é a mesma pessoa. O destino só pode se preocupar com um de cada vez. Fique feliz por Tricia, ela está em outro plano agora. Pura energia. Não está vendo as cores?
Arthur fez um muxoxo.
— O verde dos raios da morte? É, estou vendo. Mas preferia vê-los a uma distância segura; então, será que podemos sair daqui?
— Sem dúvida, cara. Se não formos logo, meus sapatos vão ficar arruinados. Se bem que o azul pode ganhar um belíssimo tom de roxo, o que me deixaria enormemente feliz.
Arthur guiou Random para a nave branca e brilhante.
— Venha. Precisamos ir agora.
— Fertle — murmurou a garota — Quero o Fertle.
— Quero o Fertle! — riu Ford, fazendo cócegas em Trillian — Muito maneiro, não é?
A espaçonave branca oscilou e a porta se abriu suavemente. Zaphod Beeblebrox, presidente da Galáxia, fugitivo interplanetário e empreendedor extremamente comprometido em servir a si mesmo, apareceu atrás dela, o ego do tamanho de um planeta reluzindo através dos olhos brilhantes e do cabelo dourado e

cacheado que ia até os ombros. Muito exótico, é verdade, mas caía bem nele.
— Certo, deixem-me ser bem claro — disse Zaphod — Saudações, terráqueos. Estou aqui para salvá-los de novo — Então pareceu notar o pandemônio se desdobrando ao seu redor — Espera um minuto! Isto aqui não é a Irlanda!
— Zaphod! Estou tão feliz em te ver!
Zaphod piscou.
— Feliz em me ver? Você deve ter fumado alguma coisa.

Amontoaram-se na *Coração de ouro* e subiram uma centena de metros, empregando o dispositivo Desvi-O-Matic da nave para escapar dos raios destruidores de planeta até que o gerador de improbabilidade infinita tivesse energia suficiente para mandá-los para onde quer que eles nunca estivessem esperado estar.
Ford Prefect foi o único ocupante da nave que pensou em olhar para baixo. Viu o *Guia do Mochileiro das Galáxias* versão II, parecendo meio triste, pairando ao lado do único lustre que restava no Clube Beta. Ele chegou a se desviar de um raio da morte e então, com uma expressão do tipo *quem se importa?*, desmoronou sobre si mesmo, como um pássaro de origami sendo amassado por mãos invisíveis, até que tudo que restava era um diamante negro, que zuniu pelo salão sem teto, decapitou um rato desnecessariamente e depois desapareceu de todas as existências em todos os tempos possíveis.
Já vai tarde, pensou Ford, e foi atrás de uma bebida.
Se Ford não tivesse ido atrás de uma bebida, poderia ter visto um homem alto, com cerca de 30 anos, usando roupão e pantufas, entrar apressado no Clube Beta segurando uma toalha. O homem mal teve tempo de olhar para cima, espantado e confuso, antes que um raio esmeralda o picotasse junto com seu companheiro ruivo.

> *Nota do Guia: Esta foi uma das inúmeras mortes de Arthur Dent, agora que um deles conseguira quebrar o padrão cósmico e se salvar da morte, saltando apenas algumas dimensões para isso. O padrão, entretanto, se desenrolou para outros e eles foram pegos um a um, por meio de improváveis acidentes bolados às pressas por um Destino nervosinho.*
> *Um Arthur foi eletrocutado por fones de ouvido vagabundos enquanto produzia um programa na rádio onde trabalhava, discutindo recentes avistamentos de OVNIs na área.*

Um segundo Arthur acordou certo dia totalmente convencido de que podia voar, e nenhuma persuasão do mundo o impediu de se jogar de uma torre de rádio.

Já um terceiro foi esmagado por um búfalo-trator durante uma tentativa de salvar sua casa de ser demolida. O búfalo-trator não sofreu absolutamente nenhum dano físico, mas ficou traumatizado com o acontecimento e processou a prefeitura, colocando a culpa especificamente em um certo Sr. Prosser. Depois disso, Prosser foi demitido.

Outro Arthur se afogou numa tempestade bastante esquisita pouco depois de fazer um gesto obsceno para um motorista de caminhão que o havia cortado na estrada.

A lista é praticamente infinita. Basta dizer — sem catalogar cada uma das diversas mortes, sejam elas acidentais (ou propositais), ocidentais, dentais, mentais, retais, imorais, fetais, fecais ou jornais (esmagado por uma pilha de edições de domingo), apenas para citar algumas — que somente um Arthur Dent sobreviveu em qualquer uma das dimensões depois da destruição final da Terra, sem nenhum truque de última hora. O mesmo pode ser dito sobre Ford e Trillian, mas não sobre Random ou Zaphod, que executaram seus papéis pan-dimensionais bem o suficiente para receber prêmios.

Leituras relacionadas:

"Alguém está a fim de me pegar", *de Arthur Dent, número 2803.*

"Ele acreditava que podia voar", *da Sra. A. Dent, número 1107.*

O último Arthur Dent que restava sentou-se no seu lugar de sempre na cabine de comando da *Coração de Ouro*, batendo a cabeça repentinamente numa prateleira, e ainda assim não se sentindo nem um pouco reconfortado. Podiam ser os raios da morte, passando rapidamente pelas telas de visão, que o incomodavam. Ou poderia ser que em algum lugar, no fundo da sua essência primitiva, no núcleo da poeira estelar que formava seus átomos, Arthur soubesse que *ele* era o último Arthur Dent no Universo. Agora, ele estava verdadeiramente sozinho na magnitude de todas as coisas.

Só o que Arthur conseguia falar era que sentia falta de sua toalha e que pagaria uma enorme quantia de dinheiro caso alguém com peitos macios o abraçasse e dissesse que tudo ia ficar bem.

Trillian e Random também estavam bastante chateadas com toda essa coisa de destruição de seu planeta natal e se encolheram juntas embaixo do ar-

condicionado. Ford Prefect, no entanto, estava completamente empolgado, graças à baforada em seu lagarto petrificado.
— Isso é *fantástico!* — disse entusiasmado, dando tapinhas no ombro de Zaphod — Olha só esses raios destruidores de planetas! Lindos! Algum dia você pensou que viveria para ver uma rede formada por raios da morte dos grebulons pelo lado de *dentro?*
— *Grebulons?* Caramba! Esses caras são do mal — respondeu seu primo com igual entusiasmo (Zaphod basicamente vivia no estado da primeira baforada) — Que show de luzes! Ei, você se lembra daquelas ogivas termonucleares em Magrathea?
— Se lembro — respondeu Ford, nostálgico — Sensacionais. Eram uns safadinhos astutos, com suas mutretas e reviravoltas, mas a gente deu um jeito neles.
— Deu mesmo, primo. E vamos dar um jeito nesses grebuloides também.
Trillian se encolheu quando um raio chamuscou uma das barbatanas da nave.
— Não dá para a gente sair daqui?
Zaphod girou como um dançarino de discoteca, e apontou duas armas de dedos contra Trillian.
— Pou pou, belezinha — disparou ele — Sentiu minha falta? Aposto que sim... eu também sentiria.
— Mais tarde, Zaphod. A nave pode nos levar para um lugar seguro?
— Não é simples assim. Não podemos passar pela rede sem sermos picotados como uma grevlova halitoxicana de festa. Temos de deixar o gerador de improbabilidade infinita fazer uns cálculos e entrar de cabeça no problema.
— Agora o computador tem cabeça?
Zaphod executou uma pequena dança de acasalamento betelgeusiana usada apenas em preliminares.
— Finalmente alguém faz um comentário *cabeça*. Eu estava começando a achar que vocês estavam doidões com os palitos da alegria.
— Desculpe, Zaphod — reagiu Arthur — Estávamos distraídos com uma morte violenta iminente.
— Claro, o computador tem uma *cabeça* — continuou Zaphod, ignorando a entrada de Arthur na conversa — O que é isso, pessoal. Não notaram nada de diferente em mim?
Todos sacaram ao mesmo tempo.
— Goosnargh — disse Ford.
— Mas que... — disse Trillian.
— Pela madrugada — disse Arthur, parecendo um rato caipira.

Zaphod Beeblebrox tinha, empoleirada de modo bastante fanfarrão nos ombros, uma única cabeça.

> *Nota do Guia: As duas cabeças e os três braços de Zaphod Beeblebrox eram agora parte integrante do folclore intergaláctico, sendo um assunto tão popular quanto a genitália craniana da Terrível Besta Voraz de Traal, ou o terceiro seio de Eccentrica Gallumbits. Ainda que o presidente afirme que tenha implantado o braço para melhorar seu desempenho no esquiboxe, muitos jornalistas metidos a sabe-tudo dizem que, na verdade, foi para que ele pudesse apalpar todos os seios de Eccentrica ao mesmo tempo. Essa incansável atenção e dedicação a pequenos detalhes eróticos foi, possivelmente, o motivo para a Srta. Gallumbits ter declarado, em entrevista para a revista* Nua e Crua na Rua, *que Zaphod era um "homem capaz de proporcionar a uma mulher uma sensação semelhante ao Big Bang da Criação", comentário que rendeu pelo menos meio milhão de votos na eleição presidencial e o dobro disso em acesso à seção privativa do site Zaphod Confidencial.*
> *A origem da segunda cabeça é envolta em muitos mistérios e parece ser a única coisa que o presidente se recusa em discutir com a mídia, sendo que a única afirmação que faz a respeito é que "duas cabeças pensam melhor do que nenhuma". Esse comentário foi considerado grosseiro e provocativo pelo conselheiro Spinalé Trunco da Tribo de Cavaleiros sem Cabeça de Jaglan Beta. A resposta de Zaphod foi: "Lógico que era provocação! Qual é, os caras não têm cabeça nenhuma!". Algumas imagens antigas realmente representam Zaphod com duas cabeças, mas em muitas, elas não parecem idênticas. Na verdade, em um vídeo feito com uma câmera escondida — que ficou conhecido pelo nome "Acompanhado por um idiota" — a cabeça esquerda de Zaphod parecia ser de uma fêmea pálida tentando morder a orelha da cabeça direita. Uma mulher betelgeusiana mais tarde alegou que era a verdadeira dona da cabeça da "fêmea pálida". Lulu Massagista disse, em entrevista exclusiva ao site Beeble-Blog, que "Zaphod queria que nós ficássemos um com o outro, tipo, o tempo todo. Então resolvemos nos juntar literalmente. Depois de alguns meses, ele descobriu que gostava mais da coisa de ter duas cabeças do que de mim. Uma noite*

saímos para tomar umas Dinamites Pangalácticas e, quando acordei, estava de volta para o meu corpo. Safado miserável."
Zaphod nunca se preocupou em negar a história da Srta. Massagista. Assim muitos especulam que sua segunda cabeça é um detalhe extremamente narcisista, alegação que o presidente diz não compreender.
Leituras Relacionadas:
"Batendo cabeças com o presidente", *de Lulu Massagista.*
"Apenas um peito depois do outro", *de T. Eccentrica Gallumbits.*

Ford abraçou seu primo.
— Você finalmente tirou aquela coisa —- disse ele, ao mesmo tempo em que mordia o lábio, o que não era fácil — Remover a cabeça me parece um ato digno de um completo idiota, mas por alguma razão sou completamente a favor.
Arthur sabia a razão. Seu amigo ainda estava viajando por causa do lagarto.
— Tem certeza de que foi uma boa ideia, Zaphod? Aquela cabeça não *tinha* alguma função?
Zaphod levantou um dedo, como alguém prestes a fazer um pronunciamento importante.
— Cale a boca, homem-macaco. Estou conversando com meu primo.
— Achei que a gente já tinha deixado isso para trás, Zaphod. Nós já não passamos por coisas suficientes?
O presidente se curvou para trás.
— Ah. Ei, Arthur. É você, cara? Desculpe, minha outra cabeça enxergava melhor. Além disso, não te reconheci sem o traje de banho.
— Roupão e pijamas.
— Tanto faz. A partir de agora, só informações, pessoal. Raios da morte e tudo mais.
— É *importante* sabermos onde está sua outra cabeça? — gritou Arthur, tentando manter a sintaxe o mais simples possível.
Zaphod bateu palmas.
— Ah, sim! Sim, senhor! Vocês vão adorar isso!
Ele foi meio que dançando de lado até uma bancada baixa, onde ficavam os controles do computador.
— Senhoras e senhores, aqui está ele, deem uma salva de palmas porque *sua* vida está nas mãos *dele*.
— Raios da morte! — uivou Arthur, enquanto o Desvi-O-Matic lançava a nave numa pirueta — Dá para ir mais rápido?

Ford aninhou as bochechas de Arthur entre suas mãos.
— A vida é feita de momentos como esse, Arthur — disse ele, sério — Esse é o segredo. Os momentos são maiores do que você pensa. Se você juntar todos os bons momentos, fica com... você sabe... séculos.
Arthur ficou realmente furioso ao constatar que poderia haver alguma verdade nesse raciocínio.
— Tudo bem, Ford. Você acha que as damas podem ver a outra cabeça de Zaphod sem problemas?
— Não nos trate como idiotas — disse Random.
— Claro que não, querida.
— Vá se danar.
Zaphod bateu com o calcanhar no chão.
— Ei, será que podemos voltar pro meu momento? A cabeça, lembram? — Ele digitou uma senha curta no terminal do computador.
— Não é uma senha muito boa, né? — comentou Arthur — Um, dois, três?
Zaphod fez um muxoxo.
— Visão e números. Sou completamente imprestável para as pequenas coisas da vida, cara. Sou mais o tipo de cara surpreendente, pra-frentex, sempre fazendo novas descobertas em quartos femininos. A cabeça número dois cuida dos afazeres cotidianos. Ou, como eu o chamo... Cérebro Esquerdo, porque ficava do lado esquerdo, e é ele que pensa.
— Mostre logo a porcaria da cabeça! — gritou Arthur.
Zaphod apertou um botão vermelho e uma esfera de cristal emergiu de um balde de gel no terminal, subindo suavemente até flutuar na altura do olhar de um sujeito de altura mediana.
— O gel é cheio de coisas, vocês sabem — explicou Zaphod, com sua imprecisão de sempre — Coisas boas para as coisas que precisam ser feitas.
— Por favor, cale a boca, irmão — disse a segunda cabeça de Zaphod, que repousava numa almofada de fios e fusíveis dentro da esfera — Você está passando vergonha. E me fazendo passar vergonha junto.
Cérebro Esquerdo era exatamente igual a Zaphod, a não ser por algumas diferenças no estilo. Enquanto o presidente da Galáxia era espalhafatoso e poderia ou não estar usando delineador nos olhos, o cabelo de Cérebro Esquerdo era cortado curto, severamente repartido, e seus olhos brilhavam com uma inteligência afiada a laser e força de vontade.
— O gel é um composto eletrolítico que alimenta minhas células orgânicas e o campo antigravitacional ao redor da esfera.
— E os alto-falantes, C.E. — disse Zaphod — Um cara precisa emitir sons.
— É, Z.B. — suspirou Cérebro Esquerdo — Os alto-falantes. Zaphod, você não

precisa piscar para alguém no espelho?
Zaphod se jogou sobre o terminal.
— Tem dias em que acho que a separação foi um erro. Mas desde que Cérebro Esquerdo assumiu o controle da nave e desligou o Eddie, não explodimos uma única vez. Nenhuminha. E o lance de causar guerras está bem reduzido. Isso é bom, certo?
— Agora que a nave não está sendo comandada por meu predecessor descerebrado, nossa expectativa de vida subiu 800%.
Random, com seu espírito político, ficou impressionada com a estatística.
Arthur bateu com os nós dos dedos na esfera.
— Ei... Zaphod... Cérebro Esquerdo. É você que está pilotando a nave? Dá para tirar a gente daqui?
— Por favor, não toque no vidro, terráqueo. Você não faz ideia de quantas vezes preciso girar no gel para tirar as manchas.
— Desculpe.
— Respondendo suas perguntas: no momento estou conectado ao Desvi-O-Matic para evitarmos os raios lasers dos grebulons. Entretanto, a rede de raios está se fechando mesmo enquanto falamos, de forma que, quanto antes acionarmos o gerador de improbabilidade, melhor.
— E quando isso vai acontecer?
— Em aproximadamente noventa segundos. Muito tempo antes que os raios destruidores possam sequer tocar na nave.
— Tem certeza?
Cérebro Esquerdo pareceu não gostar da pergunta.
— Você é novo aqui e acabamos de nos conhecer, por isso vou deixar claro: eu sou a nave, a nave sou eu. Não existe erro de comunicação.
— Novo? Eu já estive aqui antes, meu chapa. E nós *nos conhecemos*, só que dá última vez...
— Eu ainda estava ligado a Zaphod, o grandessíssimo idiota.
— Olha só! — gritou Zaphod — Nessa ele te pegou, Arty. É melhor nem tentar discutir com esse garoto.
— Eternamente subjugado por uma personalidade estridente — continuou Cérebro Esquerdo — dominado por um interminável hedonismo irresponsável.
— Eu avisei, terráqueo. Não diga que não te avisei. Agora, o Cérebro Esquerdo vai te esfolar vivo e fritar bolinho com as aparas.
Cérebro Esquerdo girou, focalizando seu olhar em Zaphod.
— Esse macaco insolente me manteve trancado na minha própria cabeça, até que eu finalmente pude implantar a ideia da separação, durante um porre que tomou. Mas Zaphod é um imbecil tão grande que ainda acha que a ideia foi dele.

Zaphod ficou chocado.
— Imbecil? Repete isso!
Apesar de Arthur estar preocupado com as ramificações da rivalidade fraternal das cabeças, ou de uma personalidade dividida, ou qualquer que fosse o termo médico apropriado, resolveu engolir suas dúvidas pelo bem de Random. Eles estavam salvos, afinal de contas. Random estava viva e era isso que importava. Arthur sabia, por experiência própria, que perder o planeta natal esmagaria seu espírito em um futuro muito próximo, lá pela hora do chá — que não teria mais chá — ou talvez depois de um pôr do sol holográfico particularmente bonito, mas por enquanto estava determinado a bancar o corajoso pela filha.
— Muito bem, pessoal — disse, com uma voz luminosa e oca como uma lâmpada — A emergência passou, por enquanto. Por que não nos sentamos e apertamos os cintos para dar uma volta com o gerador de improbabilidade? — Ele riu baixinho — Todos nós sabemos que eles são doidinhos.
Random deu tapinhas no lugar do seu peito onde Fertle costumava ficar:
— Doidinhos, Arthur? Doidinhos? Você não engana ninguém. E esse foi o riso mais forçado que já ouvi. Você não é nem metade do homem que meu marido era.
E, de novo, é tudo culpa minha, pensou Arthur. *Eu deveria fingir alegria mais frequentemente, aí as pessoas talvez engolissem*.
— Imagino que esse computador ainda não tenha aprendido a fazer chá, não é?
Uma luz vermelha piscou na cúpula de Cérebro Esquerdo.
— Pare de falar agora, terráqueo. A palavra “chá” está proibida. Da última vez que você falou em chá, o sistema inteiro deu pau durante uma emergência.
Mais uma risadinha forçada de Arthur, seguida por um pequeno arrastar de pés e uma rápida saída para a área de observação da nave:
— Bem vou dar uma checada no negócio da rede de raios destruidores, pessoal. Ver como estamos indo. Alguém quer alguma coisa?
Ninguém se incomodou em responder.

> *Nota do Guia: “Alguém quer alguma coisa?” é uma estratégia padrão conhecida em toda a Galáxia usada para uma saída rápida de um ambiente. Ela pode ser usada em uma enorme variedade de circunstâncias desconfortáveis — desde um leve embaraço até um apocalipse inevitável e iminente. Entretanto, a maioria das culturas apresenta alguma variação do “Alguém quer alguma coisa?” e elas são tão boçalmente retóricas que mal necessitam de um ponto de interrogação. Por exemplo, os betelgeusianos perguntam: “Ei,*

alguém escutou um plop? Que nem uma bola de Tênis caindo numa tigela cheia de molho? Ninguém? Acho melhor eu ir verificar de qualquer forma.” A versão jatravartid é: “Alguém ouviu a campainha? Aposto que é o Dejeto. Atrasado como sempre. É melhor eu deixá-lo entrar antes que ele suje todo aquele lenço.”

Para o grande alívio de Arthur, ninguém quebrou o protocolo interestelar pedindo alguma coisa, e ele pôde se esgueirar para a área de observações e fingir que estava de volta à sua praia.
Ford bateu com os nós dos dedos nos controles, ouvindo um “bong”.
— Eu tinha me esquecido desse bong, Zaph. Você sabe, barulhos e tudo mais. A gente acaba esquecendo tudo a respeito e depois, quando experimenta de novo, se lembra de como é importante. Depois fica imaginando onde estavam todas as lembranças durante o tempo em que você não estava pensando nelas.
Zaphod não teve nenhum problema em embarcar nessa onda.
— Eu sempre achei que minhas memórias estavam do lado oposto do corredor, na cabeça número dois. Se eu precisasse delas, a cabeça número dois simplesmente as mandava para o outro lado.
— Uau. Isso é *fantástico*. A essência do que estou tentando dizer. Vocês... tipo... olhavam nos olhos um do outro quando ele estava mandando as lembranças?
— Absolutamente não — disse Cérebro Esquerdo, bamboleando um pouco a despeito de seu campo giroscópico — A teoria dele é completamente ridícula. Cada um de nós tem um córtex.
Ford dançou em volta da esfera, envolvendo-a com as mãos como uma bola de cristal.
— Ah, mas não é você que tem o cérebro grande? Não é você o inteligente que está ligado ao gerador de improbabilidade infinita?
Cérebro Esquerdo não pôde conter um sorriso satisfeito.
— Sim. Eu controlo o gerador. Ele faz parte de mim agora. Sinto cada uma de suas incertezas.
Os olhos de Ford estavam chapados, mas continuavam sagazes.
— Então me explica por que eu estava esperando vocês.
Cérebro Esquerdo se imobilizou no meio de um deslizar.
— Como?
— É isso mesmo, sabichão. Eu sabia que vocês iam aparecer.
— Isso é um absurdo. Como poderia? As chances de a única pessoa no Universo com poder para resgatá-los aparecer exatamente no momento em que você mais precisa dela é de um contra 150 bilhões. Chances bastante aceitáveis para o

gerador, por sinal.
Ford discordava:
— Depende de como você calcula, meu chapa.
— Só há um modo de calcular — respondeu Cérebro Esquerdo rigidamente.
— Ah, não — disse Ford, num tom extremamente paciente de quem passou várias horas em hotéis baratos, sem nenhum dinheiro para andar no Balança-o-Peito e é obrigado a ficar no quarto, lendo o seu próprio guia de viagem — Há muitas formas de calcular. Por exemplo, o sistema matemático dos vI'hurgs é completamente baseado em entranhas.

> *Nota do Guia: Isso não é inteiramente verdade. Muitas vezes, genitália desidratada de velocães também estavam envolvidas para dar uma apimentada na coisa.*

— E eu mesmo — continuou Ford, com o tom de voz que teria feito formas de vida unicelulares acelerarem seus processos de evolução só para poderem dispor de polegares opositores e terem a capacidade de catar pedras e apedrejá-lo até a morte — baseio a maioria dos meus cálculos em emoções.
— Emoções! — reagiu Cérebro Esquerdo, cuspindo de raiva por todo o interior da esfera — Emoções? Como você pode se dar o luxo de ter apenas uma cabeça e ser tão idiota?
— Gosto de ser um idiota. A gente vê as coisas com mais clareza. Ser idiota é como franzir os olhos diante do sol.
Cérebro Esquerdo se sacudiu a cada declaração dessas, como se levasse um golpe dado com uma toalha molhada.
— Sol? Do que você está falando? Idiotice é sempre ignorância e escuridão.
— Você *planejou* vir aqui? Essas são as coordenadas exatas que escolheu?
— Não — admitiu Cérebro Esquerdo — O lugar exato já fora destruído, então o gerador nos transportou para um lugar seguro.
— Assim, dentre todos os pontos do Universo, a nave vem para cá.
— Coincidência. Consequências do uso de um gerador de improbabilidade.
— Isso é mais do que simples coincidência. Zaphod vem resgatar seu primo predileto. Qual é a probabilidade de isso acontecer? Pois já aconteceu uma vez, suficientemente perto daqui. Se acontecer de novo, vira um padrão. E na última vez que eu verifiquei, os padrões não são muito improváveis.

> *Outra Nota do Guia: Essa última parte era mentira, já que Ford Prefect nunca havia verificado a probabilidade dos padrões. De fato,*

Ford raramente verificava qualquer coisa, a não ser o nível de bebida em seu copo e o nível de dupalidade em sua pessoa. Certa vez, ele gastou o salário de um mês inteiro por um Detector de Dupalidade. Entretanto, ele só funcionava se a pessoa que o operava fosse dupal o suficiente para energizá-lo. Ford tentou uma vez no banheiro, antes de forçá-lo rapidamente dentro do compactador de lixo junto com a nota fiscal.

Cérebro Esquerdo se balançava em seu eixo horizontal.
— Sim, é verdade que os padrões não são bons modelos de improbabilidade.
— E isso é geralmente verdadeiro, não é?
— Geralmente.
— *Geralmente* não me parece ter muita improbabilidade. Não parece muito milhões de trocentos contra um. Para mim parece coisa certa.
— S... sim — gaguejou Cérebro Esquerdo — Bem observado.
— Você está suando, cara? Agora as cabeças-robôs suam?
Realmente, Cérebro Esquerdo estava transpirando imensamente. Pequenas aranhobôs emergiram do colarinho da esfera, refestelando-se nas gotas de umidade.
— Eu *não* sou um robô — protestou Cérebro Esquerdo.
— Ei, você está flutuando numa bolha de vidro e conectado a um computador. Tem aranhas saindo do seu pescoço. Na minha época, todas essas coisas indicavam: robô!

Nota do Guia: De novo, não houve verificação. Puro papo-furado.

— Se bem que — meditou Ford, coçando perto do queixo — dar um pau no sistema do gerador de improbabilidade é uma coisa que só uma *criatura orgânica* poderia fazer.
— Pau no sistema — disse Cérebro Esquerdo, nervoso — Você acha mesmo?
— Sem dúvida. Mas vamos falar longamente disso depois, para embaraço completo de um de nós. Agora, que tal acionar esse gerador e mandar a gente para algum lugar que seja improvável de verdade?
Fileiras de números de um verde particularmente enjoativo pulsaram no vidro da esfera de Cérebro Esquerdo.
— Improvável? Mas como poderei calcular? Como... Tudo em que acredito. Os números são falíveis? Isso pode ser verdade? Pode?

Ford finalmente começava a ficar sóbrio.
— Ei, cara esquece isso. Só estou entortando sua jebalança. Fala para ele, Zaphod.
Zaphod passou um braço pelos ombros do primo.
— É verdade, meu chapa. Você foi vencido pelo melhor. Uma vez, o Ford aqui conseguiu que um surdo-monge vundoniano o atacasse com varetas de incenso.
— Mas isso foi por causa de uma *aposta* — disse Ford, que não gostava que as pessoas pensassem que ele ficava pentelhando monges *sem* motivo.
Cérebro Esquerdo estava ligeiramente perturbado.
— O computador compõe melodias de números, e *vocês* a estragaram... Vocês, com suas cabeças ocas, não fazem nada de útil a não ser consumir oxigênio e gerar gás carbônico!
— Ei, devagar com os gases, aí — disse Ford, injuriado — só estou tentando me socializar. Sabe, impressionar você com meu intelectualismo exótico.
— É tudo tão... É simplesmente... Números. Emoções. Zark!
E então Cérebro Esquerdo entrou em loop. Um loop de apenas uma palavra, repetida incessantemente.
— Zark... Zark... Zark...
O terceiro braço de Zaphod surgiu de baixo da camisa de seda amarrotada, desferindo um tapa na nuca de Ford.
— Seu idiota. Você o congelou.
— Então você manteve o braço.
Zaphod passou a mão reserva na frente do peito, enfiando-a no bolso esquerdo de suas calças pichadas.

> ***Nota do Guia: Isso não é um erro. Zaphod realmente comprou em Porto Sesfron um spray que prometia "chegar inclusive naqueles lugares impossíveis de alcançar". Depois da primeira aplicação, Zaphod diminuiu um pouco a potência. Havia um bico de spray especial para bolsos.***

— Eu praticamente só uso o terceiro braço em ocasiões cerimoniais. Enfio uma manga laranja e rapidinho ele vira uma faixa presidencial.
Ford soltou o ar vibrando os lábios, nem um pouco impressionado com Cérebro Esquerdo.
— Nem precisei fazer muito esforço para congelá-lo. Você deveria ter

comprado a versão 2.0.
Trillian sentou-se e prendeu o cinto numa luxuosa Inclin-O-Poltrona ao lado de Random, que estava com mau humor suficiente para alimentar uma família grande de cifroles por quinhentos anos.
— Por que não estamos longe daqui, Zaphod? Ainda posso ver os raios da morte.
Zaphod apontou para o primo.
— Pergunte ao Ford im-Perfect. Ele congelou a nave.
Arthur escolheu justamente esse momento para voltar à cabine de comando.
— Congelou a nave? Como assim congelou a nave?
As velhas lembranças de Arthur estavam se reorganizando a cada segundo e, para seu pesar, ele descobriu que não eram muito diferentes das novas.
Sinto falta de ficar surpreso,* percebeu. *Atualmente, vou direto do profundamente calmo para o mortalmente aterrorizado.
— Qual é o seu problema, Ford? — perguntou — Está ligado numa de ferrar com tudo?
— *É ele* que está ligado, não eu — disse Ford, apontando para Cérebro Esquerdo, que agora batia contra o teto como um balão de gás.
Arthur sentia falta de alguma coisa na cabine de comando.
— Não sei o que é — disse, esmiuçando o ar com todos os dedos — Mas tinha algo aqui há um segundo atrás, que não tem mais.
Zaphod adorou ter alguma informação útil.
— Deixa eu te colocar em dia, terráqueo. Quando o Desvi-O-Matic é ativado, o computador emite uma luz fosca branca nas paredes. Eles chamam de Fototerapia Branda Acalma-Cérebro.
— E a luz está apagada.
— É issaí!

> ***Nota do Guia: "É issaí" é o nome de um jogo de tabuleiro bastante popular entre os condenados à prisão perpétua na prisão-lua de Kappa de Blagulon. O jogo deve ter mais de cem participantes e o objetivo é fazer com que todos os seus cavalinhos deem uma volta completa no tabuleiro e entrem de volta no estábulo. Daí, quando você conseguir tirar um seis no dado, você decepa a cabeça de um dos seus cavalinhos. Quem conseguir decapitar todos os seus cavalinhos primeiro ganha o jogo e se levanta e grita "É issaí". Depois disso, é sua própria responsabilidade continuar vivo até a***

chegada do Batalhão de Choque.

— O que deve significar que o Desvi-O-Matic também está desligado, certo?
— Bastão verde no buraco verde, garoto.

> ***Outra Nota do Guia: Já "bastão verde no buraco verde" é referência a um jogo de associação muito simples muito usado por professores em turmas de adultos especiais em Betelgeuse V, onde o presidente Beeblebrox cresceu. Um equivalente de Striterax seria: "Você parece orgulhoso demais para alguém que chegou a uma conclusão tão ridiculamente pífia, em que até um macaco teria pensado antes de você". Entretanto, você nunca ouviria um Silástico Armadenônio falar isso, pois eles não eram muito bons em referências. Todavia eram excelentes em chegar a conclusões. Normalmente, a conclusão era atingida ao mesmo tempo em que a cabeça da pessoa que discordava deles também era atingida com um porrete venenoso.***

— O que significa que podemos ser picotados em pedacinhos por aquele negócio de rede de lasers da morte, assim como o resto do planeta.
Zaphod bufou como se essa fosse a coisa mais louca que tivesse ouvido.
— A Terra não vai ser picotada, Arty. Não, os raios da morte vão superaquecer a superfície e vaporizá-la totalmente. A qualquer segundo.
— Isso é tranquilizante. Mas e nós?
— Ah, sim. A rede já deduziu como nos incluir nessa parada. Vamos ser picotados sem dúvida. Bastão verde e coisa e tal. Logo agora que eu estava começando a me sentir dono do meu próprio nariz.
Arthur encostou o rosto na janela da nave. Lá fora, os raios verdes dançavam silenciosamente pelo negrume, imensos pêndulos esmeraldas fervendo o planeta nos lugares onde tocavam. Quando os raios ficaram mais próximos, Arthur pôde ver que eram compostos de barras pulsantes, estalando com relâmpagos internos.
Um enorme e maligno raio oscilava na direção deles.
Minha filha vai morrer,* percebeu Arthur. *E isso me deixa realmente chateado. Aposto que hoje é terça-feira.
Afastou o rosto do vidro, que fez um pequeno plop.
— Tem que haver alguma coisa que a gente possa fazer! Ainda não estamos

derrotados, estamos?
Ford balançava seu palito da alegria embaixo do nariz de Zaphod.
— Você acha que se eu der outra baforada agora, vai contar como uma segunda baforada ou outra primeira?
— Será que a gente não pode fazer uma ligação direta no motor da nave?
Zaphod franziu a testa.
— Essa pergunta é fogo, cara. Talvez se *eu* der uma baforada, eu tenha um vislumbre e possa te responder.
Arthur descobriu que a glândula da surpresa estava bem e funcionando, afinal.
— Vocês não ligam que a gente vá morrer? Como podem agir assim?
Ford piscou para ele.
— No ponto em que a situação chegou, Arthur, de que adianta se importar?
— Não sei, Ford. Não sei mesmo. Mas tenho uma filha ali, naquela poltrona. É só com isso que me importo.
Houve uma batida à porta.
— Pode atender, por favor, terráqueo?
Arthur fez a gentileza de ter uma reação retardada e hesitantemente, para diversão dos betelgeusianos.
— Você sacou. É o seu... arkkkk!
— Você é engraçado, meu velho! — uivou Ford, dando um soco no ombro dele — Eu não disse, primo? Venho dizendo há anos. Arthur é de matar de rir.
— Vocês ouviram isso? — sussurrou Arthur, com medo de parecer muito esperançoso — Alguém no espaço batendo à porta?
A batida soou novamente, um *boing* alto que fez Arthur sentir como se estivesse dentro da torre do sino de uma igreja.
— Não ligue para esse *boing* alto — disse Zaphod — É só o toque da campainha. Posso colocar um clássico ding-dong se você preferir. Ou o canto do pássaro sinagudo, meu predileto.
Uma luz verde brilhou através da janela. Ela começou a borbulhar.
— Abre logo a porcaria da porta! — gritou Arthur, balançando bastante os braços para dar ênfase às suas palavras — Rápido.
— Não posso — respondeu Zaphod, calmamente — O pequeno Ix aqui quebrou a nave, esqueceu?
Trillian acariciou o cabelo de Random, para depois atravessar a cabine de comando até a escotilha de emergência.

— Improbabilidade? Vocês querem saber o que é improbabilidade? Dois idiotas como vocês estarem vivos por tanto tempo, isso sim é improvável.
Ela estendeu a mão para o que parecia ser um painel e puxou uma manivela.
— Maçaneta manual de emergência, lembram?
— Ei, meu doce, a nave não é minha, eu só a roubei.
Arthur agarrou a manivela e girou com força até o suor escorrer pelo seu queixo. O que não é tão heroico quanto parece, já que a proximidade dos raios mortais estava transformando a *Coração de Ouro* num forno muito eficiente.
— Rápido, Arthur — apressou-o Trillian — Anda.
Arthur abriu a boca para dizer que ele estava andando o mais rápido possível e que seria ótimo se ela pudesse fazer o favor de calar a boca já que ele havia passado o último século numa praia evitando fazer exercícios extenuantes. Aproveitou para perguntar também por que diabos ela tinha mandado uma surpresa em forma de filha, quando ele estava feliz em Lamuella, para depois dar o fora para cobrir uma guerra que nunca aconteceu? Na verdade, Arthur estava bem perto de falar tudo isso, mas achou melhor concentrar suas forças na manivela.
Bastante surpreendente foi o fato de que só pensar nessas coisas o fazia sentir-se um pouco melhor.
Os giros de Arthur excitaram uma pequena célula de plasma que enviou uma carga através da escotilha e energizou as moléculas o suficiente para precipitar uma transição de fase, transformando o metal em gás.
— Caramba, nunca imaginaria que era isso que ia acontecer — bufou Arthur.
Um humanoide alienígena alto e verde encarava-os na comporta, balançando os dedos. Era um espécime bastante impressionante, se seu critério para ficar impressionado envolvesse musculatura desenvolvida, testa larga, ar inteligente, olhos escuros e sofridos e um terno tão bem-cortado que só de pensar nisso, a pessoa poderia ficar com dor de cabeça.
— Peixes-babel? — disse o alienígena, numa voz culta porém ligeiramente vaidosa — Por favor digam que vocês têm peixes-babel.
— Todo mundo aqui tem peixes-babel.
— Ah, graças a Zárquon — disse o cara verde, entrando — Honestamente, se eu tivesse de entrar em mais uma sala cheia de resmungos e olhares vazios... O que há de errado com essas pessoas? É só comprar uma dúzia de

peixes e deixar que procriem.
— As pessoas são muito mão de vaca — concordou Zaphod.
O alienígena subitamente parou.
— O quê? Não. Não pode ser.
Zaphod jogou para trás uma mecha de cabelos.
— Tanto pode como é, rapaz.
— Zaphod Beeblebrox? O presidente da Galáxia?
— Vivendo e procriando, cara.
— Não posso acreditar. Bom, isso será uma reviravolta para meus arquivos. A gente dá uma parada nos confins inexplorados da região mais brega da Borda Ocidental da Galáxia, e quem encontra vagabundeando na atmosfera, senão...
— Zaphod Beeblebrox — completou Arthur, ansioso para apressar as coisas — Escuta, odeio cortar seu barato, mas esses raios estão chegando tremendamente perto. Especialmente aquele grandão ali.
O alienígena verde o ignorou.
— Senhor presidente. Quero lhe dizer uma coisa já faz muito tempo. Eu até *preparei* um discurso. Pode me dar um segundo? O senhor estaria me fazendo um grande favor.
Zaphod deu um passo atrás, para que o alienígena pudesse contemplar melhor cada centímetro dele.

> ***Nota do Guia: Tecnicamente, não havia alienígenas na nave, apenas viajantes espaciais. Assim que a identidade do "alienígena" for revelada, poderemos abandonar essa classificação.***

— Claro que pode dizer algumas palavras. Meus colegas vão se sentir honrados. Naturalmente, eu sou importante demais para me sentir honrado, mas posso ficar ligeiramente entretido.
O alienígena fez uma pequena reverência, enfiou a mão no paletó procurando um computador fino, localizou um arquivo de texto e pigarreou.
— O senhor, Sr. Presidente... — começou ele.
— Sim, prossiga.
— O senhor, Sr. Presidente...
— Você já falou isso, vá em frente.
— O senhor, Sr. Presidente, é a paródia de político mais filosofunculista,

imbecil e esteatopígico em quem jamais tive a boa sorte de não votar, e se eu pensasse, ao menos por um segundo, que esta merda de Universo merecia algo melhor, pagaria, e do meu próprio bolso, veja bem, alguém para assassiná-lo.

Zaphod só conseguiu captar pela metade a última ofensa.

— Esteato o quê?

— Esteatopígico. Significa bundão.

— Bundão! — ofegou Zaphod, passando a mão nos próprios lábios — Bundão?

As lembranças de Arthur continuavam retornando de tempos em tempos, por isso ele demorou um segundo, para se recordar, apesar desses estímulos tão bem verbalizados.

— Ei, eu te conheço. Você é o cara dos insultos.

— Ah, sim. Arthur Philip Dent. Idiota e bundão completo. Já cuidei de você, meus registros dizem isso.

Zaphod colocou as mãos nos joelhos.

— Bundão. Acho que vou desmaiar.

> ***Nota do Guia: O "alienígena", como pode ser revelado agora, é Wowbagger, o Infinitamente Prolongado, que se tornou imortal graças a um acidente envolvendo um acelerador de partículas e o desejo fortemente arraigado de não desperdiçar dois pedaços de elástico. Deve-se notar que pedaços de elástico tinham um significado especial para Wowbagger já que, na sua cultura, são considerados representações terrenas da circularidade e da elasticidade do deus Polifil-Ah. Depois do acidente, o arquimonge responsável pela área de promoções e vendas da Igreja de C&E proclamou que a recente imortalidade de Wowbagger era um claro sinal para os fiéis. Wowbagger, por sua vez, proclamou que imortalidade era um porre e que já estava de saco cheio de elásticos. Depois de alguns milênios mergulhado na mais tediosa das vidas, Wowbagger se propôs um desafio: visitar cada planeta ocupado no Universo e experimentar a cerveja local. Esse foi o início daquilo que os historiadores chamam de Período Âmbar, durante o qual Wowbagger descobriu que gostava mais de insultar pessoas do que de beber cerveja, então decidiu trocar de desafio. Ele determinou que seu novo objetivo seria insultar cada ser com o***

mínimo de inteligência do Universo, e em ordem alfabética. Como Wowbagger era um sujeito certamente bem-apessoado e sua nave era de um design peculiarmente arrojado, vários jornalistas procuraram-no para fazer reportagens, e rapidamente quase toda Galáxia soube de sua missão. Assim, muitas vezes Wowbagger descia num planeta só para descobrir a população mundial inteira já formando uma fila, em ordem alfabética, implorando para ser insultada, o que meio que tirava a graça do negócio.

— Você passou através da rede de raios mortais? — perguntou Arthur, ansioso — Na sua nave?
Wowbagger deu de ombros.
— Claro. Minha nave é feita de matéria escura e é alimentada por energia escura. Os grebulons operam com simples materiais bariônicos. Eles nem sequer conseguem entender minha nave, quanto mais impedi-la.
— Você pode desligar os raios?
Wowbagger guardou seu computador.
— Não. Eles estão livres no espaço real. A Terra está condenada, o que é uma pena, já que tinha muita gente para ser insultada em seu planeta. Mas, pelo menos, eu peguei o Beeblebrox, hein? Ele está fora da ordem, é verdade, mas a gente faz exceções para um idiota como ele. De modo que o dia não foi um desperdício completo — Wowbagger esfregou as mãos rapidamente — Pois é. Foi um prazer conhecê-los; provavelmente não haverá uma próxima vez.
Trillian acionou o seu sorriso de repórter.
— Sr. Wowbagger. Trillian Astra. Nós nos conhecemos em Nova Betel. O senhor teve a gentileza de me conceder cinco minutos de entrevista.
— Ah, sim. Nova Betel. Eu tinha acabado de insultar o rei, não foi? Chamei-o de pústula infeccionada. Foi um período meio decadente para mim. Tudo era infeccionando ou asséptico.
— Talvez o senhor tenha lido o meu artigo na *QuemÉ*.
— Nunca leio matérias da imprensa. A gente começa a acreditar no que lê. Olha só o Beeblebrox ali. Ele acredita que é um superastro dupal, em vez do filosofunculista tacanho que realmente é.
Zaphod tinha acabado de se recuperar do *bundão*, quando o comentário de tacanho veio como um soco no estômago.
— Tacanho? Ahhhh... Seu *monstro*.

Trillian insistiu:
— Fico pensando... Será que o senhor poderia nos dar uma carona? Só até o próximo planeta.
— Impossível — reagiu Wowbagger rispidamente — Eu viajo através do espaço escuro. Os mortais não devem ver o espaço escuro, ele os afeta.
— Estamos preparados para correr o risco. Não vamos causar nenhum incômodo.
Wowbagger levantou um sobrancelha.
— Beeblebrox não causaria nenhum incômodo? Duvido muito. Ele não é fugitivo de alguma coisa, por algum motivo?
Trillian colocou Zaphod em pé.
— O presidente vai se comportar. Não vai, Zaphod?
Zaphod murmurou alguma coisa.
— Viu? Ele disse *muito grato*.
— Acho que ele disse *eu te mato*.
Arthur balançou-se na frente de Zaphod, tentando atrair seu olhar maníaco-homicida.
— Você não disse isso, meu velho. Disse? Não. Porque seria insanidade, certo? Ameaçar a única pessoa que poderia salvar nossa vida.
Zaphod se ajeitou; a respiração rosnando fundo na garganta.
— Ele me chamou de tacanho bundão! Não posso permitir que continue vivo.
— Ah, merda — disse Ford.
O humor de Wowbagger transformou-se de um tédio educado para um tédio mal-educado.
— Você não acha que tentaram me matar antes? No meu ramo de negócios eu atraio inimigos como um flaybooz atrai fiapos de tecido.
Nesse momento, Random soluçou, com os punhos fechados.
— Para meu próprio entretenimento, nunca perco de vista meus perseguidores. No momento, estou sendo procurado por mais de 100 caçadores de recompensa, 16 naves do governo, alguns Espert-O-Mísseis e meia dúzia de aspirantes a imortais que adorariam comer meu coração e roubar meus poderes. Ah, se pelo menos fosse tão fácil assim! Eu anseio pela morte, desejando-a como este idiota deseja a publicidade. Estou vivo há tempo suficiente para saber que não há coisas como o amor perfeito. Tempo demais.
— Eu poderia te matar — disse Zaphod — Tenho alguma influência por aí. Conheço pessoas que sabem de coisas. Você já tentou lutar com a terrível Besta Voraz de Traal?
Wowbagger riu, sarcasticamente.

— Aquele saco de pulgas? Espero que você consiga pensar em algo melhor do que isso.
Arthur pôs as mãos no rosto e espiou pela janela. Agora, o raio estava quase em cima deles. Arthur jurava que podia ouvir um zumbido de energia, mas sabia que não era possível.
Provavelmente também é impossível eu conseguir ouvir os gritos agonizantes do pessoal lá embaixo, pensou.
— Trillian — chamou por cima do ombro — Seria incrivelmente bom se Zaphod parasse de falar. Você tem alguma arma de atordoamento?
Mas Zaphod estava só começando.
— Posso pensar em coisa melhor, sim. Já levou uma picada de uma bruxaranha?
— Na verdade, já. Eu as misturo nos meus coquetéis. Nunca sofri efeitos colaterais.
— Que tal um machado de plasma? Essas coisas cortam átomos.
— Não os meus. Fui atacado por quatro desses machados supostamente inquebráveis lançados por uma gangue de mercenários silásticos armademônios depois que eu disse que a mãe de um deles tinha uma cara de maúga que agasalha joriço. E advinha só. Eles se despedaçaram.
— Conheço um cara que me arranja duzentos gramas de Consolium. É só você passar essa coisa na axila, e em cinco minutos o serviço está feito, carinha.
Wowbagger estava perdendo o pouco interesse que tinha por essa conversa.
— O Consolium é um mito, Beeblebrox. Poupe-me de suas histórias mentirosas.
— Eu conheço deuses! — disse Zaphod, desesperado — Outros imortais. Aposto que eles podem te colocar no seu devido lugar.
Agora o raio da morte estava gigantesco, fazendo a nave vibrar, fatiando o espaço enquanto passava.
— Trillian! — gritou Arthur.
— Por favor, Sr. Wowbagger.
— Você conhece deuses? — perguntou o imortal verde, intrigado mesmo contra a vontade — Você conhece deuses de verdade? Classe A?
— Tenho o endereço de Thor bem aqui no meu comunicador. Basta uma palavra minha e você seria martelado.
— Deuses já tentaram me matar antes.
— E como isso terminou?
— Cale a boca Beeblebrox.
— Nunca um deus importante, aposto — disse Zaphod — Nunca um classe A.
Wowbagger assentiu, pensativo.
— Não, nunca um classe A. Nunca tive muito tempo para esses seres supremos. São uns bêbados, todos eles. Mas sem dúvida um golpe de Mjölnir, o lendário

martelo de Thor, bastaria para apagar minha existência. Você pode arranjar, Beeblebrox?
— Sou o único que pode.
— É verdade — disse Ford — O velho Barba Ruiva e Zaphod são amigos há um tempão.
Arthur não conseguia ver nada além do verde.
E, de novo, eu perco minha filha. Quanto sofrimento um homem pode suportar?
Wowbagger apertou um botão em seu fino computador.
— É melhor você não estar me enrolando.
Zaphod levantou o polegar de seu braço falso.
— Vai por mim, não é cascata. Você me chamou de bundão. *Agora* é uma questão de honra.
Wowbagger falou para seu computador:
— Estenda o escudo.
Uma claridade branca estalou pela janela e o raio destruidor passou sobre eles sem causar danos.

capítulo 4

Catástrofes planetárias não são grandes acontecimentos. Para falar a verdade, elas acontecem o tempo todo. Sóis em expansão fritam as superfícies que um dia alimentaram. Asteroides mergulham em oceanos de hidrocarbonetos. Planetas rodam para fora de suas órbitas alguns anos-luz, aproximando-se demais de um buraco negro e são lançados para o horizonte.
Seres quânticos mortos de fome devoram cada gota de energia de seus mundos nativos antes de se voltar uns contra os outros.

> *Nota do Guia: Este último acontecimento foi tema de um* Reality Show *transmitido para todo o sistema Tau de Sírius, chamado* O Último Leviatã. *Vinte e cinco mil câmeras foram jogadas na atmosfera de Lavarrego — um mundo devastado por quatro colossais criaturas voadoras — e bilhões de espectadores assistiram suas batalhas pela dominação mundial. Infelizmente, Rosinha, a leviatã favorita do público, conseguiu voar para além da atmosfera de Lavarrego e seguiu a trilha de câmeras sem fio até o sistema. Rosinha descascou a superfície de três planetas até o exército da federação conseguir congelá-la em hidrogênio líquido. A audiência bateu todos os recordes nos dois primeiros planetas, mas no terceiro o público ficou meio entediado e preferiu assistir* As Crônicas do Atrevido Chu, *um seriado que mostrava um passarinho arco-íris que ganhava superpoderes após tomar banho em uma misteriosa banheira para pássaros.*
> *Leituras Relacionadas:*
> "A pior ideia de todos os tempos", *de Gawn F'zing (ex-presidente da rede de comunicações e atualmente preso numa penitenciária federal).*
> "A vida além do bico", *de Grande J Jarrod (ex-astro infantil).*

Arthur Dent assistiu à morte de seu mundo pela última vez. A moldura da janela

fez com que tudo parecesse um programa de TV; como um antigo episódio do *Doctor Who*, quando os efeitos especiais podiam até ser charmosos, mas com certeza não eram muito sofisticados.
Quase dá para ver os fios, pensou Arthur.
Os raios eram do tipo tubular, o preferido dos animadores de televisão do fim do século XX, e a própria Terra parecia uma bola de futebol coberta de papel machê.
Mas é real. Horrivelmente real.
Os raios convergiram sobre todo o planeta, descascando-o como uma maçã verde-azulada. Arthur teve a certeza de que viu a Nova Zelândia se enrolar para longe das Antípodas, com uma cauda de 1.500 quilômetros de vapor e entulho logo atrás.
Sinto saudades da minha praia, pensou Arthur. *Sinto saudades de não saber nada com certeza.*
Em pouco tempo, o planeta foi engolfado numa nuvem de vapor e cinzas. Os raios destruidores convergiram para um ponto que parecia a ponta de um lápis e, com um empuxo assombroso, furaram completamente a Terra, atravessando-a de um polo ao outro.
Não é real, pensou Arthur, escondendo-se atrás de seus próprios dedos. *Não é real.*

Eu levei esse planeta ao cosmos, pensou Random Dent, com os olhos turvos de lágrimas. *Construí as pontes que curaram o câncer, transformei a pobreza em história, dei à banda Goldflake seu primeiro sucesso das paradas da Galáxia. Agora tudo se foi. Todas aquelas pessoas. O futuro. E meu pequenino Fertle.*

Trillian fechou os olhos. Durante sua carreira, ela viu devastação suficiente para uma vida inteira. Até mesmo para uma vida como a de Wowbagger. Muitas dessas destruições não tinham sido reais, é claro, mas isso não significava que ela fosse capaz de esquecer o que vira.
E o que consegui com todas essas reportagens pela Galáxia? Alguém foi salvo ou auxiliado?
Ninguém.
E quem ficou magoada e machucada?
Eu. E minha filha.
Mas, ao mesmo tempo em que pensava isso, Trillian Astra sentia uma pequena

coceira na mão, onde costumava ficar um microfone.
Alguém deveria estar cobrindo isso, disse uma voz minúscula, e persistente, dentro de sua cabeça. *As pessoas precisam saber.*

***

NAVE HIPERESPACIAL VOGON CLASSE BUROCRUZADOR, A FIM DE PAPO

Os vogons não são exatamente maus. É fato que ninguém gosta deles e que suas habilidades interpessoais não vão muito além de tentar não cuspir na pessoa com quem estão falando, mas nem por isso são maus. Isto é, eles não explodem o planeta dos outros sem ter a papelada necessária. *Com* a papelada, aí sim, eles viajariam até o fim do Universo, e a tantos outros universos paralelos quantos fossem necessários, para fazer o serviço. E, para dizer a verdade, a maioria deles não se importa nem um pouco de cobrir de cuspe a pessoa com quem está falando.

> *Nota do Guia: Há pelo menos um caso documentado de uma pessoa que tenha se afogado durante uma conversa com um vogon. Nesse acontecimento, um pequeno jatravartid teve a ousadia de apresentar um requerimento e o afronte de afirmar que era um documento legal. Abalado, o balconista vogon teve um acesso de tosse, no qual o jatravartid foi atingido por um pequeno monte de catarro gelatinoso; ficando assim desacordado e submergindo rapidamente.*
> *Leituras Relacionadas:*
> "Vinte mil passatempos para fazer em uma fila vogon", *de Magyar Ohnfhunn (escrito em uma fila vogon).*
> "Outros vinte mil passatempos para fazer em uma fila vogon", *de Magyar Ohnfhunn (escrito pertinho do fim da fila).*
> "Todos os vogons são uns escrotos e devem morrer" *de Magyar Ohnfhunn (escrito logo depois que a portinhola baixou sobre sues dedos).*

Os vogons são uma raça incomum, pois exibem características como teimosia, falta de compaixão e um exagerado gosto por poesia extremamente ruim em seu DNA. Todos os vogons são desse jeito e não há exceções documentadas.

> *Nota do Guia: Na verdade, há boatos sobre a existência de um grupo*

secreto, que se encontra em um planeta fora do aglomerado de Megabrantia, chamado Vogons de Corações Puros. Eles gostam de sentar-se em círculos e simplesmente bater papo, sem ter que preencher toda a papelada necessária antes.

Além disso, os vogons não são fisicamente atraentes. Se a beleza está nos olhos de quem vê, então quem vê certamente não será um vogon, pois até eles sabem como são horrendos. A cabeça de um vogon se assemelha bastante a uma gigantesca ameixa com rugas um pouco mais profundas no lugar dos olhos e da boca. O corpo é um amorfo monte de carne verde e oleosa, com pouquíssimos ossos e muitíssimas dobras de gordura. Os membros são fracos, ineficazes e parecem se posicionar quase aleatoriamente. Em suma, se uma criança perturbada recebesse um ovo cozido, uma uva-passa e alguns fios de macarrão para brincar, o que quer que ela fizesse iria se parecer com um vogon.

Mas, se todos os vogons são igualmente repulsivos e sádicos burocratas, como alguém consegue ser bem-sucedido na sociedade deles? Simples: é só ser mais vogonesco do que outros. Os vogons têm até uma palavra para isso. Quando um deles se destaca na realização implacável de seu dever, quando o número de cadáveres e de horas trabalhadas é enormemente desproporcional à importância da tarefa, quando um vogon avança onde outros teriam se acovardado perante desafios como Zonas Plurais, hordas de Silásticos Armademônios ou lágrimas de viúvas, ele é citado nos gabinetes do poder como alguém que tem *Krumpst*.

Por exemplo:

— Sabe aquele Prostetnic Vogon Bierdz, você viu o trabalho que ele fez no orfanato? Não sobrou praticamente nenhum tijolo. Aquele cara tem muito *krumpst*.

— É. Ele é um verdadeiro *krumpsteiro*. Tem *krumpst* saindo por todos os seus *krimpteres*.

Sempre que um vogon importante usa o termo *krumpst*, todos os outros presentes devem reagir levantando os braços e repetindo a palavra com muito entusiasmo e cuspe.

A palavra *krumpst* descreve perfeitamente Prostetnic Vogon Jeltz. Parecia ter sido feita para ele. Em sua notável carreira como comandante de frota, nenhuma vez ele deixou de cumprir exemplarmente as tarefas designadas. Quando os habitantes de Rigannon V foram contrários a uma pequena mudança da órbita de seu planeta, alegando que essa modificação causaria, instantaneamente, uma nova era do gelo, quem havia encomendado um radiante espetáculo de fogos de artifício no hemisfério norte para distrair os rigannonons das naves que

realizariam o serviço pelo hemisfério sul? Jeltz, claro. E quando os pequeninos Pia-pia Pena Azul se recusaram a levar a sério o referendo sobre completa e total submissão de sua espécie às outras, quem havia destruído seu habitat e todos aqueles naturalistas amarrados às árvores? Novamente, foi Jeltz. E agora, no melhor momento de sua carreira, com apenas uma nave ele conseguiu usar os grebulons para destruir *todas* as Terras em *todos* os Universos paralelos — afinal a última coisa que viajantes interestelares querem são planetas aparecendo de surpresa uma viagem sim, outra não.

Se o conselho de planejamento tivesse um trabalho difícil que precisasse ser realizado, Prostetnic Jeltz tinha o *krumpst* necessário para fazê-lo. De fato, ele até tinha uma foto sua pendurada na Parede da Fama do *Krumpst*, ao lado de todos os grandes burocratas da história vogon. Vrunt, o Negador; Sheergawz, o Carimbador; e até mesmo seu arqui-inimigo: Hoopz, o Embromador. E agora, o próprio Jeltz. Tradicionalmente, todas as fotos eram tiradas por trás, e seguiam para o Salão do *Krumpst*, onde ficava a Parede da Fama do *Krumpst*.

Jeltz estava sentado na cadeira de comando na cabine de sua nave, a *Fim de Papo*, imaginando que epíteto lhe dariam quando ele voltasse a Megabrantis.

Jeltz, o Destruidor. Esse soava bem, mas parecia meio exagerado. Afinal, ele raramente destruía um planeta sem ter a papelada necessária.

Jeltz, o Imbatível. Era bom, mas fazia com que parecesse um piloto de corridas.

Sempre que Jeltz fazia a brincadeira dos epítetos, lhe vinha à mente o apelido carinhoso que seu pai lhe deu: Jeltz, o Safado Completo. Isso sintetizava tudo, realmente. Jeltz se lembrava de um dos primeiros poemas que tinha escrito.

— Safado Completo — disse, numa voz de trovão distante:

“Não brincas
Nuca mais
Junto ao buraco profundo.
Baixa tua marreta
E balança os braços bambos
Contra um mundo de sol e pele esticada.
Aprenda bem o ódio,
Meu pequeno Safado Completo.”

Jeltz sentiu algo no canto do olho. Um grão de poeira, supôs, e deu-lhe um peteleco.

Constante Mown, um subordinado, apareceu ao seu lado com um daqueles ridículos coletores de baba no queixo que estavam tão na moda entre os jovens.

— Prostetnic Jeltz?
— Obviamente, Constante. Eu uso um crachá com meu nome para ajudar as pessoas a saberem quem eu sou. Isso poupa tempo quando está lidando com idiotas.
O subordinado balançou a cabeça.
— Certamente, Prostetnic. Claro, senhor.
— Quer alguma coisa, Constante Mown?
— O senhor pediu para informar quando estivéssemos prontos para entrar no hiperespaço.
Jeltz não conseguiu conter um suspiro de satisfação. *Hiperespaço*. Dizem que os vogons só conseguem experimentar uma sensação de felicidade quando estão no hiperespaço. A pele é repuxada para trás, os ossos ficam esticados, de modo que uma pessoa quase consegue se sentir evoluída. Havia também uma falta de controle com a qual ele se deleitava, além de uma pequena chance de ir parar em algum lugar do Universo sem o visto adequado.
— Muito bem, Constante. Programe nosso curso através do espaço onde estava a Terra. Será bom ser o primeiro a usar essa futura via expressa, agora que não há mais planetas no caminho e nenhum terráqueo para reclamar.
Constante Mown olhou para os dois lados, depois se imobilizou, a cabeça inclinada como um colchão de Squornshellous Zeta.
— Algum problema, Mown?
Mown sempre odiava dar *qualquer* tipo de notícia. Por experiência, ele sabia que notícias dadas aos superiores terminavam, invariavelmente, sendo *péssimas* notícias, mesmo que parecessem ótimas quando se abria a boca para falar.
— Não, senhor. Nenhum problema. Como o senhor disse, não há mais Terra...
O lábio inferior de Jeltz tremia ligeiramente.
— E nenhum terráqueo — falou Prostetnic — A ordem diz claramente que nenhum terráqueo deve permanecer vivo. O Conselho de Planejamento do Hiperespaço Galáctico não quer humanos refugiados exigindo seus direitos num tribunal.
— Realmente, Prostetnic. Muito bem falado, frase muito bem estruturada.
Jeltz coçou o lado do corpo onde o dreno de rim estava irritando sua pele.
— *Há* algum terráqueo vivo, Constante?
— Há rumores de que eles formaram uma nova colônia na nebulosa de Cabeça de Cavalo — admitiu Mown, as palavras escorrendo para fora de sua boca.
Jeltz gorgolejou por um momento.
— Cabeça de Cavalo? O mítico planeta Magrathea não estaria supostamente nessa nebulosa?

— Exatamente, Prostetnic. Muito bem lembrado.
Uma veia tremeluziu numa das pálpebras de Prostetnic, manifestando sua irritação. Outra manifestação muito comum era arremessar o mensageiro da notícia irritante pela cabine de descomprimização.
— Você falou em rumores, Constante Mown. Que tipo de... rumores?
— Eles... os terráqueos... colocaram um anúncio nos classificados da revista *QuemÉ*.
— Um anúncio! — cuspiu Jeltz, ofendido por algum motivo — Mostre.
— Claro, Prostetnic.
Mown foi rapidamente até um terminal de computador, flexionou os dedos e depois socou o operador, no ponto sensível entre as omoplatas, até ele pôr a imagem correta na tela.
— Aqui está, Prostetnic. No momento, o link está inativo: eles não estão aceitando nenhum currículo.
Jeltz leu com cuidado o anúncio, gorgolejando o tempo todo.
— Gentileza deles ao fornecer as coordenadas — observou — O que faria, Constante? No meu lugar, quero dizer. Permitiria que esses terráqueos continuassem vivos? Afinal de contas, o planeta deles era o alvo principal. Você seguiria suas ordens ao pé da letra e faria a longa jornada até Cabeça de Cavalo para exterminar essa colônia?
Mown não hesitou.
— Somos vogons, Prostetnic. Não podemos preencher a papelada se os terráqueos não estiverem mortos.
— Excelente resposta, Mown — disse Jeltz — São 11 saltos até Soulianis, se não me engano.
Constante balançou afirmativamente a cabeça.
— Vou programar o salto agora mesmo. Podemos carregar os torpedos de Morte Desnecessariamente Lenta e Dolorosa durante a viagem. A estática do hiperespaço vai dar a eles uma energia extra.
Jeltz assentiu, aprovando.
— Você, Mown, é um safado completo.
Mown tentou prestar continência, lançando o minúsculo braço em direção à gigantesca goela.
— Obrigado, papai — disse.

***

Astronave de Wowbagger, a Tanngrisnir

Arthur Dent acordou ao som das ondas na praia.

Uuuush na vinda, chuá na volta.

Os ruídos vinham de baixo e do lado esquerdo de sua cama. Exatamente como deveria ser. Os pássaros sinagudos iniciavam suas estripulias matinais de exibição, batendo as largas asas e cantando canções sexualmente sugestivas, esperando atrair a atenção de uma fêmea com plumagem arco-íris.

Estou em casa na minha praia. Tudo aquilo sobre a Terra explodindo e alienígenas verdes foi um pesadelo. Quer dizer, foi bom ver todo mundo de novo, mas por que sempre tem que ter um genocídio envolvido?

Arthur sentiu alívio e inspirou fundo, inflando os pulmões, adorando ter de volta sua rotina.

Chá Rich ou um digestivo? Talvez um Earl Grey hoje. Por que não?

Permaneceu na mesma posição, deixando o corpo se aquecer. Na sua idade, não era bom fazer movimentos súbitos, qualquer que essa idade realmente fosse.

Pensando bem, talvez o sonho não tivesse sido tão ruim assim. Ele havia praticamente corrido a rampa da nave de Zaphod, e nenhuma junta pulou do encaixe dos ossos. E certamente não sentira falta dos pelos no nariz.

Talvez eu devesse arranjar um cortador de pelos de nariz. Nada muito sofisticado.

Não! A coisa começa com cortadores de pelos do nariz e, quando você vê, tem um bar de Zylatbúrgueres na sua porta. Nada de comércio. Nada de contato.

Arthur abriu os olhos e ficou momentaneamente aliviado ao ver o interior de sua cabana de madeira, mas então notou algo no cantinho do teto. Um relógio digital marcando uma contagem regressiva, com palavras na parte de cima. Fechou o olho ruim e leu o que estava escrito.

Segundos para a realidade, diziam as palavras. Pelo jeito faltavam cinco segundos para Arthur voltar para a realidade.

Cinco... quatro...

Mais realidade, pensou Arthur. *Droga.*

Quando o relógio marcou zero, a praia foi desligada e Fenchurch apareceu no teto de Arthur, com seu sorriso charmosamente torto, com aquelas sobrancelhas arqueadas que pareciam ter sido pintadas a óleo e olhos azuis brilhando.

Eu posso te ver, querida. Isso é real.

Mas, é claro, não era.

— Olá — disse Fenchurch — Bem-vindo à sua consciência. Se você gostou de

sua experiência acorda-fácil feita sob medida, por favor, dê uma estrela de ouro para o programa. Você gostaria de deixar uma estrela de ouro desta vez?
— Hein?
— Gostaria de deixar uma estrela de ouro desta vez? — perguntou o computador, aumentando um pouquinho o volume.
— Ah... quero. Fique com uma estrela. Fique com duas, por que não?
Fenchurch sorriu, o que foi difícil para Arthur ver. Ela era tão linda.
— Obrigada, Arthur Dent. Foi um prazer monitorar seus sonhos.
E assim, instantaneamente, ela desapareceu.
De novo.
Mas não menos dolorosamente do que da primeira vez.
A realidade era um pequeno quarto dentro da astronave de Wowbagger, com paredes cinzentas e um cubículo no canto. Arthur achou que uma ducha quente seria extremamente legal, mas não uma longa demais, pois ele acabaria relaxando e voltando a pensar em Fenchurch.
Mas *não* pensar em Fenchurch seria muito difícil, percebeu Arthur, já que o rosto dela estampava a porta do banheiro:
— Sou o Facilitador Corporal de seus aposentos — disse a interpretação computadorizada de seus sonhos — Diga o que quer. Por favor, comece a frase com “Eu desejo...”
Parecia bastante simples.
— Desejo uma bela ducha — disse Arthur — Desejo fazer a barba. E me sentir bem.
— Ducha, barba e sentir-se bem. É isso que você deseja?
— Afirmativo — respondeu Arthur, entrando no clima.
— Por favor, entre no cubículo, Arthur Dent.
Arthur desabotoou a camisa, mas parou logo depois.
— Fenchurch... Ahhmm, computador, será que eu poderia ter um pouco de privacidade?
— Eu sou o computador. Não existe privacidade.
Era ridículo, Arthur sabia. Aquilo não era Fenchurch, era uma imagem arrancada de sua memória.
— Ainda assim, será que você poderia fechar os olhos?
— Eu não tenho olhos.
— Então, desligue as câmeras e vire o rosto para o outro lado.
— Só enquanto você estiver no Facilitador. Depois disso, voltarei a monitorar.
— Como quiser — disse Arthur, largando as roupas dentro de um cesto, que fez um barulho similar ao de um espirro.
— Merda! — disse o computador.

— Que linguajar é esse para um computador?
— Tirei essa expressão da *sua* memória. Aparentemente, você a usava o tempo todo na BBC.
— Tinha bons motivos — murmurou Arthur — Produtores desgraçados.
— Essas roupas estão classificadas com um nível de fedor 12 e, além disso, estão transportando diversos vírus, para não mencionar 12 milhões de ácaros, que, na verdade, acabo de mencionar. Seus padrões de fala são muito estranhos, Arthur Dent. De qualquer forma, essas roupas precisam ser destruídas.
— Espera aí!
— Não posso, Arthur Dent. Alguns desses ácaros podem entrar nos meus circuitos e aí, onde iríamos parar? Ficaríamos flutuando mortos no espaço. Pode dar adeus à sua cueca.
O cesto resmungou e estremeceu um pouco enquanto as roupas de Arthur eram incineradas.
— Muito bem, você tem cinco minutos sozinho no cubículo. Cinco minutos, e então minhas câmeras serão ligadas novamente.
O rosto de Fenchurch desapareceu e Arthur pisou hesitante no cubículo.
— Nada de espiar, hein?
— Quatro e cinquenta e nove, Arthur Dent. Quatro e cinquenta e oito...
— Tá legal, já entrei, já entrei — Arthur olhou em volta — Não vou precisar de uma toalha?
— Para quê?
Arthur mal teve tempo de se perguntar em que tipo de banho estava, até que dúzias de lasers foram disparados de nódulos de cristal embutidos nas paredes, cobrindo-o com luz carmesim.
Seu primeiro pensamento foi que ele tinha acabado de entrar em um cubículo da morte, mas, quando abriu a boca para gritar um laser entrou dentro dela e raspou a superfície da sua língua. Levantou um braço para cobrir a boca, e outro laser apareceu para aparar e lixar suas unhas. O banho de laser era meticuloso e, Arthur percebeu, não totalmente desagradável, quando finalmente conseguiu relaxar e aceitar o que estava acontecendo. A sujeira e as células mortas da pele foram retiradas e coletadas por uma bandeja de vácuo reciclador. Ele escolheu um penteado num catálogo virtual e seu couro cabeludo pinicou enquanto os raios ajeitavam suas madeixas.
— Por favor, sorria, Arthur Dent — ordenou o computador.
Arthur obedeceu e seus dentes sofreram branqueamento por um raio tremelicante.
Estou me sentindo bem, percebeu Arthur. *Como não me sentia há anos.*
A nuvem de pele, cabelos e sujeira assentou, Arthur saiu do cubículo e encontrou

um terno na cama. Quando viu a roupa, encolheu-se. Demorou um minuto para saber por quê.
— Caramba — ofegou — É da Eaton House.
Era seu uniforme da escola, inclusive a gravata listrada e o bonezinho verde.
Fenchurch reapareceu na parede.
— Está se sentindo bem, Arthur Dent?
— É... estou. Estou, sim. Não tem outra roupa para eu vestir?
— Você sonhou com isso, Arthur Dent. Foi por isso que fiz um do seu tamanho. Infelizmente, não há mais créditos de roupas para este ciclo. Há algo de errado com esta vestimenta?
Arthur passou o dedo pela lapela vermelha do paletó.
— Não. Nada de *errado,* acho. Só que é um uniforme de escola.
— Está limpo.
— É, eu sei.
— Livre de vírus e ácaros.
— Que ótimo, mas não é nem um pouco adequado à minha idade.
— E tem um certo valor nostálgico, admita. Eu o ajudei a recapturar sua juventude, Arthur Dent. Não recebo nem um muito obrigado?
— É, pode ser.
— Pode ser? Que merda!
— Certo. Tudo bem. Muito obrigado.
Fenchurch ficou magoada.
— Depois de tudo que fiz por você! Recuperei sua visão e seus rins.
— O quê? — perguntou Arthur, alarmado.
— Não notou que sua visão está melhor? Consertei sua retina. Além disso, minhas leituras detectaram um punhado de pedras em seus rins, então as pulverizei.
Arthur fechou seu olho bom e percebeu que o outro também estava bom.
— Incrível. Mas você não deveria ter perguntado antes?
— Deveria? Wowbagger me permite escolha independente em questões de saúde. Se você voltar ao cubículo, posso devolver o olho ao estado original.
Arthur piscou e, quase instantaneamente, apreciou a sensação de voltar a enxergar bem com os dois olhos.
— Não. Não, Fenchurch. Gosto muito dessa nova visão. Agradeço imensamente.
O computador sorriu.
— Não foi nada, Arthur.
— E as pedras nos rins. Imagino que tinha um monte delas. Seria bem doloroso. De forma que agradeço por isso também.
— E as roupas?

— Perfeitas — respondeu Arthur, afavelmente — Se você puder se retirar, posso vesti-las.
— Ganho uma estrela dourada?
— Vai fundo.
— Obrigada, Arthur.
Fenchurch desapareceu e Arthur vestiu seu uniforme escolar.
Poderia ser pior, pensou. *Poderiam ser calças curtas.*
— Obrigado, Fenchurch — sussurrou.

Arthur trombou com Trillian no corredor.
— Nossa! — disse ele, perplexo — Você está fantástica, Trillian.
— Verdade, Arthur?
Arthur Dent tinha um defeito de personalidade tipicamente inglês, onde dissecava qualquer elogio que fazia logo depois de fazê-lo, e acabava completamente atrapalhado.
— Quero dizer... você está sempre fantástica. Não que não estivesse fantástica antes. Agora está mais que fantástica. Mega-fantástica, é isso que devo dizer, já que estamos no espaço e coisa e tal.
Trillian usava um elegante terninho azul-eletrizante e botas longas.
— O computador escolheu essa roupa da minha cabeça. Usei isso quando entrevistei o presidente da Companhia Cibernética de Sirius. Ou melhor, sonhei que tinha usado, na elaboração mental.
— Bom, tanto faz. Cai muito bem em você.
— Além disso, o computador me fez um peeling facial — confessou Trillian, inclinando-se para perto dele — E equilibrou meus níveis de vitaminas e sais minerais. Estou me sentindo disposta para correr uma maratona.
— Eu também.
Trillian puxou levemente a manga do paletó de Arthur.
— Nem preciso perguntar que escola você frequentou.
— Por sorte não sonhei com uma discoteca em Cottington, ou estaria usando ombreiras nesse momento.
— Mas o boné é legal.
Arthur tirou-o rapidamente da cabeça e enfiou num bolso.
— Nem percebi que tinha posto. Deve ser o hábito. Viu o Ford por aí?
— Na verdade, sim. Ele passou rapidamente por mim, em direção à cabine de comando.
— Tinha alguma coisa diferente nele?
Trillian franziu a testa.

— O cabelo parecia ter um brilho incomum. E estava azul.
Arthur não se surpreendeu com isso.
— Acho que era apenas questão de tempo. Ei, qual era a aparência do computador no seu quarto?
— Do meu gato, Copérnico. Imagina só. Uma ideia muito inteligente. E do seu?
Arthur olhou pela escotilha, em direção ao negrume profundo e interminável do espaço.
— Só um computador. Sem rosto. Não se parecia com ninguém.

A longa, esguia, dourada e interestelar astronave de Wowbagger seguia a toda velocidade e silenciosamente na direção de Alfa do Centauro, os motores de matéria escura revolvendo atrás, a vela solar acima e a *Coração de Ouro* pendurada embaixo dela como um bebê flaybooz na bolsa do pai.

> *Nota do Guia: Contrariando a norma quase universal, é o flaybooz macho que alimenta o filho. Um flaybooz adulto pode carregar até 50 bebês na bolsa, mas geralmente só há espaço para dois, já que eles também gostam de ter à mão um pequeno kit de ferramentas para emergências, algumas cervejas e o último exemplar da revista trimestral* Bolas de Pelos.

Ford Prefect espiou dentro da cabine de comando e ficou tremendamente impressionado.
— Isso é realmente incrível, Wowbagger. Matéria escura. Setenta por cento do Universo é feito dessa coisa e a gente nem consegue vê-la. Como se faz uma nave com matéria escura?
Wowbagger deu de ombros.
— A Tanngrisnir? Não sei, comprei de um cara há um tempo.
— Só isso? Comprou de um cara?
— Ele jura que a roubou de Thor. Sabe, o Deus do Trovão? É a nave longa dele, daí o design ultrapassado.
— Sei quem é o *Thor*. Conheci-o numa festa.
— Parece que Tanngrisnir era o nome de um de seus bodes. Eu ia substituir a figura chifruda horrorosa da proa, mas ouvi dizer que Thor é meio tapado e achei que ele não fosse reconhecer a nave com um símbolo novo. Eu tinha esperanças de que ele viesse atrás de mim, para estourar meu cérebro com o martelo.
— Foi muita inocência de sua parte — supôs Ford.

— É o que parece. Até agora, nenhum sinal dele — Wowbagger pulou da cadeira — Olha, será que dá para não mexer nisso?
Random brincava com um botão reluzente no painel.
— Desculpe — disse ela, embora quisesse falar algo totalmente diferente.
— É que eu já vivo sozinho há algum tempo e as coisas estão exatamente como eu gosto. Basta apertar o botão errado e, num segundo, nós seríamos ejetados para o lado de fora, o que seria um ligeiro incômodo para mim, mas algo muito mais sério para gente como vocês.
— Então, o que esse botão que te deixa tão preocupado faz?
— Aciona minha cafeteira.
— O quê?
— Demorei décadas para conseguir programar a espuma exata.
— Ah, pelo amor de Zárquon.
— Tudo é Zárquon para você. Deveria demonstrar um pouco mais de gratidão. Acabei de salvar sua vida.
— Eu não te pedi para fazer isso — respondeu Random, com os olhos chamejando por baixo da franja comprida.
Wowbagger começava a se arrepender de ter trazido aquelas pessoas a bordo, mas o salto no hiperespaço os teria matado se estivessem na *Coração de Ouro*. Sem escudos, sem para-choques, sem giroscópio, seriam sacudidos como contas num chocalho viajando a velocidades inimagináveis e sem cintos de segurança apropriados.
— Tenho o enorme prazer de informar, minha jovem, que não serei objeto de sua aversão por muito tempo.
— Mas eu gosto de sentir aversão por você — respondeu Random, com doçura.

> *Nota do Guia: Dado o instantâneo e profundamente irracional ódio que Random Dent sente por Wowbagger, o Infinitamente Prolongado, é inevitável que, eventualmente, ele acabe se tornando seu padrasto. O famosíssimo ator Angus deBeouf, que interpretou um psiquiatra na novel* Psic-O-Rama *durante sete anos, postulou que a atração que as mães solteiras sentem por certos homens é inversamente proporcional à repulsa que suas crias adolescentes sentem pelos mesmos. Apesar de não ser um psiquiatra de verdade, o Sr. DeBeouf tem quatro cérebros e cabelo sedoso, de forma que suas opiniões são sempre levadas a sério, especialmente pela parcela da população galáctica que assiste TV à tarde.*
> *Leituras Relacionadas:*

“O adolescente feliz: Uma obra de ficção”, *de Jimmy Habrey K.*
“Confie em mim, interpreto um médico”, *de Angus deBeouf.*

Wowbagger tirou uma máscara de respiração do nicho na parede e colocou-a sobre o nariz.
— Eu tinha me esquecido de como as pessoas eram — disse, respirando fundo — Use essa experiência. Tire dela a força para sempre seguir em frente.
— Você se importaria em usar seu gás mágico *depois* que a gente sair da nave?
Wowbagger pôs a máscara de volta no lugar.
— Não é um gás mágico, criança petulante vestida de modo estranho. Eu engarrafo a atmosfera do meu mundo natal. É praticamente feita de dióxido de carbono e substâncias tóxicas, mas me acalma — Ele deu um largo sorriso para demonstrar tranquilidade — Agora, por favor, não toque em mais nada na minha cabine de comando, ou vaporizo você na hora, adolescente odiosa. Na minha época, os adolescentes que respondiam aos mais velhos eram mergulhados num balde cheio de mandarins chapéu-de-cogumelo.
— E quando foi isso? Logo depois do Big Bang?
— Só mais uma palavra. Diga só mais uma palavra, e você vai ver. Eu tenho alguns mandarins chapéu-de-cogumelo por aí, em algum lugar.
— Essa atmosfera engarrafada não está realmente funcionando, não é?
— Não — admitiu Wowbagger — Na verdade, está me dando um pouco de dor de cabeça. Ou talvez seja você a causa disso.
Random retornou ao velho estilo de sempre:
— Eu odeio você! — berrou e saiu batendo os pés, presumivelmente para arranjar mais roupas pretas.
— Não se sinta mal — disse Trillian, antes de correr atrás da filha — Ela odeia todo mundo.

Outra Nota do Guia (próxima demais da anterior, é verdade, porém bastante explicativa): Os mandarins chapéu-de-cogumelo são uma espécie de água-viva extremamente tóxica, cujos tentáculos são carregados de veneno alucinógeno. Os efeitos de uma picada de um mandarim, normalmente, vêm em três processos. O primeiro é uma dor bastante aguda. O segundo, um inchaço vermelho e feio — que, inclusive, pode infeccionar se não for tratado com um unguento de fezes de mandarim chapéu-de-cogumelo. E o terceiro processo é uma repentina consciência total de si mesmo, graças à enteogênese do veneno. Ao ser picada, a reação da vítima é mais ou menos assim:

> “Aiiii. Zark, isso dói!”
> *Depois:*
> “Ah, não; Olha esse inchaço vermelho e feio. E vou participar do concurso de Rei da Praia daqui a 15 minutos!”
> *E, finalmente:*
> “Caramba! Eu sou um misógino bundão que nunca foi amado pelos pais!”
> *Se a pessoa for alérgica ao veneno do mandarim, pode experimentar uma autoconsciência completa, levando à esquizofrenia imediata ou a uma carreira brilhante de apresentador de Talk-show.*

Wowbagger conseguiu juntar os passageiros do sexo masculino ao redor da mesa da nave com a promessa de uma Porrada de Dragão, um drinque tão fantástico que fazia a Dinamite Pangaláctica ter gosto de água suja. Esse argumento não impressionou muito Zaphod, já que ele desenvolvera um certo gosto por água suja durante um cruzeiro estatal particularmente chato no mar Tranquilo Sem Surpresas Por Favor, no planeta Inocuadamis, durante seu primeiro ano como presidente.
Sentaram-se em uma mesa de obsidiana, que oscilava e crescia à medida que mais pessoas ocupavam cadeiras.
— E aí, qual é a dessa Porrada de Dragão? — perguntou Ford, passando os dedos pelas madeixas azuis — Melhor do que uma Dinamite Pangaláctica? Sinceramente, só vou acreditar nisso quando acordar daqui a uma semana do outro lado da Galáxia, sem rins, com três esposas e uma tatuagem.
Wowbagger sorriu, confiante.
— Ah, acho que você vai apreciar isto, senhor Prefect. É absolutamente inigualável.
— Espero que não seja um negócio replicado pelo seu computador. Quero algo de verdade.
— Não é replicado, fique tranquilo.
Uma bandeja flutuante veio da cozinha e depositou com habilidade um copo de cristal diante de cada homem sentado à mesa.
Zaphod farejou o conteúdo do copo.
— Tem cheiro de água, parceiro.
— *É* água — confirmou Wowbagger — Água pura de fonte de megamontanha de Magramal.
— Grande coisa.
— Tenha paciência, Bundão.

— Não há necessidade de me tratar assim. Já prometi fazer com que você seja morto.
Wowbagger tocou na mesa, que ondulou e apresentou uma tigela com pequenos ovos pintados.
— São ovos de dragão marinho. Os dragões marinhos são uma nova espécie de minúsculos singnatídeos encontrados apenas nas águas rasas das praias tropicais de Kakrafoon.
— Eu deveria estar tomando nota disso? — perguntou Ford, animadinho.
Wowbagger foi adiante.
— Os machos saem do ovo a cada 10 anos e vivem por quatro segundos. Quando morrem, sua essência, a alma por assim dizer, é liberada na água.
— Estou interessado contra minha vontade — disse Zaphod — Beber alma. Parece maravilhosamente depravado.
— Façam como eu — instruiu Wowbagger.
O imortal esverdeado jogou um ovo em sua bebida, depois esperou enquanto uma lâmpada infravermelha iluminava o copo por baixo. Segundos depois, o ovo ficou translúcido e um pequeno dragão marinho podia ser visto retorcendo-se lá dentro.
— É igualzinho a um dragão, só que marinho — disse Zaphod, com espanto infantil.
O dragão abriu caminho mordendo o ovo, andou desajeitadamente por alguns segundos, depois apertou um garra contra o coração e começou a vibrar. Uma minúsculo nuvem dourada, cheia de relâmpagos, se espalhou do peito para a água.
— Agora goela abaixo — disse Wowbagger, e engoliu tudo.
Ford e Zaphod o acompanharam e imediatamente caíram de suas cadeiras. Ficaram rolando pelo chão, cantando em perfeita harmonia a cena de Meli-Meli da ópera *O Grande Desastre Hrung* do célebre autor Pantheoh. Em cubo de gel flutuante sobre o painel de sensores e fios, Cérebro Esquerdo cantava a terceira voz.
— Hmm — disse Wowbagger — Em mim, esse negócio só causa azia.
Arthur decidiu não experimentar uma Porrada de Dragão.
Vinte minutos depois, Ford e Zaphod estavam de volta às suas cadeiras, rindo baixinho um para o outro.
— Muito bem — disse Wowbagger, batendo palmas — O Bundão e seu babuíno se divertiram. Será que podemos ir ao fundo dos negócios agora?

> *Nota do Guia: A expressão "ir ao fundo dos negócios" teve origem, supostamente, em Chalesm, onde a espionagem industrial era tão*

sofisticada que os executivos eram obrigados a fechar seus negócios em profundos poços de minas de íon, cobrindo-se de pesadas lonas, usando disfarces e falando em código através de radiotransmissores. Todas essa preocupações garantiram que nenhum dos dois empresários tivesse a menor ideia do negócio que haviam fechado. Certa vez, um representante sindical fez um anúncio para todo o planeta garantindo dar pensão para todos os membros da corporação quando, na verdade, ele tinha prometido seu membro sexual para um pensionista. E a greve continua até hoje.

Arthur não entendeu muito bem.
— Negócios? Que negócios? Você não vai simplesmente nos deixar no espaçoporto mais próximo?
— Não antes de vocês me matarem.
— Mas você não é imortal?
— Você não estava escutando? O Bundão *prometeu* me matar.
— Qual é? — questionou Zaphod — Agora você só está fazendo isso de maldade.
— Sou Wowbagger, o Infinitamente Prolongado. Ser *malvado* é minha vocação. Ainda não tinha deduzido isso?
Zaphod manteve a postura mais rígida que conseguiu, o que deixou o lado esquerdo de seu corpo completamente torto.
— Prometi te matar e vou fazer exatamente isso. Ei, mais alguém está ouvindo gente cantando?
— Eu, não — respondeu Ford, derrubando alguns ovos de dragão na sua bolsa — Não estou ouvindo nada. Especialmente, uma ópera que não está sendo executada aqui.
— A palavra de um Beeblebrox ainda vale alguma coisa nesta Galáxia. Portanto, não há necessidade de *continuar* me chamando de Bundão.
Wowbagger piscou para ele de um modo tão significativo que poderia ofender pedras.
— Só estou mantendo sua motivação, Beeblebrox. Imagino que você se distraia com muita facilidade.
— Ah, ele se distrai mesmo — disse Ford, rindo.
— Ei!
— Bem, é verdade. Lembra aquela vez com o mastro-de-grun e o balde de tortas voadoras? Naquela ocasião você deveria ter prestado atenção no que estava fazendo.

— É verdade. Fale mais uma vez.
Wowbagger ficou feliz em obedecer.
— Bundão.
— Oh — disse Zaphod — Estou pronto. Só vou desplugar Cérebro Esquerdo de onde quer que ele esteja plugado e posso dar o fora daqui.
Wowbagger levantou um dedo.
— Você não quis dizer *podemos* dar o fora daqui?
— Ah, não — disse Zaphod, subindo no painel de controle para alcançar Cérebro Esquerdo — Os deuses não gostam de visitas. Thor vai falar comigo porque nós temos um passado e eu sou mais idiota do que ele. Vou a Asgard sozinho.
— Eu também tenho um passado com Thor — disse Arthur — Eu o enfrentei uma vez e sobrevivi.
— Isso não costuma acontecer duas vezes — retrucou Zaphod — E os deuses nunca esquecem, de modo que você deve definitivamente permanecer nesta nave.
— Por que você não leva a Trillian? — sugeriu Ford — Se bem me lembro, Thor ficou a fim dela.
— Não — respondeu Zaphod, com firmeza — Thor anda meio mal-humorado nos últimos anos. Precisa ser abordado com jeitinho.
Ele enfiou a mão no cubo de gel reluzente e tirou Cérebro Esquerdo com um leve ruído.
— Como vai, cara? — perguntou, soltando sensores da gosma de Cérebro Esquerdo.
— Meio sonolento — respondeu Cérebro Esquerdo, piscando — Preciso acordar mesmo?
— Infelizmente, sim. Temos que ir embora.
Wowbagger lhe entregou um computador fino.
— Mantenha contato através disso. Ele está ligado à rede de energia escura. Funciona em qualquer lugar do Universo. Podemos encontrá-lo assim que você tiver Thor e, por favor, diga a ele que fui eu que roubei sua nave. Isso pode lhe dar alguma motivação. Não me obrigue a ir atrás de você.
Zaphod enfiou o computador no bolso.
— Certo. Estou pronto. Só preciso de dois milhões de fichas de crédito e saio daqui.
— Dois milhões de fichas de crédito?
— Achei que valia a pena pedir.
— Concentre-se, presidente esteatopígico. Concentre-se.
Zaphod rosnou.

— Você está mortinho da silva.
— É o que eu quero ver — respondeu o imortal esverdeado.

capítulo 5

Qualquer coisa pode ser real. Na verdade, tudo o que pode ser imaginado *está* acontecendo em algum lugar ao longo do eixo dimensional. Essas coisas acontecem mais de um bilhão de vezes, têm sempre o mesmo resultado e ninguém jamais fica sabendo de nada. O que quer que uma pessoa possa pensar, imaginar, desejar ou acreditar, já aconteceu. Sonhos se realizam o tempo todo, só que nunca para os sonhadores.

Pense em alguma coisa completamente louca, ou, se isso for um esforço muito grande para você, apenas coloque alguns substantivos e adjetivos aleatórios juntos.

Algas marinhas indignadas? Sem problema: as Hijiki Eternamente Magoadas de Damogran. Essas algas, constantemente irritadas pelos cardumes dos peixes Cabeçamarela de Três Listras, que, inocentemente, as empurravam para poderem mordiscar os tenros pólipos de corais, decidiram se unir e formar uma barreira impenetrável, impossibilitando o acesso ao recife. Um efeito colateral negativo disso foi que o recife se tornou estéril e morreu. As Hijiki haviam se apertado tanto que não conseguiram mais se separar e também morreram, junto com os odiados Cabeçamarela.

Que tal, então, palhaços assassinos? Fácil demais. Vamos acrescentar uma obsessão a vegetais. Digite isso no v-clado do Guia e você vai encontrar mais de um milhão de referências, sendo que a mais conhecida é a história de Bling & Blong, do Circo Mínimo. Eles eram dois palhaços minúsculos que se apaixonaram por Gerda, a Incrível Mulher Pepino. Depois de meses de briga e discussões, Bling jogou uma torta de creme recheada com ácido em blong, derretendo seu irmão caçula. Assim, Gerda finalmente se decidiu por Bling, mas ele ficou tão perturbado pela culpa que, uma noite, comeu acidentalmente sua noiva e morreu engasgado com a aliança.

E que tal essa: um certo ex-presidente de duas cabeças da Galáxia comprou um minúsculo planeta tropical dos magratheanos a preço de banana para depois vender a terráqueos milionários, que viveriam no maior conforto depois que o planeta deles fosse destruído.

Até que ponto *isso* seria inacreditável?

TANNGRISNIR

Arthur estava deitado na cama, olhando o céu onde Fenchurch pairava numa nuvem. Ela usava os mesmos jeans escuros, as mesmas botas de cano alto e a mesma camiseta roubada de quando ele a viu pela primeira vez, totalmente desacordada no banco traseiro do carro do babaca do irmão dela.
— A camiseta tem que estar molhada? — perguntou o computador.
— O quê? Ah, meu Deus, não. Desculpe, claro que não. Sou tão idiota!
— Só estou tentando ser o mais exato possível, acho. Posso representar essa tal de Fenchurch nua, se você quiser.
— Não, não — respondeu Arthur, tentando se convencer de que foi uma resposta imediata — Uma camiseta seca está ótima. É que chovia muito naquela noite, por isso eu também estava molhado, se é que isso me inocenta.
— Não é necessário explicar — disse a cabeça virtual de Fenchurch — Os convidados costumam se aproveitar de minhas representações realistas. Eu tenho um catálogo de celebridades, se você quiser dar uma olhada...
— Talvez depois. Pode me mostrar esses grebulons?
— Claro. Quer esquecer essa fase da sua vida, Arthur? Se você entrar no cubículo, eu poderia apagar as memórias com laser.
— Não. Eu quero vê-los por causa do modo como estou me sentindo agora.
— E como é que você se sente agora?
O sorriso de Arthur era tão culpado quanto o de um ladrão de galinhas.
— Não me sinto tão mal, para falar a verdade. Considerando tudo, até que me sinto muito bem. Sinto falta da minha praia, mas sabe, eu achava que perder a Terra de novo seria mais difícil. Mas não foi. Talvez, se eu puder olhar a cara dos responsáveis, me sinta um pouco pior.
— Tenho imagens em alta definição, sistemas completos de alto-falante, percepção 3D hiperprofundas, tudo em uma câmera menor do que uma cabeça humana — disse o computador, orgulhoso — Para não mencionar o aponta-e-pega e o sistema opcional Uau-O-Pau. Vejamos se consigo fazer você se sentir um merda.
— O quê?
— Palavras suas, não minhas.
Fenchurch desapareceu e o negrume do espaço surgiu no teto. Arthur reconheceu o sistema Solar e os dez planetas em órbita elíptica ao redor do Sol. O azul

profundo de Saturno, Júpiter parecendo um gigantesco pedaço de malaquita. Pedregulhos do tamanho de continentes giravam e acertavam uns aos outros no cinturão de asteroides para além de Marte, trovões sacudiam a cama de Arthur enquanto as rochas colidiam.
— Isso foi a nave ou o filme? — perguntou Arthur, nervoso.
— Eu coloquei o som — admitiu Fenchurch — Por favor, me permita um pouco de licença poética. Tenho todos esses alto-falantes, e o som não se propaga no espaço.
Continuaram adiante, zumbindo através da vastidão negro-azulada do espaço vazio, com fiapos de gás de estrelas estalando pela paisagem. Passaram pelo planeta-anão Plutão, chegando a um mundo ligeiramente maior, um corpo totalmente coberto de gelo liso e brilhante, com exceção de algumas crateras e os invólucros industriais cinzentos de uma espaçonave alienígena ancorada na superfície.
— Os grebulons — sussurrou Fenchurch — Neste momento, estão procurando outra coisa para monitorar.
O nível de detalhes era incrível. Arthur conseguia ver cada parede blindada, cada cabo retorcido.
Estendeu a mão para tocar o casco da nave e toda a cena tremulou e se aproximou.
— Isso é o aponta-e-pega — disse Fenchurch — Cuidado, tem gente que enjoa.
Arthur espiou por uma escotilha, sentindo-se um verdadeiro voyeur. Viu sofás confortáveis e suportes para revistas. Humanoides de aparência amigável perambulavam pelo corredor acarpetado, parando apenas para bater papo ou trocar o que pareciam figurinhas de um álbum de astronomia.
Esse não é o tipo de comportamento que uma pessoa espera de destruidores de mundos. Arthur procurou, mas nenhum dos grebulons ria feito maníaco ou parecia ter lacaios deformados e baixinhos.
— Eles parecem tão legais — disse Arthur, ligeiramente desconcertado ao ver como seria fácil gostar dos grebulons.
— São sempre os legais. Se você olhar pela Subeta Net um dia depois de qualquer planeta ser feito em pedacinhos, verá zigabytes de pessoas dos mundos vizinhos dizendo como os assassinos eram sempre muito honestos nas transações comerciais, que sempre mandavam gatinhos bem-comportados para todo mundo na época do Gatal.
Arthur usou o aponta-e-pega para dar zoom numa mulher grebulon com alguns admiradores à sua volta.
— Gostaria que eu colocasse uma camiseta molhada nela? — perguntou Fenchurch, maliciosa.

— Veja os olhos deles, Fenchurch.
O computador mandou um raio de energia escura através da escotilha.
— Não são dos mais inteligentes, não é? Não consigo captar mais do que cinco ciclos de órbitas nesse pessoal.
— Então, por que eles fazem aquilo?
— Taaaalvez alguém tenha armado um esquema para eles explodirem o planeta.
O estômago de Arthur se revirou enquanto sua perspectiva era desmantelada em hipervelocidade. Afastaram-se da superfície e passaram por Plutão bem a tempo de ver a traseira de uma gigantesca nave, com anéis luminosos azuis girando e acelerando, preparando-se para entrar no hiperespaço. A nave era uma gigantesca massa amorfa amarela e desajeitada, e jamais seria posta numa exposição de respeito, onde ex-pilotos de corrida espacial rodariam com ela numa pista de testes enquanto fazem observações animadas e preconceituosas, dizendo que não entendiam para que serviam todos os botões no painel. Essa nave era desajeitada do mesmo jeito que os cometas não eram.
— Vogons — disse Arthur, nem um pouco surpreso — São todos uns escrotos. Sacanas completos.
— Ah. Do meu ponto de vista, os povos são todos iguais.
Arthur reagiu, indignado.
— Meu povo, não. Aquele pessoal *matou* todo o meu povo.
— Bem, não todo.
— Só sobraram nós três.
— Em breve, sim.
— Em breve? Como assim, *em breve?*
— Bom, dei uma pequena olhada nos arquivos de computador deles. Parece que estão indo para a nebulosa Cabeça de Cavalo Escura para exterminar uma colônia de terráqueos.
— O quê? Terráqueos? O que diabos é uma nebulosa escura? Você não deveria tocar uma música sinistra de fundo quando diz coisas assim? O computador deles pode dar mais alguma pista?
No teto-tela, os círculos azuis repentinamente congelaram, ficaram brancos e desapareceram junto com a nave vogon.
— Tarde demais — disse Fenchurch — Nem mesmo meus instrumentos podem invadir um computador pelo hiperespaço.
Arthur pulou da cama, enfiando distraidamente o boné do uniforme na cabeça.
— Nós devemos avisá-los, então? Não deveríamos avisá-los? Não deveríamos ir a essa tal nebulosa escura? — perguntou Arthur — Tchan-tchan-tchaaan! — completou, pois realmente sentia falta de musiquinha de suspense.
— Você sente falta da sua praia?

E o computador desenterrou da mente de Arthur uma lembrança da cabana na praia e jogou-a no teto.
— Sinto uma falta terrível. Todo dia era igual ao outro. Nada de planetas explodindo, pessoas gritando comigo ou alienígenas invadindo meu espaço pessoal. Por que as pessoas sempre acham necessário ficar muito próximas umas das outras para uma simples conversa? Além disso, na minha praia eu podia mudar o quanto quisesse de assunto e ninguém tentava me arrastar de volta para o que era necessário.
— Então, por que quer seguir os vogons? Eles nunca falham. Por que arranjar essa dor de cabeça?
— Preciso ir porque grande parte de mim não quer ir. Que tipo de terráqueo eu seria se não tentasse salvar minha própria espécie?
— Um terráqueo vivo. Sem ter os átomos destruídos pelas ogivas termonucleares vogons. Elas são meio obsoletas, mas fazem o serviço.
— Precisamos dar meia-volta ou ligar um gerador. Apertar o acelerador. Qualquer coisa.
— Relaxe, Arthur Dent. Wowbagger só vai aonde está programado para ir.
— Ele estava indo para a Terra, não estava? Para insultar os terráqueos?
— Sim.
— Bom, então. A última colônia terráquea parece estar em algum lugar nessa nebulosa escura. Wowbagger não poderia insultar os terráqueos de lá?
— É possível. Você apresentou muito bem seu argumento, Arthur Dent.

> *Nota do Guia: Durante toda a história registrada da Galáxia, a habilidade de "apresentar bem o argumento", tinha geralmente, o mesmo sucesso de "discutir as coisas razoavelmente" ou "colocar de lado as diferenças". As pessoas que usam essas táticas normalmente têm as melhores das intenções e seriam excelentes oradoras motivacionais ou professoras de jardim de infância, mas de forma alguma devem ficar no comando de situações onde vidas estão em risco. Comentários inapropriados como "eu sei que nem sempre vemos as coisas do mesmo modo..." tendem a destruir as negociações, especialmente se o representante de uma das espécies invejar o órgão ocular do outro ou achar que essa pessoa é muito bunda-mole. As negociações bem-sucedidas são invariavelmente conduzidas por pessoas poderosas, ou, pelo menos, que* parecem *poderosas. Entrar numa reunião usando roupão confortável e cheirando a incenso, com desejo sincero de sobrepujar todas as*

desavenças é, ironicamente, a melhor maneira de fazer com que todo mundo seja morto. O general Anyar Tsista, famoso pelas suas negociações, disse certa vez que, durante o expediente, nunca usara uma frase que não tivesse pelo menos um zark, dois merda e meia dúzia de porra. Seu pronunciamento final continha apenas um único merda, dito na forma de uma ordem um tanto autoritária para seus intestinos, travados devido às várias horas sentado nas mesas de negociação. Infelizmente, em razão das paredes finas dos intestinos, os golgafrinchanos tendem a sofrer rupturas súbitas dos mesmos, de forma que a última ordem do general foi também o que causou sua morte.

— Você está absolutamente certa — disse Arthur — Eu apresentei muito bem meu argumento. Irei apresentá-lo imediatamente a Wowbagger.
— Mas evite usar palavras muito longas e linguagem formal — sugeriu a imagem de Fenchurch — Posso sugerir um zark e talvez um ou dois jebalanças?

Wowbagger estava sentado em sua cadeira vibratória favorita na cabine de comando, tentando não falar sobre si mesmo. Fora do campo de força da nave, a destruição da Terra havia, como consequência, pulverizado a Lua, resultando num anel de poeira elíptico que ia em direção a Vênus.
— Observe, Trillian Astra. Outro planeta está prestes a morrer. Pergunte sobre isso, ou qualquer outra coisa. Eu já vi muitas maravilhas.
Trillian não se deixou distrair. Os editores da Subeta Net babariam em cima de seus copos de lacto-largos com simulafé sem gordura por um perfil aprofundado de Wowbagger.
— As pessoas vão querer saber sobre você. Quem é esse alienígena verde que viaja por todo o Universo insultando as pessoas em ordem alfabética?
— Ah, veja bem, eu não faço mais dessa forma. O negócio da ordem alfabética foi divertido por um tempo, mas acabei me aprisionando nesse modelo. As pessoas esperavam meus insultos e começaram a responder de volta.
Random levantou o olhar da folha onde estava desenhando um monte de flayboozes com aparência selvagem.
— Respondendo coisas como “Você que é um fracasso patético”?
— Parafraseando, sim.
— Ou “Eu não sabia que lagartos podiam falar”?
— Uma ou duas vezes. Sabe, estou tentando conversar com sua mãe...

— Ou “Esse cheiro é considerado agradável no planeta de onde veio”?
Trillian envolveu a filha num abraço que se parecia ligeiramente com uma chave de luta-livre.
— Não vou nunca mais abandonar você, querida. Nunca mais. Portanto, não precisa ser tão hostil.
— Eu *queria* que você me abandonasse — disse Random, com um muxoxo — Sem você por perto, acabei me dando bastante bem.
Trillian disfarçou os dentes trincados em um sorriso amoroso e se virou novamente para o entrevistado.
— Então, você abandonou a ordem alfabética?
— Sim — respondeu Wowbagger — Agora faço planetas inteiros de uma vez. É muito mais simples e não preciso ouvir cada lançador de insultos amador da cidade tentando me ofender. Simplesmente entro em órbita e atiro uma bomba de dados na atmosfera. Todo mundo recebe um e-mail e um arquivo sonoro. Acredite, se você apertar o botão de *play* daquele arquivo, não terá dúvidas sobre como me sinto em relação a cada ser consciente.
— E como você se sente em relação a eles?
— Eles são mortais. Eu os desprezo.
— Então, debaixo de toda essa carcaça de indiferenças, na verdade há um simples difamador?
— O quê? Você acha que eu gosto de usar linguagem rude?
— Não gosta?
— Bom, gosto. Imensamente. Mas não é só isso...
E então Wowbagger contou a Trillian algo que nunca havia dito antes a ninguém. Talvez fosse o tom quase hipnótico da voz ligeiramente rouca da repórter e talvez porque já fosse hora de dizer a alguém.
— Eu quero que elas me matem. Queria que, pelo menos, tentassem.
Ah, meu Deus, pensou Trillian. *Chip de gravação, não me falhe agora.*
Olhou disfarçadamente para o relógio de pulso e ficou aliviada ao ver que o mostrador da gravação de áudio ainda piscava.
— Esta é uma grande declaração.
— S-suponho que seja — disse o viajante espacial verde.

> *Nota do Guia: Esta era a primeira vez que Wowbagger gaguejava desde que visitara o sistema Castor, onde o palavrão g-g-grunntivartads ficava mais ofensivo a cada “g” acrescentado.*

— De fato, fico espantado em me ouvir dizendo isso.

— Eu também, Sr. Wowbagger.
— Acho que você pode me chamar de Bowerick.
— Bowerick?
— Meu primeiro nome. Meu pai tinha um imenso senso de humor. Bow Wowbagger?
— Ah, sim — disse Trillian, subitamente se importando um pouco menos com o gravador.
O Universo não consegue sustentar que momentos ternos durem por muito tempo, e havia gente disputando a honra de acabar violentamente com este. A primeira era Random Dent, que, sem conseguir compor uma observação jocosa sobre o momento, saiu da cabine batendo os pés pela segunda vez. Entretanto, o vencedor foi mesmo seu pai, Arthur Dent, cuja chegada cômica contrabalançou de forma eficaz a natureza açucarada do momento, restaurando assim a ordem natural das coisas.
— Muito bem, seus zarkeiros! — disse Arthur, entrando rapidamente na cabine de comando — Precisamos virar esta banheira voadora daqui e ir jebalançando ligeiro para a nebulosa escura de Cabeça de Cavalo.
— *Tchan-tchan-tchaaan!* — trombeteou o computador, tentando ajudar.
E então, só havia uma última gargalhada cósmica:
— Isso foi meio rude, não foi? Desculpe, pessoal. O que é uma jebalança, afinal?

capítulo 6

PLANETA NANO

Muito além, nos confins da nebulosa escura de Cabeça de Cavalo há um planetoide que pende num dos braços enrolados dessa nebulosa como um enfeite de uma árvore de natal. Esse planeta anão, número MPB-1001001 do catálogo, ignora a lei universal da gravidade para manter-se em uma órbita distante 150 milhões de quilômetros da superfície de Rahm. Nessas coordenadas, as nuvens de poeira interestelar, hidrogênio e plasma foram separadas por jatos de gás e por campos magnéticos, revelando um oásis de espaço limpo, desprovido de qualquer lixo espacial e banhado por um nutritivo vento solar.

Esse minúsculo planeta, Nano, é bem-sucedido em desafiar o puxão gravitacional de sua estrela, especialmente porque possui uma gigantesca massa, composta principalmente de matéria superdensa retirada de buracos brancos, entretanto há também o seu núcleo dinâmico giratório que alimenta mais de cinco mil propulsores servo-mecânicos. Essa posição discreta garante condições climáticas consistentemente favoráveis e encoraja a vida a prosperar em seus vastos campos férteis, nos oceanos azuis e num número abundante de fiordes... por sinal, uma abundância extremamente incomum para um planeta que jamais teve uma era do gelo.

A geografia de Nano é o sonho de todo cartógrafo: um único continente pangeático espalhado ao longo do equador, rodeado por mares não poluídos e cheios de peixes, literalmente esperando para serem apanhados.

> *Nota do Guia: Nesse caso, a palavra "literalmente" não é um substituto equivocado da palavra "figurativamente". Desde pequenos, os peixes Costaços de Ameglia Maior ouvem histórias sobre um místico paraíso que existe no Outro Lado da Linha de Pesca. Portanto, eles passam a maior parte de seus dias perto de fiordes, procurando um anzol e esperando pela salvação. As imprecisões dessas histórias se tornariam óbvias para qualquer um*

no momento em que fosse arrancado violentamente de seu habitat natural para ser jogado numa frigideira fervente. Porém, a fé dos Costaços é tão grande que eles simplesmente pulam para fora da água recitando os Doze Salmos Sagrados Submarinos da Salvação e esperam pela prometida bola dourada de plâncton.

O nome desse continente é Innisfree, em homenagem à ilha de Sligo, na Irlanda, na recém-vaporizada Terra, que serviu de locação para o filme *Depois do vendaval*. A maior das duas únicas cidades existentes no continente chama-se Cong, em homenagem ao povoado onde *Depois do Vendaval* foi filmado. Esses nomes foram escolhidos pelo encarregado de registros de Nano, um certo Sr. Hillman Hunter.

Hillman Hunter não é um homem particularmente religioso, mas possui uma fé inabalável na ordem tradicional das coisas — principalmente quando a ordem tradicional das coisas está a favor. Ele acredita piamente no dinheiro, e é muito difícil fazer dinheiro em tempos anárquicos. Como é que um homem vai juntar uns trocados se os operários não respeitarem seus superiores e não tem nenhum chefão para dizer a todo mundo como se comportar? As pessoas precisam de algum deus para colocá-las em seu devido lugar no mundo, e idealmente esse lugar seria muito abaixo do de Hillman Hunter.

Nota do Guia: A ideia de que religião é uma ferramenta útil para manter os ricos ricos e os pobres pobres existe desde a Alvorada dos Tempos. Tudo começou quando um sapo bípede recém-evoluído conseguiu convencer todos os outros sapos do pântano de que seus destinos eram governados pela deusa Vitória-Régia Todo-Poderosa e que ela só concordaria em vigiar a lagoa e manter os Bagres Careteiros longe se uma quantidade razoável de moscas e pequenos répteis fosse empilhada sobre ela a cada segunda sexta-feira do mês. O esquema funcionou durante quase dois anos, até que um dos répteis da oferenda não estava tão morto quanto deveria e acabou comendo o sapo bípede glutão que surgiu e, logo depois, a própria Vitória-Régia Todo-Poderosa. A comunidade dos sapos comemorou sua liberdade das amarras da religião com uma rave cheia de folhas alucinógenas que durou a noite inteira. Infelizmente, a festa fez tanto barulho que chamou a atenção de um Bagre Careteiro que, por um motivo desconhecido, nunca tinha notado aquela pequena lagoa antes.

Hillman Hunter começou a acreditar que esse novo mundo precisava de um deus para criar mandamentos, castigar os pecadores e declarar quais formas de orientação sexual eram agradáveis e quais eram simplesmente erradas e sujas. Como Nano fora inegavelmente criado pelos magratheanos e não por Deus, não havia uma divindade para governá-lo, o que provoca alguns debates acalorados na comunidade. A ordem natural das coisas estava desmoronando e todo tipo de gente achava que tinha direito de se considerar igual aos outros, e religião não é nada disso. Hillman decidiu que era necessário um deus para restaurar a hierarquia social, de modo que nessa quinta-feira em particular, numa pequena sala de reuniões ao lado da prefeitura, ele estava fazendo entrevistas para o cargo.

Cidade de Cong, Innisfree, Nano

Um enorme antropoide estava sentado desconfortavelmente na cadeira da sala de entrevistas. Seu grotesco tronco cheio de escamas se espremia no minúsculo assento. Tentáculos pendiam nas profundezas de seu rosto flácido.
Hillman Hunter folheou as páginas do currículo da criatura.
— Então... Sr. Cthulhu, não é
— Hmmm — respondeu a criatura.
— Bom — disse Hillman — Um tanto inefável, mas gosto disso numa divindade
— Deu uma piscadela — Mesmo assim, não seria uma entrevista muito boa se eu não conseguisse arrancar alguns fatos do senhor, não é?
Cthulhu deu de ombros e sonhou com os velhos dias de genocídio puro e simples.
— Pois então, vamos botar tudo em pratos limpos — continuou Hillman, animado — Ou, como minha vó Naná costumava dizer, vamos colocar a coisa quente na pá, que era uma referência a limpar a bosta de vaca da entrada da casa depois que o rebanho passava. Sabe, foi assim que eu comecei, Sr. Cthulhu, vendendo cocô de vaca seco para pessoas queimarem nos fogões. E olhe para mim agora, por deus, eu governo um planeta!
Hillman gargalhou subitamente, com um barulho semelhante ao de uma máquina enferrujada começando a funcionar.
— Desculpe, Sr. Cthulhu. Eu fumava feito uma locomotiva lá na velha Terra e ainda não tive um minuto para me internar e instalar pulmões novos. Estar no comando desses refugiados idiotas está acabando comigo — Ele remexeu os dedos pelas páginas do currículo de Cthulhu — Vamos começar. O que temos

aqui? Com que nível de divindade estamos lidando? Ah... vejo que o senhor esteve um bocado presente na mente das pessoas um século atrás, graças a Lovecraft. Mas você não fez muita coisa desde então, correto?
Cthulhu falou com um timbre de carne metalizado:
— Bom, o senhor sabe como é. A ciência e tudo mais. Ela deu uma certa esfriada no negócio dos deuses — Uma baba transparente e viscosa pingava de seus tentáculos enquanto ele falava — Andei pela Ásia Menor por um tempo, tentando incitar um pouco de medo. Mas agora essas pessoas têm penicilina, e até os pobres têm acesso a cultura. Para que diabos vão precisar de deuses?
Hillman assentiu, sempre concordando com Cthulhu.
— O senhor está certo. Certíssimo. As pessoas de hoje se acham boas demais para os deuses. Inteligentes demais. Mas não aqui em Nano. Somos a última colônia da Terra e não seremos destruídos por termos expulsado nosso protetor — Ao terminar esse pequeno discurso, as bochechas gordas de Hillman reluziam num vermelho orgulhoso — Próxima pergunta: nosso último deus era do tipo *minimalista*. Mandou o filho lá para baixo uma vez, mas não era muito de aparecer pessoalmente. Acho, com todo o respeito, que isso foi um erro. Acredito honestamente que desta vez ele colocaria a mão na massa, se pedíssemos. Enfim, o que estou perguntando, Sr. Cthulhu, é o seguinte: o senhor vai ser um deus que coloca a mão na massa ou um senhorio ausente?
Cthulhu estava preparado; tinha ensaiado a resposta para esta mesma pergunta com Hastur, o Terrível, bem na noite anterior.
— Ah, um deus que coloca a mão na massa, sem dúvida — disse, inclinando-se para fazer contato visual, como Hastur havia aconselhado — Os dias de fé cega já acabaram. As pessoas precisam saber quem abençoa suas plantações ou exige sacrifícios de jovens virgens. E agora desviarei os olhos, mas só porque um contato visual muito longo iria enlouquecer você.
Hillman sacudiu a cabeça para afastar o torpor súbito.
— Bom, bom. Um excelente olhar o senhor possui, Sr. Cthulhu. Bela arma para se ter no arsenal.
Cthulhu aceitou o elogio balançando um tentáculo admirável.
— Vamos em frente, está bem? Qual é a sua posição sobre a questão dos peixe-babel? O argumento de que a prova nega a fé, e assim por diante?
— Meus súditos terão prova e fé — respondeu Cthulhu, com a voz rouca e agitada — vou condená-los à escravidão e esmagarei os fracos.
— Parece que chegamos a um ponto sensível — Hillman riu, baixinho — De novo, acho que o senhor está no caminho certo; mas talvez queira reconsiderar um pouco essa coisa de escravidão e esmagamento. Temos um bocado de gente fraca aqui, mas são eles que mais apoiam a igreja; qualquer que seja ela. O

dinheiro constrói templos ou, como minha vó Naná costumava dizer: muitos micles fazem um mucle.
— Micles? — perguntou Cthulhu, confuso, e olha que não é fácil confundir um dos Grandes Antigos.
Hillman coçou o queixo.
— Eu nunca soube o que era um mucle, e nem um micle, por sinal. Mas sei que são precisos muitos de um para fazer o outro, se é que me entende.
— Hmmm — disse Cthulhu.
— Certo. Em seguida, aquela velha pergunta: presumindo que seja contratado, onde o senhor se vê daqui a cinco anos?
Cthulhu se animou. *Obrigado, Hastur,* e sorriu para o espaço.
— Em cinco anos eu terei arrasado inteiramente este planeta, engolindo os jovens e feito uma pilha gigantesca de seus crânios em minha honra — Ele se recostou, satisfeito. Sucinto e informativo, uma resposta nota 10.
Uma tosse molhada surgiu nos lábios de Hillman.
— Pilhas de crânios! Ora, senhor Cthulhu. Sério? O senhor acha que é isso que os deuses fazem hoje em dia? Estes são tempos modernos. Viagens espaciais, viagens no tempo. O que precisamos aqui em Nano é do que eu chamaria de um deus do Velho Testamento. Rígido, sem dúvida. Vingativo, fantástico. Mas comendo jovens indiscriminadamente? Esses dias ficaram no passado.
— Isso é o que você pensa — murmurou Cthulhu, cruzando as pernas.
Hillman deu um tapinha no currículo.
— Tenho algo sublinhado aqui. Sob condição atual está escrito: “morto, mas sonhando”. Poderia ser mais específico? O senhor está mesmo morto?
— Pode-se dizer que sim — admitiu o antropoide pegajoso.
— O senhor não me parece morto.
— Ah, claro, mas esta forma minúscula não é exatamente eu — Cthulhu cutucou o corpo como se não estivesse familiarizado com ele — Este é o meu sonho de mim mesmo, que se torna substancial através de forças sombrias e terríveis. Uso essa forma até que meu verdadeiro eu seja chamado de volta ao serviço. Meu verdadeiro eu é muito maior.
— Desculpe se repito a mesma coisa, mas o senhor está morto?
— Por enquanto. Sim. Eu teria de dizer que sim.
— Mas deuses não podem morrer. Essa é a questão.
Cthulhu desejou que Hastur estivesse com ele. Hastur era sempre mais rápido nas respostas.
— Bom... isso é verdade. Mas acredito que tecnicamente, e enfatizo o *tecnicamente*, não sou, de fato um deus. Sou um dos Grandes Antigos. Um semideus, podemos dizer.

Hillman fechou a pasta.
— Ah, Entendo.
— É quase a mesma coisa — insistiu Cthulhu — Eu faço tudo que vem no pacote: aparições para os verdadeiros crentes, engravido mulheres, o que você quiser. Tenho carteira de sócio para os salões de Asgard e do Olimpo. Membro VIP.
— Tudo isso é muito bom, mas...
— Ah, nem se incomode — disse Cthulhu enojado, a baba espirrando na mesa — Vocês, humanos, são todos iguais. Nunca dão uma chance para quem está por baixo.
— Não é isso. Não tenho nada contra o senhor, mas o anúncio dizia especificamente que precisávamos de um deus classe A. Tenho certeza de que o senhor pode fazer um monte de mágicas, mas estamos procurando alguém com um pouco mais de substância. Alguém que tenha experiência no cargo. E certamente não alguém que pode morrer.
Cthulhu levantou-se da cadeira em fúria.
— Vou arrebentar o seu crânio! — trovejou — vou derramar a pestilência em sua terra! — Mas ele já não era mais necessário e estava desaparecendo — vou arrancar sua cabeça do tronco e beber o seu...
E então sumiu, deixando nada além do cheiro semelhante ao de um porto na maré baixa.
Beber meu o quê?, pensou Hillman Hunter, rabiscando com marcador de texto as palavras NÃO CHAMAR DE VOLTA na frente do currículo de Cthulhu.
Provavelmente sangue. Ou meu líquido cervical.
Hillman recostou-se na cadeira e ligou o massageador de costas. Ele era um otimista, que sempre procurava ver o lado bom da vida, mas essa caçada a um deus já estava ficando deprimente. Nenhum dos entrevistados estava à altura dos seus padrões: Excello, o deus robô. Vladirski, o lorde dos vampiros. Hécate até tinha algumas qualidades, mas era mulher. Uma deusa em Nano? Nunca!
E como se a procura por um deus não fosse difícil o suficiente, ele precisava lidar com o problema da outra colônia. Matar pessoas por causa de queijo, já existiu coisa mais ridícula? Um pouco de cheddar combinava perfeitamente com um pão crocante, mas não valia a pena morrer por isso. E havia o problema dos empregados que desertavam da cidade aos montes. Em certos dias, Hillman Hunter sentia vontade de passar o tempo todo na cama.
— Você só precisa de uma bela xícara de chá e biscoitos! — disse Hillman, numa imitação esganiçada de sua avó, uma voz que ele costumava usar para se motivar — Então vai ficar ótimo novamente.
Sentiu-se melhor só em pensar em chá. Afinal, o que era um irlandês sem chá?

— Levante esse rabo, Hillers — disse, mais uma vez com a voz de Naná — Essas pessoas precisam de você.
Era verdade. Os colonos agora precisavam dele mais do que nunca, especialmente depois do sequestro de Jean Claude. O que era realmente necessário em Nano era um deus de verdade e, se possível, vivo, para trovejar um pouco de disciplina sobre os residentes. Mas como atrair um deus classe A para os confins da região mais brega da Borda Ocidental da nebulosa Cabeça de Cavalo? Seria necessário um tremendo pacote de benefícios, isso era certo.
Hillman anotou o endereço eletrônico subeta de Cthulhu, só para garantir.

> *Nota do Guia: Os deuses passaram a existir apenas alguns zeréssimos de segundos após o Big Bang. Basicamente, isso significa que nenhum deles criou o Universo; pelo contrário, foi o Universo que os criou. Esse é um assunto delicado entre eles. Raramente é abordado nos templos sagrados e nunca deve ser mencionado durante o jantar. Se um jornalista tiver a audácia de levantar esse assunto, provavelmente será punido de uma forma estranha e, ainda assim, criativa. A maioria dos deuses já está viva há tanto tempo que possui enormes bibliotecas sobre punições estranhas e criativas. Até dez mil anos atrás havia seminários sobre o tema no Olimpo. Entretanto, esses seminários foram encerrados, pois um número cada vez maior de deuses menores tratava o encontro como uma desculpa para beber bastante e fornicar mais ainda, o que resultou numa explosão demográfica de novas divindades híbridas que não tinham nenhuma mitologia para sustentá-las. Durante o tempo em que os seminários eram realizados, havia uma premiação anual para o deus que tivesse realizado a melhor punição, na forma de um Baiacu Espinhento, em homenagem ao famoso feito de Loki, que transformou um viciado em sexo num baiacu que envenenava tudo que abraçasse. Dentre os Baiacus mais memoráveis estava o que foi entregue a Heimdall, que, em um momento nervoso, transformou um grupo de pedreiros na parede que eles se recusavam a construir. Outro foi dado a Dionísio, por seu castigo a Sir Smoog Agoralto, um ator de Kappa de Blagulon, durante a apresentação de seu monólogo* Atuando para os Deuses*, que criticava ligeiramente o tema abordado. Dionísio, que era um deus do teatro, afinal de contas era um sujeito liberal e deixaria a peça em cartaz, se não fosse por uma*

cena onde era retratado como um bêbado idiota e flatulento. Dionísio ficou tão furioso com essa cena — e com as críticas positivas que gerou — que condenou Agoralto a viver por toda uma eternidade como a parte traseira de uma roupa de jumento de circo, e as nádegas diante dele seriam as cabeças de seus dois críticos mais ferinos, recitando para sempre suas resenhas mais cáusticas. Um clássico instantâneo.

Os deuses aproveitaram esse tipo de coisa por milhões de anos, atravessando o céu com suas carruagens, aparecendo em vários lugares diferentes ao mesmo tempo, sendo oniscientes para caramba e coisa e tal, mas então a ciência se desenvolveu a tal ponto que podia copiar a maioria dos seus truques. Mandar uma maldição já não era mais tão legal quanto antes. Havia virgens dando à luz em toda parte do Universo. De fato, muitas culturas passaram a preferir que virgens dessem à luz, já que isso cortava a necessidade de genros e cunhados, e os pais não precisariam imaginar suas filhas se enroscando com estranhos. A última gota para as divindades veio quando Fenrir, o gigantesco lobo filho de Loki, tentou impressionar seu rebanho — cada vez menor — de fiéis, pilotando sua bicicleta espacial para dentro de um buraco branco. A única parte de Fenrir que sobrou intacta depois desse ato foi um de seus molares, que agora é um asteroide brilhante orbitando Sagar 7, e não pode fazer nada além de influenciar as marés e enviar vagas mensagens a alguns clarividentes; Os deuses ficaram horrorizados (todos menos Odin, já que estava profetizado que Fenrir iria devorá-lo na época do Ragnarök — o Pai-de-Todos como é chamado, se contentou em dar risadinhas escondido) e se retiraram para seus mundos de origem, declarando solenemente nunca mais realizar quaisquer consórcios com mortais (a frase verdadeira foi: "Os mortais que se danem", mas isso não é uma frase tão divina quanto uma sentença que contenha "solenemente", e "consórcio"). Os Aesir levaram isso tão a sério que cercaram seu mundo natal, Asgard, com uma barreira de gelo, deixando somente uma porta de entrada: Bifrost, a Ponte Arco-Íris, guardada pelo deus que tudo vê, Heimdall.

Visitas não são bem-vindas.

Na verdade, os visitantes são ativamente desencorajados pela presença de dragões famintos, sereias sugadoras de alma e Flyting,

uma técnica nórdica de insultos rápidos focados, majoritariamente, na genitália e na mãe da pessoa a ser ofendida.
A verdade é que os deuses não querem saber dos mortais. Especialmente os mortais jornalistas investigativos, mais especialmente ainda as pessoas consideradas sagradas procurando algum tipo de recompensa no pós-vida. Porém, a pessoa mais indesejada em Asgard era o presidente da Galáxia, Zaphod Beeblebrox, e cada um dos dragões recebera um pedaço de suas camisas velhas para reconhecer seu cheiro de longe.

Coração de Ouro

A *Coração de Ouro* atravessava o espaço multicolorido e diversotexturizado de todos os lugares. Com o gerador de improbabilidade infinita ligado, a nave se tornava parte do Universo em si até que suas coordenadas finalmente fizessem algum sentido para os dados e a colocassem no destino correto, fazendo o equivalente a um "surpresa!" das viagens interestelares e, normalmente, matando de medo o motorista da vaga ao lado. Porém, até esse momento crucial, qualquer coisa pode acontecer, principalmente coisas muito improváveis, o que então as torna prováveis, o que as torna improváveis de novo, repetindo-se em um ciclo infinito.
A maioria das pessoas prefere viajar de olhos fechados durante os voos de improbabilidade, para proteger sua sanidade das impossibilidades que ocorrem à sua volta. Zaphod, entretanto, costuma usar fita adesiva para manter os olhos bem abertos e não perder nem um minuto da diversão.
Durante a viagem a Asgard, Dionah Carlinton-Housney, uma das cantoras-prostitutas favoritas de Zaphod, veio do pós-vida só para cantar letras possivelmente proféticas em um falsete histericamente agudo.
— Ah, Zaphod, baaaby, o punho vai cair.
Ei, pensou Zaphod. *Meu nome está numa música. Que dupal.*
— Zaphod. Baaaby — cantou Dionah — Você vai ter que escalar a muralha.
Zaphod tentou bater palmas no ritmo da música, mas suas mãos estavam a quilômetros de distância, enquanto os braços se esticavam pelo espaço.
— Você está linda, Dionah. De verdade, está ótima! Sem uma parte decomposta nem nada. Sempre desejei que o pós-vida fosse assim.
Dionah pôs três de suas mãos nos quadris, usando uma quarta para segurar o

microfone.
— Você não está prestando atenção, senhor presidente.
— E nem quero. Prefiro fazer perguntas. Tipo, vocês têm muitos canais de televisão subeta lá por onde você está? Não posso perder *Assediando Celebridades*. Vocês têm esse?
Dionah descartou essa conversa sobre entretenimento barato e continuou com a música:
— Zaphod, baaaby. Você vai ter que atravessar a ponte.
— E quanto a cerveja? Existe isso no Céu?
— Diga-lhe o nome secreto, Zaph, baaaby, e ele vai te deixar entrar.
— Tá ok. Pontes, tanto faz. Agora, falando sério, você fez uma plástica ou algo assim? Porque eu acho que você está ainda mais bonita do que quando era viva.
Os olhos de Dionah relampejaram.
— Bem que o seu bisavô me avisou para não vir. Ele disse: “Aquele garoto é um completo idiota”. “Não vai te escutar, não escuta ninguém”.
— Mas a música está toda codificada — protestou Zaphod — Decifrar códigos é difícil.
— Códigos! Foi praticamente uma canção de ninar. Qualquer imbecil conseguiria decifrar o significado.
Zaphod franziu a testa.
— Tem algo a ver com um muro e uma ponte, certo?
— E um nome secreto. Pense, senhor presidente. Isso é muito importante.
— Tinha um punho aí em algum lugar, não tinha? Gosto de coisas com punhos, principalmente quando o polegar está para cima. Uma vez, vi um desenho animado em que um cara enfia o polegar no olho e...
— Ah, pelo amor de Zárquon — disse Dionah, transformando-se imediatamente numa escultura de gelo representando a si própria, que em seguida começou a derreter, pingando de baixo para cima, em direção ao teto. Quando uma gota tocava os painéis, explodia com um *oh* musical.
— Essa garota sempre soube cantar — murmurou Zaphod, depois se acomodou na poltrona e esperou até que a probabilidade se reorganizasse.
Podia ver duas novas e incríveis cores que só conseguiria descrever como perigosas e mutáveis, enquanto marcas serrilhadas apareciam no casco da espaçonave, como se a *Coração de Ouro* estivesse sendo atacada por uma criatura colossal e cheia de espinhos.
— Epa! — gritou Zaphod quando um espeto se projetou entre suas pernas — ainda falta muito para a normalidade, Cérebro Esquerdo?
Cérebro Esquerdo saltou de um balde de gel eletrolítico no console principal.

— Em um ambiente assim, quem poderá saber? — disse, com gel pingando de seu globo perfeitamente liso — No tempo real, cerca de cinco segundos, mas não necessariamente na ordem ou na regularidade com a qual estamos acostumados.

A normalidade retornou com um relincho de pôneis minúsculos e um desfile de esqueletos animados cantando na cabine de comando.
— Consigo ver através de você — cantavam eles — Você consegue ver através de mim?
Então pôneis e esqueletos sumiram e a cabine estava tão normal quanto poderia, especialmente considerando que quem estava no comando da nave era uma cabeça sem corpo.
— Estamos normais, C.E.?
Cérebro Esquerdo zuniu através da cabine, interpretando os vários sensores infravermelhos dos instrumentos.
— Afirmativo, Zaphod, o gerador de improbabilidade foi desligado e estamos no espaço real.
— Excelente — Zaphod soltou o cinto de sua poltrona de voo — Às vezes, tenho dificuldade para diferenciar o que existe e o que não existe.
Ficou de pé num pulo, bamboleando até a TeVenvolvente, os saltos de suas botas prateadas cantando como pneus pelo piso de cerâmica.
— Certo. Então, o que temos aqui? Um planeta coberto de gelo. Exatamente o que eu esperava ver. Mas esperava ver pelo lado de dentro. Por que estamos do lado de fora, C.E.? Oh, por quê? Oh, por quê?
Cérebro Esquerdo fechou um olho e fez uma careta enquanto analisava alguns novos dados que a nave trazia.
— Os Aesir instalaram um novo escudo desde a última vez em estivemos aqui.
Zaphod deu um soco no ar, como um filósofo frustrado incapaz de forçar um conceito existencialista numa mente pragmática.
— Esses imortais ardilosos com suas barbichas ridículas e seus capacetes chifrudos! Eu pensei que escudos não funcionassem contra os geradores de improbabilidade infinita.
Cérebro Esquerdo pairou momentaneamente sem palavras, calculando milhões de equações por segundo, refinando ao máximo a sintaxe, e eliminando qualquer tipo de linguagem supérflua até chegar a:
— Você *pensou?* Não me faça rir.
Zaphod executou um chute giratório estilo Du-Bart’ah, que errou o globo por mais de um metro e fez sua virilha doer para caramba.

Nota do Guia: O chute do presidente Beeblebrox foi mal concebido porque a antiga arte Du-Bart'ah fora desenvolvida pelos shaltaníacos de Broop Kidron Treze, uma raça feliz e pacífica. O chute giratório foi criado para derrubar pequenas frutas conhecidas como jooplêjos de seus galhos, de forma que a planta fosse minimamente incomodada. Qualquer tentativa de usar o estilo Du-Bart'ah para o mal ativaria uma mensagem subliminar presente nos cânticos de treinamento, que faria o corpo do agressor virar-se contra si mesmo. Entretanto, Zaphod não sabia nada disso, já que aprendeu essa técnica lendo o verso de uma caixa de cereais.

— Francamente, Zaphod — disse Cérebro Esquerdo, pairando numa altitude segura — Temos uma tarefa a cumprir. Não temos tempo para suas bobagens.
— Sempre há tempo para bobagens — gemeu Zaphod em posição fetal perto do pé da cadeira — São elas que me dão ânimo para me levantar toda manhã.
Cérebro Esquerdo sabia que era verdade, mas nunca havia entendido o porquê.
— É para isso que estamos aqui, Zaphod? Para que você tenha algo para distrair sua cabeça?
Zaphod dedilhou a virilha gentilmente.
— Sou Zaphod Beeblebrox, C.E., e baseado na minha própria vida, sei que é só uma questão de tempo até que eu acabe desabando num anticlímax inconcebivelmente gigantesco. Pretendo adiar isso o máximo que puder.
Cérebro Esquerdo abriu o olho fechado.
— Acho que isso não vai ser problema. Principalmente com a quantidade de armas apontadas para nós.
— Ótimo! — comemorou Zaphod, esquecendo-se por um momento da virilha distendida — Já fazia algum tempo que estivemos em uma situação de vida ou morte sem uma chance razoável de sobrevivência.
— Não o bastante — disse Cérebro Esquerdo, transferindo a chamada do interfone de Asgard para a tela principal.

— Não — disse Heimdall, deus da luz, enfaticamente.
— Mau eu...
— Não — repetiu Heimdall, a enorme cabeça careca enchendo toda a tela, seus olhos fervilhando vermelhos como gigantes gasosos.
Zaphod tentou novamente.

— Você nem sabe o que...
— Não. Não. Não. Não me importa o que seja, Beeblebrox. A resposta é não. Agora se *improbabilize* para fora daqui antes que eu solte os dragões em cima de você.
— Só me *escute* um momento — pediu Zaphod.
— Não.
— cinco segundos, que mal pode fazer?
— Não. Para qualquer pergunta que você possa me fazer, a resposta sempre será não.
Zaphod falou rapidamente:
— O Thor está aí?
— Não, não está, droga! — rugiu Heimdall, as pontas do bigode tremendo.
— Verdade?
O deus asgardiano mostrou os dentes.
— Na verdade, ele está. Sim, ele está em casa. Afinal, aqui é Asgard, não é?
— E será que eu poderia...
— Não. Agora, voltamos às negativas, meu amigo. E quando eu digo *meu amigo*, na verdade quero dizer *odiado idiota que eu gostaria de estripar para depois salpicar com sal*.
— Ora, Heimdall. Esqueça os nossos desentendimentos do passado e seja um pouco flexível. Isto é importante.
O rosto de Heimdall estava tão vermelho que parecia que sua cabeça iria explodir.
— Desentendimentos? Desenten... vá se zarkar! Você tem muita cara de pau. Tem insolência, desplante suficiente para encher um balde de Insolentes.

> *Nota do Guia: Insolentes são sementinhas encontradas em Damogran que são plantadas retirando-as da terra.*

— O que acha de deixarmos para lá o que ficou para trás, e recomeçar? Podemos fazer isso, não podemos? Nós dois somos homens sensatos.
— *Nós dois* somos homens sensatos, mas você deveria ver o Thor agora. Ele não passa de uma massa nervosa com um capacete em cima, depois de tudo que você fez com ele.
— É sobre isso que eu quero falar. Quero explicar.
Heimdall deteve-se um momento para fazer alguns exercícios de respiração acalmantes, soprando nos dedos de uma das mãos coberta por uma luva, que ele ficou balançando diante do rosto.

— Explicar? — disse finalmente — Você quer explicar?
— Então, é só isso que eu quero de vocês, maravilhosos deuses — disse Zaphod num tom que faria os rapapés puxa-sacos de Sicofantasia pegarem seus sacos de vômito — Uma chance de explicar e, possivelmente, corrigir alguns erros.
— Corrigir, hein? — disse Heimdall — Imagino que você precise mesmo corrigir algumas coisas.
— É. É claro que preciso. Eu me arrependo e mereço ser punido.
— Sei o que você está tentando fazer — disse Heimdall — Apelando para o meu lado divino. Quem você acha que está enganando?
— Estou falando sério. Olhe para esse rosto.
Heimdall se inclinou até seus olhos encherem toda a tela. Esses eram olhos capazes de cortar a gordura das mentiras e encontrar o tutano da verdade por baixo.
— Muito bem, Zaphod Bublebrocha. Saia e vamos conversar sobre punições.
— Sair? Para o espaço? Não vai estar frio?
— Não tema, mortal. Vou estender uma bolha de atmosfera para você.
— Então é só sair?
— Saia, Zaphod. Sozinho. Você tem um minuto para decidir.
Cérebro Esquerdo flutuou perto do ombro de Zaphod.
— Acho que você deveria ir — disse ele — Não se preocupe comigo. Vou ficar bem aqui na nave. Tenho certeza de que a bolha de atmosfera manterá sua integridade.
— Você pode verificar? Só para ter certeza...
Cérebro Esquerdo franziu os olhos por um momento, depois teve um pequeno espasmo enquanto um relâmpago tremeluzia dentro de sua cúpula.
— Ora, parece que o computador asgardiano não compartilha informações — Pequenas aranhobôs andaram ao longo do vidro, mordiscando as marcas de queimadura — Não há nenhum sinal de comunicação saindo do planeta. Quando você se retirar, estará completamente sozinho.
Zaphod suspirou e ajeitou o paletó.
— As pessoas como eu, C.E., os verdadeiramente grandes... estão sempre sozinhas.
C.E. assentiu.
— Essa foi muito boa, mas a luz não estava adequada. Me dê um segundo e vamos fazer de novo.
— Certo. Prepare uma iluminação calorosa. E não diretamente do alto, por favor. Faz meu cabelo parecer ralo.
C.E. reorganizou o equipamento de luz da nave, colocando um refletor amarelado no rosto de Zaphod.

— Pronto?
— Qual era mesmo a minha motivação?
— Grandeza. Pura grandeza, sem falsa modéstia.
Zaphod assentiu, sério, vendo que Cérebro Esquerdo tinha razão. Juntou os dedos das duas mãos e falou suavemente:
— As pessoas como eu... — começou, e Cérebro Esquerdo abriu a porta da nave e lançou-o ao espaço.

> *Nota do Guia: Em termos de dinastias divinas, o clã dos deuses asgardiano não é exatamente o maior pseudópodes presente na ameba. Adorados em menos de mil mundos, eles mal podem ser classificados como deuses intermediários. Zeus, o líder dos sempre rivais olimpianos, frequentemente declarava em público que "já arrancou bolas de pelos de umbigos maiores do que Asgard", mas isso é possivelmente apenas uma tentativa de intensificar a lendária inveja planetária de Odin. Odin e Zeus têm "uma rixa pessoal" há muitos milhares de anos, desde que Zeus, acidentalmente, transformou Odin num javali selvagem durante uma daquelas visitas do tipo "assumir forma humana e sair com uns mortais" na Terra. Entretanto, ainda que os deuses de Asgard não tenham tido o mesmo nível de penetração dos olimpianos — ou mesmo de alguns deuses oportunistas como Pasta Fasta, que começou sua carreira como um mascote de uma cadeia de restaurante — eles têm sua importância assegurada pela contribuição que deram à cultura popular, em especial o chifre, que usam para enfeitar seus capacetes cerimoniais, criar música e, principalmente encher de cerveja. Alguns cientistas postularam que, sem a expressão "ei, você quer um chifre de cerveja?" no vocabulário, as culturas jamais poderiam emergir de sua cataclísmica fase de guerra planetária.*

Heimdall, o deus da luz, deixou Zaphod se sacudindo no vazio espaço negro durante 29 segundos antes de lançar um ioiô de atmosfera para puxá-lo até um lugar seguro. Naqueles 29 segundos, Zaphod Beeblebrox foi obrigado a pensar consigo mesmo e não pôde transmitir seus pensamentos diretamente ao Universo, como preferia. Sua reflexão, cheia de minúcias e detalhes íntimos, resultou no frequentemente citado "*Monólogo particular de Beeblebrox*", do qual há duas versões publicadas: a oficial, que o presidente produziu depois de um excelente final de semana, que passou na propriedade do escritor Oolon

Colluphid, e a versão não-oficial, que foi captada telepaticamente por Cérebro Esquerdo e incluída em sua biografia, *A vida no aquário*. Os dois relatos serão apresentados a seguir, para você decidir qual é o mais realista:

Versão Oficial

E assim é chegada a hora. Lamento amargamente, não por mim, mas por aqueles cujo êxtase de conhecer Zaphod Beeblebrox lhes foi negado. Entretanto, as pessoas reconhecerão meu nome. Beeblebrox realizou algumas pequenas obras durante sua curta existência. Como serei lembrado? Como uma supernova, talvez, um corpo celestial que brilha no negror do céu noturno, uma luz na escuridão, concedendo aos que sentiram meu coração no calor de seus rostos, em um momento de espanto e, quiçá, esperança. Isso seria o suficiente para mim. Existem os que me enchem de elogios, louvando-me como a um profeta, um revolucionário ou um grande gerador de satisfação para as mulheres. Aceito os elogios com graciosa modéstia, porém, se pudesse escolher meu próprio epitáfio, simplesmente dirá que Zaphod Beeblebrox era um homem que surpreendia a todos. Em um bom sentido.

E a Versão Não-Oficial

Ah, zark! Grande! Grande! G-R-A-A-A-A-A-A-A-N-D-E! Espaço em toda parte, mas sem ar! Meu cabelo vai cair todo. E eu sempre incho em gravidade zero. Heimdall, seu imbecil. Olha só, uma bola de gelo. Lisinha, brilhante, dá até vontade de lamber. Que cueca será que eu estou usando? Para uma autópsia a gente precisa pensar nessas coisas. Tomara que seja uma nova e com capacidade de drenagem. Ford, meu chapa. Você era dupal, nós éramos dupal juntos. Ainda que eu fosse ligeiramente mais dupal. Cara, aposto que isso vai receber uma grande cobertura da mídia. Não é todo dia que um presidente da Galáxia é jogado através da escotilha de sua nave pela própria cabeça.

Há ainda uma terceira versão, que surgiu rapidamente em recanto obscuro, abaixo da superfície consciente de Zaphod. Cérebro Esquerdo não a ouviu e Zaphod não se lembrou:
Bom, monologou internamente a personalidade encoberta de Zaphod, *como não*

prendi o fôlego, não haverá danos aos meus pulmões, mas isso significa que tenho menos de meio minuto até que o sangue sem oxigênio chegue ao meu cérebro. Eu poderia ter feito muito mais coisas com esse tempo...

ASGARD

O deus da luz observou Zaphod se debatendo cheio de satisfação com tudo o que seus olhos viam. Ele estava na borda de Bifrost, o portal entre Asgard e o resto do Universo, contando os segundos até o momento em que precisaria escolher entre salvar o antigo empresário de Thor ou deixá-lo morrer.

Isso mal podia ser considerado uma escolha, já que Heimdall odiava os mortais em geral (com exceção do nobre Sigurd da lenda), e Beeblebrox em particular. Entretanto, Odin era definitivamente contra deixar homens morrerem nas imediações de Asgard, já que os mártires costumavam viver para sempre. O que era irônico, já que estavam sempre mortos. Ou talvez fosse apenas paradoxal, e não irônico; uma das palavras complicadas que Loki usava só para pentelhá-lo. Heimdall era um soldado e não entulhava o cérebro com vocabulário inútil. Caçar, matar, queimar, esfolar. Era desse tipo de palavra que ele gostava. Principalmente *esfolar*, mas era difícil empregá-la numa conversa do dia a dia.

Heimdall fez beicinho por um momento, depois jogou um fio de plasma gosmento que saiu ondulando da ponta do Gjallarhorn, o lendário chifre com que o deus avisa a aproximação dos inimigos que poderiam iniciar o Ragnarök. A um observador comum, Gjallarhorn pode parecer um típico e velho chifre nórdico de seis metros de altura, mas nas mãos de um deus, ele se tornava uma ferramenta de grande poder e um recipiente mais do que adequado para concursos de quem bebe mais cerveja.

Na ponta do fio havia uma bolha de atmosfera, que Heimdall agitou no espaço como um isca na ponta de um anzol até conseguir agarrar Zaphod. O betelgeusiano levaria um tremendo choque quando atravessasse a casca de plasma e conseguisse encher os pulmões com o ar do lado de dentro, mas Heimdall não estava minimamente preocupado com isso. Sua única preocupação era garantir que a dor de Zaphod Beeblebrox estivesse bastante presente em um futuro imediato, e, se possível, também num passado imediato, caso conseguisse convencer Odin a lhe dar um passe temporal.

Puxou Zaphod e pousou-o na Ponte do Arco-Íris.

> *Nota do Guia: O termo* Ponte do Arco-Íris *é um exemplo de como os deuses geralmente são exagerados e pomposos. Osíris não pegou simplesmente uma gripe que o deixou de cama por umas semanas: morreu e ressuscitou. Afrodite não tinha simplesmente um armário*

cheio de saias curtas e blusas decotadas e um extenso conhecimento de poesia erótica: era irresistível para todas as criaturas do sexo masculino. E a Ponte do Arco-Íris não era apenas um projeto de engenharia espetacular, construída apenas de gelo e aço: era — de acordo com os Aesir — realmente uma ponte feita de arco-íris.

Zaphod ainda se debateu por um minuto enquanto o plasma evaporava. Depois gemeu ao perceber que os saltos de suas botas prateadas derreteram quando ele passou pelo casulo.

— Ah, porra! — reclamou — Você sabe quantas línguas de Diabo de Saliva Turquesa são necessárias para fazer esses saltos? Cara, esse é o pior dia da minha vida.

Heimdall curvou-se acima dele, com um sorriso de vários metros de largura.

— Fico muito feliz em saber.

— Ei, essa ponte de *arco-íris* é feita de gelo e aço — disse Zaphod. Uma vingança infantil pelos saltos das botas.

— Silêncio! — rugiu Heimdall — Ou você será esfolado!

— Mas já estou molhado.

— Não, não é molhado.

— É molhado, não é molhado. Decida-se!

— Eu disse *esfolado*. Esfolado! A pele arrancada do corpo!

Zaphod engoliu em seco, comicamente.

— Agora minhas calças é que estão molhadas. Você pode fazer isso?

Heimdall apertou o nariz e recitou em voz baixa a primeira estrofe da saga Völsunga, o que geralmente o acalmava, porém desta vez nem mesmo os feitos de Sigurd puderam acalmar seu coração.

Enquanto Heimdall recitava, Zaphod superou a perda dos saltos e decidiu que tinha objetivos maiores para alcançar. Saltou de pé, caiu imediatamente, tentou encobrir a queda embaraçosa com uma cambalhota para trás, levantou-se de novo, cambaleou por um segundo até que encontrou um passo que funcionava com botas de salto alto sem saltos, depois deu uma pirueta de 360 graus.

— Uau — falou — Devo dizer, Heimdall, que vocês têm um mundo bem irado por aqui. Quero dizer, caramba! Aquilo ali é uma cachoeira? Qual é o tamanho dela?

Heimdall tentou recitar uma última estrofe antes de responder:

— É a fonte da juventude, se quer saber. Frigga queria uma fonte ornamental.

— Muito legal. Jardinagem e paisagismo, meu amigo, isso é o futuro.

— Não, não é — disse Heimdall, soturno — O Ragnarök é o futuro. Os deuses

vão perecer e o Universo vai se afogar em seu próprio sangue.
Zaphod assentiu.
— Bem, essa seria uma cachoeira digna de se ver. Mas por enquanto vamos manter o pensamento positivo, hein, grandão? Ainda não estamos nos afogando em nosso próprio sangue.
Heimdall era de fato um sujeito grande, principalmente se você o vir de baixo. Encarar a genitália de um deus normalmente faz maravilhas para a baixa autoestima de uma pessoa. Especialmente quando os membros em questão encontram-se bem apertados pela parte de baixo de um macacão de esqui listrado de vermelho e azul-néon. Heimdall passava seus dias e suas noites no gelo, de modo que tinha decidido se vestir de acordo. Havia descartado as tradicionais calças de couro, trocando-as por botas de snowboard, um par de óculos para neve cor de laranja e uma faixa de filtro solar no nariz.
— Então. Odeio apressar as coisas, sabe como é, meu velho, mas queria falar com Thor. Há alguma chance de você dar um jeito para que eu possa vê-lo...?
Heimdall esqueceu de sua visão apocalíptica por um momento e espiou Zaphod lá embaixo.
— Você falou em corrigir. Disse que queria corrigir seus erros.
Zaphod pôs na cara seu sorriso mais amável.
— Sim, parece muito com algo que eu falei mesmo, não é? Mas, em minha defesa, devo dizer que não estava falando sério. Eu estava sob muita tensão.
— Você conhece os procedimentos, Zaphod.
— Ah, tarefas não! Qual é, Heimdall. Isso é tão fora de moda. Achei que vocês haviam chegado aos tempos modernos.
— Asgard nunca muda.
— E quanto àquela cachoeira ornamental? Não estava aqui na minha última visita.
— De modo significativo. Asgard nunca muda de modo *significativo*. Três tarefas, Beeblebrox, se você quiser mesmo falar com ele.
— Três? Não tenho tempo para três. Suas tarefas levam um tempão. Faço uma.
— Três — insistiu Heimdall, os olhos saindo das órbitas.
— Uma! — repetiu Zaphod.
— Vou matar você de uma vez, que se dane.
Zaphod se jogou para trás e depois se balançou para frente.
— Sei que você está blefando, garotão. Conheço as regras daqui. Ninguém é mandado pelo ralo em Asgard sem que o Grande O dê permissão.
— Não me provoque, porque eu ligo para ele num minuto.
— Ah é? E o que está te impedindo? Talvez Odin não dê o número dele para os porteiros.

Heimdall balançou a cabeça enorme.
— Não faça isso, Bublebrocha. Não me faça ligar para ele. Ele não gosta de você.
— Liga logo, anda. Mas você não vai fazer isso, porque ele é o número um e você... você nem tem o número! Odin pode estar curtindo um belo chifre de hidromel agora mesmo e seu telefonema vai fazer com que ele o deixe cair, e então, por Zárquon, *isso* vai ser o Ragnarök.
Heimdall apontou um dedo do tamanho de um míssil.
— Certo. É isso. Vou ligar.
— Vai? Parece que você ainda está falando comigo. Muito beiço falando e nada de dedo digitando.
— Lembre-se disso, Zaphod — murmurou o deus — Tudo o que eu queria eram três tarefas. Quatro, no máximo — Ele balançou o chifre de um determinado modo e este se encolheu até se aninhar na palma da mão do deus — É isso. Não há como recuar agora.
— Claro que há, se você não for um idiota completo.
— Idiota! — grasnou Heimdall, no tom engasgado de um Furão Catarrento de Folfanga cuja garganta está sendo coçada para retirar o precioso remédio que existe no muco — Você me chamou de idiota! — Ele digitou um número no teclado do chifre e cantarolou durante alguns instantes enquanto o aparelho tocava.
— Oi, alô. Odie, sou eu — disse no chifre.
Heimdall fechou um dos olhos e aguentou alguns segundos de bronca do Pai-de-Todos.
— Certo. Desculpe, sei que você tem um monte de bolas de plâncton douradas para separar, e sei que hidromel mancha. É só congelar a camisa que a marca sai facilmente. Escute, estou com um sujeito aqui, um mortal. Só queria sua autorização para matá-lo.
Mais bronca. Zaphod podia facilmente captar o tom mesmo estando três metros abaixo do telefone.
— Sei que nós não... Conheço a política... Claro que li o documento... as partes principais, pelo menos.
Zaphod se afastou, já impaciente com uma situação que não lhe era favorável. Quando criança, Zaphod fora diagnosticado com DDDAAADDAHD (pnm) UPB, o que significava DEVANEADOR DESVAIRADO COM DELÍRIOS ALTAMENTE ALUCINÓGENOS ALÉM DE DESORDEM DE DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE DIGESTIVA (PARA NÃO MENCIONAR) UM POUCO DE BURRICE. Mesmo depois de adulto, Zaphod não conseguiu tratar esse problema porque nunca conseguia se lembrar do nome da doença.

Um monte de Da, tinha dito ao seu fornecedor de drogas legais em Eroticon VI. *Talvez um H*. E ele lhe prescreveu um supositório para DDH, que era Dose Dupla de Hemorroidas. Zaphod parou de usar o remédio depois de alguns dias porque não conseguia mais suportá-lo.
Assim, ainda que Heimdall e Odin estivessem discutindo seu futuro imediato e a quantidade de desconforto contido no mesmo, Zaphod pegou-se distraído pelas luzes de Asgard. Era uma visão incrível, mesmo para alguém acostumado aos brilhos do Universo.
Em termos de tamanho, Asgard não era nenhum Megabrantis, mas ainda assim impressionava. Para começar, tinha todo o negócio do *esculpido em gelo*, que lançava uma resplandência brilhante azul-prateada por toda a superfície. A superfície propriamente dita era coberta com o tipo de relevo detalhado que levaria um magratheano a trabalhar com espionagem industrial: rios poderosos, enormes montanhas cobertas de neve e majestosos fiordes, imponentes como o eletrocardiograma de um pássaro animado e com arritmia. Reluzentes deserto de gelo coexistiam impossivelmente ao lado de plantações de trigo douradas, tudo isso banhado a raios ultravioletas que não vinham de nenhuma estrela específica. Castelos mais altos do que as nuvens, com dragões enrolados nas torres. Era um mundo dos sonhos, especialmente se os sonhadores fossem homens entupidos de testosterona que nunca precisavam se comportar como adultos.
Heimdall estava falando alguma coisa.
— Hmm? — perguntou Zaphod.
— Recebi sinal verde — disse o deus, sorrindo.
— Que sinal verde? Para que você quer um sinal verde?
— É uma expressão. Sinal verde significa “vá em frente”.
— Ir em frente aonde?
— A lugar nenhum. Não vou a lugar nenhum.
— Então para que você precisa de um sinal verde?
Heimdall segurou o nariz.
— E Sigurd avançou até à moradia de um poderoso chefe chamado Heimir; que tinha como esposa uma irmã de Brynhild que era conhecida como Bekkhild, já que havia crescido em uma casa e aprendido as tarefas femininas, ao passo que Brynhild foi para a guerra, e por isso era conhecida como Brynhild mesmo.
— Entendo — disse Zaphod, imaginando se poderia usar loucura como desculpa para atravessar a ponte correndo.
Como se lesse sua mente, o que provavelmente era mesmo capaz de fazer, Heimdall bloqueou o caminho de Zaphod com uma gigantesca bota com acabamento em pelúcia.
— Eu disse a Odin que era você.

De repente, Zaphod ficou um pouco mais nervoso do que antes.
— E o que ele disse?
— Disse que você era uma conhecida figura pública, e que portanto eu deveria fazer parecer que foi um acidente.
— Acidente?
Heimdall sacudiu o Gjallarhorn até voltar ao tamanho original — observou Zaphod.
— É, vou convocar os dragões.
— Para que eles possam me matar de forma que pareça um acidente? — supôs Zaphod.
O sorriso de Heimdall era largo como uma lua crescente.
— Isso mesmo, Beesteirox. Vou instruí-los a matar você por acidente, mas você vai achar que parece assassinato.
— Ah — disse Zaphod — E quanto às tarefas? Devem ter algum machado de ouro perdido por aí que vocês precisam que eu encontre.
— Você queria uma tarefa — respondeu Heimdall — E é exatamente o que vai receber.
Zaphod soprou nas mãos.
— Ótimo. Fantástico. Então, vamos em frente com isso? Estou congelando aqui. A cicatriz do meu segundo pescoço sente muito frio, o que por sinal é o nome do meu próximo disco.
— É uma tarefa muito simples — disse Heimdall inocentemente — Você só precisa atravessar a ponte.
Atravessar a ponte, pensou Zaphod. *Isso me parece familiar. Mas, afinal de contas, "ponte" é uma palavra bem comum. E frequentemente usada no sentido metafórico.*
— Qual ponte?
— Esta ponte! — rugiu Heimdall, agitando a barba — Esta porcaria de ponte em que você está.
— Ok. Só estava tentando entender todos os detalhes. Atravessar esta ponte onde estou. O que mais?
— Há um tubo de atmosfera falsa, para você não se perder. Se chegar ao primeiro muro, precisa escalá-lo.
Preciso escalar esse muro. Novamente familiar. Mas a palavra "muro" é ainda mais comum do que "ponte".
— Então, atravessar e escalar. Daqui. Sem nenhum truque escondido?
— Fora os dragões tentando te derrubar no abismo? Não.
Zaphod franziu a testa.

— Então os dragões não são criaturas amáveis que cantam músicas e coisas assim, como nas histórias de crianças?
— Eles cantam melodias da morte.
— É mesmo? E tem alguma coisa que rima com “esfolar”? — Um raro flash de humor nada perceptivo veio de Zaphod na pior hora possível.
— Ah, muito bem. Você acabou de diminuir dez segundos do seu tempo de vantagem.
Heimdall adotou uma postura heroica, o que não é fácil quando se está usando roupa espalhafatosa de esquiador, mas, para ser completamente justo, o deus conseguiu. Levantou o chifre e tocou uma série de notas longas, ondulantes, que pareciam suspeitamente com uma velha canção de ninar betelgeusiana *“Arkle Schmarkle senta num schmed”*, mas com um semitom a mais que, de alguma forma, sugeria violência.
Zaphod sentiu um arrepio súbito na cicatriz onde antes ficava seu segundo pescoço. Girou sobre o ponto onde um dos saltos prateados brilhava até bem recentemente e correu feito um louco pelo tubo de falsa atmosfera, atravessando a chamada Ponte do Arco-Íris.

Nave Hiperespacial Vogon Classe Burocruzador, a Fim de Papo

Constante Mown estava sentado no assento hiperespacial de seu escritório, tremendo, enquanto a *Fim de Papo* saía do hiperespaço mais ou menos como um repórter betelgeusiano saltaria de um arbusto convenientemente posicionado com sua bexiga vazia (O repórter é que estaria de bexiga vazia, e não o arbusto, a não ser que fosse um arbusto da espécie Howhi, que expele suas sementes numa solução ligeiramente ácida quando detecta umidade em sua folhagem. Essencialmente, o que acontece é que, quando você mija no arbusto, ele mija de volta em você).

Só mais oito saltos, pensou Mown. *E, então, vamos exterminar mais uma espécie.*

E, na verdade, essa ideia não lhe deu a satisfação que devia. Sem dúvida, não existia coisa melhor para um vogon do que arquivar a pasta de uma ordem satisfatoriamente cumprida, mas frequentemente Constante Mown pensava que talvez não fosse um safado tão completo quanto seu pai achava. De fato, nos últimos meses, quando ele procurava dentro de si pelo duro âmago típico dos vogons, aquilo que era necessário para realizar as tarefas mais desagradáveis, em vez do interior de aço e *krumpst*, ele encontrava sensibilidade e empatia. Era horrível, amedrontador. Como um constante iria se tornar um prostetnic se emoções melosas como aquela não paravam de surgir em sua cuia cerebral?

Não quero ser um prostetnic. Não quero ser um burocrata cumpridor de tarefas.

Ah, claro, Mown bancava o bom vogon na cabine de comando — balançava os bracinhos moles saudando o pai, fingia euforia com os torpedos de Morte Desnecessariamente Lenta e Dolorosa — mas aquilo não estava em seu bombeador de sangue.

Não quero matar ninguém, nem mesmo tendo a papelada necessária.

Mown teve de respirar fundo algumas vezes, antes de compor o próximo pensamento.

Há coisas mais importantes na vida do que burocracia.

Depois, disse em voz alta:

— Há coisas mais importantes na vida do que burocraciaaaaa!

De repente, havia um pouco de bile na garganta de Mown, mas o pequeno vogon estava tão agitado que não pôde desfrutar desse momento. Saiu de seu assento de hiperespaço e arrastou-se ao longo da prancha de drenagem, perto de sua cama, até encontrar um copo para cuspir.

Assim está melhor.

Ele tinha mesmo dito aquilo em voz alta? O que estava acontecendo com ele?
Mown agachou-se suavemente na cama, um ato que teria surpreendido de forma terrivelmente negativa a seus companheiros de bordo. Em geral, os vogons não têm os meios para agachar-se suavemente sobre coisa alguma. Despencar desajeitadamente ou lançar-se cegamente eram as únicas opções disponíveis para um vogon. Levantar de novo era ainda pior do que sentar. Sair de qualquer coisa mais baixa do que um banco de bar geralmente implicava em um cóccix machucado, um aparelho contendo um complicado sistema de pesos e polias e vários litros de suor e cuspe. Porém Mown possuía alguma coisa até então completamente desconhecida entre os vogons. Ele possuía um pouco de graça.
Mown enfiou dois dedos por baixo do colchão até alcançar uma pequena peça de plástico cor-de-rosa contrabandeada. Enfiou a coisa embaixo de sua coxa e estremeceu nervoso por alguns instantes, juntando o *krumpst* necessário para trazê-la à vista.
— Esta é a última vez — prometeu a si mesmo — Uma olhada e depois me livro disso. Nunca mais. É absolutamente a última vez.
Olhe para mim, dizia a coisa cor-de-rosa, quente por baixo do tecido de sua calça xadrez. *Olhe para mim e veja a si mesmo*.
Os dedos de Mown batucaram na cama por alguns segundos e depois, com um súbito momento de coragem, ele pegou o cabo da coisa e a puxou para fora.
A coisa era um espelho plástico da Barbie, comprado num mercado barato de Porto Brasta. Autêntica relíquia da Terra. Os espelhos eram estritamente proibidos a bordo da nave, pois os vogons já eram suficientemente depressivos sem ter de olhar para as próprias caras durante suas viagens.

> *Nota do Guia: Os vogons sobreviveram graças a uma capacidade inigualável de observação e concentração. Deixando de lado suas desprezíveis tentativas de fazer arte poética, a maioria dos vogons tenta focar a atenção nos erros evolutivos das outras espécies, para assim evitar pensar em suas próprias deficiências. Eles raramente perdem tempo buscando autoconhecimento em tanques de flutuação, jamais fazem retiros espirituais e com certeza não observam seus rostos deformadamente inchados em espelhos. A única raça que conseguiu impedir uma demolição planetária vogon de forma bem-sucedida foram os tubavix de Sinnustra. Eles enviaram um vírus de computador que transformava todos os monstros da frota vogon em espelhos. Cinco minutos após o vírus ter sido carregado, as naves vogons começaram a atirar torpedos umas contra as outras.*

Mown olhou-se no espelho e não sentiu nenhuma repulsa. De fato, gostou do que viu.

Ah, meu deus, pensou. *O que está acontecendo comigo?*

Na verdade, algo *havia* acontecido com Mown. Alguns meses antes, sua gororoba de café da manhã fora contaminada pela ponta de um tentáculo de mandarim chapéu-de-cogumelo, que soltou veneno suficiente para fazer Mown reconhecer algo que já suspeitava há algum tempo:

Eu não me odeio.

Esse era um pensamento revolucionário, se não uma heresia, para um vogon, e sem dúvida levaria Mown a ser expulso do corpo burocrático caso admitisse isso em seu teste psicológico. Se o corpo burocrático fizesse um teste psicológico, é claro.

Ultimamente Constante Mown estivera tendo mais do que esse simples pensamento.

— Eu não me odeio — sussurrou ao espelho — Considerando tudo, até que não sou completamente ruim demais.

E, se Mown não se odiava, qual seria sua contribuição para o Universo? Se não fosse amor, certamente era uma versão diluída disso.

Gosto de mim mesmo, e assim talvez os outros possam gostar de mim também.

— Mas não se eu matá-los — disse Mown, soturno, para o próprio reflexo.

Sofrera ao ver terráqueos sendo erradicados uma vez; se isso acontecesse de novo, poderia vir a se odiar.

Mown fechou os dedos em volta do minúsculo espelho.

Por que contei a papai sobre a colônia?

Porém Mown sabia a resposta.

Contei a ele porque isso é de conhecimento geral e ele acabaria descobrindo de uma forma ou outra, então eu seria a pessoa que não contou para ele. E, sem mim, os terráqueos não têm nenhuma chance.

Mown sorriu debilmente para seu reflexo, depois enfiou o espelho de volta no lugar.

Deve haver alguma maneira, pensou. *Alguma maneira de salvar os humanos e não ser atirado para o espaço pelo meu próprio pai.*

capítulo 7

TANNGRISNIR

A nave de Wowbagger ficou avermelhada ao sair do Universo real para a misteriosa onicamada da escuridão do espaço. A vista pelas janelas era tão absurdamente exótica que um viajante espacial comum só poderia suportá-la por alguns segundos, antes de entrar em estado catatônico ou substituir a visão real por algo agradável vindo de sua imaginação, que consequentemente, revelaria um bocado sobre ele.

Ford Prefect também chegou a ficar vermelho.

— Goosnargh! — guinchou, cobrindo uma janela com sua sacola — Já vi um monte de coisas nos velhos dias, e nas velhas noites também, mas aquilo... aquilo é... — E saiu correndo da cabine de comando, pois sabia que, em alguns momentos da vida de um homem, é melhor ficar sozinho do que discutir a paisagem, principalmente quando havia uma grandiosa suspeita de que a paisagem se originava nos recônditos da própria mente do imaginador. Nesse caso em particular, Ford pensava nos excessos cometidos numa tarde de inverno durante o festival da carne em Carna-val, quando se fantasiara de urso-pular e tinha escalado uma torre de cadeiras empilhadas, sendo resgatado depois por um bando de bombeiros de três pernas que exigiam uma recompensa muito curiosa.

— Que há de errado com ele? — perguntou Random — Tudo que eu vejo é nada e mais um pouco de nada. Uma vastidão de nada para ser vista.

— Você tem sorte — disse Bowerick Wowbagger — Há coisas bem piores de se ver do que nada. O Nada Absoluto, por exemplo.

— Ah, que gracinha. Você deveria escrever mensagens para cartões de Natal.

— Pare para escutar, criança estranha. Você pode acabar aprendendo alguma coisa.

— Com você? Não, obrigada. Acho que prefiro continuar burra.

— Então seu desejo já foi atendido.

O cabelo da nuca de Random arrepiou ainda mais, e estava só a um milímetro de diferença de um porco-ouriço-de-focinho-de-amora que tivesse acabado de

farejar um cão de caça.
— Como se atreve? Tem ideia de quem eu sou?
— Um membro do Culto da Ridicularia Gaguejante das Planícies Pantanosas de Santagrino V? — sugeriu Bowerick.
— Ridículo!
— Oh, perdoe-me, o correto é Culto do *Ridículo* Gaguejante das Planícies Pantanosas de Santagrino V.

> *Nota do Guia: Essa conversa teve elementos semelhantes à discussão que levou o verdadeiro Culto da Ridicularia Gaguejante das Planícies Pantanosas de Santagrino V ao fim. Em seu auge, o CDR tinha muitas dezenas de nomes em sua lista de correspondência, mas a organização ruiu após uma sessão particularmente polêmica de perguntas e respostas das sextas-feiras, quando o tesoureiro do Comitê, T'tal Ychune, questionou o presidente Oloon Yjeet quanto à validade do nome da instituição. Nas atas está registrado o seguinte:*
> *Yjeet: A mesa reconhece o tesoureiro Ychune.*
> *Ychune: É claro que você me reconhece. Eu sou seu primo, oras. Nós brincávamos com cocô de vorkle juntos, ou será que você preferiu esquecer disso?*
> *Yjeet: Por favor, T'tal...*
> *Ychune: Prefiro ser chamado de tesoureiro Ychune.*
> *Yjeet: (suspira) Por favor, tesoureiro Ychune, podemos tentar manter a cortesia e a educação neste local?*
> *Ychune: E você sabe tudo sobre cortesia, não? Foi muita cortesia de sua parte dar todos aqueles anticoncepcionais para minha noiva na semana passada. Cortesia até demais.*
> *Yjeet: Eu já lhe expliquei sobre isso.*
> *Ychune: (rindo amargamente) Ah, claro, aquela história do balão de água. Como eu pude esquecer?*
> *Yjeet: Há algum assunto oficial que você queira apresentar?*
> *Ychune: Certamente que sim. Proponho que o nome da nossa sociedade seja trocado de Culto da Ridicularia para Culto da Ridicularidade.*
> *Yjeet: Você está falando sério?*
> *Ychune: Completamente. Ridicularia é nome datado e um tanto pastelão. Acho que Ridicularidade nos dará um tom mais sério.*

Yjeet: Sério? Nós somos uma associação que celebra a história da comédia nonsense retratada no verso das caixas de cereais. Seriedade. É ridículo!
Ychune: Arrá! Você só está defendendo o meu ponto de vista.
Yjeet: (levantando-se abruptamente) Yjenean me ama, e nunca te amou! Supere isso. E pode ficar com essa sociedade idiota.
Ychune: (também se levantando e retirando um grande facão que, de alguma forma, fora capaz de esconder em seu short comicamente bufante — a vestimenta padrão da sociedade) Não é idiota, é ridícula! Tem uma diferença!
O resto da transcrição ficou ilegível pois as manchas de sangue dissolveram a tinta. Somente três frases podem ser decifradas nas últimas linhas que são: "testado eletronicamente", "você chama isso de short comicamente bufante" e "claro que os elefantes sonham!". Sinta-se livre para tirar suas próprias conclusões.

Random cruzou os braços e pendeu o corpo para o lado, como se estivesse andando diante de uma ventania.
— Sei o que você está pensando, *Bowerick*.. Está pensando que a qualquer momento eu vou ficar sem ter o que falar e terei que repetir o meu "eu te odeio" e sair novamente batendo os pés.
— Eu realmente estava esperando que nossa conversa terminasse do modo tradicional.
— Você não vai se livrar de mim tão facilmente pela segunda vez. Eu tenho a paciência de uma pensionista e a energia de uma adolescente, por isso podemos discutir o dia inteiro, se é isso que você quer.
Bowerick Wowbagger apertou o canto dos olhos.
— Isso é o completo oposto do que eu quero.
Trillian torcia os dedos à medida que o nível da troca de insultos ia piorando. Seus créditos de boa mãe estavam tão negativos que nem sabia onde ficava o nível apropriado de moral. Mesmo que pudesse vislumbrá-lo ocasionalmente, como um andarilho míope vislumbra um morro encoberto de névoa à noite, não poderia imaginar quem o ocupava ou como fazia para escalar suas encostas, caso trombasse nelas por acidente.
— Random — disse agressivamente, mas depois mudou de ideia — Quero dizer, *Random* — Amável e suave, assim: R-a-a-andom.
— O que você está resmungando, mãe?
Trillian sentiu a velha animosidade crescendo, mas estava determinada a se

controlar.
— Filha, quero ser compreensiva com você. Mas *resmungar*? Resmungar, Random, querida? Eu sou mais do que uma mãe, sou uma amiga. Mas eu não resmungo, amor.
Random virou seu olhar gótico para Trillian.
— É mesmo? Pois, para mim parece que está resmungando. Resmungando e falando abobrinha. Você não deveria estar por aí cobrindo uma competição canina ou qualquer coisa assim? Ou me deixando sozinha de novo com alguém completamente estranho, talvez?
Antes que Trillian pudesse pensar em uma resposta, para depois temperá-la com compaixão nascida diretamente da culpa, Bowerick Wowbagger decidiu que já estava de saco cheio.
— Nave — ordenou — Entube a fêmea mais jovem.
A ponta de um tubo transparente brotou do teto subitamente liquefeito e pairou sobre a cabeça de Random. Seguiu-a por uns instantes, depois fez um *uuup* para baixo assim que seu programa achou que sabia onde o alvo estaria no segundo seguinte.
Random ficou presa num tubo à prova de som, e uma dose de um gás verde a fez dormir. Seu rosto se retorceu e depois assumiu uma expressão estranha que Trillian demorou um instante para reconhecer como um sorriso.
— Acho que vou chorar — disse ela, olhando carinhosamente para sua filha drogada e aprisionada — Não vejo um sorriso como aquele há anos. Na verdade, não desde que Random foi nomeada juíza júnior no jardim de infância. Ela adorava distribuir aqueles bilhetes para os pais.
— A criança está sonhando. Posso mostrar seu sonho no monitor, se você quiser — ofereceu o capitão da nave.
Havia um espinho de raiva entalado na garganta de Trillian, e agora havia um bom motivo para liberá-lo.
— Como você ousa? — berrou ela, de olhos arregalados, o queixo projetado à frente — Você drogou minha filha.
Wowbagger pegou uma coisinha rosada do chão.
— E também cortei o indicador dela.
Trillian engasgou com seu espinho de raiva.
— Você o quê? Que diabos, você o quê?
— Tecnicamente, foi a nave que fez isso. O tubo tem as bordas afiadas; ela deve ter estendido o dedo no último segundo. Provavelmente para fazer algum gesto obsceno...
— Meu bebê, minha menininha. Você decepou...
Wowbagger jogou o dedo em direção ao teto liquefeito, que o absorveu.

— Calma, calma. Não *decepei*. Decepar implica que tive uma intenção deliberada de fazer isso. Foi, no máximo, um acidente infeliz.
Trillian bateu no tubo com as palmas das mãos.
— Arthur! Esse maluco está fatiando nossa filha.
— Não estou fatiando — disse Wowbagger, consultando seu computador portátil — A nave já fez crescer um novo dedo para ela.
Trillian verificou. Era verdade. Um dedo rosado e novinho em folha soltava vapor suavemente na extremidade do metacarpo de Random. Não havia sangue nenhuma à vista e a adolescente não parecia desconfortável.
— Sua filha está relaxada e sonhando — continuou Bowerick Wowbagger. Pegou seu computador portátil novamente e se encolheu diante do que quer que estivesse vendo na tela — Porém, talvez seja melhor eu não mostrar os sonhos. São um tanto matricidas.
— Acorde-a agora! — exigiu Trillian.
— Isso está absolutamente fora de questão.
— Acorde-a imediatamente.
— De jeito nenhum. Ela é insuportável.
— E suponho que você não seja.
Wowbagger pensou nisso, roçando o polegar com o indicador para clarear o pensamento, como era tradição de seu povo.

> *Nota do Guia: O povo de Wowbagger acreditava que essa ação tinha origem em algumas velhas histórias contadas por concubinas, até que cientistas realmente descobriram bolsas de um hormônio inibidor de adenosina sob as almofadas dos polegares. Uma rápida roçada no polegar libera tanta energia quanto cinco xícaras de qualquer bebida energética. Assim, muitas pessoas ficaram viciadas nesses pequenos baratos e passam o dia inteiro sentadas no sofá coçando os polegares.*

— Imagino que algumas pessoas me acham insuportável — concluiu ele — Mas diria que ninguém gosta daquela criança, a não ser que a pessoa em questão esteja cega devido aos laços familiares.
— Então quer dizer que agora eu estou cega?
— Não consigo pensar em outra razão para você tolerá-la. Ela é no mínimo desagradável, admita.
— Não vou admitir nada!
— Você ouviu como ela fala comigo? Ou como fala com você?

As bochechas de Trillian estavam pegando fogo.
— Nós tivemos nossos problemas. Mas, eles são *nossos*. Agora liberte minha filha.
Wowbagger se encolheu diante das possibilidades.
— Que tal se eu colocá-la no depósito por algum tempo? Posso mandar o computador derreter um pouco da nicotina que se encontra nas paredes dos pulmões dela.
— Não ouse colocá-la no depósito! — gritou Trillian, resistindo a uma violenta ânsia de bater os pés. Depois: — Nicotina? Ela andou fumando?
— Por alguns anos, segundo meus dados.
— Fumando? Onde ela arranjou tempo para fumar? Eu acho que nunca a vi respirando, no meio de toda aquela reclamação.
— Depósito, então? Vamos lá.
Trillian sentiu-se tentada.
— Não. Não, mas talvez uma limpeza nos pulmões.
Bowerick mexeu os dedos sobre alguns sensores e o tubo de Random foi preenchido por ondas de lasers.
— Random vai suar esse alcatrão pelos próximos dias. Talvez sinta um pouco de enjoo.
— Ótimo. Isso deve lhe ensinar uma lição. Cigarro...!
Bowerick enfiou a mão numa mesa feita de gel e tirou uma xícara de chá.
— Acho que devemos deixá-la aí até chegarmos à nebulosa. Assim ninguém sofre e todo mundo sai ganhando.
Wowbagger tinha um jeito cativante, charmoso, e Trillian se viu esquecendo o dedo decepado. Afinal de contas, Random estava perfeitamente bem. Na verdade, estava melhor do que bem. Estava fantástica.
— Não... eu não poderia suportar. Poderia?
Wowbagger deu de ombros.
— Pelo que pude perceber, você não é exatamente a mãe do século, então o que são mais uns dias de negligência?
E, assim que Wowbagger acabou a frase, o charme acabou.
— Como você se atreve? Seu alienígena grosseiro.
— Estamos no espaço aberto, de forma que, tecnicamente, não há alienígenas na nave.
— Você não faz ideia das coisas pelas quais passei. Não pode me julgar.
Era nesse momento da conversa que Arthur, invariavelmente, saía da sala para procurar um objeto extremamente importante, embora não tivesse um nome e estivesse em algum lugar não especificado e muito difícil de encontrar. Até mesmo o incauto Ford teria dado uma olhada no rosto de Trillian e saberia que

era hora de fechar sua entrada principal de drinques, mas Wowbagger, com o desejo sincero de morrer há vários milênios, caminhava instintivamente na direção de situações perigosas.
É bastante improvável, dizia seu subconsciente. *Mas talvez essa mulher da Terra, essa inegavelmente atraente mulher da Terra, possa vir a me causar algum estrago físico considerável.*
Mas não.
— Na verdade, tenho uma boa noção sobre o que você passou. O computador leu suas memórias. Tenho tudo aqui arquivado.
— Você andou xeretando meu cérebro?
— Claro. Eu a trouxe a bordo da minha nave. Você poderia ser uma assassina em série. Com alguma sorte.
— Você não tinha esse direito.
— Ah, lá vamos nós com a conversa de jornalista. O que aconteceu com o "não vamos causar nenhum incômodo, senhor Wowbagger"?
— Eu pedi para você nos dar uma carona, não para xeretar nossas memórias.
— Novamente você está usando o sentido errado. Não houve nenhum intenção de machucá-los.
Trillian apertou os punhos com tanta força que seus dedos estalaram.
— Seu jumento escroto e pedante!
— Ah, sim. Eu tinha me esquecido de como vocês, terráqueos, gostam... gostavam... de insultos baseados em formas de vida inferiores. O que vem em seguida? Macaco presunçoso?
— Ah, consigo pensar em algo melhor.
— É mesmo? Um minuto, vou pegar meu caderno de anotações. Estou sempre procurando novidades, você sabe.
Trillian se sacudiu como soldado sendo segurado por braços invisíveis.
— Muito bem, Wowbagger. Faça uma lista de insultos para poder continuar desperdiçando sua vida inútil causando sofrimento nas pessoas.
— E isso seria muito diferente de passar a vida longe da própria filha, fazendo reportagens sobre o sofrimento alheio?
— Pelo menos não sou eu que estou causando o sofrimento delas.
— Verdade? Que tal perguntar à menina que está no tubo?
Os dois estavam frente a frente e Bowerick começou a se empolgar com a disputa. Jogou a xícara para o teto e desviou toda sua atenção à fêmea humana.
— Vá em frente então, Trillian Astra. Dê-me algum insulto novo que já não tenha ouvido um zilhão de vezes.
— Vá se zarkar, Bowerick.
— Você acha mesmo que isso é novo?

— Você pensa mesmo que vou perder tempo tentando impressionar alguém que acabou de mutilar minha filha?
— Sim. Vocês, figurões da mídia, vivem tentando impressionar o Universo. Pense em mim como um espectador.
A expressão de Trillian poderia ter sido um sorriso. Pelo menos, havia alguns dentes envolvidos naquilo:
— Um espectador? Nunca tentei atrair a audiência do seu grupo demográfico.
— E qual grupo demográfico seria esse?
— Os esquisitos malucos. O exército de solitários depressivos.
— Um exército de solitários? — perguntou Bowerick, sarcasticamente.
— Você só está se escondendo, Wowbagger. Nesta nave, atrás de mundos. Você é triste, solitário, idiota, desperdiçando a incrível dádiva que recebeu. Imagine tudo que você poderia ter feito.
Wowbagger não pôde sustentar o olhar dela por muito tempo.
— Eu vi coisas em que vocês não acreditariam. Naves de guerra disparando dos ombros de Órion. Observei raios-C brilhando no escuro perto do Portão de Tannhäuser. Todos esses momentos irão se perder no tempo, como lágrimas na chuva.
— Você é patético.
— Essa frase veio de um dos meus filmes favoritos. Assisti a um monte deles.
— E insultou um monte de gente.
— Isso também.
— Tudo por causa de alguns elásticos.
— Zark de elásticos. Agora sabemos que toda a doutrina dos elásticos era bobagem.
— Você teve a eternidade nas suas mãos e desperdiçou.
Bowerick se encostou na parede, desaparecendo até o ombro.
— Sim. Fiz isso e quero morrer.
— Eu também.
Bowerick ficou incomodado com a afirmação de Trillian, e também com a ideia de vê-la morta.
— *Você* quer morrer?
Trillian pôs a mão na bochecha verde e macia dele.
— Não, seu idiota. Quero que *você* morra.
— Bem pelo menos concordamos em alguma coisa.
Trillian encarou os olhos esmeralda de Wowbagger.
— Quando você quer morrer? Logo?
Bowerick já estava vivo há tempo suficiente para reconhecer a deixa de uma mulher quando a ouvia.

— Não imediatamente — respondeu, e se inclinou para beijar Trillian Astra.
Ela estremeceu um pouco, mas não tanto quanto a garota no tubo, que tinha acabado de recuperar a consciência.

ASGARD

A maior fantasia de qualquer um dos Aesir era estabelecer tarefas impossíveis para mortais, depois sentar confortavelmente em um banco de bar e observar o pobre infeliz estourar uma tripa ao tentar cumprir a ordem dada. Uma das tarefas prediletas dos deuses era matar um dragão ferocíssimo, ou escalar uma torre altíssima ou até mesmo atravessar um deserto vastíssimo. Qualquer coisa que tivesse um superlativo estava bom. As melhores tarefas, porém, eram as que ficavam tão próximas do possível que o idiota quase podia alcançar a vitória quando o fracasso o surpreendia por trás e aplicava uma dose fatal de morte horripilante.
Normalmente, as tarefas sempre vinham em grupos de três, para que o mortal que estava sendo testado pudesse ter um gostinho do sucesso nas duas primeiras e, dessa forma, se sentir o maioral do pedaço. Isso geralmente resultava em comemorações empolgadas, até que a divindade anunciasse a terceira tarefa, que era sua cartada final. Odin insistia em regras justas, de modo que, na teoria, a pessoa tivesse uma chance de ser bem-sucedida; mas em toda a história das tarefas impossíveis, só um homem completara as três sem perecer no processo. Na verdade, esse homem era o próprio Odin, com dos seus disfarces humanos dos quais sentia tanto orgulho.
— Uau — os outros deuses foram obrigados a dizer — Que incrível mortal que não se parece nem um pouquinho com Odin! — E tiveram que fingir que era totalmente normal que um homem pudesse se mover mais rápido do que a velocidade de captação das câmeras e mudar de tamanho sempre que precisasse.
Seria de imaginar que ele pelo menos se esforçaria para inventar um nome falso, Loki havia dito telepaticamente a Heimdall. *Quero dizer, Wodin? Fala sério!*
Zaphod Beeblebrox tinha conseguido negociar uma redução de três tarefas para apenas uma, o que na prática significava que ele fracassaria e morreria duas tarefas antes do tempo, um ato que não causaria um efeito particularmente traumatizante em ninguém dentro daquela bola de gelo, a não ser nele próprio.
O presidente da Galáxia pegou-se caindo para um dos lados enquanto corria pela

Ponte do Arco-Íris.
Meu equilíbrio fica uma porcaria sem o Cérebro Esquerdo, percebeu. *E minha respiração também.*
Ele estava inspirando uma grande quantidade de oxigênio, mas apenas uma fração chegava aos seus pulmões.
Deve ter um vazamento em algum lugar.
Não havia vazamento nenhum, na verdade; simplesmente os pulmões de Zaphod estavam acostumados a ter duas traqueias alimentando-os, mas agora apenas uma lutava sozinha para dar conta do serviço. Não ajudava o fato de que a mistura de dióxido de carbono com oxigênio era um pouco pesada demais para a maioria dos mortais, de forma que, quanto mais perto Zaphod chegava do planeta, mais tonto ficava.
— Parabéns ao sub-braseiro! — gritou, simplesmente porque pareceu adequado.
E embora essa frase possa parecer absurda, criada de forma aleatória por um cérebro drogado, era por acaso a senha daquele dia para os canhões de pressão de Helheim, localizados abaixo das minas de ferro de Asgard. Isso não teria nenhuma importância se as pronunciações delirantes de Zaphod não tivessem sido captadas no finalzinho do telefonema de Heimdall para Odin e retransmitidas ao fone de ouvido sem-fio de Hel, a senhora de Helheim. Ainda assim, nada aconteceria sem a ativação do bong-O-código, uma complicada série de batidas à prova de erros que só eram conhecidas pelos deuses principais e que precisavam ser marteladas fisicamente no veio de ferro que existe sob a pedra de Hlidskjalf — a gigantesca torre de vigia e trono de Odin — que descia até Helheim. No entanto, todo ferro presente em Asgard tinha um pouco de magia divina em suas moléculas. Portanto, havia uma certa comunicação entre o veio e qualquer metal que fosse retirado dele, como o metal para fazer a ponte, por exemplo. E, enquanto Zaphod corria por Bifrost, os cotocos queimados dos saltos derretidos de suas botas lançavam um jorro de vibrações pela ponte a cada passada; vibrações essas que combinavam perfeitamente com o bong-O-código infalível para ativação dos canhões de pressão de Helheim.
Esse acontecimento era de uma improbabilidade gritante. Um contra 47 milhões. Ou seja, chances impossíveis para qualquer um ou qualquer coisa dentro da área de influência de coincidências mágicas e acasos felizes de um gerador de improbabilidade infinita.
O equilíbrio de Zaphod piorou mais ainda quando miniciclones se formaram no tubo de atmosfera falsa e rodopiaram ao redor de sua cabeça e ombros.
Sinal de dragões, percebeu ele. *Os bichinhos estão por perto.*
Se seu equilíbrio estava um tanto destrambelhado, pelo menos os outros sentidos

eram positivamente afetados pela aproximação dos dragões. Eles voavam pela atmosfera real, impossivelmente graciosos, os longos pescoços ondulando a cada bater de asas, as chamas brincando majestosamente em volta das narinas. Várias cabeças escamosas golpeavam as partes íntimas de Zaphod, mas as criaturas não pareciam ter pressa nenhuma de jogá-lo para fora da ponte.

Eles estão brincando comigo. Porcaria de roedores com asas.

— Ei, caras — gritou, ofegante — Imagino que eu não possa subornar vocês, não é? É só que eu tenho um excelente replicador na minha nave. Ele poderia criar o que vocês quiserem. É só dizer.

O dragão que tinha mais chifres se aproximou para servir de porta-voz do grupo.

— O que a gente quiser? — disse ele, numa voz que parecia carne sendo sugada por um gargalo de uma garrafa — Uau. Certo. Deixe-me pensar por um momento. Nós poderíamos poupá-lo, não é, rapazes?

— Claro.

— Com certeza.

— Por que não?

Já é um bom começo, pensou Zaphod.

— Então, o que vocês querem? Diga o que posso fazer por vocês.

O dragão chifrudo mastigou uma aba de pele que pendia do nariz.

— Você pode colocar todos nós dentro da sua nave?

— Claro que sim — bufou Zaphod, sem considerar nem por um segundo se era verdade.

— E poderia nos levar para um mundo novo? Um planeta jovem fervilhando de vida?

— Sem problema. Assim, de uma hora para outra, posso pensar em uma dúzia deles, e olha que estou usando minha cabeça burra.

O dragão se aproximou ainda mais, de modo que as chamas que saíam de sua narinas salamandroides chamuscaram o cabelo de Zaphod.

— E nós poderíamos matar todas as criaturas desse planeta? — perguntou, num sussurro enrolado.

— E as árvores — gritou um de seus colegas — Queremos queimar as árvores, só de sacanagem.

— E as árvores — disse o dragão porta-voz — Os dragões também precisam relaxar, sabe?

Zaphod ficou impressionado com sua capacidade de correr e falar ao mesmo tempo.

— Qual era mesmo a parte antes das árvores?

— Matar todo mundo... Ah, e depositar ovos nos cadáveres. Isso é muito importante para gente. Pode providenciar isso, pequeno mortal?

— Em qual parte exatamente dos cadáveres? — perguntou Zaphod, só para continuar a conversa.
— Ah, nos lugares de sempre. Buracos, reentrâncias. As órbitas oculares são muito boas.
E, mesmo achando que não era mais capaz, Zaphod ignorou a dor nos pulmões e acelerou o passo.
Por que você sempre faz essas coisas, seu idiota? Zaphod deu uma bronca silenciosa em si mesmo. *Você pelo menos sabe por que está aqui?*
Não fazia a mínima ideia. Mas, o motivo provavelmente voltaria à memória quando ele tivesse um segundo para pensar. Isso, claro, se ele ainda tivesse um segundo.

No fundo das entranhas de Asgard existe um megacubo alimentando a magma que é responsável pelo tratamento de esgoto. Abaixo dele, e um pouquinho à esquerda, há o que poderia ser chamado com justiça de reto de Asgard: a região conhecida como Niflheim. No extremo mais baixo de Niflheim, naquilo que por sua vez poderia ser visto como o esfíncter anal de Asgard, ficava Helheim.
Hel, a senhora do tal esfíncter, encontrava-se deitada numa pilha de intestinos de serpente inflados que cobria seu trono, acariciando a pele de um bebê dragão enrolada no pescoço.
— O que acha do meu novo cachecol? — perguntou a Modgud, seu parente comedor de cadáveres que, no momento, usava a forma de uma gigantesca águia.
Modgud franziu a testa.
— Acho que ainda está um pouco vivo, meu bem.
Hel torceu o pescoço do dragãozinho com tanta casualidade que parecia fazer isso desde o início dos tempos.
— E o que acha agora?
— Não sei — piou Modgud, que sempre fora meio fútil para um comedor de carniça — Parece tão... morto!
De repente, Hel sentou-se ereta, o que resultou num jorro de almofadas guinchando.
— Acabo de receber a... é a coisa — exclamou, enfiando o fone de ouvido mais fundo na orelha.
Modgud se equilibrou sobre as garras.
— O quê, doçura? Você recebeu o quê?
— A ordem de Odin.
— Qual? *Mude o filtro do esgoto?*

— Não, seu pássaro idiota. *Parabéns ao sub-braseiro.* Essa é a senha para os canhões de pressão. Estamos sob ataque.
Modgud sentiu-se magoado com a ofensa, mas pelo bem do planeta decidiu não revelar por enquanto.
— Ora, ora, meu doce. Espera aí um momento. Não há necessidade de ficar histérica. Você ainda não precisa de algum tipo de confirmação?
Hel enxugou a testa com seu antebraço cabeludo.
— Sim. Preciso, claro, minha querida. O bong-O-código é à prova de erro. Desculpe ter te chamado de pássaro idiota.
— Ah, não esquenta — disse Modgud, bem-humorado — O seu trabalho é muito estressante — Por dentro, ele jurou aumentar as doses diárias de veneno. Talvez não conseguisse matar aquela bruxa, mas poderia deixá-la se retorcendo no vaso sanitário por um dia inteiro.
O sorriso aliviado de Hel congelou quando o bong-O-código à prova de erro vibrou através de sua espinha, vindo do trono de ferro.
— O que é isso?
— Cale a boca, idiota. Estou contando os bongs.
Modgud ajeitou as penas com o bico enquanto sua patroa contava.
— Guerra! — disse ela, finalmente, saltando de pé — Asgard está em guerra. Enfim, minha chance de sair desse buraco e voltar à superfície. Se minhas defesas salvarem o planeta, adeusinho, latrina de fracassados!
— Fracassados?
Hel revirou os olhos.
— Você é muito sensível para um comedor de carniça! Esquente os canhões.
— Quais? Todos?
— Sim, todos.
— E vou atirar contra o quê?
— Não contra a ponte, porque Heimdall está lá. Atire em qualquer outra coisa que se mexa! — A mulher demônio reagiu bruscamente — Podemos perder alguns dragões, mas há alienígenas dentro do tubo de atmosfera.
Latrina de fracassados, pensou Modgud carrancudo, abrindo uma janela em seu computador de pulso. *Pelo menos temos tecnologia aqui embaixo. Ao menos não dependemos de telefonemas arcaicos e bong-O-códigos.*
— Posso ler seu pensamento! — gritou Hel — Tem alguma coisa a ver com tendas e bolo!
Modgud ativou os canhões com alguns toque na tela.
Deus nos ajude, pensou. *Mas não o tipo de deus que temos por aqui. Algum outro que seja um pouco menos...*

O comedor de cadáveres resolveu não terminar esse pensamento, só para o caso de Hel acertar, pela primeira vez, a leitura mental.

Zaphod estava ficando sem fôlego, e o pouco ar que lhe restava penetrava em seus pulmões como alfinetes e agulhas. Agora, os dragões giravam ao redor da ponte, com cerca de uma dúzia deles brincando de empurrar e mordiscar as caudas uns aos outros. Bolas de fogo explodiam perto de Zaphod, arrancando lascas de gelo da ponte.

Bem, pensou ele. *Morrer lutando contra dragões em Asgard. Não é o pior modo de se partir. Melhor do que escorregar numa poça e cair num buraco sem graça. Uma pena que não vou conseguir alcançar a muralha.*

Muralha. Dionah Carlinton-Housney não havia dito alguma coisa sobre uma muralha?

Ok, meu novo objetivo de curto prazo é alcançar aquela muralha, decidiu Zaphod com o mesmo tipo de raciocínio sem nenhuma lógica que caracteriza a maior parte das decisões que mudava sua vida. *Nem que seja a última coisa que eu faça, vou alcançar aquela muralha.*

Dois passos vacilantes depois, suas pernas cederam e ele teve que engatinhar com as três mãos.

— Muralha, porra — grasnou — Muralha.

Os dragões acharam isso hilariante e um deles chegou até mesmo a pegar um celular embaixo de uma escama e ligar para os colegas.

— Honestamente, você precisa ver esse cara, Queimadinho. Lembra daquele idiota com as pernas de pau? Lembra quando ele acendeu como uma tocha? Esse babaca é mais engraçado ainda. Você tem que vir para cá agora.

Mais dragões. Dupal.

As asas das feras mergulhavam dentro do tubo de atmosfera, cortando as roupas de Zaphod com suas pequenas garras afiadas.

— Qual é! Essa é a jaqueta oficial do presidente. Vocês, lagartos voadores, não sabem quem eu sou?

A Bifrost estremeceu com o impacto dos passos gigantes de Heimdall, enquanto ele corria despreocupadamente pela ponte, com um sorriso mais largo que o do prefeito da cidade de Optimisia quando, ao sair do dentista com uma nova arcada dentária implantada, lembrou-se de que era seu aniversário e descobriu que tinha ganho sozinho na loto planetária, que o cara que tinha roubado sua namorada na época do colégio tinha sido traído por ela e que todas as pessoas envolvidas no processo de impeachment — por ele ter aceitado propina — morreram

subitamente.
— Você falhou — disse o deus, o tamanho dos olhos ampliado pelas lentes laranjas dos óculos de esquiador.
— Esses óculos foram receitados por um médico? — perguntou Zaphod.
— Você não completou sua tarefa, Bananox.
— É Beeblebrox — gritou o frustrado presidente da Galáxia — Talvez você não perceba isso, mas toda vez que pronuncia meu nome errado, eu me sinto mal. Tento manter meu astral positivo, porém por algum motivo isso machuca de verdade. Não é engraçado.
— Eu acho muito engraçado, Babacox — disse Heimdall, usando seus poderes divinos para projetar a voz e transmitir a piada aos dragões, que riram, soltando bolas de fogo, e estalaram asas — O que acham, meus lindos bichinhos?
— Acho que ele é um balde de comédia — respondeu o macho alfa vermelho listrado que pairava acima da ponte, com as pernas traseiras balançando, ato que é bem mais difícil do que parece — Se quer saber, chefe, sacanear o nome desse mortal é quase...
Outros sons saíram de sua boca, mas esses não eram propriamente palavras. Eram apenas alguns guinchos e consoantes iniciais que provavelmente virariam palavrões se a dor não tivesse bloqueado qualquer comando do lobo parietal desse dragão.
— Que diab... — disse Heimdall antes que seu queixo caísse. O macho-alfa de listras vermelhas tinha simplesmente explodido em chamas, atingido por trás por algum tipo de míssil.
— Uau — disse Zaphod — Eu sempre me perguntei o que acontece quando um dragão prende o fôlego.
Outro dragão foi atingido, dessa vez no ombro, o que o fez cair girando em direção à superfície do planeta, soltando uma fumaça preto-azulada.
— Vocês não vão reagir? — perguntou Zaphod — Vocês não têm aquela coisa da reação em supervelocidade? Ou só os maiores deuses têm isso?
Heimdall tomou uma providência.
— Fujam, minhas belezinhas — gritou — Escondam-se na superfície.
Os dragões abandonaram sua formação de voo e se espalharam em busca de abrigo, mantendo-se o mais longe possível do que quer que tivesse atacado seus colegas. Por mais rápidos que eles fossem, muitos não conseguiram ir mais depressa do que o enxame de mísseis em espiral que rodopiavam o planeta, afastando-se do grupo quando se fixavam num alvo.
Heimdall encolheu o chifre e fez uma ligação de emergência para Helheim.
— Hel? Estamos sob ataque!
— Eu sei — disse a mulher — Não se preocupe, mandei algumas dúzias de

ogivas na sua direção. Você consegue ver o inimigo?
Heimdall era famoso por ser tão alerta que não precisava dormir. Nas tavernas da Escandinávia, costumava-se dizer que ele era capaz de ver a grama crescendo e ouvir uma folha caindo do outro lado do oceano. Mas isso já faz muito tempo, e hoje em dia Heimdall costuma parar para um cochilo depois de tomar seu café com leite da tarde e já não escuta mais nada de interessante no outono.
— Não estou vendo. Só vejo mísseis vindo do hemisfério sul.
Hel parou.
— Hemisfério sul, você diz. Nada pelo arco de Bifrost?
— Não. Eu estou no arco! Vêm definitivamente do sul.
— E você não está vendo nenhum alienígena? Uns caras verdes, com armas lasers?
Heimdall apertou Gjallarhorn.
— Não. Nenhum zark de alienígenas, ouviu bem? Só um grupo de torpedos azuis com caudas rosadas. Meio parecidos com os nossos, na verdade. Se bem me lembro.
— Não, não — disse Hel, com o tom de voz de uma adolescente tentando impedir a mãe de entrar num quarto cheio de garotos, drogas, joias roubadas e, muito possivelmente, rock tocando ao fundo — Não podem ser os nossos. Os nossos têm caudas vermelhas. Um vermelho claro, talvez alguns chamassem de acastanhado.
Heimdall resmungou enquanto outro dos seus dragões era atingido.
— Não me importo como alguns chamariam. Atire neles, Hel. Você consegue fazer isso?
— É... sim. Acho que posso. O computador... ah... isolou a frequência deles, por isso deve dar para mandar uma ordem para eles se autodestruírem, coisa que estou fazendo... agora mesmo.
Os mísseis que ainda restavam explodiram em clarões de rosa e branco, com sua engrenagens e pistões batendo na superfície de gelo.
— Muito bom — disse Heimdall, com lágrimas de alívio nas bochechas bronzeadas — Odin saberá do bom trabalho que fez hoje.
— Saberá? Você vai contar? Maravilha. Claro que eu poderia ter destruído aqueles mísseis muito mais rapidamente se na verdade fossem os *nossos* mísseis, afinal eu já tenho as frequências deles. De forma que obviamente esses não eram os *nossos* mísseis, e por que seriam, não é mesmo? No caso de alguém perguntar, você diz que não eram. Alguém como Odin, por exemplo. Não eram nossos. Entendeu?
Heimdall estava prestes a responder quando notou que Zaphod Beeblebrox havia descoberto novas reservas de energia e estava correndo o mais rápido que podia

em direção à muralha.
Se ele escalar a muralha, vou ser obrigado a dobrar a aposta.
Apesar dessa verdade e das recentes baixas em sua brigada de dragões, o rosto de Heimdall esboçava um sorriso. Beeblebrox quase havia alcançado a muralha, mas isso era *quase* tão útil quanto um flaybooz em qualquer atividade que envolvesse polegares — abrir garrafas, por exemplo, ou tocar alaúde ou até pedir carona. Era o mesmo que o betelgeusiano estar parado. Nada era mais rápido do que um deus no espaço real. Mesmo faltando apenas um passo, Beeblebrox estaria como a um ano-luz do muro, usando paletó de chumbo e botas de neutrônio.
Vou te pegar, Beeblebrox, pensou Heimdall e antes que os impulsos elétricos contidos nessa ideia tivessem tempo de se desfazer, ele segurava Zaphod pela garganta e espremia-o contra o muro.
— Não sei o que você fez com meus adoráveis dragões. Mas o que quer que tenha sido, não vai ajudá-lo agora.
Zaphod sentiu como se tivesse um mamaloide agachado no seu peito. E não era nem mesmo um mamaloide vegetariano que provavelmente havia se sentado ali por acidente e sairia correndo ao ouvir a voz de Zaphod. Não: era um mamaloide do tipo maligno, um mutante carnívoro que fora contra o conselho dos pais e da sociedade ao tomar a decisão de amaciar sua presa com pancadas das nádegas antes de consumi-la.
— Maldito mamaloide mutante — bufou Zaphod, tonto com toda a corrida e a inalação de CO_2.
O aperto de Heimdall aumentou um pouco mais.
— É isso? São essas as últimas palavras do famoso presidente Bublebroxa?
Zaphod se lembrou de uma coisa.
— Eu não sou o único aqui com um apelido, não é?
O deus se remexeu nervoso.
— Do que você está falando?
— Nem se incomode em negar. Todos vocês têm um nomezinho secreto, que eu sei. Um nome de poder. Thor me contou tudo numa noite durante nossa turnê, depois de uma apresentação ao ar livre numa pedreira em Zentalquabula. Nós estávamos tão doidos que você não tem ideia. Eu beijei uma silagestriana.
— Mentiroso — sibilou Heimdall.
Zaphod ficou magoado.
— Não sinto nenhum orgulho disso, mas beijei mesmo uma silagestriana *e* o cara que segurava a coleira dela.
— Nenhum mortal pode conhecer nossa alcunha. É proibido. Você está

mentindo.
O enorme e liso rosto de Heimdall estava a centímetros do de Zaphod. Sua raiva tremeluzia no ar e Gjallarhorn reluzia vermelho com o poder divino. Zaphod captou tudo isso e disse:
— Mentiroso? Eu? Uau, isso é meio exagerado, não é? Só estou repetindo o que Thor contou. Não mate o mensageiro e coisa e tal.
— Não o pronuncie. Estou avisando, mortal.
Até Zaphod conseguia ver o absurdo daquela ameaça.
— Ou o quê? Você vai fazer alguma coisa horrível como mandar dragões atrás de mim ou espremer minha cabeça?
Heimdall decidiu que deveria ir em frente com a ideia de espremer a cabeça de Zaphod antes que ele pudesse dizer seu *"true name"*, mas um súbito nervosismo o impediu no momento vital. E exploração instintiva de momentos vitais era uma das poucas áreas de especialização de Zaphod — as outra eram a muito divulgada técnica do Big Bang, a preparação de Diamantes Pangaláticos a três mãos e um sistema de secagem de cabelos que dava ao seu topete um movimento extra.
— Vamos lá, Vara Thorta — disse ele — Me solta, ok?
E Heimdall soltou. Não tinha escolha, quando sua alcunha divina era invocada. O deus deu alguns passos para trás e se virou de costas, amuado.
— Se alguém... qualquer um... me chamar de Vara Thorta em Asgard eu sou obrigado a me comportar civilizadamente. Droga de Vara Thorta! Que diabo de nome divino é esse? — resmungou, chutando pedaços de gelo pela parede do tubo de atmosfera, o que resultou numa chuva localizada na superfície do planeta abaixo — Foi Loki que sugeriu e, obviamente, Odin achou hilário. O safado disse: "Olha só o Heimdall, em sua rampa de esqui, com a sua velha vara torta". E o chefe quase engoliu a barba de tanto rir. Assim, desde aquele dia é Vara Thorta para cá e Vara Thorta para lá. Mas aparentemente isso é muito difícil de pronunciar depois de algumas cervejas. Por isso agora eu sou o merda da Vara Thorta — Os gigantescos ombros do deus se curvaram repetidamente e visto de trás, ele parecia como alguém com uma crise de soluços autocomplacentes.
— Ah, qual é? — disse Zaphod, se recompondo — Por que essa cara triste? Você tem muitos pontos positivos.
— Quais pontos positivos? Estou aqui, preso nessa ponte idiota, com um punhado de répteis como esses como amigos! — Ele bateu o pé, fazendo tremer a Bifrost — Você tem ideia do que eles estão fazendo lá dentro nesse momento? Tem alguma ideia?
— Bom, não, eu...
— Orgias! — gritou Heimdall — Orgias no velho estilo. E olha para mim, aqui

fora, caçando mortais. Eu poderia estar lá dentro, coberto de resina de jartle até o pescoço e...
— Certo, grandão, há algumas imagens que nem mesmo eu quero ter em nenhuma das minhas cabeças.
— Sabia que Loki tem dois castelos? Dois! E depois de todas as tramoias que ele aprontou. E senta-se à mesa com Odin. E por quê? *Por quê?* Porque consegue fazer piadas — Heimdall se virou, o bigode molhado, os olhos se desesperando — Droga de piadas! Eu estou cuidando de um planeta aqui. Alô-ou!
Zaphod enfiou a terceira mão no bolso.
— Sabe o que eu vejo?
— O quê? — perguntou Heimdall, com um beicinho que projetava uma sombra sobre seu queixo.
— Vejo um herói.
— Não puxe meu saco, Best... Beeblebrox.
Zaphod deu um soco amigável na coxa do deus.
— Não estou puxando saco, seu bobo. Você é um herói de verdade. E só há uma dúzia deles no Universo. Eu, você e mais uns quatro.
Heimdall confirmou com a cabeça de forma quase imperceptível, mesmo para alguém tão grande.
— Pode ser. Mas Odin não vê a coisa desse jeito.
Zaphod ficou nas pontas dos pés.
— Odin pode me ouvir agora?
— Provavelmente dentro do tubo não. A não ser que esteja prestando bastante atenção.
— Bom, então me desculpe por dizer isso, mas Odin não te merece. E digo mais. Talvez Odin *devesse* olhar à sua volta e perguntar: quem eu gostaria de ver sentado ao meu lado agora? Um embusteiro covarde? Ou meu leal guardião? Acho que muita gente gostaria de ouvir a resposta para essa pergunta.
— Covarde? Você acha?
— Nós somos mortais, mas não idiotas. As pessoas *gostam* de você, Heimdall. Elas te adoram.
— Talvez um dia tenham adorado.
— Agora. Ainda. Sabia que existe um culto a Heimdall em Algol? Aqueles símios solares não se cansam de venerar.
— Verdade? Em Algol?
— E na Terra você era, bem, um deus. Com estátuas suas por toda parte.
Heimdall sorriu.
— É. A Terra. Eles adoravam chifres por lá — Seus olhos ficaram enevoados por um instante, enquanto ele se lembrava dos shows que dava na Escandinávia, e aí

ele percebeu que Zaphod esta se aproveitando de suas fraquezas — Não — reagiu bruscamente, enxugando o nariz — Acabou. Chega. Nada de ficar conversando com os mortais.
— Você precisa. Eu conheço seu nome secreto.
— Ah, claro, joga na minha cara. Isso é baixo, até para você.
Zaphod pôs duas mãos nos quadris.
— Invoco seu nome secreto e exijo o direito de entrar, Heimdall deus da luz, também conhecido como Olho de Asgard.
Heimdall fungou, feliz, e ergueu Gjallarhorn. Bateu num pedaço do muro e toda a edificação desmoronou, virando uma poeira que se pulverizou na atmosfera guinchando:
— Liberdade. Enfim, liberdade. Heimdall, seu safado.
— Sou obrigado a deixar você entrar — disse o deus da luz — Thor provavelmente está no Poço de Urd afogando as mágoas; ele praticamente mora lá hoje em dia. Você pode tomar uma cerveja, se ele permitir.
— Uma cerveja — disse Zaphod — vou tomar só um golinho.
Se Cérebro Esquerdo pudesse interceptar esse pensamento teria rido amargamente e filosofado que havia tanta chance de Zaphod *tomar só um golinho* quanto a de um camundongo dar uma resposta direta a uma simples pergunta.

capítulo 8

TANNGRISNIR

Ford Prefect também estava indo para seu momento “cerveja”. O pesquisador de campo betelgeusiano estava decidido a desfrutar a paz e a tranquilidade de uma viagem pela matéria escura enquanto ela durasse. Pendurou cobertores nas janelas de seu quarto, replicou um copo da cerveja Goggles, depois ligou o computador da nave. Seu *Guia do Mochileiro das Galáxias* tinha uma conexão a Subeta Net muito boa, mas o sistema da *Tanngrisnir* era tão rápido que podia transmitir um holograma em tempo real vindo do centro da Galáxia, a mil anos-luz de distância sem nenhum atraso perceptível.

Rápido como um megarrelâmpago, pensou Ford, que não sabia nada sobre hologramas exceto que eram brilhantes e que você nunca deveria tentar lamber um.

Ford entrou no site do uBid e apostou consigo mesmo que não conseguiria gastar todo o dinheiro que tinha ganhado na vida antes de piscar. Era vitória certa. Comprou dois iates de luxo, trezentos galões da gelatina Balança-O-Gel sabor alho, um pequeno continente em Antares para seu sobrinho predileto, e vários vasos da mega-flor Mortal Quando Molhada para os funcionários menos prediletos da Corporação InfiniDim, tudo isso pago com seu cartão de crédito sem limites Jant-O-Card.

Eu até sentiria uma pontada de culpa ao colocar tudo isso na conta do Guia, pensou Ford, *se o editor, Zarniwoop Vann Harl, não fosse um idiota covarde que aceita suborno de vogons.*

Como pesquisador espacial, Ford não tinha nada contra receber subornos *a princípio*. Porém, você precisava ter um limite. Para ele esse limite era estabelecido um pouco acima de alguém tentar matá-lo de uma forma docemente maligna. Uma tentativa de assassinato por envenenamento alcoólico é algo que se poderia perdoar, e até mesmo esquecer, mas quando alguém tentava matá-lo com ogivas termonucleares, o negócio começava a ficar sério.

Assim que terminou sua terapia de compras, Ford piscou várias vezes e relaxou

na poltrona.
Obrigado, Doxy Ribonu-Clegg, pensou. *Valeu por ter criado a Subeta Net.*

> *Nota do Guia: Tecnicamente falando, Doxy Ribonu-Clegg não inventou a Subeta, e sim a descobriu. As ondas subeta existiam pelo menos há tanto tempo quanto os deuses, só esperando alguém ter a ideia de usá-las para transmitir informações; Segundo a lenda, uma noite Ribonu-Clegg estava deitado em um vasto campo no seu planeta natal, admirando, com os olhos turvados de lágrimas, a curvatura espacial suspensa sobre ele. De repente, ocorreu-lhe que todo aquele espaço estava carregado de informações e que talvez fosse possível transportar mais um pouco de informação através dos conduítes cósmicos, se ele conseguisse fazer com que os dados fossem pequenos o bastante. Então, Ribonu-Clegg correu de volta ao seu rudimentar laboratório e construiu o primeiríssimo conjunto de transmissores Subeta, usando apenas moedores de pimenta, alguns ratos rosados, várias máquinas reutilizadas e uma ou duas tesouras de cabeleireiro profissionais. Assim que esses componentes foram conectados, Ribonu-Clegg ligou seu álbum de fotos do casamento à máquina e rezou para que se materializasse do outro lado da sala. Isso não aconteceu. Porém, em seu lugar, apareceram os números da loteria do dia seguinte, o que encorajou o professor a patentear sua invenção. Ribonu-Clegg usou o dinheiro para contratar uma equipe de advogados tubarões que conseguiram, com sucesso, processar 89 companhias que inventaram transmissores Subeta que funcionavam de verdade, tornando-o o homem mais rico do planeta, até que ele, acidentalmente, caiu no tanque onde ficavam seus advogados, que seguiram seus instintos e o comeram.*

Ford estava na metade do quarto copo quando a porta do cômodo se abriu e um raio de luz verde rebateu na tela da parede.
— Ei. Entre. Estou tentando relaxar gastando grana da empresa. Mas desligue esse raio.
— Muito engraçado — disse uma voz tão sarcástica que até mesmo os roedores surdos das árvores de oglanozes de Oglaroon poderiam detectar a falsidade através de seus bigodes.
Ford girou a cadeira e percebeu que a luz vinha de uma pessoa parada na porta.
— Você está verde — comentou.

Random fez uma careta.
— Você também ficaria, se fosse trancado num tubo com uma nuvem de gás esverdeada tentando deixá-lo feliz.
— Felicidade? Isso nunca funcionaria com você, não é?
— Não. Principalmente quando sua mãe está dando uns amassos com um alienígena horrível bem embaixo do seu nariz. Nojento.
Ford concordou com uma sabedoria além de sua capacidade.
— Ah, sim, o Princípio deBeouf. Li sobre isso numa coisa que tem páginas. Um negócio antigo, onde você vira folhas.
— Um livro — disse Random, e talvez ela tenha ficado vermelha de raiva, mas era difícil de dizer.
— É isso mesmo. Acho que você não está muito feliz com essa última reviravolta romântica.
Random entrou no quarto batendo os pés, com nuvens de poeira verde subindo dos ombros a cada passo.
— Não, não estou nada feliz. Ele é tão arrogante. É um verdadeiro...
— Jebalançador? — sugeriu Ford, solícito.
— Isso. Exatamente.
Os dedos de Ford bateram no ar, inquietos, ansiosos para se enrolar no copo.
— Então, por que não conversa com Arthur sobre isso? Ele é o seu pai biológico.
Random sorriu amargamente.
— Arthur? Eu tentei, mas ele também está apaixonado. Por essa porcaria de computador, acredita?
Até Ford ficou surpreso com isso. Não que as pessoas nunca se apaixonassem por máquinas — ele tinha um primo que, certa vez, passou dois anos suspirando por uma torradeira — mas Arthur era tão conservador, tão careta! Tão terráqueo.
— Amor é amor — disse ele, voltando ao seu conhecimento usual, parafraseando algo que leu em uma propaganda de um spa em Hawalius — Não julgue, a não ser que você queira que alguém, no seu caso, alguém verde, julgue você, e aí você vai dizer “qual é, que mania é essa de me julgar? Não julgue, a não ser que você queira que alguém venha e julgue você”, e assim por diante — Ford parou para respirar — Já tomei umas cervejas, por isso estou filosofando.
Ele se encolheu, esperando ser rebatido com o peixe molhado do cinismo, mas subitamente Random estava toda gentil.
— Isso é muito bom, Ford. Sabedoria pura, sabe? Vou voltar para o meu quarto, lavar um pouco dessa sujeira e pensar muito sobre como não julgar mais as pessoas.
Ford assentiu, galante.

— Não precisa pagar por essa pérola, mocinha. Quando necessitar de algumas palavras inteligentes, sinta-se livre para procurar o tio Ford. Tenho toneladas de conselhos sobre áreas tão estranhas que a maioria das pessoas nem tem conhecimento. O que fazer pouco antes de um planeta explodir, por exemplo. Sou o maior especialista do Universo nesse assunto.
E retornou à tela, satisfeito por seu papel como Ford Prefect, Conselheiro da Juventude, ter sido cumprido pelo menos uma vez na vida.
Criar filhos. Não tem nada demais. Não sei por que tem gente que reclama tanto.
Se Ford estivesse um pouquinho mais ligado e um pouquinho menos bêbado, seria capaz de se lembrar da própria juventude, época na qual os adolescentes só usavam a gentileza por três motivos: Um: havia alguma novidade chocante que precisava ser dada, provavelmente envolvendo gravidez, drogas ou relacionamentos proibidos. Dois: eles desenvolveram um novo nível de sarcasmo, mais elegante, que era virtualmente impossível de ser detectado, a não ser por outro mestre dessa arte que, definitivamente, não era o adulto a ser castigado. E três: um pouco de fala doce era uma boa distração para ser usada quando havia algo que o adolescente em questão precisasse roubar.
À altura em que Ford percebesse que seu cartão de crédito ilimitado tinha desaparecido, ele já estaria de volta ao quarto do betelgeusiano. E, pouco antes disse, Random Dent utilizaria o tempo de retro-compra do uBid para adquirir algo de um vendedor morto havia muito tempo. Algo um pouco mais sinistro do que trezentos galões de gelatina Balança-O-Gel. Sabor alho.
O sabor alho era da geleia, não do item sinistro.

— Sou o homem mais azarado do Universo — explicou Arthur Dent ao computador da *Tanngrisnir* — Coisas ruins acontecem comigo o tempo todo. Não sei por quê, mas sempre foi assim. Minha avó me dava balas e me chamava de seu pequeno encrenqueiro.
O holograma, sentado de pernas cruzadas ao pé do móvel, franziu a testa enquanto escaneava as memórias de Arthur.
— Ah — disse ela — Certo. Por um nanossegundo eu pensei...
— Aonde quer que eu vá, alienígenas furiosos me seguem para tentar explodir ou destruir tudo à minha volta.
— Mas não você — respondeu Fenchurch.
— Como?
— Você nunca é explodido ou destruído. Você teve uma vida longa e saudável, e agora está tendo outra.

Arthur também franziu a testa.
— É... mas houve todo aquele período vestindo roupão e pijamas. Até que ponto a pessoa pode ser tão azarada? Isso sem mencionar o tempo em que fiquei sozinho na...
— A maior parte de sua espécie está morta — exclamou o computador, da mesma forma que Fenchurch teria feito — A chance de você sobreviver era de uma em um bilhão, e aí está você. Sobreviveu duas vezes. Isso parece uma tremenda sorte. O tipo de sorte que só é encontrada na ficção.
— Entendo o que quer dizer, mas mesmo assim...
— E você tem uma filha linda.
— É verdade. Mas ela é rabugenta.
— Sério? Isso é incomum para uma adolescente. Realmente, você foi amaldiçoado.
Arthur ficou perplexo. Como deveria se sentir, se não minimamente perplexo? Então, a Fenchurch holográfica o perturbou ainda mais com algo completamente desconectado da conversa. Nada tão louco quanto “olha, um macaco”, mas mesmo assim bastante surpreendente.
— Amor é substantivo masculino.
— Certo — disse Arthur, e depois: — Onde foi parar aquela conversa sobre sorte?
— Ah, aquilo era superficial; o que você realmente quer saber é isso.
— O que é o amor?
— Exato. E por que você parece incapaz de superá-lo.
Arthur sentiu o coração bater mais depressa ao ouvir isso.
— Você sabe? Pode me dizer? E nada de números, por favor.
Fenchurch coçou o lóbulo da orelha e faíscas estalaram ao contato.
— Posso falar quais são as definições de amor no dicionário, os sinônimos e assim por diante. E posso lhe informar tudo sobre endorfinas, sinapses e memória muscular. Mas o sentimento do ardor de um coração é um mistério para mim. Sou só um computador, Arthur.
Arthur escondeu sua frustração do modo tradicional: esfregando as mãos e endurecendo o lábio superior.
— Claro. Sem problemas.
— Fui feito para viver para sempre, mas você foi feito para viver. Pense nisso.
— Esse não é um slogan da Companhia Cibernética de Sirius? — perguntou Arthur.
Fenchurch aqueceu dois agrupamentos de pixels para fingir que ficava vermelha de vergonha.
— Talvez. Tudo o que importa é que o departamento de marketing acha que

você vai acreditar nisso.
— Ah. Nenhuma resposta, então.
— Na verdade, só perguntas.
— Achei que não sabíamos qual era a Pergunta Fundamental.
Fenchurch olhou para os próprios dedos.
— A Pergunta Fundamental é diferente para cada um de nós. Para mim, é a meia-vida do reator desta nave. De fato, não sou feito para viver para sempre, aquilo era só um slogan também.
— E qual é a resposta para a Pergunta Fundamental da meia-vida?
— Não sei. Essa porcaria é alimentada por magia. Deveria ter parado há dez mil anos.
— Então para você também não há respostas?
— Não.
— Conversa é só conversa, não é?
— Parece que sim.
— Acho que todo mundo está contando com Thor. Sei que ele foi seu chefe, mas o sujeito me pareceu um tremendo pé no saco.
Fenchurch pareceu sonhadora com o passado.
— Um pé no saco? Não. Ele era adorável. Divino.
Arthur não se lembrava de ter visto aquela expressão no rosto da verdadeira Fenchurch.
— Acho que teremos de discordar nesse ponto.
— Muito bem, Arthur Dent. Devo escolher uma pergunta aleatória na lista de sua memória?
— Por favor.
O computador examinou rapidamente os arquivos e perguntou:
— Você gostaria de uma xícara de chá?
Arthur sorriu.
— Aí está uma pergunta que eu consigo responder.

ASGARD

Nota do Guia: Os Aesir sempre fizeram um estardalhaço imenso sobre a maravilha que é Asgard. Baldur, o filho de Odin, é lembrado por ter dito: “Tudo é gigantesco, grande e brilhante. Vocês, mortais, com seus objetozinhos de dar pena e sei lá mais o quê, não fazem

ideia de como é algo brilhante de verdade. Nós temos coisas que explodiriam suas cabecinhas ridículas, e outras coisas que guardamos em jarras, meio que umas loções, que colocariam suas cabeças de volta ao lugar, como se nada tivesse acontecido. Tem também aquela vaca cósmica que, tipo, lambeu todo o gelo do Valhalla e aquele velho que suou o pai de Odin para fora do sovaco. Esse tipo de coisa acontece o tempo todo em Asgard".

Uma declaração tipicamente vaga e inconsistente levou Boam Catharsee, o carismático líder do Culto Horrisoniano do Agnosticismo a entrar escondido em Asgard, dentro da barriga de um bode, para ver o local pessoalmente. As gravações de Catharsee dizem o seguinte: "O cheiro à volta do meu esconderijo é praticamente insuportável, mas perseverarei por vocês, meu povo. Não fico surpreso por ninguém mais acreditar nesses deuses, eles fedem demais. Consigo ouvir uma fogueira estalando, então, independentemente do que estiver acontecendo lá fora, devo pegar minha faca e abandonar meu disfarce, antes que esta carcaça seja jogada no fogo. Empunharei minha faca... minha faca... Cadê a porcaria da minha faca? Eu tenho certeza de que estava aqui no bolso da minha calça de linho. Ah, droga. Zark. Estou usando as calças de veludo cotelê. As chamas estão se aproximando, posso sentir o calor. Socorro! SOCORRO! Eu acredito! Eu acredito! Não me comam! Por favor, não...", E daí as palavras de Boam Catharsee ficam ininteligíveis, com exceção de "minhas pernas" e "mamãe". Mais de dez anos depois do sacrifício de Boam, a crença nos Aesir continuou em alta no lugar onde ele nasceu, transformando uma simples camiseta com as palavras EU ACREDITO. NÃO ME COMAM no item mais vendido na História do planeta.

A verdade é que os mortais sabiam muito pouco sobre Asgard na época de Boam Catharsee e agora sabemos menos ainda, pois nenhum mortal jamais visitou Asgard e sobreviveu para contar a história. Qualquer pessoa que alega ter feito isso ou é Odin disfarçado procurando alguma diversão, ou é completa e colossalmente louco.

Zaphod Beeblebrox pegou um bonde muito chique ao pé da Ponte do Arco-íris para ir até Asgard. O bonde não somente era bastante confortável, como tinha

seu próprio polidor de chifres e úteis gaiolas de lagartos aquecedoras de pés, e era bastante conveniente, já que parava bem no meio do centro de Valhalla.
Havia um viking da “alfândega”, dentro de uma cabine reforçada, que pareceu um tanto surpreso ao ver um mortal se aproximando. Na verdade, ficou tão surpreso que seus olhos literalmente saltaram das órbitas.
— Uau — disse Zaphod — Isso é nojento mesmo. Pode fazer de novo?
— Não, não posso — respondeu o viking, enfiando os olhos de volta nas órbitas
— Quem diabos é você?
Zaphod reagiu em seu famoso estilo de responder uma pergunta com uma outra pergunta, uma tática da qual gostava muito, por conta do fator embromação.
— Quem diabos é você?
— Eu faço as perguntas aqui!
— Que perguntas você fará... aqui?
O viking revirou os olhos emitindo um som parecido de uma pessoa velha e desdentada tentando tomar chá numa xícara quente.
— Você está me embromando?
— Quem está embromando quem?
O viking se levantou.
— Ok, ok. Eu sou um viking morto ressuscitado. Nós morremos em batalha só para vir para cá e depois eles nos colocam como funcionários públicos. Eu era o capitão na merda do meu barco. Nós arrasamos com a Inglaterra, chutamos a bunda daqueles saxões. E em troca, recebo um trabalho burocrático. Uma porcaria de um trabalho burocrático, acredita? Eu! Erik, o Mão Vermelha. Vermelha por causa de todo sangue que pingava dela, entende? E não era o *meu* sangue — Erik parou de gritar, principalmente porque seus olhos estavam frouxos de novo.
— Uau — disse Zaphod — Você está realmente bem irritado.
— E isso vem infeccionando há um tempo — disse o viking, enxugando um dos olhos com a manga da blusa.
— Está se sentindo melhor agora?
Erik suspirou.
— Na verdade, sim. É bom desabafar, sabe?
Zaphod deu um tapinha amigável no ombro dele.
— Você precisa cuidar desse estresse todo, cara.
— Obrigado. Essa é a primeira coisa gentil que alguém me diz desde que me candidatei àquela grande expedição de pilhagem na Britânia. Eu derramaria uma lágrima se pudesse.
— Fique à vontade. Zaphod Beeblebrox gosta de levar alegria a lugares que os outros presidentes nem conseguem alcançar.

Erik segurou uma prancheta perto do rosto.
— Ah, sim. Beeblebrox. Recebi um telefonema a seu respeito, do Heimy esquiador. Claro, não mencionava que você era mortal. Para que poupar o coração de Erik, ele já está morto mesmo. Típico.
Estou procurando o Thor.
Erik balançou a cabeça.
— Encontrá-lo não é problema. Ele está no Poço de Urd. Vá direto até Yggdrasil, a árvore gigante, depois vire à esquerda e não dê nenhum dinheiro aos unicórnios, isso só os encoraja. E se você vir um cara com, um nariz digamos, adunco, que atende pelo nome de Lief, avise que acho que nós trocamos nossos olhos.

Nem mesmo Zaphod teve problemas para encontrar a árvore dourada, mas era constantemente distraído pelas hordas de vikings reanimados, semelhantes a zumbis, arrastando os pés pelas ruas de pedras irregulares, segurando nas mãos ossudas roupas vindas da lavanderia ou passeando distraidamente com cães minúsculos.
— Isso é ridículo — disse ele — Todos eles têm nariz adunco.
A árvore propriamente dita era gigantesca, os galhos brilhantes descendo até o chão por causa do peso das espadas e dos escudos de heróis derrotados e também devido aos cartazes de propaganda de cereal ZugaNugget, que, segundo a propaganda, patrocinava o transporte, feito pelas valquírias, dos heróis tombados no plano mortal.
Zaphod abandonou sua minimissão de procurar o cara conhecido como Lief e virou num beco de aparência bem vagabunda, com cocô escorrendo pelas paredes — e cocô de verdade. E como aquele era um reino mágico, tinha cocô subindo pelas paredes também.
— Merda — disse Zaphod, se parabenizando por fazer uma declaração que não era somente um simples xingamento, mas também uma constatação de um fato, e um alerta para qualquer um que pudesse estar atrás dele.
— Tá falando comigo, cara? — disse alguém, e Zaphod percebeu que o que ele havia pensado ser uma estalagmite de material de esgoto era na verdade uma raiz manchada da Yggdrasil, a árvore da vida, irrompendo entre as pedras da rua.
— Perdão — disse Zaphod, sentindo-se ligeiramente ridículo por estar falando com uma árvore. Mas, pensando melhor, ele já tinha falado com coisas muito piores nos últimos anos — Achei que você fizesse parte do sistema de esgoto.
— Olha, talvez eu até faça — respondeu Yggdrasil por nenhuma boca que Zaphod conseguiu discernir — A quantidade de lixo que jogam no chão aqui!

Ele acaba subindo pelas minhas raízes, e aí já viu. Não é de se espantar que meu QI esteja baixando alguns pontos. Você é o que come, e coisa e tal.
— Estou procurando o Thor.
— O vermelhão? É só ir reto por aquela porta ali.
Zaphod forçou a vista na escuridão, mas a porta era tão difícil de identificar quanto a boca de Yggdrasil.
— Não vejo porta nenhuma.
— Você precisa dizer as palavras mágicas.
Zaphod coçou as têmporas e se concentrou.
— Ok. Não me diga. Estou sentindo alguma coisa saindo do éter. *As árvores são dupal?*
— Elogios levam você a qualquer lugar — disse a árvore, separando um emaranhado de trepadeiras na parede úmida e revelando um brilho amarelo-nicotina — Pode entrar, meu filho.
Zaphod entrou. Não precisou se abaixar pois a porta atrás das trepadeiras fora construída para uma pessoa muito maior.

NANO

Hillman Hunter olhou pela janela do escritório, para a majestosa tropicalidade do planeta que havia comprado.

Você fez o que era certo, Hillers, disse a voz de sua avó Naná no seu cérebro. *Se não tivesse trazido essas pessoas da Terra, seus átomos estariam passeando pela Galáxia nesse exato momento. O que acha que as pessoas iriam preferir, um pouco de guerra civil ou um monte de cadáveres?*

Hillman sabia que Naná estava certa, mas não conseguia evitar o pensamento de que, de alguma forma, tinha sido enganado. Poderia ter fechado um negócio muito melhor, mas Zaphod Beeblebrox conseguiu esconder essa possibilidade dele, e o irlandês sofria ao pensar que havia sido passado para trás por um sujeito tão idiota.

O interfone em sua mesa vibrou, levando a atenção de Hillman para longe da paisagem. Ele balançou a mão por cima de um sensor e um pequeno holograma de sua secretária apareceu na mesa.

— Pois não, Marilyn?

— Há uma senhora aqui que deseja vê-lo.

— Ela marcou hora?

Marilyn gemeu, como se essa fosse uma pergunta difícil.

— Ela disse que ainda terá marcado.

— Isso é meio confuso, Marilyn. Dá para esclarecer?

Antes que Marilyn pudesse responder, uma mulher surgiu na cadeira em frente à mesa de Hillman. Com todas as entrevistas anteriores, Hillman já tinha se acostumado a uma materialização gradual, mas aquela mulher apareceu como se alguém tivesse ligado um interruptor.

— Ai meu Deus! — ganiu ele.

— Na verdade, não. Eu sou Gaia, Hillman Hunter — disse ela, com uma voz musical e reconfortante.

— Ah, sim. Gaia, a Mãe Terra — Hillman folheou a pilha de currículos de sua mesa — Eu não estava planejando entrevistar deusas.

Gaia fixou seus olhos de um castanho profundo na direção dele.

— Não, mas o senhor faria uma exceção para mim, de modo que decidi apressar as coisas.

A combinação dos olhos e da voz era totalmente hipnótica, e Hillman se viu muito à vontade com aquela senhora bonita.

— Essa foi provavelmente... uma atitude bastante razoável.

O rosto de Gaia tinha formato de coração, com lábios vermelhos e sensuais.
— Você tem um tempinho para conversar comigo, não tem, Hillman?
— Tenho. Cristo, se tenho. Por Deus, tenho todo o tempo do mundo.
— Eu sou a Mãe Terra e, sem uma Terra, vim procurar um novo lar. Eu poderia ser feliz aqui, Hillman. Você poderia ser feliz também.
— Sim, Mãe Terra. Feliz que nem pinto no li... muito feliz.
— Você não precisa fazer mais nenhuma entrevista.
— Não. Por que eu precisaria entrevistar mais alguém?
Gaia sorriu e se inclinou para a frente. Hillman observou que seus dedos eram finos, porém fortes.
— Eu posso nutrir esta terra. Posso fazer crescer qualquer coisa.
— Fantástico. Ter coisas crescendo é bom.
A Mãe Terra abriu os braços e Hillman sentiu o cheiro dos verões de sua juventude.
— As mulheres terão seios fartos e serão férteis, e os homens irão desejá-las.
— E já não era sem tempo.
— Tudo que nós precisamos é resolver algumas questões salariais — Essa foi exatamente a coisa errada para se dizer a Hillman Hunter. A névoa em sua mente se dissipou e ele sentiu uma súbita necessidade de fazer algumas perguntas.
— Questões salariais? E que questões *salariais* seriam essas?
— Bom, o orçamento é ridiculamente pequeno. Como conseguirei sustentar uma comitiva...
— Comitiva? Não me lembro de ter colocado anúncio para uma comitiva. Só para um cargo.
— Mas sem dúvida, uma deusa do meu porte...
Hillman partiu para o ataque como um tubarão.
— E que porte seria esse? Você não foi particularmente eficaz no seu último emprego. Se bem me lembro, o planeta era assolado pela fome e a maior parte das plantações vivia cheia de pesticidas.
— As coisas saíram um pouquinho do controle na Terra, é verdade — admitiu Gaia — Mas isso não aconteceria de novo.
— Ah, mesmo? Por que não investigamos isso mais a fundo? Suponhamos que haja um levante de crença a outro deus. Como você enfrentaria esse problema?
Gaia sorriu gentilmente.
— Já lidei com alguns contratempos no passado, você sabe. Posso ser bem dura quando a situação exige.
— Por favor, seja mais específica.
— Lembro-me de uma vez em que Urano trancou o Ciclope no Tártaro, para que ele não pudesse mais ver a luz. Isso me causou uma dor considerável, já que, e

talvez você não saiba disso a meu respeito, o Tártaro ficava nas minhas entranhas. Por isso, fiz uma grande foice de sílex e, quando Urano entrou nos meus aposentos para sua visita semanal, com aquela conversa mole de quem quer sexo, mandei meu filho Cronos cortar o dele fora com a foice — Gaia sorriu, deliciada com a lembrança — Ah, aquela noite valeu por todas as outras. Imagino que isso responda à sua pergunta. “Firme, porém é justa”, é o meu lema. Por sinal, ainda tenho a foice guardada em algum lugar; nunca se sabe quando você vai precisar de algumas gotas de sangue divino.

Hillman cruzou as pernas imediatamente, sentindo o fantasma de uma perda que esperava fervorosamente nunca experimentar.

Na lateral do currículo de Gaia, escreveu seis palavras:

Nem por cima do meu cadáver.

ASGARD

Zaphod entrou num antro de esperanças abandonadas pior do que qualquer outro dos quais já fora expulso, e sentiu-se em casa.
Esse é o meu tipo de lugar, pensou. *Até o ar daqui pode te derrubar.*
E podia mesmo. Os germes se amontoavam em grupos e pairavam pela imunda atmosfera em nuvens coloridas, tentando inutilmente infectar os zumbis ossificados e os semideuses. Pela primeira vez, Zaphod ficou feliz por Cérebro Esquerdo tê-lo entulhado de vacinas enquanto ele dormia. Pelo menos, C.E. tinha jurado que eram vacinas.
Uma nuvem zumbiu junto à cabeça de Zaphod, cantando "Poros abertos, feridas abertas", mas foi repelida pelo cheiro de antivírus na respiração dele.
Se isso fosse um filme, todo mundo no Poço de Urd teria parado de fazer o que quer que estivesse fazendo para olhar carrancudo para o recém-chegado. Porém, a maioria dos fregueses estava tão embriagada que mal tinha discernimento suficiente para encontrar suas canecas sobre as mesas, quanto mais conseguir lançar um olhar de irritação para alguém. Uma bêbada louca até gritou: "Feliz aniversário, senhor presidente!", mas provavelmente só estava tendo uma alucinação. Zaphod desceu três degraus de pedra até o piso da taverna, depois se desviou de algumas poças de um material viscoso que soltava fumaça, até chegar ao balcão, que se erguia como uma montanha acima dele.
Um barman viking reanimado, pálido e com meia dúzia de fios de cabelo louro colados na cabeça, olhou-o de cima a baixo.
— O que posso fazer por você, júnior?
— Pode me dizer onde o Thor está — respondeu Zaphod.
O barman assobiou através de um buraco na bochecha.
— E por que você poderia querer encontrar o Thor, estando tão vivo e coisa e tal?
— Ele está de mau humor?
— Pode-se dizer que sim — respondeu o barman — Só o que ele faz é beber e jogar xadrez. E quanto mais perde, mais bebe.
— E ele não ganha nunca?
O barman riu.
— Ganhar? Ninguém ganha por aqui, júnior.
Zaphod observou o viking.
— Ei, por acaso seu nome é Lief?
O barman ficou furioso. Tirou um minúsculo machado de um coldre de ombro e

começou a bater no tampo do balcão.
— Diga ao Erik para ele mesmo vir aqui se quiser conversar sobre os olhos. Diga que eu avisei. Que ele venha para cá e aí nós conversamos!
— Vou dizer, vou dizer — respondeu Zaphod, recuando — Se eu conseguir sobreviver ao meu papo com Thor.
— Não é com o Thor que você deveria se preocupar — O barman apontou o polegar para um cômodo escuro nos fundos do bar — É com aqueles outros escrotinhos.
Zaphod deu uma piscadinha com sua confiança suprema típica.
— Não se preocupe comigo. Trabalhei no showbusiness por muitos anos. Sei como cuidar de gente escrota.

Para os padrões de Asgard, o Poço de Urd era um bar pequeno, mas Zaphod sentiu como se tivesse corrido uma maratona só de andar rápido até a mesa de Thor. No caminho, o betelgeusiano passou por inúmeras brigas, dois rituais mágicos (um envolvendo um espeto no fogo e um círculo de lobos uivando em uníssono), uma pira funerária sustentada por uma quantidade enorme de corpos e salsichas, e um lago congelado com anões sendo perseguidos por um monstro com pés de árvore.
Eu poderia viver aqui, pensou Zaphod.
A diversão e os jogos acabavam antes da alcova de Thor. Parecia haver um acordo de cavalheiros de que o deus do trovão deveria ser deixado em paz, o que provavelmente se devia a uma mensagem escrita muito claramente numa parede branca com o que parecia sangue coagulado e encaroçado, dizendo: *Deixe-me em paz e provavelmente não matarei você. Mas não estou prometendo nada, veja bem. Isso é o melhor que posso fazer.*
Zaphod atravessou a fronteira da paz e, pela primeira vez desde que entrara no bar, sentiu incontáveis olhos fixos nele.
Não seja maricas, Zaphod, disse a si mesmo. *O que aconteceu entre vocês dois foi há muito tempo. Ele provavelmente já deve ter esquecido tudo. Eu mesmo mal consigo me lembrar. Algo a ver com um problema interplanetário envolvendo um guarda-chuva mágico e a fórmula secreta de um sorvete, não foi?* Zaphod franziu a testa. *Não. A confusão com o guarda-chuva e o sorvete foi com outro.*
Agora Zaphod conseguiu ver seu ex-amigo sentado numa mesa redonda, de costas para a plateia. E que costas, aliás, mais largas do que uma geleira, com músculos do tamanho de rochas e enormes cordilheiras de tensão nos ombros.

Seu cabelo ruivo pendia num rabo de cavalo murcho e os chifre do capacete estavam manchados de amarelo pelas longas noites passadas nesse ar pestilento.
Zaphod estava planejando iniciar a conversa com uma piadinha quando o silêncio foi cortado por um súbito levante de vozes agudas e guinchadas como alguém que tivesse inalado gás hélio.
— O quê? É só isso?
— Essa é a sua grande jogada?
— Há quanto tempo a gente vem fazendo isso? Você não aprendeu nada!
Zaphod entrou silenciosamente no cômodo, espiando por baixo do cotovelo de Thor.
O deus do trovão estava sendo zombado e sacaneado por um conjunto de peças de xadrez do outro lado do tabuleiro. As suas peças eram de madeira e pareciam silenciosamente acovardadas.
O pequeno cavalo de ouro parecia muito agressivo:
— Escute aqui, Thor. Nós já falamos sobre isso milhares de vezes. Nunca deixe o rei exposto! Isso é básico. Coisa de jardim de infância, porra!
— Olha a boca! — trovejou Thor, e o som provocou arrepios na espinha de Zaphod. Aquela voz era como o rosnado de um tigre dormindo no fundo de um poço. Não era de espantar que as mulheres não se cansavam dele.
— Ou o quê? — desafiou o cavalo — Nós somos as tradicionais peças de xadrez dos Aesir. Você não pode nos matar, somos tão imortais quanto você. E muito mais velhas, devo acrescentar.
— Eu ainda posso derreter vocês, seus merdinhas, e fazer um penico para mim. O que acham disso?
O cavalo caiu na gargalhada.
— Pode nos ameaçar o quanto quiser, garota do trovão, mas mesmo assim ainda é xeque-mate.
Thor tamborilou os dedos na mesa.
— Vocês voltem para as posições de novo. Tenho um assunto pendente para resolver — E com um movimento suave, ele girou no banco e brandiu um colossal martelo de guerra, que estivera repousando sobre suas coxas. Lançando-o na direção da cabeça de Zaphod.
O martelo parou a um centímetro do nariz de Zaphod, depois o encurralou num canto como um cão pastor acuando uma ovelha.
— Ótimo manejo do martelo — guinchou Zaphod — Eu sabia que você não ia me matar.
Thor virou de costas.
— Suma daqui, Zaphod, antes que eu deixe Mjölnir fazer o que ele deseja fazer desde o amaldiçoado dia em que nos conhecemos.

Zaphod tentou sair de onde estava, mas o martelo o empurrou de volta para a parede.
— Que é isso, meu chapa! Eu percorri um longo caminho só para falar com você.
Thor resmungou.
— Você pelo menos se lembra de por que está aqui?
— Não exatamente — disse Zaphod — Mas, para ser justo, tem um martelo gigante flutuando diante do meu rosto, e você sabe o quanto as pessoas gostam do meu rosto, por isso não estou conseguindo me concentrar direito.
Os ombros de Thor relaxaram e ele suspirou.
— As pessoas amavam o *meu* rosto também. Eu era adorado até você aparecer.
— Você pode ser adorado novamente. É por isso que estou aqui, me lembrei agora.
— Desapareça, Zaphod. Pegue a sua vida e saia da minha. A única coisa que me impede de matar você é que não se pode preencher o vazio interior com mortes. Aprendi isso na terapia em grupo — ele estalou os dedos e Mjölnir voltou para seu punho — Agora vá, Beeblebrox. Preciso ligar para o meu terapeuta de controle da raiva.
— Você sabe que pode contar com a gente, não é meu chapa? — disse uma torre de ouro.
Thor coçou a cabeça brilhante.
— Sim. Sei que sempre terei vocês a meu lado.
— Quer que a gente mate o mortal? — perguntou um peão — A torre pode se enfiar na garganta dele até sufocá-lo.
— Não. Ele não vale a pena. Mas agradeço a oferta.
Como Zaphod não possuía um mínimo de bom senso, ele nem mesmo hesitou pelo meio segundo que seria necessário para ignorá-lo. Subiu num descanso de pés, depois numa cadeira, depois pelas traves de um encosto até que, finalmente, estava de pé diante de Thor.
O deus do trovão estava sentado, curvado sobre a cerveja como se alguém estivesse prestes a roubá-la. Tinha os olhos baixos e seu rosto estava carrancudo. Havia uma tempestade se formando. O que no caso de Thor, não era só uma figura de linguagem; havia realmente uma pequena nuvem de tempestade pairando acima de sua cabeça, com raios se projetando para fora dela como línguas de lagartos.
— Belo lugar — disse Zaphod, sentando-se num cinzeiro — Alguns quadros cairiam bem. Talvez uma banheira de hidromassagem. Às vezes gosto de bolhas com a minha cerveja.
Thor ergueu sua caneca e bateu-a na mesa, de modo que parte do líquido

espumou para fora.
— Aproveite e se afogue, então — disse ele, sarcasticamente — Cerveja com bolhas, ora essa!
Zaphod tomou essa sugestão — como tomava a maioria das sugestões ao pé da letra, e rapidamente tirou a roupa até ficar só de cueca, lembrando-se no último segundo de retirar as baterias antes de mergulhar na caneca. Mergulhou até o pomo de adão e ficou nadando de costas com os três braços enquanto espumas âmbar se formavam.
— Gosto daqui — borbulhou Zaphod — Tem uma bela... como vocês chamam?
— Privada?
— Não. A outra coisa.
— Ambientação?
— É. Essa mesmo.
Thor rosnou e a nuvem em cima de sua cabeça trovejou ainda mais.
— Aqui é o Poço de Urd, Zaphod. Onde os semideuses e as criaturas desprezíveis vêm para beber. Venho aqui para que ninguém me encha o saco.
— Criaturas desprezíveis! — disse um bispo de ouro na mesma altura de Zaphod
— Essa foi meio exagerada. Seria bom controlar esse mau humor, colega.
A atenção do presidente foi dissipada pelo surgimento de várias pernas bronzeadas e centenas de dentes brancos.
— Ei, acho que aquelas garotas de aparência atlética estão acenando para nós.
Thor espiou discretamente para o outro lado do bar, por entre os dedos. Um grupo de valquírias esculturais estava tentando lavar o sangue de suas armaduras ZugaNugget em câmera lenta, usando barris de água.
— Esquece, Zaphod. Elas não são para o seu bico.
Zaphod saiu da caneca.
— Não são para o meu bico? Do que você está falando?
— Estou falando de coisas práticas. Olhe só para elas. Você não conseguiria ir além das tornozeleiras delas nem com uma cama elástica. Pensando bem, elas também não são para o meu bico.
Zaphod se sacudiu como um cachorro.
— Qual é! Esse não é o deus do trovão que eu conheço. Eu me lembro de quando meu amigo Thor desapareceu por uma semana com uma senhorita chamada Eccentrica Gallumbits e, no fim, foi ela quem *acabou* pagando a ele.
— Esquece isso, Zaphod.
O presidente vestiu rapidamente as calças.
— É exatamente disso que você precisa, meu velho. Eu e você numa farra com algumas criaturas lindas. Vou até lá.
— Não.

— Vou sim. Eu posso ser pequeno mas, pelo menos tenho um pouco de *je ne sais quoi*.
— Um pouco de quê?
— "Não sei o quê" — admitiu Zaphod — Mas isso nunca me impediu antes.
Zaphod tinha um cintilo nos bolsos que Thor conhecia bem.

> *Nota do Guia: Esse tipo de cintilo não tem nada a ver com os filhotes de cintolhos. Na verdade, essa era a maneira de Zaphod expressar seu romantismo despreocupado e imprudente, semelhante ao cintilo que é encontrado nos olhos dos Narcisopeixes de Flargathon, justamente no momento antes de se inflarem por um limite muito maior que a tolerância elástica permite só para impressionar os outros. Os Narcisopeixes machos podem chegar a explodir espetacularmente para chamar a atenção de uma fêmea. Esse é mesmo um ato impressionante e, para ser justo com a fêmeas, ela normalmente aprecia o sacrifício e fica com a consciência pesada durante vários dias, até decidir colocar seu melhor colar de pérolas e dar umas voltas pelo recife.*
> *Leituras Relacionadas:*
> "O amor vai me fazer em pedacinhos", *de Escamoso Barbatana (falecido).*

— Volta aqui, Zaphod, estou avisando!
Zaphod atravessou a mesa, desviando de um balde de cuspe.
— É disso que você precisa, Thor. Depois, você vai me agradecer — Em seguida, virou-se para as valquírias — Olá, garotas. Talvez vocês ainda não me conheçam, mas com certeza vão sentir saudades de mim amanhã.
Os sorrisos de surpresa das valquírias foram subitamente distorcidos pelo que parecia ser uma parede de vidro curva. Por um segundo, Zaphod acreditou que um súbito jorro de tesão das valquírias havia superaquecido o ar, mar percebeu que Thor o havia prendido dentro de um copo, o que o fez pensar em como era minúsculo naquele mundo. Na verdade, ele parecia ter o tamanho que Thor decidisse. Zaphod tinha certeza de que era grande demais para aquele copo há apenas alguns segundos.
— Vamos lá, Thor — gritou ele, a voz ricocheteando pelo ambiente.
Que estranho, pensou Zaphod. *A acústica daqui me faz parecer um chorão.*
— Você deveria ser meu apoio aqui, cara — continuou — Nós éramos um time. Você se lembra daquelas dançarinas antigravitacionais lá em Han Dold City?

Thor puxou o copo de volta, passando perigosamente perto de uma torre que reclamava, e Zaphod foi obrigado a correr pela mesa para acompanhar o movimento.
— Eu nunca fui a Han Dold City.
— Verdade? Eu poderia jurar... Deve ter sido com algum outro asgardiano. Eu me lembro de alguém com barba ruiva. Tem certeza de que não era você?
— Absoluta, Zaphod. Eu sou um deus, e nós não esquecemos das coisas. E isso é parte do nosso problema.
Thor levantou o copo e, enquanto este subia, Zaphod se sentiu crescendo até ficar mais equivalente a Thor que a um camundongo de estimação.
— Problema? Qual problema?
Thor bateu na mesa, fazendo a cerveja se derramar nas tábuas.
— Qual problema? Que zark de problema, Zaphod? Está falando sério? Você está mesmo me perguntando isso?
Zaphod franziu a testa.
— Foi um monte de perguntas, cara. Que problema... Que zark de problema... e qual era a terceira, mesmo?
— Ah, não adianta — disse o deus, engolindo cerveja suficiente para afogar um rebanho de mamíferos — Zaphod Beeblebrox não se importa com ninguém a não ser consigo mesmo.
Essa ideia chocou Zaphod genuinamente, já que ele acreditava que compartilhar sua personalidade com outras pessoas era, por si só, um ato de amor.
— Isso é uma coisa terrível de se dizer. Eu fui seu melhor amigo durante anos.
— Até você me convencer a colocar aquele vídeo na Subeta Net — respondeu Thor, amargo. Sobre sua cabeça, a nuvenzinha robusta ficou flácida, liberando uma garoa leve. Não era preciso ser um cerebrologista para entender o simbolismo.
Zaphod viu que estava apenas uma cabeça mais baixo do que o deus. Deixou-se cair num banco próximo e pensou em fazer uma piadinha para quebrar o clima.
— Nunca sei se eu boto a bunda no banco ou se banco botar na bunda — disse, tamborilando na mesa.
Thor acariciou a cabeça de Mjölnir.
— Mais uma, Zaphod. Só mais uma palavra.
— Será que não podemos esquecer aquele vídeo? Aquilo é coisa do passado, e deixa eu te falar uma coisa sobre o passado. É onde ele fica, no passado. Sabe essa frase que eu acabei de falar sobre o passado? Ela também já está no passado, amigo. Mal consigo lembrar dela, com exceção de que tinha a palavra *passado*. O passado é feito de lembranças, que por sua vez são feitas de coisas mortas que não podem machucar a gente, como, digamos, um espeto pontudo

pode. Átomos e coisa e tal. Quarks também, eu acho. Mas inúteis, ficam caídos lá, sem fazer mal a ninguém.
— Você quer dizer alguma coisa com essa conversa, Zaphod? Ou também já está no passado?
Zaphod passou um braço em volta dos gigantescos ombros de Thor.
— O que eu quero dizer, meu velho, é que *talvez* eu tenha errado feio com o vídeo naquela ocasião, mas estávamos vendendo poucos ingressos e precisávamos de alguma coisa para te levar de volta ao topo. O negócio de vídeos reveladores de celebridade estava no auge e, para falar a verdade, algumas pessoas até gostaram.
— Algumas pessoas? — resmungou Thor — Como aquela seita da nave de festas? Ah sim, aqueles malucos certamente adoraram. Infelizmente, o resto da Galáxia, o pessoal *normal*, não gostou da ideia de ver seu deus todo amarrado como um tarado.
Zaphod deu de ombros.
— Tivemos algumas reações negativas, eu admito.
Thor massageou as têmporas.
— Reações negativas... reações... eu sei como você é baixo, Zaphod, mas com certeza até alguém como você notaria os ataques. Meu pai explodiu o planeta onde filmamos. Meus lindos templos foram derrubados. Passei de divindade favorita número quatro para número 68, atrás de Skaoi. Skaoi! A deusa da porcaria dos sapatos de neve!
— Sapatos de neve são importantes. Anda, meu velho será que você não pode tirar essa coisa toda da cabeça? Eu tirei.
Thor passou oito dedos pela barba.
— Mas e aquela fantasia, Zaph? E aquelas Lulas Pom-Pom?
Zaph, pensou Zaphod. *Ganhei o cara.*
— Foram erros de cálculo, talvez.
— E as coisas que eu falei? — perguntou Thor, estremecendo.
— Você estava representando.
— Odin cagou um tijolo. Na verdade, cagou um prédio inteiro. Minha própria mãe não suporta mais olhar para mim. Disse a Loki que tudo que vê é um bustiê de látex.
— Aquilo era arte. Nem todo mundo entende.
— Sabe quantas visualizações aquele vídeo teve? Foi o primeiro lugar do ranking em toda a Subeta Net nos últimos cinco anos.
— Pois é. Últimos cinco anos. Aquele vídeo pertence ao passado. No ano que vem, haverá um novo vídeo do Thor, o que te coloca de volta ao jogo, onde é o seu lugar.

— Ah, é? — disse o deus, taciturno — O que você planejou para o meu retorno triunfal? Devo requebrar mais do que gelatina Balança-O-Gel?
Zaphod se inclinou.
— Ah, não, meu caro. Nada de armações dessa vez. Agora, o negócio é real. Uma apresentação ao velho estilo. Encontrei o imortal que está com sua nave e ele o desafiou a resolver o assunto.
Acima da cabeça de Thor a nuvem de tempestade cuspiu um jorro de raios.
— Continue, Zaph — disse o deus — Estou ouvindo.

HILLMAN HUNTER

Hillman Hunter era mais do que o estereótipo de irlandês; era o estereótipo de irlandês daqueles velhos tempos que não voltam mais. Era como se ele tivesse sido concebido por um ex-patriota celta com óculos de lentes verdes e com a cabeça cheia de uísque e nostalgia. No alto da cabeça de Hillman repousava um ninho de cabelos encaracolados ruivos, seu rosto era pintado de sardas cor de latão, grandes como moedas, seu caminhar de pernas arqueadas sugeria uma juventude perdida na sela de um puro-sangue, e um crucifixo de ouro se aninhava no colarinho aberto. No quesito irlandeses caricaturais, Hillman Hunter era um verdadeiro saco de batatas. Quando ele entrava numa sala, era preciso fazer um grande esforço para não cumprimentá-lo com um caloroso *begorrah*, dar graças a Deus pelo dia agradável e fazer uma pergunta sobre como andava o U2. Até sua voz ia de acordo com as expectativas (e por que não seria assim?), já que Hillman baseava seu sotaque no de Barry Fitzgerald, um ator irlandês do século XX que já era velho quando a televisão era jovem. O resto do pacote era igualmente planejado. Hillman vinha tingindo o cabelo desde que ficara grisalho aos 18 anos. Também havia se transformado num compulsivo usuário de bobes para encaracolá-los e sua pele clara era sardenta devido a longas horas numa câmara de bronzeamento.

E o motivo para tudo isso? Simples. Algo que sua vó Naná havia lhe dito muito tempo antes.

— As pessoas compram conforto — disse ela, cortando a garganta de um porco com uma foice — Se você deixá-las confortáveis, elas vão comprar *qualquer coisa* que você esteja vendendo.

A combinação de sabedoria e jorro de sangue arterial foi irresistível, e Hillman jamais esqueceu a lição.

Deixe as pessoas confortáveis e depois venda para elas o que quiser.

Assim o jovem Hillman se transformou numa cópia do amado ator e passou a vender coisas caras para os ricos. Vendia carros e iates antes de passar para cavalos e propriedades em países estrangeiros. Tinha um talento nato, um dom. As pessoas adoravam sua conversa no estilo Velho Mundo e ficavam encantadas com as miniaturas de bastões irlandeses incrustrados de diamantes que ele lhes dava de presente. Aos 40 anos, Hillman ficara milionário somente com o que ganhava de comissões. Aos 50, estava a meio caminho de ser bilionário e ia de uma residência à outra no seu Jaguar e andava pela propriedade com a ajuda de um osso da bacia bio-híbrido que era melhor do que o antigo e entrava em

contato automaticamente com o fabricante caso quebrasse.
Havia muito mais dinheiro a ganhar, percebeu Hillman, se uma pessoa esperta pudesse descobrir um modo de reunir todos os ricos num só lugar e vender coisas a eles diariamente. Mas como fazer isso? A resposta lhe veio com uma manchete no telejornal. Os tempos estavam difíceis e as Irmãs do Socorro Ocasional, já com pouquíssimas seguidoras, estavam sendo obrigadas a leiloar uma das propriedades da igreja: a ilha de Innisfree.
Hillman ficou tão empolgado que seu quadril mandou um alerta para o Japão.
Innisfree. A ilha que serviu de inspiração para o filme predileto de Naná: Depois do vendaval. *A casa em celuloide do modelo de sua personalidade. O destino estava dando uma piscadela, estava lhe dando mole e a providência estava lhe dando uma marretada na cabeça com o martelo da dica.*
Hillman ofereceu mais dinheiro do que uma misteriosa corporação oculta — que poderia ter sido rastreada até um grupo de viciados em lazer na estrela de Barnard por qualquer pessoa que tivesse como navegar na Subeta — e comprou a ilha, até mesmo com as plantas para uma edificação que as freiras planejavam construir para dar suas festas de xerez nos fins de semana.
E naquela primeira manhã de névoa espessa, enquanto atravessava o lago Gill de Sligo num barco com motor de popa, Hillman Hunter soube que havia encontrado seu pote de ouro no fim do arco-íris.
— Cristo — disse ele baixinho e completamente dentro do personagem — Essa é a terra prometida.
Em vez de um retiro, Hillman construiu o *spa residence* mais caro da Irlanda e, para garantir que atrairia somente as pessoas mais ricas, inventou também uma religião e a colocou no folheto de propaganda.

> *Nota do Guia: Apesar de Hillman Hunter não ter como saber à época, a revista* Quem é o Quê Quando, *o comparou a Kar Paltonnle de Esflovian, outro cara de fala mansa que conseguiu persuadir diversas comunidades de condomínios fechados de que elas seriam as escolhidas para sobreviver na hora do Armagedom. Sua carreira foi deslanchada por uma extraordinária boa sorte quando o Armagedom realmente chegou a Esflovian na forma de uma sessão de terapia para controle da raiva realizada sobre um esconderijo de ogivas nucleares que não terminou muito bem. O Sr. Paltonnle ganhou algumas montanhas de dinheiro como líder religioso de aluguel, porém fez a maior parte de sua fortuna ao patentear o programa de computador Guru Galáctico, que permitia a qualquer*

um que desejasse ser um eu-vangelista digitar alguns poucos fatos sobre a comunidade que precisava de uma orientação espiritual e o computador, após pensar nisso durante um minuto ou dois, cuspia um livro sagrado adequado, o número apropriado de mandamentos, justificativas para qualquer tipo de preconceito e o mais importante: uma hierarquia divina. O pacote completo dava ao cliente a opção de se registrar como um deus oficial usando um buraco de minhoca para cumprir o requerimento.

Seremos conhecidos como nanitos, decidira Hillman, sem a ajuda do computador. *E acreditaremos na existência de um planeta chamado Nano, uma dádiva de Deus para seus verdadeiros fiéis. E, algum dia, esses fiéis serão reunidos numa espaçonave e viajarão — de primeira classe, vejam bem — para esse planeta. Então, seria muito bom se os fiéis estivessem juntos em um só lugar quando chegasse a hora do homem do espaço nos pegar. Pois, de outra forma, eles poderiam perder o voo e aí acabariam presos na Terra durante o apocalipse ou teriam que tomar uma outra espaçonave, onde talvez não houvesse nem mesmo um assento disponível na classe executiva.*

Hillman criou todo o evangelho com dois moradores locais num só fim de semana regado a cerveja e uísque no Casey's Bar em Skibbereen. O único problema significativo foi achar a grafia correta de *apocalipse*, que até então Hillman estava convencido de conter um X.

Ninguém vai cair nessa, zombou o comitê de turismo, *é tremendamente improvável* — o que, obviamente, garantiu que o empreendimento se tornasse um sucesso.

Os bilionários irlandeses desembarcaram primeiro, seguidos pelos russos e pelos sul-africanos. Hillman fez um acordo com alguns membros da família real britânica para ter um pouco de credibilidade e, assim, as comportas se abriram, o que realmente deixou Hillman chateado, pois essas comportas tinham garantias de vinte anos e ele perdeu dois terços de sua praia.

Três anos depois, Hillman era o pastor principal de seu próprio rebanho megarrico, onde as pessoas morriam a uma taxa de meia dúzia por mês e deixavam partes consideráveis de sua riqueza para Hillman, desde que ele prometesse congelar suas cabeças até a chegada dos alienígenas.

— Funciona porque é muito fácil — Hillman costumava dizer a Buff Orpington, seu braço direito — Você não precisa fazer nada para ser um nanito. Nada é cortado fora, ninguém segura você debaixo d'água, não há escrituras, não há

culpa, não há mandamentos. Você só precisa ser rico e usar uma camiseta dos nanitos durante o bufê do almoço na terça-feira. Não poderia ser mais fácil.

> *Nota do Guia: Na verdade, havia uma religião ainda mais fácil do que o nanoísmo. Os membros do Templo de Suave Suave, um culto muito popular nas Zonas Mentais de Brequinda, chegaram à conclusão de que a maior parte das guerras do Universo tinha sido causada por fanáticos que impunham agressivamente sua religião. Assim, eles decidiram que seu método de batismo seria completamente indolor e poderia ser realizado até mesmo sem o consentimento da pessoa a ser batizada. A única coisa necessária era que alguém da congregação apontasse seu dedo mínimo na direção dessa pessoa durante cinco segundos e falasse suavemente "bip". Então, para eles, você já era membro da igreja. Durante cinco anos brequindianos, o Templo de SS foi a religião que mais cresceu nas Zonas Mentais, mas, infelizmente, como não havia guerras santas em nome de Suave Suave e nunca ninguém foi mutilado, o Templo não foi reconhecido pelo Conselho Galáctico de Religiões e não se qualificou para receber doações e, dessa forma, o culto se desfez "em menos de um ciclo lunar".*

Hillman Hunter tinha orgulho do que criara e estava em negociações com um ministro australiano para montar um segundo complexo nas Antípodas. Então, numa tarde de quinta-feira, enquanto ele estava sentado no toalete jogando sinuca em seu telefone touch-screen, chegou uma ligação de vídeo de um número restrito. Isso intrigou Hillman, já que seu telefone não fazia chamadas em vídeo. Ele atendeu à ligação, certificando-se de virar a tela para longe de seus joelhos nus, pensando que talvez Naná estivesse chateada com ele pelo mau uso de seu nome e estivesse entrando em contato para dar-lhe uma bronca do outro mundo.

Um rosto apareceu na tela de Hillman. Não era o rosto de Naná; não tinha gordura ou bigodes suficientes.

— Uma excelente manhã para você — disse Hillman animado, confortável em sua própria falsa personalidade — e quem seria o senhor?

— Eu sou a resposta às suas preces — respondeu o rosto — Sou o fim do seu arco-íris.

Hillman usou uma citação da biblioteca de Naná, que servia para qualquer ocasião:

— Ah é, mané?
O rosto franziu a testa.
— O quê? Como é que é? Por favor, fale mais claramente. Seu sotaque parece estar confundindo meu peixe, o que nunca aconteceu com os outros macacos.
Insano, pensou Hillman, e com motivo. *Absolutamente maluco.*
Concordo, Hillers, sussurrou a voz de sua avó morta.
— O movimento de sua boca não condiz com as palavras que saem dela — observou Hillman — E, de qualquer modo, esse telefone não tem vídeo.
— Essa é uma das maravilhas que eu posso fazer — explicou a cabeça, de um modo vago que Hillman passaria a conhecer muito bem — E o negócio da boca é porque você não tem um peixe-babel e, por isso, a nave esta instantraduzindo. Ok? Sacou, homem-macaco?
Chega dessa baboseira, pensou Hillman.
— Muito bem — disse — Ótimo trabalho hackear meu telefone, mas preciso ir embora. Tenho uma seita para liderar — Hillman desligou e se levantou para começar a complicadíssima tarefa, que exigia uma fina coordenação, que era o ato de fechar a braguilha de uma calça de tweed.
— Não tão depressa — disse a cabeça, que agora havia surgido, ampliada, na porta do banheiro — É preciso mais do que apertar o botão de desligar para se livrar de mim, Hillman Hunter.
Hillman largou as calças, chocado, recuando para o vaso sanitário.
— O que é isso, em nome de tudo que é mais sagrado? — ofegou — Como você faz isso?
A cabeça expressou pouco caso.
— Isso? Você chama isso de fazer alguma coisa? Aqui estou eu, pronto para lhe dar a viagem definitiva de poder, e você acha que jogar uma projeção numa superfície plana com uma moldura de metal é fazer alguma coisa? Hillman, meu caro, você é um jebalançador burro para caramba. Sem ofensa.
Hillman não tinha se ofendido, até ouvir as palavras “sem ofensa”. Um pensamento lhe ocorreu.
— Você é de Nano? É isso? Eu estava certo o tempo todo? — Hillman já estava vendendo essa conversa sobre Nano há tanto tempo que, às vezes, meio que acreditava nela também.
A cabeça riu com tanto gosto que ficou sem ar.
— Não, é claro que você não estava certo, seu macaco idiota. Não existe nenhum planeta Nano — E então sua boca se retorceu num riso maroto — Pelo menos não por enquanto.
— Continue — disse Hillman, com o faro para os negócios dominando completamente seu profundo ceticismo.

— Estive procurando um investimento no seu planeta, que aliás não vai durar muito tempo. A Subeta Net me mostrou esse pequeno complexo, e me parece que todos esses velhos ricaços gastariam cada moeda de ouro que possuíssem caso alguém pudesse de fato levá-los para Nano antes que a Terra exploda. E, assim que eles chegassem ao mítico planeta, certamente precisariam de um líder supremo.

Líder supremo, pensou Hillman, e depois: *Isso é um monte de bosta de vaca.*

De repente, a voz de Naná sussurrou no seu ouvido, como sempre fazia quando sua vida estava numa encruzilhada importante: *Tome tino, Hillers. Esse idiota pode fazer mais por você do que ele imagina. O apoxi-lipe está chegando e é hora de dar o fora deste lugar.*

Eu sabia que tinha um X, pensou Hillman. Em voz alta, disse:

— Teria de ser um argumento tremendamente convincente para essa tramoia dar certo.

O sorriso do rosto se alargou revelando mais alguns incisivos.

— Que tal uma grande espaçonave aparecendo do nada? Acha que isso convenceria os outros macacos?

Hillman deixou o comentário sobre macacos passar; afinal de contas, tratava-se de negócios.

— Você tem algum robô?

— Posso fazer melhor do que isso — disse Zaphod Beeblebrox, porque, obviamente, era ele — Posso lhe dar uma cabeça flutuante.

NANO

Então agora Hillman Hunter era o chefe supremo do planetoide, mandando em mais de 87 idosos milionários e seus empregados. Era rico e poderoso, mas não parecia nunca ter um momento só seu para desfrutar. Estava descobrindo rapidamente que os ricos aposentados são as pessoas mais exigentes da Galáxia. Nada jamais era suficientemente bom ou estava pronto rápido o suficiente. Não ajudava muito o fato de que os magratheanos estavam embromando em um monte de coisas, fazendo um estardalhaço enorme com relação a cada detalhe, como se ninguém tivesse avisado a eles que as casas precisariam de telhados ou pisos.

— Vocês querem janelas também? — perguntara o capataz, com as sobrancelhas quase voando, chocadas — Ih, rapaz, vocês deveriam ter dito isso há seis meses. Meus garotos teriam colocado, se pelo menos a gente soubesse. Se querem janelas agora vamos ter de atrasar o serviço dos encanadores, que já estão no local da obra. E isso não vai agradar nem um pouco aos pintores, que viriam logo depois dos encanadores. E alguns dos nossos pintores são casados com os encanadores, e isso vai causar uma certa tensão no lar. E, para piorar, no momento não temos massagistas no local de trabalho, de forma que haverá um acúmulo desastroso de ácido lático nos ombros de alguns dos pedreiros. No fim das contas, o dinheiro é seu e a decisão também. Só estou dizendo que deveriam ter falado alguma coisa antes, quando era conveniente, em vez de jogar o projeto numa queda-livre financeira com suas exigências esquisitas.

> *Nota do Guia: Em toda a história registrada do Universo, só há um caso confirmado de um pedreiro que concordou com as mudanças de um projeto sem fazer nenhuma reclamação. Isso aconteceu com o Sr. Carmen Ghettim, um vendedor de carros betelgeusiano que enviou as revisões de volta no tempo, informando ao pedreiro sobre as mudanças antes mesmo de a obra ter começado. Porém, deve-se ressaltar que o Sr. Ghettim mandou que as correções formais fossem entregues por um terrier especialmente malvado com uma mandíbula anormalmente larga.*

Quando não estava discutindo com os empreiteiros, Hillman passava o tempo tentando encontrar um deus minimamente adequado para governar o planeta, tarefa que não estava se mostrando tão agradável quanto ele imaginara. Hillman

tinha se idealizado em conversas filosóficas sobre a função da felicidade, ou se surpreendendo com demonstrações espantosas de poder divino. Em vez disso, fora obrigado a abrir caminho por uma montanha de currículos enormes em que semideuses tentavam parecer muito mais importantes do que realmente eram.

Ele logo percebeu que, quando um deus coloca uma frase na página dois falando que havia tirado um tempo de folga para realizar uma contemplação divina, isso significava na prática que não havia feito nada nos últimos dez mil anos. Quando um deus dizia que podia controlar o clima, isso simplesmente queria dizer que ele olhava a previsão do tempo e depois se dizia responsável pelo que quer que acontecesse. E se um deus fizesse um grande alarde de sua onipresença, havia uma boa chance de que ele tivesse um irmão gêmeo flutuando por aí.

Lixo, pensou Hillman, triste. *Lixo e papo furado. Nem um pouquinho de qualidade.*

Estava jogando o último lote de currículos no incinerador da mesa quando Buff Orpington enfiou a cabeça pela porta.

— Muito bem, Buff. Estamos prontos?

O rosto alegre de Buff acenou.

— Tudo certo, Hillman. Estamos prontos para chutar algumas bundas.

O humor de Hillman não melhorou com essas palavras belicosas.

Chutar algumas bundas? A maioria dos colonos mal consegue se mover. Qualquer bunda que eles tivessem de chutar teria de estar parada, mole e na linha do chão.

As bundas em questão eram os fundilhos caídos dos colonos ocidentais de Nano, que haviam sequestrado Jean Claude, o cozinheiro francês da cidade de Cong por motivos religiosos. A real questão é que eles eram queijomantes e acreditavam firmemente numa divindade que se manifestava por meio de um queijo semiendurecido, e o prato mais famoso de Jean Claude era uma celestial quiche de quatro queijos com alcaparras e salmão defumado. Os queijomantes não tinham problema nenhum com alcaparras ou salmão, mas consideravam recheios de queijo uma heresia.

Os magratheanos me alertaram que coisas assim poderiam acontecer, lembrou Hillman, triste. *Mudar de planeta é a coisa mais traumática que pode acontecer a um ser, com exceção de ser ensopado com molho de churrasco e depois jogado num buraco com a Besta Voraz de Traal, o que quer que isso seja. As pessoas ficam fanáticas com relação ao que deixaram para trás. A Queijomancia começou com uma espécie de hobby na Terra, mas virou uma gigantesca obsessão em Nano. Aseed Preflux conseguiu converter todo o seu povoado.*

Hillman seguiu Buff para fora da sala e ocorreu-lhe que, de costas, Buff parecia

um urso pardo dentro de uma calça xadrez e um casaco; o sujeito era uma bola de pelos atarracada, cujos cabelos do braço se moviam ao vento.
Na praça da cidade as tropas já estavam alinhadas, prontas para a inspeção. A arrumação era ainda pior do que Hillman havia imaginado. Não restava nenhum empregado.
Virou-se para Buff Orpington.
— Onde estão os personal trainers?
— Foram embora.
— Lewis também?
— Todos.
— E as esteticistas?
— Não vejo uma esteticista há quase uma semana. Minha Cristelle não faz as unhas há dez dias. Ela está perdendo a cabeça.
Hillman ficou honestamente chocado.
— Dez dias! Isso é loucura. Por que ninguém me contou?
— Você estava ocupado com as entrevistas. Este lugar está caindo aos pedaços, Hillman. Resta menos de meia dúzia de chefs de cozinha em toda a cidade. As pessoas estão sendo obrigadas a... — Buff respirou fundo para manter o autocontrole — fazer a própria comida.
Aquilo foi demais para o temperamento irlandês de Hillman.
— Nós não pagamos fortunas enormes para termos de cozinhar! E os contratos? Todos eles assinaram contratos.
Buckeye Brown, um magnata do petróleo texano, gritou da fila:
— O meu cara. Kiko, disse que eu podia enfiar meu contrato onde o sol não brilha. Disse que neste novo mundo todos devemos ser tratados como iguais. Disse que os estávamos tratando como escravos.
Hillman ficou boquiaberto. Era isso o que acontecia em um planeta sem uma divindade para mostrar quem é que manda.
— Isto precisa acabar. Primeiro, vamos expulsar os invasores, depois vamos até a floresta e pegamos nossos funcionários de volta, para o próprio bem deles. Como é que pessoas jovens, saudáveis e sem habilidades para os negócios esperam sobreviver neste mundo fértil e verdejante, Cristo? — O “Cristo” com sotaque irlandês foi uma inclusão de última hora. Hillman estava tão nervoso que quase se esqueceu de quem fingia ser.
Buckeye olhou desanimado para os bicos de seus mocassins de pele de crocodilo Ferragamo, que ele tinha quase certeza de que se estragariam na floresta.
— Você qué que a gente vai pra floresta? Meu pai já me contou como que é, mas nunca que eu tive lá.
E você nunca que deve ter ido à escola também, pensou Hillman.

— Nós não vamos *entrar* na floresta, Sr. Brown. Isso é para quem é jovem. Não: vamos trazer os patifes de volta com Apartamentos Premium Plus.
Buff ficou horrorizado.
— Não vão ser os Premium Plus com vista para a lagoa, vão?
— Se necessário.
— Com serviço de 24 horas por dia?
— Duvido muito. A equipe de serviço de quarto foi embora há um mês. Teremos de dar apartamentos às arrumadeiras. E talvez carteiras de sócio para a academia de ginástica também.
— Mas as arrumadeiras não podem servir a si mesmas — gemeu Buff — Isso é maluquice. Será que o mundo todo ficou completamente doido?
Como todos os bons vendedores, Hillman pensou rápido numa solução.
— Robôs, meu caro. Vamos ter robôs. Ouvi falar que a Companhia Cibernética de Sirius tem androides com personalidade genuinamente humanas. É, simplesmente, perfeito, o que poderia dar errado?
— É, talvez isso possa funcionar — disse Buff, mais calmo — Ou talvez pudéssemos contratar alienígenas que gostem de trabalhar ao sol. Eles até poderiam nos pagar! Você devia procurar por alguma coisa assim no seu *Guia do Mochileiro das Galáxias.*
— Farei isso assim que mandarmos esses sacanas de volta ao lugar de onde vieram.
Hillman observou ao redor da Praça John Wayne e se perguntou como as coisas tinham dado errado tão depressa. Seis meses antes, o local era a estonteante peça central de uma nova sociedade, e agora havia mato brotando por entre as pedras do calçamento e estranhos insetos azuis abrindo buracos nos vidros das janelas.
Precisamos de um deus. E rápido.
Buckeye Brown pigarreou.
— Como é que nós sabe que os queijamantes vão atacar *hoje*?
Buff respondeu a ele, feliz por ter informações confiáveis a passar. Apoiou bem os pés, balançando-se ligeiramente nos calcanhares como se fosse fazer levantamento de peso.
— É o único dia em que eles têm permissão para fazer isso. De segunda a quarta, eles fabricam queijo. Sexta é o dia da leitura do queijo. Sábado e domingo são para contemplação da mensagem queijal. Quinta-feira é o único dia em que são permitidas atividades comuns.
— E como sabemos disso?
— Ah, Aseed mandou um Subeta-mail. Para o caso de algumas pessoas quererem se juntar a eles. Aparentemente, se não nos convertermos, vamos

trazer a Edanação para todo o planeta.
O queixo de Hillman caiu por um momento.
— Edanação? Você não pode estar falando sério.
Buff riu.
— Tão sério quanto um poço seco, Hillman — Ele tirou do bolso um livrinho amarrotado — Ah... aqui: "O dia da Edanação baixará sobre os infiéis sob uma forma gigantesca e aterradora, possivelmente relacionada a algum tipo de queijo, aliás qualquer forma gigantesca e aterradora deve ser entendida como emanada do Queijo".
Hillman estava ficando de saco cheio da palavra "queijo".
— Gigantesca e aterradora, Cristo. Quem escreveu essa porcaria?
— Aseed. O Primeiríssimo Evangelho da Queijomancia, como ele chama.
— Aquele peidorrento metido a besta e convencido — xingou Hillman — quem ele pensa que é?
A pergunta provocou uma firme rodada de não respostas silenciosa por parte das tropas, já que Aseed era praticamente idêntico a Hillman, fora alguma diferença na arrumação e nas roupas. E parecia que Hillman era o único que não reconhecia isso.
Por sorte, eles foram poupados de qualquer momento embaraçoso quando o celular de Buff tocou em seu bolso.
— Ah, meu telefone. Que pena... eu estava prestes a responder à sua pergunta sobre quem Aseed pensa que é, mas agora meu telefone está tocando, de modo que é melhor eu atender e não responder à sua pergunta. Uma pena, realmente.
Ele tirou o aparelho do bolso e abriu.
— É? Tem certeza? Muito bem. Estamos a caminho — Buff fechou o celular e depois ergueu-o bem alto, com grande melodrama — Os queijomantes se aproximam!
— O quê? Verdade? Quem era?
— Silkie. Ela está de vigia na cafeteria do Book Barn.
Book Barn era o prédio mais alto do shopping a céu aberto de Nano, com uma cafeteria de amplas janelas no terceiro andar. De lá, um vigilante poderia ficar de olho na estrada principal enquanto examinava os últimos lançamentos literários. Silkie Bantam geralmente se oferecia como voluntária para esse trabalho porque era uma grande fã de livros de terror e podia devorar alguns capítulos fantasmagóricos enquanto vigiava.
— Como ela estava?
— Bem nervosa. Teve de fazer o próprio café.
Hillman sentiu que tudo escapava de suas mãos. *Os funcionários do Book Barn também.* Essa guerra com os queijomantes tinha que terminar já.

— Certo, rapazes — disse ele, batendo o pé para se animar — Como estamos em termos de armamento?
Essa era a área de Buff. Ele fora um tremendo fã de Kirk Douglas na Terra, de modo que fora encarregado do arsenal.
— Até que não estamos tão mal assim — disse ele, guiando a precária brigada até o pé da estátua de Sean, o Boxeador na praça. Seus instrumentos de batalha estavam encostados no pedestal.
— A maioria é de ferramentas de jardinagem — admitiu Buff — Essa roçadeira elétrica tem um bom peso e pode fazer um corte feio num homem. Temos dois ancinhos para furar e fazer os outros tropeçarem, esse tipo de coisa. Eu vou ficar com esse taco de golfe; não é o melhor que eu tenho, obviamente, mas consigo movimentá-lo bem. Muito perigoso nas mãos corretas.
Ainda que ele mesmo tivesse assinado o acordo proibindo o transporte de armas de verdade da Terra, Hillman tinha esperado por um arsenal ligeiramente mais robusto.
— Fantástico! — disse, com falso entusiasmo — Vamos mostrar a esses desgraçados como os soldados de Cong lutam — ele escolheu a roçadeira e estava prestes a apertar o botão para ligar quando Buff lhe deu um tapinha no ombro.
— É melhor esperarmos até quando realmente precisarmos dela. A bateria está fraca.
— Sei.
— Geralmente é José quem recarrega as baterias, mas ele fugiu com uma das empregadas.
— Certo. Ótimo. Bom, vamos trabalhar com o que temos, então.
Caminharam desorganizadamente em direção ao portão principal. O complexo fora projetado segundo o desenho da ilha de Innisfree original, com um shopping acrescentado na extremidade da lagoa. Havia pássaros sinagudos na água rasa: alguns estavam lendo, mas a maioria pegava um bronzeado e reclamava que o instinto básico dos pássaros desapareceria assim que eles achassem uma lagoa linda e livre de crococarés.

> *Nota do Guia: Os pássaros sinagudos vêm, há muito tempo, sendo vítimas de sua própria beleza, e da procriação sem descanso. Por séculos, os sinagudos foram considerados os melhores artesões de tapeçarias de penas da Galáxia, até que um certo embaixador comercial do Conselho Galáctico disse que a plumagem deles era tão exoticamente bela que toda lagoa que se dizia chique deveria ter*

alguns deles de decoração. Isso acabou com o estilo de vida dos sinagudos, já que os abutres culturais vieram com tudo e começaram a observar a procriação e o aprimoramento dos sinagudos na busca da plumagem perfeita, que depois seria enviada por todo o Universo a fim de enfeitar a fonte decorativa de um diplomata qualquer. É fato que os sinagudos não lutaram muito por seus direitos, já que são criaturas vaidosas e que gostam de ser admiradas. Os abutres culturais, por outro lado, não possuem nem uma pena narcisista em suas asas e gostam de passar o tempo todo sacaneando outras espécies, em vez de gastar seu dinheiro com bebidas e doces. "Somos como lados opostos do mesmo espectro", disse certa vez, um abutre cultural para um sinagudo, ao que ele respondeu: "É mesmo, mas desde que uma das extremidades seja feita de merda e você esteja nela".

— Tenho que entregar uma tese em dois meses — comentou um sinagudo para um amigo — E ainda nem comecei a pesquisa.
Outro pássaro viu Buff na ponte.
— Ei, ei, Buffy. Como vão as tacadas?
— Nada mal, Poleirão. Nada mal mesmo. E aí, já terminou de escrever aquele livro?
Poleirão revirou os olhos.
— Ele está inteirinho na minha cabeça, cara. Só preciso sentar o traseiro na cadeira e começar a digitar, sabe?
— Sei — respondeu Buff, que não fazia a mínima ideia do que o pássaro estava falando, mas estava no clima para declarações positivas.
Os guerreiros de Cong seguiram Hillman até o portão principal, quando seu próprio líder foi obrigado a abri-lo girando uma dobradiça.
— Alguém deveria ter aprendido o código do portão — bufou Hillman, enquanto se esforçava — Isso é ridículo. Os magratheanos mandaram os códigos pela Subeta, mas há centenas deles. Portões eletrônicos, caixas registradoras, visão subeta. Nada funciona sem a porcaria dos códigos.
Assim que o portão estava suficientemente aberto para eles se espremerem, os homens pararam na guarita e olharam por cima dos tufos de capim roxo na direção da floresta tropical que separava os dois complexos. Os galhos das árvores se entrecruzavam e tinham frutas e animais neles, a não ser por um túnel nas árvores em forma cilíndrica semielíptica que fora aberto a laser até o outro lado.

Hillman pegou seu celular e deu um zoom na boca do túnel.
— Estou vendo os sacanas equivocados — fungou — Estão vindo em carrinhos de golfe. Cristo, não é exatamente a Brigada Ligeira, é?
O bando gargalhou como tinha visto guerreiros fazendo no cinema, depois todo mundo pegou seus telefones para dar zoom na direção do comboio.
— Estou contando dez — disse Buckeye, que tinha o telefone mais caro, com as melhores lentes — Nós somos só oito.
— É, mas estamos em cima de um morro — argumentou Hillman.
— E daí?
— Daí que todo mundo sabe que ficar em cima de um morro é vital... vital pra caramba, veja bem, nessas situações.
Buckeye ficou chateado.
— Eu não sabia disso. Portanto nem todo mundo sabe, não é?
— Mas agora você sabe?
— Acho que sim.
— Bom, então todo mundo sabe.
Hillman não sentiu alegria nenhuma com essa pequena vitória. Este deveria ser um povoado tranquilo. Não deveria haver conflitos de nenhum tipo.
— Não sei o que há de tão bom nesse morro — disse Buckeye, carrancudo — alguns de nós estão usando mocassins. E tem um monte de pedras afiadas por aqui. As solas dessas coisas são finas que nem papel.
— Eu estou com meus sapatos de golfe — disse Buff, com um sorriso sedento de sangue — Portanto posso pisotear alguns daqueles desgraçados. Esmagar o cérebro deles.

> *Nota do Guia: Por acaso, Buff Orpington era um descendente direto de Sigurd, o nobre guerreiro viking. O Sr. Orpington não sabia disso; tudo que ele sabia era que frequentemente acrescentava mel à sua cerveja e fantasiava em decepar as maria-chiquinhas de sua esposa com um machado. Mais tarde, essas memórias viriam à tona por um peixe-babel híbrido e ele passaria a usar calças de pele de foca no campo de golfe.*

Com essas palavras Hillman percebeu que o confronto iminente poderia ficar fora de controle muito rápido.
— Espera aí, garoto. Não haverá esmagamento de cérebro, entendeu? Para começar, as enfermeiras estão enroladas com alguns *caddies* no décimo quinto bunker e, nós não somos da classe trabalhadora. Não haverá luta a não ser que

seja absolutamente necessário.
— Tudo bem, Hillman — disse Buff, sentindo a bronca — Mas e se eles nos insultarem? Ou talvez insultarem nossos avós?
— Se alguém insultar minha Na... ah... avó, eu esmago o crânio dele.

Os nanitos não eram os únicos a vigiar a estrada. Um pequeno grupo de carnívoros nervosos e famintos estava agachado na densa vegetação junto à boca do túnel, com os dedos fortes contraídos, os tendões tensos em posição de ataque. Um deles, uma enorme criatura, levou um pedaço de pão à boca, rasgando-o com dentes fortes, mas o pão foi arrancado de sua mão pelo líder da matilha.
— O que acha que está fazendo? — perguntou o líder, que se chamava Lewis Tydfil.
— Preciso de energia — respondeu o subordinado, que usava o nome de Pex.
— Mas isto aqui é pão.
— E daí?
— Carboidratos depois das três da tarde? Está louco?
— É só um pedaço de pão. Só isso.
Tydfil levantou o pão para que todos os personal trainers e esteticistas pudessem vê-lo.
— Um pedaço de pão? Só isso? Sabe quantas colheres de açúcar tem nesse pão? Algum de vocês sabe?
— Duas? — chutou Pex.
— Sete! — berrou Tydfil — Sete. Comer isto depois das três da tarde é o mesmo que enfiar uma bomba de açúcar na bunda.
— Qual é, Lewis!
— Cinquenta flexões, apoiado nos nós dos dedos. Agora.
Pex fez um muxoxo.
— Estou com fome. Estou cheio de catar frutas nas árvores. Quero alguma coisa recém-assada ou cozida.
— É justamente por isso que estamos aqui. Agora, faça as flexões.
Pex atraiu a atenção de uma manicure de quem estava a fim. As unhas dela pareciam ter sido mergulhadas em sangue e depois em diamantes. Ele não gostava muito da ideia de ser humilhado diante dela.
— Não, Tydfil. Vá se ferrar. Quem fez de você o líder?
Lewis Tydfil empertigou-se totalmente, dobrando um dos joelhos para mostrar seus músculos.
— Eu me autodeclarei líder pelas minhas óbvias qualificações.

— Eu também tenho qualificações.
— Você é um professor de ginástica *instrutor de fitness* — disse Tydfil num tom geralmente associado a ditadores sanguinários, assassinos em série ou namorados bonitos de ex-namoradas — Qualquer imbecil pode passar um fim de semana numa porcaria de academia e se tornar um professor de ginástica.
— Eu tenho diploma.
— Eu tenho pós-graduação — rebateu Tydfil.
— Eu sou especializado em *spinning*.
Tydfil rebateu de novo:
— Eu sou especializado em Parede de Escalada *e* tenho referências da Secretaria de Esportes.
Pex pegou uma revista que estava enrolada dentro do bolso de seu short, algo que pusera ali por causa da manicure.
— Publicaram fotos minhas na *Men's Health*. Olha, estou na capa.
Tydfil martelou o último prego no caixão do rival:
— Eu fui consultor de fitness de um reality show. Nós tínhamos estrelas de novelas!
Não tinha como superar isso. Pex se agachou sobre os nós dos dedos e começou a contar as flexões em grupos de dez.
— Bom — disse Tydfil — E o restante de vocês permaneça hidratado e faça alongamento. Daqui a pouco eles estarão aqui — Ele verificou alguns colegas — Estamos perdendo a cor, hein! Um pouco de camuflagem, por favor.
Duas esteticistas, carregando tanques de spray de óleo de bronzeamento nas costas, pintaram tiras ao longo dos membros dos personal trainers.
Um especialista em trilhas saiu das árvores.
— Eles estão vindo pela estrada. Jean Claude está no último carrinho.
— Ok, pessoal — disse Lewis Tydfil — É isso aí. Só precisamos pegar o Jean Claude e todo mundo vai ganhar um crepe de trigo integral. Vamos nos aquecer com uma corridinha lenta e depois atacaremos ao meu sinal.
— Qual é o seu sinal? — perguntou Pex, no ponto mais alto de uma flexão.
— Um tiro na sua cabeça com minha pistola de largada.
— O quê?
— Ou talvez eu só grite *atacar*. Mais alguma pergunta?
O queixo de Pex quase tocou o chão.
— Não. Saquei.
O sorriso de Tydfil era largo e perfeito.
— Ótimo. Agora vamos, pessoal, levantem esses joelhos. Sem descanso!

Os personal trainers pareceram sair do nada, indo para cima do último carrinho de golfe assim que ele apareceu na borda da floresta tropical.
— Que diab... — ganiu Buckeye — Vocês viram aquilo? Todo mundo viu o que aconteceu?
Nenhum dos outros respondeu, focados demais que estavam no drama que se desenvolvia no asfalto. O ataque não teve nenhuma precisão, mas aconteceu numa velocidade-relâmpago e foi impetuoso. Um grupo de atletas bronzeados e tonificados voou da borda arborizada, partindo para cima do carrinho onde estava Jean Claude. Num jorro de bíceps, eles puxaram o carrinho para o meio-fio, tirando-o da estrada para a beira do mato. Depois, num clarão de malhas de lycra e gel de cabelo, desapareceram. O motorista nem sequer teve chance de apertar o botão de Emergência pendurado num colar ao pescoço. A única evidência do ataque foi uma nuvem de poeira se assentando e os xingamentos de um treinador que não havia se alongado direito. Passaram-se vários segundos até o resto do comboio perceber que a retaguarda havia sumido.
— Cristo — sussurrou Hillman, a sério pela primeira vez — Aquilo foi... Não dá para acreditar. Eu não sabia que seres humanos podiam se mover tão rápido.
Buff, que uma vez fora a uma palestra sobre personal trainers, concordou com sabedoria.
— É. Assim são os personal trainers. Extremamente bem-hidratados.
— Eles voltaram à vida selvagem — grasnou Buckeye — Ninguém está a salvo. Você acha que vamos conseguir deter um deles com uma roçadeira? Estamos condenados! Condenados!
Já era hora de um pouco de liderança.
— Controlem-se, seu bando de covardes — disse Hillman rispidamente — ainda temos que enfrentar os queijomantes.
Era verdade. Os queijomantes não tinham batido em retirada; na verdade haviam aumentado a velocidade em direção ao complexo dos nanitos. Com toda a razão, estavam evitando o local da emboscada para o caso de os personal trainers atacarem de novo.
— Devemos ir morro abaixo? — perguntou Buckeye.
— Esquece a porcaria do morro! — disse Hillman de forma irritada, para depois lembrar-se de que, tecnicamente, Buckeye ainda era um cliente — Não se preocupe com o morro, cavalheiro. Simplesmente me siga.
— E esmagamos os zarks dos crânios deles?
— *Zarks*, Buff? Que diabos é um “zark”?
— É uma palavra que eu aprendi com um dos mercadores no espaçoporto.
— Guarde-a para você, especialmente na frente das senhoras.

Buff deu de ombros.
— Sem problemas. Cara, como eu gostaria de ter uma espada, agora. Uma enorme zark de uma... desculpe... uma enorme espada, para segurar com as duas mãos e coberta de pele de ovelha no cabo. Se eu tivesse uma espada assim, morreria feliz e iria direto para o céu.
Buckeye puxou a manga do paletó, um tique nervoso.
— Quando tudo isso tiver acabado, você precisa ter uma conversa com minha esposa, a psiquiatra da cidade, se pudermos convencê-la a sair da praia. Ela foi morar com um salva-vidas novinho. Segundo ela, é um caso típico do Complexo de Édipo reverso projetado. Tentei de tudo, você sabe, até fiz um tratamento com pílulas de cafajestice para que ela pudesse ter um marido bom e um mau.
— Espero morrer em nossa gloriosa batalha! — disse Buff, ignorando a sofrida narrativa de Buckeye.
Os carrinhos de golfe dos queijomantes seguiam lenta e inexoravelmente pela única estrada de mão dupla de Nano, um claro exemplo de esperança exagerada no futuro, e seguiram firmes morro acima.
— Você poderia estar numa situação melhor — murmurou Buckeye.
Ainda que, mais tarde, ele tivesse dito que foi um acidente, nesse exato momento o bico do sapato de golfe de Buff cutucou o mocassim de Buckeye Brown, arranhando-o todo.

> *Nota do Guia: Esse acidente relativamente inofensivo se tornou uma rixa implacável que tomaria maiores proporções no decorrer dos séculos, culminando na evaporação de três mundos, 18 cruzadores de guerra classe mocassim e um pequeno hotel num planeta neutro. Mas, pelo lado positivo, houve um caso de amor proibido entre dois jovens das famílias, que mais tarde foi transformado em filme, uma série de livros e uma peça teatral de sucesso moderado.*
> *Leituras Relacionadas:*
> “Brown & Orpington: uma nova raça”, *de Bandera Brown-Orpington.*

Os queijomantes subiram o morro formando um semicírculo espetacularmente maneiro, que acabou quando o motorista número quatro deixou de pisar no freio na hora certa e desceu a encosta, acabando por bater em uma árvore bantally, que, para sorte dele, estava hibernando. Caso contrário teria definitivamente enfiado um galho em sua cabeça.
— Belo começo — zombou Buff, balançando o taco de golfe casualmente.

Aseed Preflux saiu do primeiro carinho, passou um momento lançando olhares do tipo *você é um idiota* para o motorista tombado na árvore, depois voltou a atenção para os nanitos.
Dava nervoso ver como ele era parecido com Hillman, desde o cabelo até o queixo pontudo, como um leprechaun dos infernos. Na verdade, se os nanitos estivessem olhando com um pouquinho mais de atenção para os inimigos, poderiam ter notado que havia vários duplos no grupo.
— O Queijo me falou que vocês ririam da nossa entrada — disse Aseed.
— Uma pena o *Queijo* não ter mencionado nada sobre aquela emboscada lá embaixo não é, garotão? — respondeu Hillman, depressa. Seus homens responderam a essa frase com um seis na escala universal de risos, que ia de uma risadinha gentil, número um, até gargalhadas incontroláveis, número dez. A piada de Hillman claramente não merecia mais do que um quatro.
— Não zombe do Queijo! — disse Aseed, furiosamente — Você trará a Edanação para todos nós!
Buff apontou para testa de Aseed com o taco de golfe.
— Você está prestes a virar requeijão.
Mais risos. Dessa vez, um sólido oito.
Manchas vermelhas apareceram nas bochechas de Aseed Preflux.
— Certo, vão em frente. Façam todas as piadas de queijos que conseguirem. Isso é moleza, não é?
— Como muçarela derretida — murmurou Buckeye.
— É. É isso aí. Vamos acabar com eles e ir ao que interessa.
Os homens de Aseed se amontoaram ameaçadoramente atrás dele, parecendo tão assustadores quanto podiam, principalmente pelo fato de estarem armados com instrumentos relacionados a queijos.
— O que é isso? — perguntou Hillman, apontando para uma ferramenta de madeira — É para limpar ralo?
— É um misturador para fazer queijo coalho! Como você sabe muito bem!
— Como é que eu ia saber? Eu tenho alguém que faça queijo para mim, antes de colocar no biscoito.
— Blasfêmia! — berrou Aseed, e seus amigos repetiram o coro.
— Esse cara tem cérebro de pudim — disse Buff.
— Hein?
— Cérebro de pudim! Por que você não deixa eu acabar com esses babacas, Hillman? Só restam oito deles.
— Ainda não, Buff. Talvez nossos amigos não desejem lutar. Talvez tenham vindo para devolver Jean Claude.
— Não viemos, não! — gritou Aseed, mas esgotou-se sua fúria interior — Na

verdade, nós não o temos mais. Aqueles personal trainers o pegaram, imagino que o tenham levado para o povoado deles, na praia.
— Nós vimos. Então, vocês deixaram um dos seus fiéis na mão?
Aseed fez um triângulo com os indicadores e polegares, para em seguida encostá-lo na testa.
Os outros o copiaram.
— Um beijo para o Queijo — entoaram, com rostos tão sérios que poderiam tê-los alugado para uma agência de propaganda como imagens de "antes" numa campanha de *Cerebrol: Antidepressivo para toda a família.*

Hillman e os nanitos fizeram rapidamente os rostos do "depois", rindo tanto que dois deles peidaram.
— Um beijo para o Queijo? — zombou Hillman — Justo quando eu achava que vocês não poderiam ficar mais esquisitos.
Aseed suspirou.
— Então vocês não vão se juntar a nós?
— Não, não vamos. Por que você não se junta a nós, Preflux? É só dar uma maneirada no negócio do queijo. Aqui somos todos calmos. E, juntos, podemos ser mais espertos que os nossos empregados.
— Não, todos devem se curvar diante do poder do Queijo.
— Um beijo para o Queijo!
Foi a vez de Hillman suspirar.
— Imagino que teremos de lutar, então.
— É o único jeito. Mas não vale bater na cara.
— Claro que não. Não somos animais. E nem nos sacos dos incrédulos, a não ser usando luvas de queijo coalho, o que ainda não fomos capazes de fabricar.
— Então, nada de cara, nem saco?
Buff parecia estar sendo contido por uma corda de bungee jump.
— Qual é, vamos logo!
— Só mais uma coisa — disse Aseed — Eu vou lutar, assim como os meus discípulos, com minha mão de misturar queijo no bolso, então no espírito do jogo limpo...
— Então, lutar com uma mão só, sem bater na cara nem no saco.
— Exato. Se vencermos, vocês entram para nosso grupo sem reclamar; se vocês vencerem, nós continuaremos voltando até vencermos.
Hillman fechou os olhos e tentou escutar a voz de sua avó.
O que devo fazer, Naná?
A resposta foi imediata: *Dê uma surra nesse bando de fanfarrões, Hillers. Dê uma surra da qual eles não vão se esquecer.*

Certo, Naná, certo.
Em voz alta, disse:
— Certo, Buff, faça o pior que puder.
O riso de Buff Orpington revelou mais dentes do que geralmente eram encontrados numa boca humana.
— Aaaarrghhh! — gritou, batendo no peito como um gorila, com imagens de mosteiros em chamas surgindo atrás de seus olhos — Morte aos queijomantes!
— Ou, pelo menos, uma bela surra! — disse Hillman, apertando o botão para ligar a roçadeira.
— No saco, não — guinchou Aseed enquanto o violento Buff Orpington partia para cima dele — No saco nããããão!
De repente um enorme queijo redondo surgiu no céu, girando sobre as cabeças dos combatentes e emitindo um zumbido agourento. Essa aparição súbita e tremendamente inesperada mudou o foco do bando mais rápido do que o surgimento de Eccentrica Gallumbits com a camiseta molhada e segurando um aviso de néon com as palavras "sexta-feira grátis" mudaria o foco da multidão numa convenção de nerds virgens numa sexta-feira. Até mesmo a motivação bélica de Buff Orpington desapareceu de sua cabeça, deixando para trás uma névoa de descrença.
— Não pode ser! — disse ele — Não acredito.
Aseed Preflux ficou mais pálido do que uma fatia de cheddar extracremoso.
— Edanação! — uivou ele, encostando os dedos na testa — Você a trouxe para nós, Hillman Hunter!
Hillman desligou a roçadeira.
— O quê? Não. Certamente que não. Isso não pode estar certo. Sério?
Aseed e o resto dos queijomantes recuaram, afastando-se do local, triangulando furiosamente.
— Nós não morreremos por seus pecados, Hunter. Enfrente sozinho o castigo do Queijo.
Os queijomantes giraram nos calcanhares e correram, o que não é fácil quando se está fazendo reverências e o sinal do Queijo, e o resultado foi que mais da metade deles tropeçou e deu cambalhotas nas bordas da estrada cheias de mato antes de finalmente subirem nos carrinhos de golfe e voltarem na direção de onde tinham vindo o mais rápido que os motores elétricos permitiam, se preparando psicologicamente para enfrentar o corredor polonês de *personal trainers*. Se o Queijo quisesse pegá-los e esmagá-los, não seria nenhum problema. Mas parecia que Ele estava contente em pairar imperiosamente sobre os nanitos.
— O que você acha? — perguntou Hillman, falando pelo canto da boca na

direção de Buff.
— Não sei bem. Gouda, talvez. Ou cheddar.
O Queijo decidiu que já estava cansado de ser queijo e, para variar, tornou-se um olho se revirando, um dos seus disfarces prediletos.
Hillman deu um enorme suspiro e todo o seu corpo relaxou como se os ossos tivessem virado geleia.
— Claro. Eu devia ter adivinhado.
O olho enorme se revirou incessantemente e depois se transformou numa televisão que parecia estar transmitindo uma espécie de reality show onde aparecia um gigantesco monstro chamado Rosinha. Rosinha ficou enlouquecida por alguns segundos e, depois, a tela explodiu numa imensa nuvem de pequenas bolinhas peludas com muitos dentes. Dentes que comeram seu próprio pelo até revelar uma reluzente espaçonave por baixo. Uma espaçonave tão legal e maneira que fazia as outras espaçonaves legais e maneiras, como a *Tão Funcional Completamente Fantástica Populosa de Todo o Espaço*, de Sirius, parecer tão legal e maneira quanto um conjunto de espinhas agrupadas no nariz de um velho de 40 anos que anda numa bicicleta com rodinhas laterais enquanto faz apresentações sobre a melhor maneira de desentupir canos de esgoto.

> *Nota do Guia: Essa analogia funciona perfeitamente bem em praticamente qualquer lugar, exceto na cidade de Shank, um local próximo ao famoso Carretéis Infinitos de Allosimanius Syneca. Shank é habitada pelos pshawrianianos, que são educados desde crianças a sempre desafiar as expectativas. Teoricamente, qualquer pessoa que cumpra com as expectativas recebe mais três chances para refazer o que fez e, caso não consiga, ela é atirada dos Montes Lunares em Formato de Dedos. Porém, a verdade é que as pessoas raramente recebem três chances, pois é isso que elas esperam. Em Shank, um velho de 40 anos com espinhas equilibrar-se numa bicicleta bem-estabilizada seria considerado o máximo da maneirice. O fato de ele estar apresentando as melhores formas de desentupir canos de esgoto seria visto como um toque de classe, já que a gravidade de Allosimanius Syneca é de apenas 1,2 metros por segundo, de forma que o esgoto simplesmente fica flutuando pela atmosfera.*

A espaçonave branca e reluzente balançou um pouco e logo depois se solidificou com um barulho semelhante ao som de uma enorme fatia de limão sendo espremida contra uma gigantesca barra de ouro. Uma parte da fuselagem chiou

como um copo de água com gás para depois desaparecer completamente, revelando uma figura alta, usando um capacete, cuja aura parecia conter um coro angelical cantando “Thor” em divina harmonia.
— Aleluia — sussurrou Hillman.
Buff Orpington caiu de joelhos, chorando.

capítulo 9

TANNGRISNIR

A astronave de Bowerick Wowbagger se esgueirou para fora do espaço escuro como uma moreia saindo das sombrias profundezas de um recife. Os motores emitiam jatos de uma chama azul exótica que se solidificavam ao encontrar o espaço real. Dentro da *Tanngrisnir* não havia um único passageiro que não tivesse sido afetado substancialmente por essa viagem.

Isso, em parte, era culpa do próprio espaço, já que o envoltório da matéria escura é quase todo formado por uma elaboração emocional, que pode servir como um catalisador para sentimentos que, caso contrário, levariam anos para se desenvolver. Se um ser da luz olhar — nem que seja por um momento — para o núcleo do espaço escuro, sofrerá um efeito parecido com uma dúzia de experiências extracorpóreas de quase morte. É o modo de o Universo lhe dizer que está tudo bem. O que será ótimo se o sentimento que brota no coração da pessoa for bom.

Enquanto a nave entrava na atmosfera de Nano e depois girava numa meia-volta preguiçosa em direção ao maior dos dois povoados, estudando cada átomo do planeta ao fazer isso, os passageiros dentro de seu casco estavam entupidos de emoções conflitantes que pareciam empurrar seus corações contra as costelas e inchar seus cérebros quase até o ponto de explodir.

TRILLIAN

Será que eu conseguiria mesmo amá-lo? Será? Será possível que depois de todos esses anos eu simplesmente esbarre num homem qualquer no meio da destruição de um planeta e ainda consiga me apaixonar por ele?

E ele nem é um homem, não é mesmo? Meu Deus, garota, você nem sabe o que ele é. Não tem a mínima ideia sobre quem é Wowbagger e como é sua fisiologia.

Que piada seria na noite de núpcias! O fantasma de mamãe morreria de rir se seu novo marido esperasse que você pusesse alguns ovos no tapete para ele fertilizar. Argh. Não, isso é demais, eu não conseguiria. Não posso.
Mas por que não? Você desistiu de tudo por Zaphod e nunca o amou. Ele era interessante, é verdade, mas você nunca o amou. E agora tem a chance de encontrar a felicidade e está empinando o nariz.
Meu nariz. Arthur adorava meu nariz. Talvez ainda haja alguma chance entre nós... certamente combinaríamos.
Mas você não ama Arthur. Também nunca o amou e, de qualquer forma, ele ainda está totalmente caído pela tal Fenchurch.
E quanto a Random? Ela precisa de você agora. Você já a abandonou uma vez, lembra-se? Você prometeu que esta vida seria inteiramente para ela.
Mas será que negar minha própria felicidade tornaria minha filha mais feliz?
Normalmente é assim que funciona.
Mas eu o amo. Eu o amo, mamãe!
Quem você pensa que está chamando de mamãe? Cai na real, garota.
Eu posso amar duas pessoas, não posso? Eu posso.
Talvez, mas Random tem que vir em primeiro lugar.

RANDOM

Eles vão me enfiar de novo numa porcaria de um tubo, é? Eu vou mostrar a eles. O Sr. Imortal acha que é imortal, não? Talvez ele devesse pesquisar um pouquinho mais na Subeta. Talvez, se o computador dele não estivesse tão ocupado em paquerar meu pai, tivesse descoberto um artigo bastante remoto num site ainda mais remoto que conta a história de Pyntolaga, o Imortal de Seis Dedos de Santagrino, que foi amaldiçoado com a imortalidade por uma cinta nuclear de emagrecimento vibratório, e de como ele acabou sendo morto depois.
Então Bowerick Wowbagger quer morrer? Bom, que tipo de hóspede ingrata seria eu se não o ajudasse?
Voz baixinha: Você já foi uma política. Uma esposa amorosa. A presidente da Galáxia... E agora está planejando o assassinato de uma pessoa?
Eu perdi meu marido, meu emprego e meu futuro. É hora de começar a pensar só em mim.
Voz baixinha: É, falando assim, parece justo. Mate-o logo!

BOWERICK WOWBAGGER

Será que é amor? Será?
Qual é, Bow Wow, você sabe que isso é a matéria escura falando.
Não. Eu sei ignorar a matéria escura. Vivo nesta nave há anos. Acho que amo essa mulher de verdade. A gente vê isso acontecer a toda hora, em praticamente todos os filmes: pessoas se conectando instantaneamente, amores à primeira vista, a flecha de cupido acertando seus corações.
Isto aqui não é um filme. Você deveria sintonizar no canal de notícias de vez em quando para ver o que acontece quando uma flecha atinge o coração de alguém.
É amor. Poderia ser. Por que não? Depois de todo esse tempo, eu não mereço alguma coisa?
Você merece a morte. Não é isso que desejou por todos esses anos?
É, mas só porque não havia mais nada na minha vida. Nada além do computador de uma nave roubada. Agora há algo. Ou melhor, alguém.
Espera um segundo, não vamos nos distrair. Você tem uma verdadeira chance de morrer agora. Não estrague tudo por causa de uma mortal qualquer.
Eu já fui mortal um dia. Eles não são tão ruins assim.
Ah, é mesmo? Nossa, quem é você e o que fez com o verdadeiro Wowbagger? Porque, corrija-me se eu estiver errado, nós não passamos os últimos milhares de anos insultando os mortais? Não é você que tem a coleção completa do *Dicionário de Ofensas Práticas para Todas as Ocasiões?*
Tenho, mas...
E... *e* você já não declarou muitas vezes antes que estava apaixonado?
É, mas foi diferente. Eu achava que era amor, mas agora vejo que era só uma ausência de nojo. E Trillian tem suas qualidades.
Trillian. Se esse for mesmo o nome verdadeiro dela.
Agora você só está provocando.
Tudo que eu sei é que pela primeira vez em não sei quanto tempo você tem uma chance real de ser morto. Não é uma grande chance, é verdade. Mas, se aquele idiota do Beeblebrox conseguir, pelo menos *há* uma chance. Está pronto para pôr tudo isso a perder só porque está a fim de uma mortal?
Estou. Se ela me aceitar, eu paro com tudo. Se não, volto ao plano A.
Que é?
Insultar todo mundo em todos os planetas e tentar ser morto.
Amém.

ARTHUR

Isso é ridículo. Passei a maior parte dessa incrível viagem conversando com uma máquina.
Na verdade, você estava conversando consigo mesmo. O computador mergulha nas suas memórias e compila as respostas certas a partir das conversas anteriores. Se você ouvir atentamente, talvez até escute o *blip* onde as frases foram emendadas.
Eu sei. Eu sei. Mas é difícil me distanciar disso. Perdi Fenchurch uma vez e quase morri por isso. Agora, mesmo depois de todo esse tempo, ainda penso nela constantemente.
Todo esse tempo? Não foi tanto tempo assim.
Estou contando com minha vida virtual. Passei um tempão naquela praia desenhando imagens de Fenchurch.
Eu lembro. Eram horríveis. Temos que seguir em frente, cara.
Até que os vogons destruam esse novo planeta?
Ou até que eu o salve. Já salvei muitos planetas antes, você sabe.
Acho que estamos na nossa última chance, meu velho. A quantos outros mundos destruídos poderemos sobreviver? Nenhum.
Wowbagger pode expulsar os vogons. Ou Thor, ou quem quer que seja. Há um Universo infinito aí fora e nós somos parte dele. Não quero passar o resto da nossa vida conversando com uma caixa de capacitores e chips.
Eu sei. Você tem razão, mas aqui é tão seguro. Ninguém nunca iria nos encontrar, quanto mais nos ameaçar com mísseis termonucleares.
Mas aí vamos ficar aqui para sempre.
Não... Acho que não.
Então o que vamos fazer?
Vamos em frente.
Você não está falando sério.
Vamos em frente!
Certo. Esquecemos Fenchurch?
Claro. Completamente. Quem-Church?
Esse é o meu garoto.
Pequeníssima voz: Fenchurch. Nunca esquecer.

Ford

Eu consigo ficar oito minutos inteiros sem piscar. Oito minutos! Sem dúvida isso é uma espécie de recorde, não é? Não piscar é muito relaxante. Eu já estava um pouco relaxado antes de entrar nesta nave, mas agora estou praticamente em coma. Ou será na cama? Isso até que faria sentido, porque talvez hoje eu entre em coma alcoólico quando deitar na cama.

Cerveja, cerveja, tome de botija! Quanto mais você bebe, mais você mija!

Goosnargh! Caramba, como fui idiota! Sei o que tenho que fazer. Vou escrever alguma coisa para o *Guia* sobre essa nave, se os editores finalmente conseguirem expulsar aqueles vogons de lá. Minha nossa, vai ser ótimo. Quer dizer, quantos mortais já devem ter viajado dentro da *Tanngrisnir*? Não sei. Mas não muitos, aposto, e o próximo a conseguir vai ficar aliviado se encontrar uma anotação reconfortante e informativa em seu *Guia do Mochileiro das Galáxias*. Certo. Como deve ser? Algo conciso, não dê muita coisa para aqueles editores sacanas. Mas tem que ser estiloso. Algo que diga “isso é tão Ford Prefect” e que ao mesmo tempo capture a essência de uma nave tão maneira. O último texto que mandei tinha muitas palavras. Portanto, corte. Entre logo no assunto, vá direto ao alvo. Vejo alguma coisa no horizonte, capitão.

Arrá! Já sei. Só existe praticamente uma palavra que une meu espírito arredio e o deste maravilhoso veículo. Um termo amado por todos, igualmente adorado entre velhos caquéticos e jovens cabeças-ocas. Uma dupla de sílabas tão lindas quanto úteis:

Dupal.

Reuniram-se na cabine de comando para observar a descida da nave em direção ao novo planeta azul.

Ford se aproximou de uma parede curva e ela borbulhou, ficando transparente.

— Eu desejei que a parede fizesse isso — disse Ford, rindo — Pensei e a nave realizou.

A vista era inegavelmente espetacular e até mesmo Wowbagger afastou o olhar de Trillian por um momento para apreciar a vastidão de ondas sendo banhadas pela luz solar, faiscando abaixo da proa.

— É... muito bonito — disse no mesmo tom de um blaslessiano solto sob condicional que tivesse acabado de ter as papilas gustativas restauradas depois

de um intervalo de 20 anos — É. Bonito.
Trillian pousou a mão em um dos bíceps dele.
— Bonito? É fabuloso, espetacular. Eu achei que você tinha jeito com as palavras.
— Não com as boas — respondeu Wowbagger, sorrindo — Não tive uso para elas durante algum tempo, graças a todos aqueles mortais idiotas. Com exceção, é claro, da minha companhia atual.
Random passou, acertando *acidentalmente* Wowbagger com o cotovelo.
— Com exceção, é claro, da maior parte da minha companhia atual.
Random sorriu inocentemente.
— Eu apenas gostaria de dizer, Sr. Wowbagger, que honestamente espero que o senhor morra hoje, da forma que desejar.
— Random! — disse Trillian, chocada — Que coisa horrível de se dizer! E, de qualquer modo, isso não vai acontecer. Zaphod Beeblebrox nunca cumpriu uma ameaça, ou uma promessa, na vida.
Wowbagger sorriu para ela.
— Não se preocupe. É a matéria escura. As emoções das pessoas são amplificadas; elas acabam dizendo coisas sem pensar. Ela vai se acalmar.
— Não conte com isso — disse Random, fazendo uma careta.
Mas Trillian não estava mais escutando. *As emoções das pessoas são amplificadas*, pensou. *Elas dizem coisas sem pensar*.
— Ai, meu deus — disse o computador todo empolgadinho, parecendo uma fã adolescente — É o Thor. Do outro lado ilha. Estou captando o Thor. Não acredito. Será que ele ainda se lembra de mim?
A testa de Wowbagger se franziu.
— Tem certeza?
— Claro que tenho, tolinho. Tenho um milhão de comparações no software facial.
— Não seja convencido, computador, apenas coloque a nave no solo.
— Onde? Ao lado do deus do trovão?
Wowbagger deu as costas a Trillian.
— Não. Vamos descer aqui. Preciso de um tempo para pensar.
Ótimo, pensou Trillian. *Também preciso de um tempo para pensar*.
Ótimo, pensou Random. *Eu preciso de um tempo para receber minha encomenda especial*.

Cong

— Zaphod Beeblebrox — disse Hillman, como se o nome em si fosse um palavrão, o que, em vários planetas, de fato era — Zaphod paspalho Beeblebrox.
Zaphod estava deitado numa espreguiçadeira da praça, dois pés descalços para cima, três mangas enroladas.
— Você vive falando isso, Hillman. Como se minha presença aqui fosse algo ruim, e não a solução definitiva para todos os seus problemas.
— A solução para que problemas?
— Quais problemas você tem? — perguntou Zaphod, afável.
Hillman tamborilou os dedos na mesa impacientemente, algo que sempre fazia em lanchonetes na esperança de que a garçonete notasse e, pelo amor de deus, viesse anotar o pedido. Parou no meio do movimento.
— Bom, para início de conversa, não temos mais garçonetes. Todas estão na colônia da praia com os personal trainers. E levaram toda a bebida.
Zaphod estendeu a mão para alcançar as botas.
— Bom, foi ótimo conversar com você, Hillman. Agora, se você puder me fazer a gentileza de dizer onde é essa colônia da praia...
— É tudo culpa sua, Zaphod. Estava tudo bem até o pessoal do oeste aparecer. Queijópolis, dá para acreditar nesse nome? Os empregados deles se revoltaram antes mesmo dos nossos — Hillman apontou um dedo para Zaphod — Você sabia que algumas das melhores pessoas daqui estão sendo obrigadas a realizar a própria lavagem intestinal? Que tipo de mundo é esse?
— Toda sociedade nova tem seus probleminhas. Você pode resolvê-los com diplomacia e álcool.
— Probleminhas? Aquele doido varrido do Preflux é um pouco mais do que um simples probleminha.
Zaphod tentou conter uma risada, mas ela acabou saindo pelo nariz.
— O que é tão engraçado, Beeblebrox?
— Ah, não é nada não.
— Não, por favor, me conte. Eu insisto.
— Foi só que você chamou o Aseed Preflux de doido varrido.
— E daí? Ele *é* a porcaria de um doido varrido.
— Se ele é, você também é.
Hillman franziu a testa.
— Como assim?
— Bom, você é ele e ele é você. Não me diga que não notou!

— Isso é um monte de esterco de cavalo — disse Hillman, mas havia um nó de pavor no seu estômago que sabia que era verdade.
— Sabe a cidade do oeste? Queijópolis? São vocês, vindos de uma outra dimensão. Eu fiz o trambique uma vez, e pensei: ora, por que não fazer de novo? Eu estava a caminho de formar um terceiro grupo quando, BUM, vieram os vogons.
— Então, a Terra foi destruída?
— Completa e eternamente, cara. Nem Arkle Schmarkle e toda a sua turma poderiam montar aquele planeta de novo.
— O quê?
— É uma velha canção de ninar betelgeusiana. Arkle Schmarkle era um menininho que colava a casca dos ovos depois que eles caíam dos muros. Que fim trágico.
— Entendo. De qualquer modo, vamos voltar para este planeta: eu sou Aseed Preflux? Sou aquele imbecil pomposo e idiota? É isso que você está dizendo?
Zaphod estalou os dedos da terceira mão, algo que ele levou meses para aprender.
— É issaí. Bem, você não é exatamente ele. É uma versão dele vinda de um Universo uns dois milhões de universos abaixo do eixo, motivo pelo qual existem as pequenas diferenças. O nome, é claro. Você é gordo, ele não. Você tinge o cabelo, ele ainda é naturalmente ruivo. Esse tipo de coisa.
Hillman nem teve energia para desmentir o negócio de pintar o cabelo. Era um pouco ruim saber que havia um número infinito de Hillman Hunters alternativos; mas, era horrivelmente devastador estar em guerra contra um deles.
— Não acredito — disse, finalmente — Você armou para cima de mim, Beeblebrox. Me colocou contra mim mesmo.
Zaphod bateu nas próprias bochechas e no peito, num horror sarcasticamente fingido.
— Eu armei para você? Eu? Isso é um absurdo. Eu só estava tentando ganhar uns trocados. Você sabia que iam ter outros colonos, Hillman. Não é minha culpa se você e os outros macacos sempre brigam uns contra os outros, até mesmo quando encontram versões alternativas de si mesmos — De repente, Zaphod sentiu-se orgulhoso — Ei, olha só! Eu estou certo, não é? Acabei de apresentar um argumento válido e consistente.
Hillman fumegou silenciosamente, alisando o cavanhaque. Beeblebrox realmente tinha apresentado um bom argumento. Havia salvado a vida deles e os transportado para um novo Éden. Não seria sua culpa se a raça humana estragasse tudo novamente. Hillman olhou para o outro lado da praça, onde Buff Orpington parecia uma criança ao redor de Thor, a língua pendendo para fora,

balançando o taco de golfe.
— A cidade está caindo aos pedaços, Zaphod — admitiu Hillman — Um deus seria especialmente útil.
Zaphod tentou parecer surpreso, como se não fosse esse o ponto em que ele queria chegar.
— Bem, eu tenho um deus.
— Aquele é Thor de verdade? É ele mesmo?
— Exatamente, e eu sou o empresário dele.
Hillman soltou o ar, vibrando os lábios.
— O quê? Até os deuses custam dinheiro agora?
— Acorda, Hillman. Os deuses sempre custaram dinheiro. Mas posso fazer um acordo com você.
— Nós teríamos direitos exclusivos?
— Eu não posso prometer isso. Thor é da liga principal. Uma divindade classe A. Há um monte de culturas por aí querendo adorá-lo.
— E ele é onipresente.
— Não, mas é bem rápido.
Hillman pensou sobre isso. Ter um deus da grandeza de Thor poderia colocar esse planeta de volta no caminho certo, reto e correto. A bola de queijo de Aseed Preflux não duraria muito contra um martelo como o de Thor, e os empregados iriam pensar duas vezes antes de negligenciar os deveres caso tivessem de responder ao deus do trovão.
— Quando ele poderia começar?
Algo emitiu um bip no bolso de Zaphod, e ele tateou em si mesmo até localizar o minúsculo computador que Wowbagger lhe dera.
— Quase imediatamente — respondeu, lendo a tela — Thor só precisa realizar uma pequena vingança. Talvez vocês queiram ver isso, é um tipo de *test drive*, por assim dizer. Vai ser espetacular — Ele chamou o deus do outro lado da praça — Ei, Thor. Pronto para fazer o negócio? O imortal pousou.
— Você tem certeza disso? — perguntou Thor, franzindo a testa cheio de suspeitas para Buff Orpington, que estava tentando levantar Mjölnir — Não sei se estou pronto. Você viu esse cara aqui? Ele está sendo sarcástico ou realmente me acha assim tão incrível? Ele quer ser sacerdote. Quer um manto. É isso mesmo que você quer, garoto, é?
Buff assentiu com a cabeça cheia de papadas e bateu o pé na grama.
— Quero — ofegou — Quero, quero, quero.

QUEIJÓPOLIS

A astronave de Wowbagger pousou num lindo campo ondulado perto do povoado e instantaneamente assumiu a forma e a textura de um pequeno morro coberto de grama. Um rebanho de vacas de Ameglia Maior que estavam ali por perto, discutindo ferozmente para ver quem iria se sacrificar para os recém-chegados, abençoou sua sorte e depois voltou a pintar com seus rabos placas em protesto contra a recusa dos queijomantes em comê-las.

Wowbagger dissolveu a escotilha e os passageiros puseram os pés agradecidos em terra firme.

— É realmente muito bonito aqui — disse Trillian — Pacífico — Até que nesse momento uma vaca histérica correu pela campina e deu-lhe uma cabeçada no peito, mugindo:

— Me come! Me come!

Trillian voou para longe do focinho úmido e peludo.

— Não. Ugh. Eu sou... vegetariana.

— Vegetais! — amaldiçoou a vaca — O que é que há de tão especial nos vegetais? Por que só eles ficam com toda a diversão? Têm fibras e vitaminas? Grande coisa. Eu tenho proteína saindo pelos poros. Literalmente.

Antes que os passageiros da *Tanngrisnir* pudessem dar mais um passo, foram rodeados por uma turba de vacas furiosas.

— Somos vacas loucas! — gritavam elas, em coro — Somos vacas loucas!

Arthur riu.

— Sabe, até que é engraçado, porque na Terra realmente teve uma doença...

Um bovino marrom veio até Arthur.

— Você não é vegetariano, não é, senhor?

— Na verdade, não.

— Aposto que você iria adorar comer uma bela alcatra, senhor, com umas batatas coradas e uma garrafa de vinho.

Arthur deu tapinhas na barriga.

— Olha, para ser honesto, seria ótimo. Parece delicioso. Um bife de verdade, sem todo aquele negócio de replicação. Você recebe o que pede. Carne divinamente honesta — Houve um tempo em que a ideia de animais criados geneticamente para sonhar com o matadouro havia horrorizado Arthur, mas agora ele encontrara no coração uma faísca de aceitação e até de otimismo.

Matéria escura, pensou. *Não vai durar muito tempo.*

— Você leu meus pensamentos, Arthur, velho amigo — disse Ford — Geralmente não sou a favor de devorar seres conscientes, mas já que essas vacas fazem tanta questão...

Com uma pata dianteira, a vaca instigou Arthur e Ford a irem na direção de uma churrasqueira já acesa.
— E como os senhores gostariam da carne?
— Malpassada — disse Ford — Tão malpassada que um vegetariano com um desfibrilador poderia ressuscitá-la.
— Ao ponto para mim, por favor.
De alguma forma, a vaca conseguiu pendurar um guardanapo na pata dianteira.
— Excelente. E o vinho?
Arthur não fazia ideia de como estava a situação do vinho nesse novo planeta. Não parecia que ele tinha tido muito tempo para envelhecer vinhos.
— Me surpreenda.
Wowbagger estava se sentindo um pouco acuado pela presença de outras vacas. Nunca tinha gostado muito de quadrúpedes falantes. Era uma fobia contra a qual estava tentando lutar.
— Vocês realmente deveriam recuar um pouquinho, ou serei abrigado a fritá-las com minha pistola de energia.
— Finalmente! — chorou uma vaca.
— Ajuste no máximo, por favor! — implorou outra.
Trillian segurou o braço dele.
— Eu conheço essa espécie. Elas desejam ser comidas.
— Não vou comer, mas talvez atire nelas.
Random ainda estava emotiva por causa da viagem.
— Por que não atira em todas, alienígena? Mostre a minha mãe como você realmente é.
Wowbagger sentiu Trillian apertar seu braço e sua ansiedade desapareceu.
Olhou para ela. *Como foi que isso aconteceu? Como você fez isso?*
Já foi dito anteriormente que, o Universo tem certa aversão à ternura e normalmente não permite que ela exista por muito tempo, visto que todo olhar docemente amoroso precisa ser equilibrado por um choque curto e violento em algum outro ponto do Cosmos. E às vezes, o choque nem é tão curto assim.

> *Nota do Guia: Bowerick Wowbagger — ou, como o* Guia do Mochileira das Galáxias versão II *o descreve, "aquele cara dupal que tem uma nave totalmente mingo que anda por aí insultando pessoas" — tem até agora três momentos de ternura compartilhados no espaço real com Trillian Astra — ou, como ela seria descrita pela revista* QuemÉ*: "A sortuda que embolsou o Bagger" — e cada um desses momentos ocorreu às custas de indivíduos desafortunados em pontos*

antípodas do Universo: Glam Fodder, uma autoridade da Secretaria de Planejamento de Alfa do Centauro, teve o dedo mordido por um roedor pigmeu que havia se escondido em sua sacola de papel porque o doador da sacola tinha decidido reutilizar um saco de sanduíche usado. Ursool Dypher, uma conselheira matrimonial do sistema superaquecido de Hastromil, sofreu um ataque de pânico quando descobriu subitamente que o casal que tinha contraído matrimônio às três horas da tarde daquele dia eram, na verdade, o filho e a filha que ela entregara para adoção quando jovem. Morty Grimm, o vocalista da banda huluvu Espectro Visível, *sofreu uma difusão de terceiro grau quando um iluminador acidentalmente colocou uma gelatina azul no canhão de luz do cantor.*

Esse momento tenro foi massacrado pela chegada de um comboio de carrinhos de golfe. Poderia ter sido uma entrada triunfal se o primeiro carrinho tivesse conseguido quebrar o portão da área cercada, em vez de ficar entalado nas tábuas partidas.

A vaca amiga de Arthur cuspiu um monte de baba.

— Imbecis. E olha que essas são as pessoas que estão no comando.

— Vegetarianos? — perguntou Arthur.

— Não. Eles adoram porcos. Não se cansam nunca dos porcos. Mas nós, pobres vacas, por algum motivo, não estamos no menu. Dou graças a Deus pelos senhores. Graças a Deus pelos senhores.

Aseed Preflux se arrastou para fora dos destroços da cerca e do carrinho.

— Ei, Arthur — disse Ford — O que você ganha quando cruza uma cerca com um carrinho?

Arthur nunca teve tempo de tentar adivinhar, pois rapidamente estavam cercados pelos queijomantes.

— Fiquem longe dessa churrasqueira — ordenou Aseed com voz esganiçada — Nós precisamos dessas vacas.

Ford falou perto do ouvido de Arthur:

— Eu vou embromá-los. Você coloca a Mimosa no fogo.

A vaca entreouviu.

Isso foi meio ofensivo, senhor. Nem todas nós somos chamadas de Mimosa. Na verdade, *Mimosa* já está meio fora de moda em círculos sociais mais sofisticados. Trijam e Pollygrina são os nomes favoritos nesta temporada.

Aseed abriu caminho em meio ao gado e parou, sem fôlego e exausto, diante dos recém-chegados.

— Quem está no comando aqui? — perguntou, com raiva.
Wowbagger se adiantou, evitando pisar em qualquer coisa que fosse mole ou quente no chão.
— Eu. Sou Bowerick Wowbagger, capitão da nave.
— Que nave? Não estou vendo nave nenhuma.
— Isso é porque ela está camuflada, seu paspalho analfabeto.
Aseed ficou vermelho.
— Como? Não precisa falar assim. Como se atreve?
— Ah, assim está melhor — reagiu Wowbagger, gratificado — Surpresa e ultraje. Isso me lembra por que eu fazia esse trabalho.
— *Fazia?* — perguntou Trillian.
Wowbagger olhou diretamente para os sapatos, que ainda estavam razoavelmente limpos.
— Sabe, perdeu o apelo ultimamente.
A coragem de Aseed aumentou quando os outros colonos começaram a aparecer, imaginando o motivo daquela agitação.
— Desculpe interromper esse momento de ternura...
(Em um cruzeiro perto da estrela de Barnard, o médico da nave espirrou e acidentalmente injetou uma agulha hipodérmica Motox no próprio joelho. O joelho foi colocado em uma rigorosa dieta só de líquido durante dois dias, apesar de todos os barulhos que fez.)
— ... mas o que você veio fazer aqui, Wowbagger?
— Vim deixar esses humanos com seus iguais e pretendia insultar todo mundo no planeta, mas agora acho que não vou causar mais incômodos.
Aseed se endireitou um pouco.
— Essas pessoas são como eu? São queijomantes?
O queixo de Wowbagger caiu.
— Queijomantes? Vocês são queijomantes? Não acredito nisso!
Aseed parou de se endireitar.
— Deixa eu adivinhar, você não acredita no Queijo. Acha que é tudo coisa da minha cabeça.
— Não. Na verdade, eu conheço o Queijo. De fato, não vejo o velho Queijinho há algum tempo.
Preflux caiu de joelhos. Algo no chão fez barulho de bexiga esvaziando e outra coisa se rachou e soltou um vapor.
— V-você conhece o Queijo? Já esteve em Sua Exaltada Presença?
— Exaltada? Quem lhe contou isso?
— O Próprio Lorde Queijo, nas minhas visões.
Wowbagger concordou com a cabeça.

— Então, ele ainda faz o negócio do sonho. Algumas coisas nunca mudam. Encontre um cabeça oca e se enfie lá dentro, sempre foi assim que o Queijo fez. Eu já andei na rota dos deuses; há muito tempo contratei Queijinho para me matar. Ele tentou fazer isso com uma espécie de molho de queijo. Não deu certo, obviamente, mas desde então me tornei intolerante a lactose.
— Foi você que trouxe a Edanação para nós?
— Edanação? Ah, isso é engraçadíssimo, não? Não? Olha só, você não pode esperar que as pessoas não riam se usar termos teológicos como esses. Se você está falando da grande roda de queijo acima do outro povoado, vai descobrir que é apenas outra espaçonave entrando em uma zona de normalidade.
— Não é a Edanação?
— Duvido muito. Para falar a verdade, o Queijinho pode ser até um deus júnior, mas não é muito bom em termos de projeção. Na última vez que ouvi falar dele, ele estava estudando para uma prova de divindade Nível Médio, e como não vi nenhum calendário do Queijo Sagrado por aí, imagino que ele não tenha passado.
— Eu também — disse uma vaca — Porque ele é um fracassado, que nem você, Preflux.
— Cala a boca, sua vaca, senão eu peço ao...
A vaca cuspiu.
— O que você vai fazer? Não me comer?
— Exatamente. Eu não vou comer você e não vou comer toda a sua família. Não importa onde vocês se escondam, vou encontrá-los e não dar nenhuma mordida em nenhum de vocês.
A vaca sentiu-se avacalhada.
— Isso ainda não acabou, Preflux — murmurou.
O telefone de Aseed tocou e ele atendeu a uma rápida ligação, olhando de volta para a estrada, na direção do túnel.
— Então, você é representante oficial do Queijo, Wowbagger?
Wowbagger franziu a testa.
— Eu não diria representante. Eu o conheço um pouco. Tomamos uns drinques juntos.
Aseed insistiu.
— Então é um amigo. Um defensor, por assim dizer.
— No máximo, conhecido.
— É só que, pelo que meu informante disse, Hunter conseguiu um deus de verdade..
— Ah.
— E ele está vindo para cá.

— Entendo. E você gostaria que eu representasse o Queijo.
— Você faria isso? Isso seria ótimo — Aseed fez o sinal do triângulo.
— O que é isso?
— É um triângulo de queijo. Um beijo para o Queijo. É uma espécie de slogan que eu inventei.
Wowbagger caiu na gargalhada.
— Por favor, não se mexa. Preciso tirar uma foto disso para o Queijinho, ele vai adorar.
O triângulo de Aseed vacilou um pouco.
— Então, ele não pode nos ver? O Queijo não está em todo lugar?
— O Queijinho? Tudo o que ele pode fazer é se conectar a uma parabólica e enviar alguns sonhos com laticínios. E vou lhe dizer outra coisa: ele adora carne e queijo. Especialmente refeições que combinem essas duas coisas.
As mãos de Aseed penderam ao lado do corpo.
— E todo esse tempo nós estivemos protegendo os queijos...
De repente, algo estalou no ar e Arthur sentiu os pelos dos antebraços se arrepiarem.
— Acho que eu deveria dar no pé. Talvez Thor se lembre de mim, afinal.
No céu, a leste, uma pequena nuvem de tempestade se formou logo acima das árvores. Raios disparavam da nuvem a intervalos regulares e parecia haver um ser colossal montado neles.
Wowbagger deu um sorriso sem graça.
— Beeblebrox conseguiu mesmo trazê-lo para cá. Cheguei a acreditar que ele falharia.
— Pode acreditar, cara — disse Ford — Você o chamou de bundão, não é?
Trillian protegeu os olhos com o antebraço, apertando-os para captar um vislumbre do deus do trovão.
— Ele é tão exibicionista. Ter um martelo grande não é tudo, sabia? Talvez isso não passe de um show de luzes. Talvez ele nem queira lutar.
Uma declaração como essa praticamente garante um acontecimento contraditório e, considerando-se os personagens envolvidos, altamente melodramático, e Trillian, como jornalista, deveria saber que deveria tê-la evitado.

> *Nota do Guia: Há uma teoria, postulada por Schick Brithaus, o controverso ortopedista da Era Pré-telepática de Kakrafoon, que diz que o Universo é formado praticamente por incertezas e que uma declaração/ação definitiva cria um vácuo de energia momentâneo que resulta em uma declaração/ação diametralmente oposta. Dentre*

as mais famosas declarações que induzem a vácuos de energia:
“Com certeza, isso não vai caber aí”.
E:
“Estou cansado de apostar nos mesmos números toda semana. Eles nunca vão ser sorteados”.
E:
“Nós somos um povo pacífico. Nem mesmo os Silásticos Armademônios de Striterax conseguiriam arranjar uma briga com a gente”.
E:
“Você ficou ótimo nesse suéter, Felix. Impossível alguém pensar que você é um cara esquisito e jogá-lo dentro de uma caçamba de lixo”.
E, finalmente:
“Talvez isso não passe de um show de luzes. Talvez ele nem queira lutar”.

Seres subatômicos ouviram o *uush* da sucção de energia, e um enorme raio fluiu para o vácuo, queimando grande parte da campina e deixando apenas algumas carcaças de vacas carbonizadas e um enorme X no meio.
— Safadas sortudas — murmurou uma vaca sobrevivente.
O cérebro central e certos gânglios variados de Wowbagger se inundaram de sentimentos conflitantes. Durante milênios seu desejo mais forte fora morrer, mas agora havia uma pequena luz na escuridão, uma chance de que todo o princípio pelo qual procurava a morte pudesse estar completamente errado. Seu dilema era o seguinte: seria sensato deixar passar uma oportunidade de ouro de ser morto em troca da remota chance de poder desfrutar algumas poucas décadas de felicidade com essa mulher que iria morrer de qualquer jeito?
— Acho que o X marca o local — disse Ford, segurando um pedaço da carne chamuscada. Em seguida, virou-se para a vaca mais próxima — Ei, você tem algum molho? Isso aqui está um pouco seco.
Arthur descobriu por que não ficava mais escandalizado com esse tipo de comportamento como já ficara antes. A exposição repetida ao espalhafatoso estilo culinário de Ford Prefect havia erodido algumas de suas noções mais básicas de etiqueta.
— Acho que alguém tinha mencionado vinho — disse ele, se esforçando para não parecer exageradamente animado.
Random fez um muxoxo que ninguém notou, já que esse era um dos seus dois usuais modos de se expressar. O outro era apertar os lábios com desprezo.

— Isso é nojento — disse ela, mudando rapidamente para a expressão número dois — Vocês são uns porcos.
— Porcos? — perguntou a vaca — Nem me fale de porcos.

capítulo 10

A Notícia correu na velocidade da luz entre os seres inteligentes de Nano: estava para começar uma grande briga em Queijópolis e então, provavelmente seria melhor ficar longe de lá até o planeta parar de tremer. O que, claro, fez com que todo mundo fosse imediatamente para a campina queimada nos arredores da cidade, com exceção de Nickles Adare, um ex-prefeito de Nova York que estava trancado numa clínica em Cong para fazer uma desintoxicação forçada.

Os pássaros sinagudos foram os primeiros a chegar, tendo a vantagem de ter penas sensitivas que seu líder, Perko St Waring Speckle, usou para guiar um micro-ônibus que pegou emprestado. Perko estacionou o veículo jogando-o numa vala e depois mandou dois membros do bando ficarem de guarda na cerca, enquanto os outros iam procurar um lugar para comprar cappuccinos sem lactose.

Os personal trainers apareceram em seguida, correndo pelos campos em uma formação de losango, aparentemente sem se abalar com o sol de meio-dia. Ao sair dos campos, praticaram um pouco de jogging pela estrada, cada um com uma bicicleta num ombro e uma esteticista no outro.

— Você não deveria estar montado na bicicleta? — perguntou Arthur para um jovem musculoso que, por acaso, parou ao lado dele.

— Ah, vê se cresce — reagiu rispidamente o atleta, se afastando, deixando Arthur um tanto perplexo.

Thor estava se aquecendo na campina, fazendo algumas poses e certificando-se de que a calça estava bem presa. Sentia-se nervoso. Para falar a verdade, ainda que provavelmente ela nunca fosse dita — especialmente por Zaphod — sentia-se aterrorizado.

Era sua primeira aparição pública desde que aquele vídeo desgraçado fora ao ar, vídeo que, felizmente, ninguém aqui parecia ter visto. Até onde essas pessoas sabiam, ele era apenas um deus de primeira classe que nunca havia tentado uma carreira no rock ou em vídeos eróticos. Tinha uma chance real de causar boa impressão. Poderia aproveitar isso.

Se eu fizer tudo direitinho hoje, percebeu Thor, *isso pode ajudar imensamente*

minha reputação a voltar ao normal. Espero que esse imortal entre no jogo e não morra muito rápido. Um deus matando um não-deus pode parecer algo um pouco desprezível se não for feito com bom gosto.

Havia uma tremenda multidão reunida agora e a atmosfera parecia bastante festiva. Os sinagudos mais novos estavam arrancando penas mortas de suas caudas e atirando-as no ar com movimentos circulares, enquanto um esquadrão de veteranos curtindo um barato de cafeína voava lá em cima, com voos sincronizados e mergulhos acrobáticos.

Os personal trainers estavam prestes a formar uma pirâmide humana na parte mais afastada do grupo, enquanto algumas esteticistas de bom coração tentavam consolar as residentes mais desesperadas de Queijópolis e Cong, a maioria delas já tendo esquecido há muito tempo como cuidar da própria estética.

— Olha só meu cabelo — gemeu uma senhora idosa — Apontei aquele negócio que sopra ar quente, mas mesmo assim ele não muda de cor.

— E essas unhas? — disse uma outra — Elas não param de crescer. Todo dia é a mesma coisa. Volte, Jasmin. Por favor, volte.

Buckeye Brown completou um triângulo maldoso com o olhar: primeiro, olhou para os próprios sapatos, depois para Buff Orpington e, finalmente, para um homem alto e bronzeado, de calção vermelho e sandálias, com um apito de emergência preso entre os dentes.

Com os ombros e a cabeça acima de todas essas pessoas, estava o deus do trovão.

Eu posso unir esse mortais novamente, pensou Thor. *Um só deus. Uma só fé. Quanto mais pessoas acreditarem em mim, mais poderei cobrar. E aposto que uma daquelas garotas poderia fazer uma bela trança na minha barba.* Nem bem esse pensamento feliz se formou e a velha insegurança voltou rapidamente. *Vai ser um desastre. O pessoal da Subeta me odeia. Não importa com quanta sensibilidade eu mate esse imortal, verão apenas o lado negativo.* Thor deu de ombros. *Eu poderia pedir a elas que façam umas tranças também no meu cabelo. Isso poderia me animar.*

Do outro lado do círculo de grama queimada, Wowbagger estava se sentindo tonto e atordoado. Finalmente chegara a hora em que ele poderia dar adeus a essa dimensão corpórea e se mandar daqui. O sofrimento equivalente a várias vidas estava quase no fim.

Acho que ele poderia mesmo conseguir, pensou. *Vou provocá-lo um pouco com alguns comentários escolhidos a dedo e ele vai me esmagar com aquela*

marretona.
Com certeza Thor parecia capaz de dar cabo do serviço. O poder exalava dele em grandes ondas enquanto ele treinava lançamento de raios em um punhado de vacas que se apresentavam como voluntárias para serem alvos múúúveis.
Ele é o cara. Dá para sentir.
Mas havia uma ponta de desconforto no momento tão esperado de Bowerick Wowbagger. A terráquea, Trillian Astra, o transformara.
Os pistões do meu coração estão batendo como loucos. Estou completamente fora de mim. Não tenho o menor interesse em insultar pessoas. É quase como se eu estivesse doente, mas eu não pego viroses.
Wowbagger sabia o que estava acontecendo. O espaço escuro pegou uma faísca de atração e a amplificou até parecer que ele estava apaixonado.
Mas foi isso mesmo que aconteceu? Será que eu não poderia ter sorte pelo menos uma vez na vida? Para variar?
Extremamente improvável.
A mulher em questão estava junto à cerca, discutindo com a filha. *Além disso, lembre-se, Bowerick, meu velho, se você levar a mãe, fica com a cria também.*
E, muito surpreendentemente, isso não o incomodou tanto.
Você sempre pode enfiá-la em um tubo, se bem que quando você fez isso, Trillian não ficou muito feliz com a solução.
Wowbagger acenou para o outro lado do gramado e Trillian acenou de volta.
Estou acenando. Não consigo nem me lembrar a última vez em que acenei para alguém.
Trillian deu um fim na briga dando as costas para Random e andando com o passo firme, os saltos altos furando a terra a cada passada.
— Ah, essa garota — disse, dando um soco de leve no antebraço de Wowbagger — Ela sabe como me irritar.
— O que ela está falando agora?
O rosto de Trillian ficou pálido, a não ser por duas manchas avermelhadas nas bochechas.
— Qualquer coisa que ela saiba que não quero ouvir.
— Isso é só a influência do espaço escuro.
— Acho que não. Random me odeia e odeia tudo que eu amo. Se algum dia eu tivesse amado Arthur, ela o odiaria também.
— Você nunca o amou?
— Não. Só achei que estava ficando velha e ele tinha os únicos espermatozoides humanos disponíveis.
— Entendo.

— Eu já a tinha abandonado antes. Na verdade, não era minha intenção, simplesmente aconteceu. Por isso ela me odeia.
— Certamente, ela não a odeia de verdade, não é?
Trillian assentiu com força.
— Odeia. Ela diz que eu arruinei a vida dela. E se ela não pode ter um marido, por que eu poderia...
E então, Trillian decidiu parar de falar, mas já era tarde demais.
Wowbagger tossiu uma vez, surpreso, depois teve de tossir muito mais vezes para disfarçar.
— Eu assustei você?
— Não. De forma alguma. Posso presumir que você esteja se referindo a mim como um potencial marido?
Lágrimas surgiram nos olhos de Trillian.
— É, mas era só papo furado. Você esperou tanto tempo por uma oportunidade de morrer, e eu não tenho nada para lhe oferecer, a não ser dificuldades. Prometi para Random que dedicaria esta minha vida a ela. Vá em frente e se mate, não se preocupe comigo.
— Parece um ato egoísta quando você coloca desse jeito.
Trillian enxugou o rosto.
— Não, eu entendo perfeitamente. Você passou um tempo horrível sendo imortal naquela sua nave fabulosa. Tomando cerveja e insultando pessoas, isso sem mencionar sendo incrivelmente lindo e charmoso. Tem sido um inferno para você, eu imagino.
— Assim você faz parecer glamouroso.
— Não era? Pelo que me lembro, você já saiu com várias estrelas de cinema.
— Aquilo era apenas físico. Aquelas fêmeas não significaram nada para mim.
Historicamente, essa é a terceira pior coisa que você pode dizer a uma fêmea de qualquer espécie.
— Elas não significaram nada? Por quê?
Wowbagger abriu os braços.
— Como poderiam significar? Mesmo enquanto acasalávamos, elas envelheciam.
Essa é a segunda.
Os olhos de Trillian lançaram raios.
— Envelheciam? Todos nós envelhecemos, Bowerick. Acredite ou não, eu também estou envelhecendo nesse momento.
Wowbagger percebeu que sua falta de conversas íntimas nos últimos anos estava funcionando perfeitamente para aumentar suas chances de morrer sozinho num futuro bastante imediato.

— Você pode até estar envelhecendo — disse ele, desesperado — mas ainda lhe restam muitos anos antes de ficar velha demais para reproduzir.
E essa é a número um. É issaí. Bastão verde no buraco verde.

Zaphod e Ford estavam fazendo uma série de complicados apertos de mão ritualísticos betelgeusianos onde nenhum dos dois conseguia se lembrar do que vinha depois da segunda espremida de axila.
Ford tirou dois ovos de dragão marinho de dentro da sacola e preparou um drinque para eles.
— Eu simplesmente adoro ópera — disse, quando os efeitos do álcool passaram — Vai tão bem com bebida. Uma pena não termos uns bolinhos de sangue para acompanhar.
Zaphod estalou os lábios.
— Bolinhos de sangue. Isso me traz saudade. Você se lembra daquela erva toda?
— Ah, se me lembro!
— E daquela coisa com a ponta toda curvada?
— Uau. Aquele foi mesmo um retiro dupal. Monges. Quem imaginaria?
Sentaram-se num trecho de grama que tinha escapado à demonstração de raios de Thor, olhando os pássaros sinagudos voarem acima deles.
— Será que eles deveriam mesmo pôr ovos no ar? — perguntou Zaphod — Parece uma coisa meio irresponsável.
— Esses pássaros colocam ovos em qualquer lugar. Só estão tentando manter a espécie.
Arthur caminhou pela campina, ávido para interromper aquela reunião festiva com alguma informação pertinente, um ato que a maioria dos betelgeusianos evita enfrentar diariamente para não estragar seu bom humor.

> *Nota do Guia: Os betelgeusianos são bastante conhecidos por ignorar completamente a realidade, em especial se estiverem com uma bebida nas mãos, mais especialmente ainda, se houver cubos de gelo-surpresa nessa bebida, que hipnotizam só com o tilintar dos copos, tornando o mais urgente desastre em uma coisa trivial. Porém, é uma ironia cósmica pouco conhecida o fato de que as antigas comunidades praxibetelenses de Betelgeuse VII estivessem assistindo à ópera* O Grande Desastre Hrung*, do famoso vidente Panthec, quando o verdadeiro Grande Desastre Hrung realmente aconteceu em Betelgeuse VII. Somente o pai de Ford Prefect*

sobreviveu pois tinha se afastado dos seus colegas de trabalho para sintonizar melhor O Último Leviatã *em seu* Guia. *O Hrung em questão teve pouco a dizer em relação ao desastre, a não ser que tinha desistido da dança interpretativa e que se desculpava por qualquer inconveniente.*

— Vogons — disse Arthur, apontando o dedo para o céu — Os vogons estão a caminho.
Zaphod parecia tão preocupado com os vogons quanto uma Terrível Besta Voraz de Traal estaria preocupada com esses seres Vorazes Terrivelmente Bestas.
— Não se preocupe, homem-macaco. Aproveite o momento.
— Não se preocupe? — reagiu Arthur, engasgando — Vocês não viram o que eles fizeram com a Terra? Não se lembram dos raios?
O sorriso de Zaphod era tão complacente que lhe garantiria um mínimo de cinco anos numa prisão ashowviana.

Nota do Guia: No continente de Ashowvia todo mundo é tão tenso que as expressões faciais e entonações vocais tiveram de ser regulamentadas. O conflito conhecido como Vinte Anos de Bajulação foi iniciado por causa de uma sobrancelha erguida, que posteriormente descobriu-se que fora aparada para ficar daquele jeito, o que criou alguns novos ditado entre os ashowvianos: "Pense antes de aparar os pelos", "Fazer sobrancelhas de modo irresponsável pode custar vidas" e "Se arrancar um, arranque todos".

— Foram os grebulons que destruíram a Terra — disse Zaphod — não os vogons. É um pouco complicado, não esperava mesmo que você entendesse.
— Complicado? Como assim complicado?
— Complicado para um macaco. Não para um ser evoluído.
Arthur balançou os dedos.
— Eu sou bastante evoluído. Eu tenho polegares, tá legal?
— Polegares? — Zaphod riu — Se polegares significassem evolução, os termoles comandariam a Galáxia.
— Termoles — disse Ford — Oito polegares: ótimos para abrir potes, mas com tantas células cerebrais quanto um bolinho de sangue.
— Lembra daquele bolinho de sangue especial? Eu senti gosto de cevada e talvez de alho.

— Foi o que eu senti também. Sem dúvida, tinha cevada.
As mãos de Arthur se sacudiram diante do corpo, como se ele estivesse tocando um acordeão invisível.
— Ei! Vogons! Eles estão vindo!
— É, a gente já sabe — respondeu Zaphod — Mas eles têm que pular através de um espaço bem dobrado para chegar até aqui. Segundo meus cálculos, vai demorar pelo menos uns dois séculos, se é que vão chegar.
— Tem certeza?
— Absoluta. Relaxa, Arthur.
Se Ford não estivesse tão bêbado, a frase "segundo meus cálculos" saindo da boca daquela cabeça em particular de Zaphod era suficiente para acionar os alarmes, mas o tempo estava bom, havia garotas bonitas em toda parte e Ford não queria a imagem de um vogon babando em sua cabeça destruindo seu humor.
Arthur, por outro lado, nunca havia encontrado um bom humor que ele não pudesse estragar.
— Você parece bem calmo, Zaphod. Não deveria estar chateado?
— Por que eu estaria chateado? Thor está de volta e eu estou prestes a relançar a carreira dele. As coisas estão tão boas que eu poderia simplesmente apontar um raio de congelamento contra mim mesmo só para preservar minha dupalidade para as gerações futuras.
— E o negócio do Bundão?
— Que negócio do Bundão?
— Wowbagger te chamou de Bundão, lembra? Foi o que colocou a gente nesse negócio todo.
Os olhos de Zaphod dançaram nas órbitas enquanto ele trazia sua mente de volta.
— Não. Não me lembro de nada. Bundão, você disse? Acho que ele nunca fez isso.
Apesar de toda a sua experiência com Zaphod, Arthur ficou meio desesperado.
— Não se lembra, Zaphod? Você sabe, pelo menos, o que está fazendo aqui?
Zaphod deu tapinhas no ombro de Arthur.
— Eu meio que vivo o momento — disse, adotando um tom sábio que ele guardava apenas para os momentos que imaginava serem especiais na vida das outras pessoas — Não tente me entender, apenas agradeça por sentir o calor da presença de Zaphod Beeblebrox em seu rosto maravilhado.
O rosto de Arthur não parecia nem um pouco maravilhado.
— Tanto faz, Zaphod. Mas ele te chamou de Bundão, pode acreditar.
— Uma vez? Ou mais de uma vez?
— Várias vezes.

Zaphod saltou de pé.
— Certo. É hora de começar a festa. Mais de oito vezes, você diria?
— Talvez doze. Pelo menos dez.
Zaphod caminhou pela terra reduzida a cinzas.
— Thor. Thor, meu velho amigo. Está pronto para fazer um novo vídeo?

Eu deveria ter fumado à beça, pensou Wowbagger. *Por que não? Durante todo esse tempo tentei ficar em forma e contratei um monte de idiotas para limpar meus pulmões. Você não percebe que há uma pequena contradição aí, Bowerick? Talvez haja uma parte sua que quereria viver, afinal.*
Bowerick esfregou o nariz que começou a coçar subitamente, achando que era bom ter esse tipo de epifania antes de marcar uma luta com um dos Aesir.
Ele estava parado sozinho numa das diagonais do X, esperando Thor se livrar do seu empresário, de um grupo de administradores locais, de vários personal trainers e de uma garota que parecia estar fazendo uma trança em sua barba.
— Vamos logo — gritou — Não tenho o dia inteiro.
— Por que não? — gritou um sinagudo da cerca — Achei que você fosse imortal.
Isso provocou uma gargalhada geral, e Wowbagger decidiu cortar o mal pela raiz. *Quando lidar com um ser impertinente, vá direto ao profundamente pessoal*, esse era o seu lema.
— Estou vendo umas manchas nas penas do seu rabo, passarinho. Você costuma molhar a cama?
Os outros pássaros riram o suficiente para provocar um jorro de ovos espontâneos, e o pássaro-alvo lançou um olhar tão maligno que Wowbagger ficou feliz por ter certeza que ia morrer dentro de poucos minutos.
Por fim Thor pareceu terminar com o que quer que estivesse fazendo na beira do ringue e se levantou da cabeça de Mjölnir, onde estivera sentado.
Lá vamos nós. E já não era sem tempo.
O deus do trovão era gigantesco, com pelo menos quatro vezes a altura de Wowbagger, mas não era lento ou desajeitado. Thor movia-se como se estivesse tendo cuidado para não quebrar coisas a cada passada.
Provavelmente, sou a única pessoa nesse lugar que não tem medo dele, pensou Wowbagger, mas em seguida corrigiu seu pensamento para: *Provavelmente, sou a única pessoa neste lugar, além de Beeblebrox, que não tem medo dele. Beeblebrox certamente imagina que poderia vencer esta luta.*
Então, algo curioso aconteceu. A cada passo que Thor dava, parecia ficar menor.

Ilusão causada pelo calor, pensou Wowbagger. *Provavelmente.*
Não era. Thor estava realmente encolhendo, e quando chegou à interseção do X, o deus do trovão estava tão baixo que não o deixariam entrar na maioria dos brinquedos do parque de diversões.
— Ei — disse o deus — O que que há aí em cima?
Wowbagger piscou.
— Eu, acho. Da sua perspectiva, é claro.
Thor deu um tapinha em seu próprio corpo minúsculo.
— Desculpe por isso — disse um pouco sem graça — Foi ideia do Zaphod. Se eu simplesmente viesse aqui e te esmagasse, como ficaria minha imagem? Eu ia ficar parecendo um valentão de escola. Desse modo, para qualquer câmera que esteja apontada para nós, eu pareço um matador de gigantes, o que é um ângulo muito melhor, segundo Zaphod, e ele conhece televisão — O deus franziu a testa — Embora cometa alguns erros ocasionais.
Wowbagger sentiu um tremor de antecipação.
— E aí, o que fazemos agora? Eu me ajoelho, e você me dá uma cacetada na cabeça?
Thor sentiu-se quase ofendido.
— O quê? Não, não. Isso não seria muito legal. Vai ficar parecendo uma execução. Temos de dar um show a essas pessoas. E não só a eles. Isso pode se espalhar por toda a Subeta.
— A Subeta? Nunca assisto àquilo.
— Nunca?
— Não. Só tem lixo. Prefiro um filme clássico.
— Eu queria que todo mundo fosse como você, mas infelizmente não é assim. Hoje em dia, nesse Universo, carreiras são criadas e destruídas na Subeta.
— Mas você é um deus, para que precisa de uma carreira?
Thor acariciou a trança da barba, e provavelmente nem percebeu que tinha algumas contas entrelaçadas.
— É uma pergunta difícil, mas eu sei a resposta porque falamos sobre isso na terapia em grupo que fiz depois do meu colapso nervoso. Os deuses têm egos do tamanho de Galáxias, por isso precisamos de um bocado de adoração para permanecer felizes. Já viu aqueles deuses que andam por aí devastando plantações e secando rios? Aqueles caras nunca são adorados. É um ciclo, entende? Você não faz ideia de como os deuses podem ficar deprimidos. Num minuto somos adorados, no outro somos completamente desprezados. Já passei muitos momentos ruis, acredite.

Nota do Guia: Loki, o Embusteiro, certa vez usou seu hipnótico

charme para convencer os Aesir de que ele decidira se redimir e abrir um consultório como psicólogo. Sua lista de clientes crescia assustadoramente à medida que divindades esquecidas formavam multidões à sua porta, ansiosas para serem relembradas e descobrir por que sentiam-se tão atraídas por unicórnios e coisas assim. O próprio Thor estava se sentindo muito melhor consigo mesmo e desenvolveu um verdadeiro afeto pelo irmão quando descobriu que Loki tinha feito um acordo com a revista QuemÉ *para que as sessões fossem transformadas num seriado. Para piorar as coisas, Loki havia considerado as consultas de Thor muito chatas e acabou acrescentando um bocado de choro, fraldas de incontinência urinária e uma fixação doentia por Eccentrica Gallumbits.*

Wowbagger concordou, pensativo, para dar a impressão de que estava preparado para se importar, quando na verdade só estava preparado para concordar.
— Fantástico. Agora entendo a coisa toda. Um ciclo. É claro. Então, devemos lutar durante um tempo?
Thor olhou para trás, preocupado com a hipótese de alguém perceber que o show estava sendo armado.
— Primeiro, vamos conversar um pouquinho. Você roubou minha nave, blá-blá-blá. Depois, você dá o primeiro golpe. Eu finjo que me machuquei, talvez até manque um pouco. Vou para cima de você, e logo após, recuo. Depois um *BUUUM* na sua têmpora e a mulher gorda canta para você, amigo.
— Que mulher gorda?
— Ah, nada. É só uma expressão das valquírias.
Wowbagger olhou para o lado. Trillian tinha lágrimas nos olhos, mas não estava tomando nenhuma providência para impedir os procedimentos.
— Certo, homenzinho. Fui eu. Eu roubei sua nave.
Thor respirou fundo, estufando o peito minúsculo, tentando não parecer mortificado com o roteiro que deveria seguir.
— Você! Meu pai me deu aquela nave interestelar, que batizei com o nome de meu amado bode.
(Ao mesmo tempo, pensava: *eu odiava aquele bicho fedorento, motivo pelo qual o vendi para um cara qualquer num bar.*)
— Sim, roubei a nave e roubaria de novo.
— Ah, roubaria, é? Eu posso ser um deus benevolente, gigante maligno, mas só tenho capacidade de perdoar até certo ponto.
Chega dessa cabotinagem enfadonha, pensou Wowbagger (*cabotinagem* era

uma palavra que ele havia criado enquanto preparava um insulto global para o planeta-novela Paisagem Ensolarada, onde o mundo inteiro era um enorme estúdio de gravação com 18 sóis artificiais para três turnos completos de filmagens diárias.) *Vamos acelerar esse show.*

— Corta essa conversa, seu viking pequeno e atarracado. Seu pai te odeia e sua mãe finge que você é filho de outra pessoa.

Thor encolheu involuntariamente dois centímetros. Isso não estava no roteiro.

— Hein? O que você disse?

Wowbagger foi mais longe:

— Todo mundo sabe disso. Thor, o bebum, é como o chamam. Talvez você nunca devesse ter saído do bar.

Uma pequena nuvem de tempestade apareceu subitamente no alto, cuspindo raios prateados.

— Você roubou mina astronave, gigante maligno — disse Thor atabalhoadamente, pensando: *Estou um por cento atabalhoado. Deuses não deveriam ficar atabalhoados. Isto vai ser um desastre. Eles vão me odiar.*

— Claro. Como quiser. E outra coisa que todo mundo também sabe: você detesta mortais.

— Eu não... o quê? Aquela era a nave do meu pai. Você já se esqueceu da nave?

— Você acha que mortais são indivíduos de segunda categoria. Você nem limparia sua bota com um mortal.

Thor ficou mais alto, muito mais alto.

— Ah, limparia, sim.

— Você *limparia* a bota com um mortal?

Houve uma ou duas vaias da plateia e possivelmente um chiado.

— Sim. Quero dizer, não. Quero dizer, sei lá, talvez, se minha bota estivesse muito suja...

Wowbagger deu um tapinha no queixo da divindade.

— E será que é verdade alguma coisa sobre um vídeo...

Foi só até aí que ele conseguiu chegar, pois de repente Thor estava pairando acima dele com Mjölnir pronto para o impacto.

O que aconteceu com os avanços e recuos?, pensou Wowbagger, e então o martelo desceu tão rápido que pareceu um borrão, chocando-se em sua cabeça com um barulho semelhante ao de um meteoro se chocando contra uma crosta de gelo.

Adeus, Trillian, pensou Wowbagger, depois foi enviado a 15 metros para sua recente sepultura.

Thor não estava muito certo quanto ao seu próprio desempenho. O movimento

de baixo para cima sempre ficava bem na tela, mas era uma pena ele não ter podido esperar um pouco mais na parte de cima. Mas, que opção ele tinha, afinal? O cara verde ia mencionar o vídeo, e em segundos os vários conectados na Subeta jogariam o comentário num site de busca e, antes mesmo de ele completar a frase, todo mundo estaria assistindo ao velho filme.
Ele estava prestes a se virar para Zaphod para conferir a reação do seu empresário quando captou um leve pensamento vindo de 15 metros abaixo da terra. E o pensamento era:
Charque é um bistrô torto.
ou
Zark. Eu não estou morto.
Zaphod assobiou o primeiro compasso de “Blinko na Baia”, um velho poema épico betelgeusiano que contava a história de um molusco e o tempo que ele passara em cativeiro.
— O que você acha, Ford? Ele fez o que era preciso?
Ford assobiou o segundo compasso da música de volta para ele.
— Não sei. Não senti nenhuma ameaça real. Faltou drama.
— É verdade. Foi tudo rápido demais — Zaphod olho em volta — Talvez se tiver mais alguém aqui a fim de levar uma marretada na cabeça...
Thor veio correndo pelo campo.
— Então, o que achou? Uma bela pancada, não foi? Perdi um pouco a cabeça no final, deixei o cara verde me provocar. Não se preocupe, Zaph, da próxima vez isso não vai acontecer.
— Próxima vez?
— É, da próxima vez. O cara verde ainda não está morto.
— O quê? Tem certeza?
— Claro que tenho. Ele está saindo daquele buraco agora mesmo, pensando em uma coisa bem feia.
— Com quanto você bateu nele?
— Não sei, talvez 50% da minha força, algo assim.
Zaphod assobiou mais algumas notas de “Blinko“.
— Cinquenta? Sério mesmo? Alguém já sobreviveu a isso antes?
— Ninguém que não tivesse um assento garantido na mesa de jantar de Asgard.
Zaphod indicou que seu cliente deveria se encolher um pouco.
— Diga, Thor, honestamente, você acha que pode mesmo acabar com Wowbagger?
Thor se curvou.
— Zaph, eu posso acabar com todo o planeta usando só 75% — em seguida, alongou os músculos do ombro — Mas talvez seja bom afastar um pouquinho o

pessoal.
Wowbagger tirou um dos cotovelos do buraco na terra.
Meu terno está arruinado, pensou. *E aquele macaco gigante nem mesmo rompeu minha pele.*

Trillian estava com o coração despedaçado. Sua alma fora rachada pelo golpe do martelo e ela nunca mais seria a mesma.
Nós tivemos apenas um dia juntos e foi o dia mais importante da minha vida.
Será que ela tinha feito a coisa certa? Será que ao menos poderia fingir para si mesma que tinha feito a coisa certa?
Ao seu lado, Random estava sentada na cerca, ocupada em não notar o sofrimento da mãe.
— Hmmpf — grunhiu ela, de repente — O safado ainda está vivo. Sabia.
E, pela terceira vez na vida, Trillian Astra desmaiou.

Uma grande nave em formato cônico, feita de liga metálica branca, penetrou na área da nebulosa. Sua fuselagem, que já fora lisa, estava cheia de marcas acumuladas de impactos com entulho espacial durante dois séculos. Apenas um décimo de seus oitocentos foguetes tripropelentes estava funcionando e mal havia suporte de vida suficiente para manter o oxigênio para a tripulação. O suprimento de comida fresca estava praticamente esgotado e durante vários meses não houvera nada além de líquidos reciclados para beber.
Toda a tripulação estava cansada e com fome. O moral estava baixo e nenhum deles jamais tivera um lar além dessa colossal nave com a qual assinaram um contrato para viajar até que a missão finalmente estivesse cumprida.
O capitão, que já fora um homem alto corpulento, havia encolhido até o tamanho de um espantalho, mas era um herói para sua gente. Seus olhos relampejavam faíscas verdes quando o dia de trabalho terminava bem, e ficavam num vermelho profundo quando uma tarefa era negligenciada ou um oficial tratava mal seus homens. A tripulação o amava e o seguiria até o inferno, se fosse necessário.
Seu nome era Eddon Cho e hoje era o dia em que poderia terminar a missão, que lhe fora confiada por seu pai, e talvez pudesse viver um pouco de sua própria vida.
— Navegador, fale novamente — gritou para o outro lado da cabine de comando, para o jovem Vishnal Li Senz, com apenas 17 anos de idade e já um excelente piloto.
— Chegamos, capitão. Não há dúvida. A órbita é um pouco estranha, mas o ar é

respirável.
Cho assentiu. No fundo, isso era muito bom, porque assim que pousassem, não partiriam de novo nunca mais.
— Muito bem, vamos aterrissar. Cuidado com o compensador e envie qualquer fagulha de energia extra para o Verificador.
Li Senz engoliu em seco.
— O Verificador? Meu deus. O senhor tem certeza, capitão?
— Tenho certeza — respondeu Eddon Cho, sério — Só temos uma chance. Agora, nos leve para baixo.
Li Senz estalou os dedos, depois envolveu-os no controle manual.
— Que a Garantia Estendida nos proteja — disse ele.
Por toda a sua nave, sua oração foi repetida por mais de duas mil almas.

Na superfície de Nano, a multidão estava se sentindo meio enganada. Perko St Waring Speckle mostrava um lado novo e não completamente atraente de sua personalidade, depois de algumas xícaras de café e um aumento de Ansiedad-O-Ácido nas asas.
— É só isso? — gritou ele — Esse é o show? Achei um li-show. Patético.
Hillman Hunter também não estava nada impressionado.
— Quero dizer, foi um bom golpe, aquela coisa de partir para cima e dar um fim logo, mas o cara dos queijos está conseguindo apoio. Do que isso me adianta?
Buff Orpington tinha lágrimas nos olhos.
— Ele vai fazer tudo direitinho. Esperem só para ver. Thor está apenas se aquecendo. Tirando a ferrugem dos músculos.
— Pois é melhor tirar depressa, ou vamos todos acabar adorando o grande Queijo logo, logo.
As conversas superficiais foram interrompidas abruptamente pela visão de quase cem anéis de luz espiralando e descendo pela atmosfera. Os anéis foram se revelando cada vez mais como os motores de uma nave praticamente imensurável que vinha em direção ao chão, soltando partes da fuselagem enquanto baixava. Vários motores soltaram fagulhas e deixaram de funcionar, fazendo a nave descer em espasmos até finalmente pousar num lago ali perto, fervendo-o até transformá-lo numa névoa fúnebre.
— Uau — disse Ford Prefect — Assustador.
O silêncio perdurou por vários instantes até que um esguio braço robótico, com cabos de força, saiu de uma escotilha na base dessa estranha nave, passando por cima da cabeça de Wowbagger, entre as pernas de Thor, desviando-se de Zaphod, que tentou agarrá-lo, parando, finalmente, diante de Random.

— Random Dent? — perguntou o braço com uma voz mecânica, da época em que os robôs eram robôs de verdade e não tinham essas frescuras de personalidade própria.
Random se manteve firme.
— Ah... sou eu. Acho.
Um tubo se abriu na ponta da sonda.
— Cuspa, por favor.
Random deixou cair uma gota de saliva no buraco, que imediatamente cobriu-a com uma série de lasers. Depois de vários instantes, a luz ficou verde.
— Identidade confirmada. Aqui está o seu pacote e muito obrigado por comprar no uBid.
Um envelope caiu do braço robótico para as mãos abertas de Random.
— Obrigada — disse ela, numa voz baixa e cheia de culpa.
— Aproveite o seu produto — disse a sonda — E, se tiver alguma reclamação, por favor, fique à vontade para gravá-la num registro de voz e martelar o citado registro dentro de seu canal auditivo — A sonda girou de volta em direção da nave — Missão cumprida — disse ela — A última.
Ouviram-se gritos abafados de comemoração, vindos do interior da gigantesca nave, depois sua estrutura se afrouxou e começou o lento processo de desmoronar.

Random era jovem e seus pulmões estavam cheios de matéria escura concentrada, de modo que, ignorando todas as possíveis consequências, rasgou o envelope e correu ao longo da cerca até onde Thor enfrentava pacientemente o papo furado de Hillman Hunter.
— Coloca isso aqui no seu martelo — disse ela, interrompendo o líder nanito.
O deus do trovão franziu a testa.
— Pensei ter ouvido alguma coisa. Uma espécie de guincho bem agudo.
— Aqui embaixo! — gritou Random.
Thor se abaixou, apoiando os cotovelos nos joelhos.
— Ah, olha. Uma menininha. Ah, meus deuses, você é uma fã, é isso? Quer um autógrafo, gracinha? Geralmente não me apresento em escolas, mas poderia fazer uma exceção.
Random bufou por um instante, depois falou:
— Escute, meteorologista de araque. Eu pesquisei imortais na Subeta, e dentre as milhares de referências não encontrei nenhum modo testado ou confirmado para matar um deles.
Zaphod riu baixinho.

— Mas esse aqui é o Thor, garotinha. Você não pode testá-lo ou confirmá-lo. Ele é um grande cara, tão grande quanto quiser.
— Hmm, ok. Bem, ele vai parecer um grande idiota na frente de todas essas pessoas quando não conseguir matar o homem verde.
— Isso não vai acontecer — disse Thor, sem muita convicção.
— Não vai acontecer se você colocar isto na cabeça do seu martelo.
— Nada vai no meu martelo, fedelha. Mjölnir permanecerá puro.
Random falou devagar, para que o deus do trovão pudesse captar a mensagem.
— Eu consegui encontrar uma teoria de um cientista desconsiderado num mundo pouco conhecido que diz que um imortal só pode ser morto por um objeto que venha do mesmo acontecimento que causou sua imortalidade.
Até Zaphod podia acompanhar esse pensamento.
— E o que causou a imortalidade de Wowbagger?
— Ele caiu num acelerador de partículas ao tentar recuperar dois pedaços de elástico. Elásticos esses que comprei no uBid com o sumo sacerdote do Templo de Wowbagger.
Thor estendeu um indicador e um polegar.
— Ei, por que eu não coloco esses elásticos no meu martelo? — disse ele.

Bowerick Wowbagger, o Infinitamente Prolongado, estava se sentindo meio zonzo, uma sensação da qual gostava, já que lembrava a época de quando ele era mortal. Arrastou-se para fora do buraco e ficou deitado, ofegando sobre a grama chamuscada enquanto a nave do uBid se despedaçava atrás dele.
Muito intrigante, pensou. *Não posso dizer que o dia de hoje foi um tédio completo.*
E enquanto estava ali estendido na terra, pensando, como sempre, em si mesmo e em sua morte agora extremamente improvável, viu que havia mais alguém por perto.
Trillian. Caída.
E esse foi o instante em que Wowbagger teve absoluta certeza de que estava apaixonado, porque foi nesse momento que parou de pensar na relação de Trillian com ele e começou a pensar somente em Trillian.
Ela se machucou? O que aconteceu?
Wowbagger sacudiu a cabeça e ficou de pé.
— Estou indo! — gritou, começando a correr — Estou indo!
Uma sombra recaiu sobre o rosto do imortal. Algo que remetia a uma montanha obscureceu sua visão de Trillian.

— É hora de acabar com isso! — disse Thor dobrando-se, de modo que sua cabeça ficou parecendo estar bizarramente de cabeça para baixo.
Como ele faz para o capacete continuar no lugar?, pensou Wowbagger.
Então, Mjölnir o acertou com uma força tão assombrosa que o mandou direto para a estratosfera.

Arthur estava tendo uma conversa com um pássaro sinagudo quando viu Trillian cair.
— Não — ele tentava explicar — O nome do jogo é *críquete*. Um *wicket* é feito de três pedaços de madeira com pontas... *Ah, bom deus*.
— Ei, tenha um pouco de paciência — disse o pássaro — Isso é confuso para caramba. Então, quando uma pessoa corre, isso é chamado de uma corrida?
Mas o *ah, bom Deus* não foi direcionado ao sinagudo; tinha sido dito involuntariamente enquanto Trillian desmaiava. Arthur largou o iogurte de soja que estava tomando e correu até onde Trillian estava caída, imóvel.
Isso é inaceitável, fumegou ele. *A própria filha dela. Nossa própria filha, está se afastando daqui. O que aconteceu com Random? Essa garota precisa de um corretivo.*
Essa última declaração costumava ser repetida frequentemente no lar dos Dent durante a infância de Arthur. Seu pai a usava em qualquer oportunidade em que o jovem Arthur se afastava do comportamento minimamente aceitável. O corretivo implicava em uma conversa séria que quase sempre envolvia a Segunda Guerra Mundial, casas minúsculas, coleções de selos e lábios superiores retos e rígidos. No fim de cada sermão, o pequeno Arthur tinha o direito de tomar um gole da garrafinha de conhaque do pai, só para fazer crescer os cabelos do peito. Assim, sempre que ele pensava nesses papos disciplinadores, sentia-se triste, depois alegre, depois sonolento, depois acordava com dor de cabeça.
Arthur se ajoelhou ao lado de Trillian e desajeitadamente aninhou sua cabeça na dobra de um dos braços.
— Pronto, pronto — disse — Se puder me ouvir, Trillian, só queria dizer que você está linda. Sei que as mulheres se preocupam muito em como está sua aparência quando se envolvem com acidentes de carro ou algo assim.
Consolar mulheres nunca fora um dos pontos fortes de Arthur Dent. Na verdade, se *oferecer consolo* fosse um anúncio de emprego, ele nunca passaria da primeira entrevista, principalmente se houvesse algum tipo de prova prática.

Nota do Guia: Nas últimas três décadas do tempo real, o humano Arthur Dent fez de sua vida algo infinitamente mais miserável do que realmente precisava apenas por demonstrar uma habilidade espetacular de dizer a coisa certa na hora errada. Quando o melhor amigo de Arthur Dent na universidade, Jason Kingsley, foi abandonado depois de um relacionamento de três anos com o amor de sua vida, Stacey Hempton, Arthur garantiu que ele não ficaria muito tempo sozinho, já que vagabundas como Stacey eram fáceis de encontrar em qualquer discoteca. Quando sua tia irlandesa Maedhbhdhb (pronuncia-se Hilda) recebeu um golpe mortal de uma gárgula que caiu do teto de uma igreja, ele sussurrou em seu ouvido: "Pelo menos o cigarro não vai poder te matar agora, hein, titia?". A falta de tato de Arthur só é superada pela do presidente da Galáxia Zaphod Beeblebrox, que, certa vez, deu de presente a PeeBee Anjay, o gelatinoso rei da Cidade dos Tremores, uma cueca fio dental de oncinha como presente de aniversário.

Arthur cutucou a bochecha de Trillian com o dedo.
— Trillian — disse, baixinho, porém tenso — Anda. Acorda.
Ela não reagiu, e Arthur pensou num curso de primeiros-socorros que fizera durante uma tarde por exigência da BBC. Pelo que conseguia se lembrar, a maior parte do tempo fora gasto ligando e desligando a cafeteira. Mas não teve uma demonstração envolvendo um boneco de plástico com balões no lugar dos pulmões? E respiração boca a boca?
Arthur não tinha a mínima ideia se o que estava para fazer era a coisa certa, mas mesmo assim ficou um pouco animado por ter alguma coisa para fazer.
Pôs a cabeça de Trillian na grama e se inclinou sobre ela.
— Você tem que apertar o nariz e colocar a cabeça para trás — disse uma voz atrás de seu ombro. Era o pássaro com quem ele estivera falando.
Mais vale um pássaro atrás do ombro que dois voando, pensou Arthur, sufocando uma risadinha histérica.
Separou os lábios de Trillian com o polegar e respirou fundo.
Estou nervoso. Por que estou nervoso?
— Anda, cara. Vai logo!
Passarinho que come pedra..., pensou Arthur irritado.
Arthur balançou um pouco a cabeça e depois mergulhou. Os lábios dos dois se uniram e ele lacrou os cantos com os polegares, depois soprou. Inicialmente não houve nenhuma reação; parecia a Arthur que ele estava soprando num túnel.

Então os braços de Trillian ergueram-se em volta de seu pescoço e ela beijou-a apaixonadamente.
O que? Isso é inesperado. Houve um dia em que esse beijo seria meu sonho se realizando.
Arthur recuou e viu que os olhos de Trillian estavam abertos e cheios de lágrimas.
— Arthur... Eu achei...
E ele imediatamente entendeu.
— Wowbagger. Você o ama.
Tempos atrás, a percepção desse fato teria destruído o mundo de Arthur, se ele ainda tivesse um mundo para ser destruído, pelo menos, mas agora só sentia uma empatia profunda por Trillian, que estava prestes a perder seu amor, como Arthur perdera o dele.
— Sim, eu o amo — disse Trillian, concordando com a cabeça e o movimento fez riachos descerem por seu rosto — Alguma coisa aconteceu no espaço escuro para acelerar o processo de me *apaixonar*. Onde está ele?
Arthur olhou para a campina queimada bem a tempo de observar Wowbagger começar sua viagem pela estratosfera. Tendo consciência de sua total falta de tato, tentou dizer algo não muito específico.
— Ah... ele está por aí. Descanse um pouco, vou buscá-lo.

Random viu Wowbagger ser atirado para o céu, mas sua visão não lhe deu o sentimento de triunfo que achava que teria. Na verdade, sentiu que, de algum modo bem discreto, ela própria poderia ser em parte responsável pela desavença que havia entre eles. Porém, o sentimento logo passou e o triunfo chegou em gigantescas ondas.
Isso mesmo, seu bicho verde. Se manda para o pós-vida.
Voz minúscula: *Como você pôde? Bicho verde? Você lutou pela igualdade das espécies por toda a Galáxia. Como foi preciso pouca coisa para tirar esse seu comportamento falso!*
Cala boca, pensou Random. *Você não é real. Você nunca aconteceu e, de qualquer modo, o bicho verde beijou minha mãe.*
Wowbagger subiu e subiu, o tempo todo balançando os braços e as pernas, até desaparecer completamente.
É isso que acontece quando você enfia Random Dent num tubo.
Arthur surgiu diante dela, os braços cruzados, a linguagem corporal praticamente gritando “não estou *nada* feliz com isso”.

— O que você fez, Random?
Random cruzou os próprios braços.
—- Nada. Do que você está falando?
— Você deu alguma coisa para o Thor, eu vi. E, subitamente, ele consegue machucar o Wowbagger. Por isso, vou perguntar de novo: o que você fez?
Random não iria se dobrar tão facilmente.
— E eu vou lhe dizer de novo: não fiz nada.
— O que foi, Random? Você quer causar sofrimento a sua mãe, é isso?
— Não.
— Por que você está fazendo isso com ela, então? Não vê que ela está apaixonada por esse cara? Você pode não gostar, mas é assim que as coisas são.
— Você está absolutamente certo. Eu não gosto.
— E, por isso, está ajudando o Thor.
Random continuou impassível.
— Eu estou aqui há um tempão. Como poderia estar ajudando ele?
Arthur tentou outra tática.
— Você nunca se apaixonou, Random? Não se lembra de como era a sensação?
Random recuou bruscamente como se tivesse levado um tapa, e sua mão voou por instinto ao peito, até o lugar onde seu amado Fertle costumava se aninhar.
— Sim, eu me lembro de amar. Meu amor se foi, então por que ela mereceria ser feliz?
— Você está fazendo isso porque Trillian a abandonou?
— É, ela me abandonou, mas eu tive sucesso apesar disso. Todos aqueles anos ralando no escritório, trabalhando para subir na carreira. Mas eu consegui!
Arthur segurou nos ombros da filha e olhou para o fundo dos olhos da menina, para além da ressonância do espaço escuro, para a garota vulnerável e compassiva que havia dentro dela.
— Você nunca fez isso. Nunca houve um escritório. E Trillian não abandonou você por décadas, ela a deixou comigo durante uma semana enquanto ia fazer um trabalho. Foi apenas isso que ela fez. Nada mais. Foi você mesma que levou todos nós para a Terra e foi você mesma que criou sua própria existência amarga. Foi tudo você, Random. Então, deixe de ser completamente egoísta e me diga como salvar aquele pobre sujeito.
Esse era um argumento extremamente bom. Random podia ver que havia subestimado o pai.
— Mas...
— Não me venha com “mas”! — trovejou Arthur, como um pai de verdade faria — Fale agora, mocinha.
De repente, a névoa escura se dissipou e Random pôde ver de fato o que estava

fazendo e a consequência de seus atos. A emoção cresceu em seu jovem coração e ela admitiu a culpa com um “tsc” e um revirar de olhos, o que é mais do que a gente pode esperar da maioria dos adolescentes.
— Acalme-se um pouco, Arthur. Você não precisa ser tão dramático quanto a isso. Certo, talvez eu tenha dado duas tiras de elástico que provocam alergia no Wowbagger. Talvez. Isso é confissão suficiente, para você, *Arthur*, ou devo me jogar de joelhos e implorar perdão?
Arthur estava curtindo um bocado o súbito poder paterno.
— Você, mocinha, pode começar a me chamar de “papai”. E continuar com isso por pelo menos mais uns dez anos.

Bêbado com seu sucesso, Arthur caminhou feito um homem de verdade até o centro do X, onde Zaphod estava massageando o ombro de Thor.
***Não acredito que vou fazer aquilo de novo*, pensou, mas não muito alto, para o caso de suas pernas ouvirem e o obrigarem a dar meia-volta.**
— Na verdade, não bato em ninguém há um tempão — Thor estava dizendo — Deveria ter praticado, eu sei, porém, a gente vai ficando meio preguiçoso. Mas o giro teve um belo arco, vai ficar ótimo em câmera lenta.
— Ele está morto?
Thor inclinou o ouvido na direção do céu.
— Não. Dá para ouvi-lo tossir. Mas está muito machucado. Com certeza, não é mais o mesmo homem. Outra cacetada dessas e vou completar meu serviço.
Ford chegou ao mesmo tempo que Arthur.
— Ei, pessoal, vocês sabem que isso deixou de ser divertido.
Thor suspirou.
— É, eu estava pensando nisso. Se houvesse um confronto ou algo assim, uma batalha heroica... Mas sou só eu, um cara gigantesco, batendo num cara baixinho.
Arthur cruzou os braços e deu a Zaphod o olhar de pai opressor.
— Isso mesmo, motivo pelo qual esse negócio vai acabar *aqui e agora.*
Zaphod o encarou de volta.
— Está fazendo o jogo do sério? A brincadeira de não piscar?
— Não, Zaphod, não é um jogo. Vocês dois já se divertiram bastante. Agora é hora de dar um fim nisso.
— Cara, eu adoraria — disse Zaphod — Adoraria mesmo, mas tem muita

coisa em jogo nessa luta. Toda a carreira do Thor, meus 15% de comissão... Infelizmente, Wowbagger vai ter que morrer.
— E não esqueça o negócio do Bundão — disse Ford.
Arthur ficou perplexo.
— Ford, seu idiota! Por que mencionou esse assunto?
— Ah, desculpe. Isso não ajuda muito, né?
O inglês estava se sentindo bem intimidado com o protetor genital de Thor, grande o suficiente para lançar uma sombra sobre ele, mas continuou.
— O negócio, Zaphod e Sr. Thor, é que Trillian passou a gostar de Wowbagger, mais do que gostar, na verdade. E que tipo de pai seria para a nossa filha se não tentasse intervir a favor dele?
Thor franziu a testa.
— Por que você me parece vagamente familiar? Em geral, pra mim as coisas não são vagamente familiares: ou eu sei sobre elas ou não sei.
As pernas de Arthur desejaram imensamente assumir o controle e correr tão rápido como na vez em que disparou para impedir sua mãe de abrir seu caderno com as fotos recortadas da edição anual comemorativa do programa infantil *Blue Peter*.
— Nós já conversamos uma vez. Naquela festa voadora, lembra? Você tentou pegar uma amiga minha.
— Pegar? Que tipo de pegar?
— Sabe o tipo em que você segura alguma coisa?
— Sei.
— Bem, não foi desse tipo.
Thor coçou a nuca como se estivesse de ressaca.
— Ah, isso explica muita coisa. Naquela festa eu perdi neurônios suficientes para energizar o Governo Imperial Galáctico durante um século — O deus do trovão deu um passo para o lado — Ele já está descendo.
— Você fez o melhor que pôde, terráqueo, e eu o saúdo — disse Zaphod, sarcasticamente — Agora se manda daqui enquanto meu cliente faz o que ele sabe fazer melhor.
— Não posso ir embora, Zaphod — respondeu Arthur, teimoso — eu não poderia mais encarar os olhos de Trillian. E você nunca mais poderá dormir em paz se continuar com isso.
— Minha consciência estará limpinha.
— Não é com a sua consciência que estou preocupado.
Zaphod franziu a testa.

— E com o que, então, eu deveria ficar preocupado? Fala, cara. Você sabe muito bem que não consigo ler nas entrelinhas.
— Eu me preocuparia com a hipótese de Trillian me perseguir por todo o cosmos e cravar uma lança entre minhas omoplatas.
Zaphod estremeceu.
— Uuuh. Ela parece mesmo capaz de fazer isso, não é? Dá para ver — Ele lançou um olhar rápido para Hillman Hunter, que estava na lateral — Olha, eu prometi uma morte para esse cara. Ele é da Terra e você sabe como eles são. Para eles, tudo tem que ter um pouco de sangue.
— Isso não é verdade, Zaphod. Nós não somos monstros sedentos por sangue.
Zaphod fungou.
— Não? Como foi que vocês acabaram explodindo todo o seu planeta, então?
— Nós não explOdimos nada! Foram vocês que fizeram isso. Vocês, seus *alienígenas*!
— Ah, agora estamos chegando a algum lugar. Agora estamos chegando aos seus verdadeiros problemas.
— *Meus* problemas? Você é que está pronto para matar alguém só porque essa pessoa te chama de Bundão.
Zaphod ficou branco.
— Ele me chamou de *quê?*
— E você está disposto a assassinar alguém só para arranjar um emprego.
— Nem adianta brigar comigo — disse Thor, repuxando a barba trançada — Não tenho consideração nenhuma pela vida dos mortais. Para mim, vocês são tão importantes quanto formigas. E não são nem aquelas formigas gigantes, mutantes e assustadoras, são as normais. Para ser honesto, estou preocupado demais com a retomada da minha carreira para me importar com vidas individuais.
— E, de qualquer forma, não é um assassinato de verdade, é? — disse Zaphod, num tom tão protecionista que faria com que o alarme ficasse vermelho num detector de Pouc-O-Silixando — Ele quer que a gente o mate.
— Não quer mais — disse Arthur.
— Verdade? Tem certeza?
Thor deu um passo atrás.
— Por que não perguntamos a ele?

Wowbagger atingiu o chão com tanta força que sua imortalidade o abandonou como um fantasma, deixando apenas um mortal despedaçado e enfiado num buraco raso no chão.
— Ai — disse ele — Isso foi... ai... Alguém tem um analgésico, por favor?
Ford tirou sua toalha da mochila.
— Chupe esta ponta — aconselhou, entregando-a — Essa parte azul deve aliviar um pouco da dor.
Thor levantou Mjölnir.
— Últimas palavras?
Wowbagger cuspiu a toalha de volta.
— O trato está desfeito. Quero viver.
— Arrá, pronto, aí está — disse Arthur — Ele quer viver. Você não pode simplesmente matá-lo.
Thor sorriu, ficando bastante parecido com um urso tossindo para limpar a garganta que havia engolido recentemente vários homens bem-alimentados.
— Não posso? Quem disse que eu não posso? Você?
Trillian surgiu de repente, abrindo caminho entre os homens, ajoelhando-se ao lado da cratera de Wowbagger.
— Não. Eu é que estou dizendo, monstrão. Eu amo este homem, este alienígena ou o que quer que seja, e você não vai tirá-lo de mim.
— Eu também me lembro vagamente de você — falou Thor, mas não a golpeou. Era suficientemente inteligente para saber, sob o ponto de vista da mídia, o que acontecia com deuses que saíam dando marteladas em mulheres indefesas só para matar homens machucados.
— Zark, Zaph — lamentou o deus — Isto foi um fracasso. E eu estava com tantas esperanças...
Zaphod trincou os dentes. Tinha que existir alguma pequena vitória que pudesse ser obtida com a situação.
— Bom, pelo menos renuncie ao Queijo.
Wowbagger tossiu e gemeu:
— Não tem problema. Eu odeio queijo.
***Acho que vou ter que me contentar com isso,* pensou Zaphod. Em seguida, virou-se para a multidão com os braços erguidos como os de um pregador.**
— Wowbagger foi derrotado — gritou — ele renunciou ao Queijo e abraçou Thor como seu deus.

Hillman Hunter deu um golpe no ar e Buff Orpington lançou-se contra um grupo de queijomantes e deu socos em quem estava por perto.
Zaphod relaxou instantaneamente. *Ótimo. Um tumulto. Os tumultos sempre funcionam muito bem para mim. Sou um agente do Caos,* pensou. *E da Destruição. Esses dois deuses são os melhores cantores de dueto no Universo. Talvez eu pudesse contratá-los para a banda do Thor.*

Trillian beijou a testa de Wowbagger e limpou o sangue azul reluzente de sua boca.
— Você vai ficar comigo? — perguntou ela.
Wowbagger sorriu com um pouco de dor.
— Pelo tempo que eu puder. Mas aquele martelo arrancou minha imortalidade. Pode não me restar mais do que meia vida.
— Isso vai ter que servir — disse Trillian, chamando Arthur para ajudar o futuro padrasto de sua filha a sair da cratera do impacto.

Random observou tudo isso de longe, ainda não completamente preparada para o clima de beijinhos e abraços.
Será que foi a matéria escura?*, pensou. *Ou fui eu mesma?
Esse pensamento preocupou-a por um breve instante, mas ele logo foi deixado de lado pela ideia de que Random provavelmente poderia usar essa situação para chantagear Arthur e ganhar alguns presentes realmente bons.
Arthur. Não dá para chamá-lo de papai. Mas talvez de pai.

Depois que Trillian e Wowbagger se despediram de algumas pessoas, Thor carregou o ex-imortal de volta para a *Tanngrisnir*, para deleite do computador da nave.
— Oi, Thor. Senti tanto a sua falta.
— Desculpe pelo computador, pessoal — disse Thor, sem graça, para o homem moribundo em seus braços e a jovem mulher que segurava a mão dele — Papai programou a nave para me adorar e lacrou o programa com seu olho mágico, por isso nunca consegui apagá-lo. Esse é o motivo principal para eu ter me livrado dessa joça. De qualquer modo, para que preciso de uma nave? Eu tenho Mjölnir.

— Ei, eu estou bem aqui — reagiu o computador — Posso ouvir tudo o que você está falando, amor, mas te perdoo mesmo assim.
— Tanto faz — disse Thor, colocando Wowbagger apressadamente numa cama que levantou diretamente do piso — Deixe-o nesta cama de plasma durante uma semana e ele ficará tão saudável quanto é possível para um mortal.
— Mortal — grasnou Wowbagger — Tem certeza que é isso que você quer, Trillian?
Trillian fungou.
— Vou me virar.
— Ótimo — disse Thor, sentindo-se claustrofóbico de repente — Vou deixar vocês dois sozinhos. Tenho que ir a um banquete; parece que alguém colocou um bocado de carne na churrasqueira. Divirtam-se.
— Não! — gritou a nave — Não me deixe!
— Preciso voar — disse o deus do trovão e se mandou do veículo.
— Nãããão! — gemeu o computador — Nãããão! De novo, não!
Trillian usou seu diploma em astrofísica e sua experiência acumulada na *Coração de Ouro* para rapidamente mandar a *Tanngrisnir* para fora da órbita do planeta.
Wowbagger já estava se sentindo um pouquinho melhor no seu casulo de plasma.
— Para onde vamos? — perguntou.
A resposta era simples:
— Para qualquer lugar onde possamos ficar juntos.
Wowbagger riu, mas isso doeu novamente.
— Hmm, que romântico. Você é assim sempre?
— Você vai descobrir, não é? Temos todo o tempo do mundo.
— Não, na verdade não, mas aquele que temos é precioso.
Trillian revirou os olhos.
— Deus, já estou enjoada de toda essa conversa melosa.
— Eu também — respondeu Wowbagger — Vamos insultar alguém?
— Achei que você nunca iria perguntar.
— Já esteve nos Buracos de Minhoca Oscilantes de Stryk Lycombdan Tsing?
— Não. Como são as criaturas de lá?
— Ah, são uns panacas. Uns idiotas completos.
Trillian fez uma busca no Galáctic-O-Mapa.

— Bom, então o que estamos esperando?
Ela clicou no ponto brilhante na tela e a *Tanngrisnir* desapareceu no céu noturno.

capítulo 11

NAVE HIPERESPACIAL VOGON CLASSE BUROCRUZADOR, A FIM DE PAPO

O hiperespaço pigarreou e cuspiu a nave vogon para a vastidão límpida de cetim do espaço a 0,01 parsec acima da atmosfera de Nano. Dentro da *Fim de Papo*, três mil membros do corpo burocrático saíram zonzos de seus assentos hiperespaciais e coçaram as marcas do cinto de segurança na barriga.

Prostetnic Jeltz foi o primeiro a chegar ao seu posto, afastando o perturbador sentimento de pseudoevolução apertando alguns botões e gritando com seus subordinados.

— Menos preguiça, seus pelancudos inúteis — instigou — Mostrem um pouco de *krumpst*. Estamos em cima da hora, e é a hora de um relógio atômico que nunca vai atrasar um segundo.

A tripulação grunhiu "*krumpst*" e seguiu gemendo até cada um de seus postos, redirecionando sua animosidade contra o planeta abaixo.

— O hiperespaço é quase como um feriado — disse Jeltz — não é um lugar onde vocês possam viver. Portanto, esqueçam qualquer um de seus falsos confortos.

Existiam poucos confortos, quer falsos ou reais, a bordo da *Fim de Papo*. Mobílias macias de qualquer tipo eram terminantemente proibidas para os tripulantes, já que poderiam diminuir a hostilidade. E um vogon sem hostilidade é quase tão inútil quanto um ás de espadas num torneio de xadrez.

> ***Nota do Guia: Certa vez, um vogon idoso desrespeitou as regras e implantou cirurgicamente duas almofadas fofinhas nas nádegas. Infelizmente, durante uma ventania que enfrentou na cidade florestal de Rhiis Bhuurohs, ele contraiu um parasita microscópico que o comeu vivo, começando pela espuma. O parasita consumiu***

seis andares da nave antes de morrer envenenado pela comida do refeitório.

Jeltz escancarou a mandíbula para gritar por Mown, mas viu, com o canto do olho, que o pequeno Constante já estava inquieto junto ao seu cotovelo.
Grrrmmmm,* pensou (os vogons pensam até com grunhidos). *Esse garoto se move rápido demais para um de nós. Será que isso é uma coisa boa ou ruim?
Decidiu que essa era uma coisa *para se pensar depois*. A prioridade número um era exterminar os terráqueos. Jeltz havia criado um enorme sentimento de rancor por essa espécie em particular e passara seu transe hiperespacial sonhando com cenários de aniquilação total. Desta vez, não haveria sobreviventes.
— Desta vez, não haverá sobreviventes — garantiu a Mown, para o caso de o garoto pensar que o pai estava com vazamento de *krumpst.*
— É issaí — disse Constante Mown.
Jeltz franziu a testa, mas com todas aquelas dobras de gordura na cabeça, apenas um parente próximo poderia entender seu semblante.
— O que você disse?
— É issaí. É uma expressa. Usada em Kappa de Blagulon, eu acho.
— Expressão! — gorgolejou Jeltz, uma oitava inteira acima de seu alcance normal — Nós não usamos expressões!
Mown deu dois passos para trás, mas não caiu.
— Claro que não. Obrigado por me repreender, pa... Prostetnic. Tenho muita sorte de ter um modelo como o senhor.
Jeltz bufou, aplacado.
— As expressões, e slogans em geral, só são aceitos de forma poética ou irônica. Por exemplo, quando eu lancei os torpedos no ecoplaneta Foliavintus, falei: "Lembrem-se de reciclar os aparelhos eletrônicos".
— Muito diabólico, Prostetnic.
Tão ridícula é a percepção dos vogons sobre os princípios básicos do humorismo que Jeltz começou a explicar:
— Isso foi engraçado de um jeito maldoso porque "lembrem-se de reciclar os aparelhos eletrônicos" era uma espécie de jingle do governo em Foliavintus.
— Ah, entendi.
— E, além disso, assim que aqueles aparelhos eletrônicos explosivos eram usados, eles não podiam mais ser reciclados. Na verdade, nenhum aparelho

eletrônico seria reciclado novamente.
— É iss... Legal.
— E tem mais — Jeltz juntou bile nas bochechas e gargarejou mais um pouco para depois engolir — Na verdade, meus torpedos estavam reciclando o planeta inteiro. Entendeu?
A pele de Mown era de um esmeralda pálido.
— Sim. Entendi em todos os níveis.
Jeltz meneou a cabeça de forma experimental e ficou satisfeito em descobrir que ela agora estava totalmente livre da fuga hiperfeliz do hiperespaço.
— Pensem só em coisas amargas — aconselhou à tripulação pelo interfone — Encontrem algo para odiar e logo serão vocês mesmos de novo. Sugiro os terráqueos nesse planeta aí embaixo. Sem dúvida, depois de toda a encheção que a ordem de exterminá-los nos causou, eles mais do que merecem nossa ira.
E parecia que mereciam mesmo, então rapidamente a *Fim de Papo* estava retinindo e catchunquiando com os sons agourentos de tubos de torpedo sendo carregados e canhões de plasma sendo apontados.
— Brilha, brilha, planetinha — cantarolou Jeltz.
Em seguida, olhou para Mown:
— Rima?
Os dedos de Mown estalaram enquanto ele pensava. Sabia o que Jeltz esperava dele.
— Ah... logo iremos mandá-los... pro nadinha.
— Excelente, meu filho — borbulhou Jeltz — Às vezes, você quase me faz feliz.

CIDADE DE CONG, INNISFREE, NANO

No salão de festas, Thor e Zaphod estavam mergulhados até as axilas no banquete de comemoração, totalmente alheios à aniquilação total e completa que vinha de cima, relativamente falando, é claro. Isto é, relativamente falando no tocante à expressão *de cima*. A aniquilação seria mesmo total e completa, não importando de onde viesse.

— O senhor foi ótimo — disse uma vaca Ameglia Maior, amaciando o traseiro com uma marreta presa a um dos cascos — O modo como brandiu aquele martelo — O animal imitou o golpe de Thor com o instrumento culinário — Sinceramente, fiquei toda arrepiada.

Thor repuxou uma trança da barba.

— Verdade? Você não acha que eu exagerei um pouco? Talvez um deus mais moderno contivesse o melodrama.

Zaphod emergiu de uma jarra de Dinamite Pangaláctica.

— Besteira, Thor, meu velho. Você martelou completamente aquele carinha verde. Depois, veio a misericórdia no último minuto. Totalmente genial. Material de primeira.

Thor pôs a mão em concha sobre a boca e sussurrou, para o caso de haver algum microfone por perto:

— Devo admitir, Zaph, que você estava certo. Com toda essa gente me adorando, estou me sentindo cada vez mais real, tão vivo quanto no meu tempo de rock'n'roll. Acho que já posso começar a deixar os dias ruins para trás.

— Nós estamos de volta, baby. A religião é o novo ateísmo. Assim que unirmos todos esses colonos na fé, há um Universo praticamente infinito aí fora. Imagine quantos martelinhos de brinquedo poderíamos vender.

— Conheço um cara em Asgard que trabalha com um monte de elfos na forja. Basta uma ligação minha e ele começa a produzir uma porrada de Mjölnirzinhos.

Zaphod mergulhou a mão no que poderia ser uma tigela de sopa de soja ou um balde de cuspe cheio até a metade. De qualquer forma, lambeu os dedos com grande prazer.

— É isso aí, meu camaradinha. O tempo é uma roda e os caras que são realmente incríveis voltaram com tudo.

— Excelente mistura de provérbios, senhor — disse a vaca — Muito apropriada. Que tal um belo bife para acompanhar? Posso fazer carne moída se o senhor não gosta de ficar mastigando.
Zaphod ignorou o animal.
— Precisamos organizar um grande evento, cara. Derrotar Wowbagger foi o suficiente para uma ou duas colônias, mas para ressuscitar sua carreira em algumas galáxias nós vamos precisar de algo com proporções umbilicais.
— Imagino que o senhor queira dizer... — começou a vaca, mas depois parou, intuitivamente percebendo que corrigir um cliente não era a forma mais eficaz de ser trucidada e devorada.
Zaphod estava em pleno fluxo empresarial.
— Não sei. Digamos que haja uma peste.
Thor não se convenceu.
— Não posso exterminar uma peste com um martelo.
— Tudo bem. Uma seca. Você poderia martelar na rocha sólida até encontrar um rio subterrâneo.
Thor pegou a vaca e jogou-a dentro da boca, mal dando tempo para o animal balbuciar agradecimentos emocionados.
— Não sei. Existem geólogos muito bons hoje em dia. Não é tão difícil assim achar um rio subterrâneo.
— Alguma coisa com gafanhotos, então. Ou vulcões — Zaphod subiu na mesa para ficar na altura dos olhos de Thor — Esta é a oportunidade pela qual nós estávamos esperando. Você vai ser maior do que nunca, dá para sentir.
— Você acha mesmo? De verdade?
— Com certeza.
A porta do salão de festas se abriu e Hillman Hunter enfiou a cabeça por uma fatia do mundo exterior.
— Como vamos, meus benfeitores glutões? — falou com seu falso sotaque — Com bebida até os olhos e prontos para os negócios? Estou com os contratos de divindade bem aqui.
Zaphod assentiu, tranquilizando o cliente.
— Tudo bem, eu dei uma olhada na papelada. Deveres normais de qualquer divindade.
— Dias santos?
— Trinta e dois. E mais dois para cada filho concebido com uma mortal.
Thor ficou impressionado.

— É um ótimo contrato.
Zaphod pôs a mão no gigantesco ombro do deus.
— É um ótimo contrato para *eles*, não se esqueça disso.
Hillman avançou, hesitante, balançando-se de um lado para o outro, tocando na têmpora de vez em quando.
— Como é que um homem deve se aproximar de seu deus? — perguntou em voz alta — só estou experimentando alguns passos.
— Gosto da parte em que você toca a cabeça — respondeu Thor — Mas é melhor esquecer esse bamboleio ridículo.
— Você pode fazer essa dancinha para mim, se quiser — disse Zaphod — Com certeza eu também mereço ser adorado um pouco, não é?
Hillman aproximou-se da mesa, entregando os contratos.
— O senhor é mesmo um grande sujeito, Sr. Beeblebrox. Quando precisamos de alguma coisa, o senhor a traz em sua maravilhosa nave. Às vezes, acho que se o senhor nunca tivesse aparecido, não precisaríamos de absolutamente nada.
Até Zaphod conseguiu captar a farpa daquela declaração, mas decidiu ignorá-la.
— Ei, Hillzinho. O que é isso aqui escrito a lápis no fim da página? Escreveu isso agora?
Hillman encolheu-se como um leprechaun.
— Ah, sim, por Cristo, não fique preocupado com isso. É só uma cláusula preventiva. Diz meramente que o deus governante, no caso o nosso Thor, é responsável por proteger o planeta contra ataques alienígenas e coisas assim.
— Sem problemas — respondeu Zaphod, magnânimo — Não há menor possibilidade de precisarmos de proteção planetária aqui na nebulosa durante pelo menos uns duzentos anos.
Os dedos de Hillman dançaram inquietos sobre a mesa e ele revirou os olhos para o céu.
— Ah, nunca se sabe — disse.

Fim de Papo

Prostetnic Jeltz puxou seu assento para cima, envolvendo o traseiro, e então deixou a coluna hidráulica assumir seu peso. Enquanto ele se recostava, ouviu-se um guincho que o próprio Jeltz sempre dizia vir da cadeira.
— Meu assento está um pouco úmido — resmungou.
— Lamento muito, Prostetnic — borbulhou Constante Mown, um adereço tão fixo ao cotovelo do pai quanto o próprio cotovelo. Na verdade, quando Mown não estava parado na altura de seu rim, Jeltz sentia uma certa ausência ao lado da cabeça.
Estou ficando muito dependente desse garoto,* pensou. *Já está na hora de mandá-lo para algum lugar realmente desagradável.
— Minha cadeira deve ficar extremamente úmida, se não totalmente molhada. Você sabe como eu odeio quando ela guincha.
— Cuidarei disso imediatamente.
Jeltz o impediu levantando um dedo.
— Alto. Primeiro o trabalho, depois molhar a cadeira. Estou disposto a ficar com queimaduras nas nádegas só para ver esse serviço feito.
— Esse é o espírito, senhor. O senhor é verdadeiramente *krumpstíssimo*.
A cabine de comando borbulhava com a lenta e irregular atividade dos vogons se preparando para o trabalho o mais rapidamente que seu desajeitados corpos permitiam.

> ***Nota do Guia: Uma recente pesquisa de Maximegalon considerou a agilidade dos vogons equivalente à dos ardnuffs, de Cabeça de Navalha IV. Os vogons ficaram encantados ao saber que estavam empatados com alguma outra espécie, até que descobriram que, na verdade, os ardnuffs eram gigantescos zigodáctilos de um pé só que vivem numa lua que mal tem gravidade suficiente para impedi-los de sair flutuando para o espaço. Porém, os vogon ainda puderam se consolar com outras duas pesquisas maximigalonianas: uma os classificava como uma das cinco espécies mais viajadas de toda a Galáxia e a outra os colocava — em um sólido primeiro lugar — como a silhueta mais facilmente reconhecível do Universo.***
> ***Leituras Relacionadas:***

“Coleção completa das estatísticas de Maximegalon” — *Volumes 1 a 15.000*
“Um rápido guia para a coleção completa das estatísticas de Maximegalon” — *Volumes 1 a 25.000*

Jeltz fixou um de seus olhos na tela principal, permitindo que o outro percorresse a cabine de comando — um talento ocular que desenvolvera para vigiar a tripulação ao mesmo tempo em que observava o monitor. Um pequeno planeta azul pendia no espaço diante dele, envolto em nuvens brancas, possivelmente cheio de espécies felizes e saudáveis, revelando a alegria suprema de poderem viver a vida em um planetoide intocado pelo sofrimento.
Intocado pelo sofrimento. Mas não por muito tempo.
— Finalmente — murmurou Jeltz — Finalmente, até que enfim e com certeza inevitável.
— Finalmente — ecoou Constante Mown, com uma voz leve e oscilante.
— O que a nave nos diz, Constante?
O burocruzador vogon era um veículo maravilhoso, desde que você trabalhasse do lado de dentro. Se você trabalhasse do lado de fora, como um limpador de janelas ou ligador de motor, poderia ficar cego ou até mesmo louco pela simples falta de simetria da nave. A maioria dos veículos flerta com a beleza, ainda que de modo breve e, muitas vezes, não reconhecível. As naves vogons nunca flertaram com a beleza. Elas vestem máscaras de esqui e enchem a beleza de porrada num beco escuro. Elas cospem no olho da beleza e abrem caminho a socos e pontapés em relação a conceitos como estética e aerodinâmica. Mais do que simplesmente viajar pelo espaço, os cruzadores vogons o profanam e o jogam fora. Porém, pelo lado de dentro, as naves vogons têm mais geringonças de alta tecnologia do que você seria capaz de encontrar num laboratório de pesquisas de geringonças de alta tecnologia. Até mesmo um ônibus de batalha dos Silásticos Armademônios de Striterax armado até os dentes sairia do caminho para dar lugar a um cruzador vogon, e a *Fim de Papo* era a melhor nave da frota. Poderia nunca ganhar um concurso de beleza, mas era capaz de dizer quantos porcos do pântano estavam mordendo as coxas uns dos outros do outro lado do Universo. E também quantos carrapatos aqueles porcos tinham nas costas. E, possivelmente, o tipo sanguíneo de cada carrapato. Depois, ela poderia matar os carrapatos com mini espertomísseis.

Constante Mown arrastou-se para longe de sua invejada posição junto ao cotovelo de Prostetnic e cambaleou até o painel de instrumentos. Não havia a mínima necessidade de cambalear, ele poderia facilmente ter deslizado graciosamente até lá, mas Mown era lembrado repetidamente do que os vogons faziam com espécies que tiveram a audácia de evoluir.

Enquanto cambaleava, Mown ficava de olho nos outros Constantes na cabine de comando, para o caso de algum deles tentar ocupar sua posição como Puxa-saco Superior. Puxar o saco dos chefes era uma prática aceita no serviço vogon. Bastaria alguém repassar uma pequena informação útil a Prostetnic e Mown poderia ser rebaixado para o esquadrão de limpeza de janelas. Ele achava que não suportaria viver olhando essa nave pelo lado de fora.

O painel cobria toda a parede do lado esquerdo da cabine e consistia em dezenas de telas de gás sobrepostas, todas mostrando novas sondagens e leitura atualizadas continuamente. Mown procurou nas telas alguma coisa — qualquer coisa — que pudesse salvar os terráqueos. Não fazia nenhum sentido mentir, pois as informações eram praticamente à prova de idiotas, o que era uma abordagem bastante prudente por parte do projetista, já que a maioria da tripulação era idiota. É mais fácil ser um vogon quando se é um idiota.

Tem que ter alguma coisa*, pensou Mown. *Não quero matar todas essas pessoas. Quero conversar com elas sobre música country. E talvez abraçar uma senhora australiana. Elas são tão sociáveis.

Olhou novamente para as telas. Os terráqueos estavam em Nano, não havia dúvida. O computador registrava mais de dois mil humanoides na superfície, e pelo menos dez por cento era terráqueo. As leituras de DNA e ondas cerebrais confirmavam sua origem.

— E então? — bufou Jeltz — Me dê uma boa notícia, Constante.

— Terráqueos. Mais de duzentos. Cinco ainda no útero.

— Brilha, brilha — cantarolou Prostetnic — Resolva esse problema à base de torpedo, soldado.

— Espere! — Mown não conseguiu se conter.

Um silêncio quase cômico baixou sobre a cabine. Pareceu a Mown que os instrumentos haviam baixado o volume dos seus bips. Parecia que até mesmo o planeta tinha parado de se mover.

— *Espere?* Você falou *espere*, Constante? — A voz de Jeltz era mais dura do que um oceano congelado e mais perigosa do que um oceano congelado com

dois tubarões cabeça-de-fura-gelo espreitando abaixo da superfície, tubarões realmente famintos que não gostavam nem um pouco de criaturas de lugares secos que entravam em seu habitat.
Os dois olhos de Jeltz estavam cravados em Mown agora.
— Por que você disse "espere"? Não quer que a gente complete a missão?
Mown sentiu o ácido queimando no estômago, e não do jeito bom.
Uma palavra. Ele falou apenas uma palavra e sua carreira, sua vida, estavam acabadas.
— Eu não quis dizer "espere".
— Então, você não disse "espere"?
— Sim. Sim, eu *disse* "espere".
— Então, você disse "espere", mas não era isso que queria dizer?
— Sim, Prostetnic. Exatamente.
— Isso é bastante perturbador, Constante. Eu espero que meus tripulantes digam o que eles queriam dizer, se isso for o que quero que eles digam.
— Eu *quero* dizer o que eu digo — disse Mown, arrasado.
— Então, você quis dizer "espere"?
— Não, papai! Não quis.
Essa foi a gota d'água. Agarrando-se a laços familiares, procurando clemência. Os vogons só tinham uma lealdade: o emprego.
O torso de Prostetnic Jeltz tremeu com a raiva disfarçada e seu ouvido chegou até mesmo a fazer "tsc-tsc".
— Certo, então, meu *filho*. Se você não quer dizer o que diz, e se não vai dizer o que quer dizer, não vejo muita utilidade para você nesta nave. Pelo menos não do lado de dentro.
Mown caiu de joelhos e implorou.
— Uma chance, Prostetnic? Dar uma chance é tradicional.
O lábio inferior de Jeltz se projetou como uma foca solar deitada de barriga para cima. Uma chance *era* de fato tradicional. Ele próprio recebera de seu mentor, o Prostetnic de Campo Túrgido Rowls, uma chance de se redimir.

> ***Nota do Guia: Na primeira viagem em que Jeltz se sentou perto do cotovelo, erroneamente ele colocou a impressão digital de Túrgido Rowls num documento BD140565 em vez de num BD140664, o que causou mais confusão do que seria esperado, já que um BD140565 era uma ordem para confisco de atmosfera e um BD140664 era apenas uma multa por atraso na devolução de um filme. Em***

essência, o que aconteceu foi o seguinte: um estudante de Gama de Blagulon recebeu uma companhia para passar a noite e se esqueceu de devolver* O Rei das Libéluas Guerreiras II, *e a próxima coisa de que teve notícia foi de que estava acordando num planeta agonizante e que tinha apenas mais trinta segundos de vida.

O velho Túrgido Rowls nem pegou muito pesado comigo,* pensou Jeltz. *Na verdade, nós rimos um bocado sobre todo o negócio depois.

— Muito bem, Mown. Uma chance.

O bombeador de sangue de Mown reduziu algumas chacoalhadas por minuto.

— Um qualificador?

— Sim. Quero uma rima para *obsessão violenta*. E não só uma rima no final da frase. Quero uma rima interna também.

Mown digitou palavras invisíveis no ar.

— Ah... abstenção... polenta...

— Mais rápido, garoto. Mais rápido.

— Certo... obsessão violenta... ah... imitação crio-menta.

— Explique.

— É um tipo de arte performática em Brequinda. Uma espécie de mímica onde o artista representa pés de hortelã congelados.

— Você só pode estar brincando. Se acha que... Isso é mesmo verdade?

— É verdade. Pode pesquisar... Se assim desejar, Prostetnic.

Nota do Guia: A Imitação crio-menta era realmente uma categoria competitiva na Feira de Artes de Brequinda. O recordista de vitórias consecutivas foi um jovem ator, o Sr. E. Mowt, que afirmava que seu segredo era dormir na hora durante o inverno. Porém, um oitavo prêmio póstumo lhe foi negado quando ele foi posto sem querer numa máquina de processar temperos.

Jeltz digeriu essa informação e repassou o poema na sua cabeça. Poderia funcionar. Provavelmente era uma besteira, mas a obra estava tendendo para o absurdo, de qualquer forma.

— Muito bem, Constante, de pé. Você teve sua chance. Agora, use-a para dizer por que ordenou que meu soldado esperasse antes de acionar os

torpedos.
O bombeador de sangue de Mown acelerou novamente e ele cambaleou até as leituras que pairavam acima como uma tempestade marítima em vias de estourar. Procurou alguma coisa — qualquer coisa — que pudesse justificar sua ordem involuntária.
Não havia nada na tela além de batimentos cardíacos, pressão sanguínea, alguns tumores e deficiências de cálcio. Nada fora do comum. Então, ele notou um ponto estranhamente impenetrável dentro de uma das estruturas do planeta. Deu um zoom e tentou verificar os sinais vitais, mas cada raio que mandava era ricocheteado de volta sem nem mesmo uma merreca de informação.
Salvação.
Mown voltou rapidamente à sua posição curvada com renovada confiança.
— Prostetnic.
— É melhor que isso seja bom. Caso contrário, tenho uma dúzia de puxa-sacos que matariam de bom grado, só para ocupar a cadeira ao lado da minha. Matariam *você*, devo acrescentar.
— Essa informação *é* boa, Prostetnic. Posso explicar meus atos.
— Fabuloso, Mown. Então, você ordenou que meu soldado contivesse os torpedos de Morte Desnecessariamente Lenta e Dolorosa porque...
— Porque os torpedos não serão suficientes, senhor.
— Você está me embromando, Mown.
— Eles não bastarão porque temos um imortal na superfície. De primeira classe.
— Tem certeza?
— Absoluta. Não há erro. Os instrumentos de leitura estão ricocheteando nele, senhor.
Vamos ter que nos retirar*, pensou Mown, resistindo à ânsia de dar pulinhos de alegria (alegria é expressamente proibida a bordo da *Fim de Papo* e dar pulinhos é geralmente impossível para um vogon). *Não temos defesa contra um deus.
— Um deus — disse Jeltz, batendo palmas.
***Batendo palmas de terror*, esperou Mown.**
— Esta é a chance pela qual estávamos esperando!
***A chance de fugir o mais depressa que pudermos ao disparar os motores*, pensou Mown, sempre otimista.**
— Soldado, dispare à vontade na direção do imortal.

Mown pigarreou.
— Senhor. Nossos torpedos não podem machucar um deus.
Jeltz tentou dar um sorriso maroto, molhando Mown com meio litro de cuspe.
— Machucar, não; distrair, sim.
— Distrair?
Jeltz resolveu explicar, presunçoso:
— Sim, meu filho. Distrair esse deus, quem quer que ele seja, da arma experimental secreta que iremos carregar cuidadosamente.
— Arma experimental? Que arma experimental? — guinchou Mown.
Jeltz piscou.
— Arma experimental *secreta* — disse ele.

NANO

Arthur Dent escolheu uma bela roupa na Novo Humano Elegante e estava desfrutando o simples prazer de usar uma indumentária de adulto, quando teve a certeza de que, com Random ao seu lado, o desfrute de prazeres simples estava destinado a ter uma vida muito curta.
— Esse lugar não é exatamente o centro político da Galáxia — disse ele a Random — Mas, pelo menos, não tem gente correndo e gritando por todo o lado.
— Ainda não — respondeu a filha — Tenho certeza de que você vai trazer a ruína para todos nós. Seu destino é ser uma espécie de Jonas cósmico.
Arthur não argumentou. Não tinha nenhum argumento com que responder.
Random e Arthur estavam sentados num banco da praça John Wayne, tomando sorvete caseiro à sombra de uma estátua de John Wayne em sua pose de "Sean, o Boxeador".
— Nós podemos nos estabelecer aqui. Você pode viver comigo ou com Trillian, se quiser, quando ela voltar da lua de mel. Ou com os dois. Você decide, agora que tem opções.
Random conseguia sentir um calorzinho de felicidade no peito, mas lutou contra isso.
— Nem sei se eu deveria estar tomando sorvete — disse ela — Tem leite, não é? Isso é meio parente do queijo. Os queijomantes podem não gostar, e eu

tenho que respeitar as crenças deles.
— Vai parar de comer todos os produtos à base de leite? Vai ser difícil. As vacas vão ficar arrasadas.
Random não parou de tomar o sorvete.
— Acho que é melhor fazer algum tipo de lista. Quero dizer, não vou abrir mão dos milk-shakes. Acabei de encontrá-los.
Arthur se recostou, inclinando o rosto em direção ao sol.
— Hoje cedo, vi Assed Preflux saindo de uma padaria com uma quiche de quatro queijos nas mãos.
Random cuspiu pedaços da casquinha sabor baunilha.
— O quê? Depois de tudo pelo que ele lutou? Aquele hipócrita!
— Ele disse que estava comprando para outra pessoa. Parece que não era dele.
— Eu e ele vamos ter uma conversinha.
— Random. Odeio dizer isso, mas você é só uma adolescente. Vai levar ainda mais alguns anos até que seja capaz de assumir o poder neste planeta.
Esse era um ótimo argumento, e a ex-presidente da Galáxia que vivia na memória de Random reconheceu-o, ainda que a adolescente não quisesse fazer isso.
— Talvez ainda não, mas vou chegar lá, acredite em mim.
— Eu acredito.
A praça estava ficando cheia com a multidão que saía na hora do almoço, grupos de humanos ostensivamente felizes, nenhum deles empreendendo a menor tentativa de matar o outro.
Quanto tempo isso vai durar?*, pensou Arthur. *Até que alguém decida que os cogumelos são divinos e que nós deveríamos parar de picá-los.
Ford apareceu do outro lado da praça e abriu caminho entre as pessoas, fazendo bom uso de seus cotovelos. À medida que ele se aproximava, Arthur reconheceu a expressão no rosto do amigo.
— Não acredito — disse jogando o sorvete no chão.
— Papai! — reagiu Random, chocada — Tem um reciclador logo ali na frente.
Arthur não se arrependeu. Levantou-se e pisoteou a embalagem.
— Não importa porque tenho uma forte sensação de que este planeta está para ser destruído. Não é mesmo, Ford?
Ford chegou bufando. Ele era escritor e não estava absolutamente acostumado com exercícios físicos.

Nota do Guia: O máximo de esforço físico que Ford Prefect se permitia fazer era caçar o último marisco-veleiro de dentro do balde e abrir sua concha com pinças. O maior exercício que Ford já fez foi quando obteve uma faixa preta na ofensiva arte de Wang Do, durante uma estadia temporária num spa das Colinas de Hunian. Infelizmente, esse era um spa de surf-mental, por isso Ford só fez esse exercício dentro da própria cabeça, fato que se tornou dolorosamente claro quando ele começou uma briga em um bar em Jaglan Beta com cinco jornalistas do periódico local, o **Saco de Maçanetas.**

— Pegue sua toalha, Arthur. Temos que ir.
Arthur bateu o pé com força no chão.
— Eu sabia. Deixa eu adivinhar: os vogons chegaram adiantado.
Ford pegou seu exemplar do *Guia do Mochileiro das Galáxias* na sua bolsa e verificou a tela com conexão Subeta.
— Ou são vogons ou é um Toblerone dos grandes.
— Isso não vai acabar nunca? — gemeu Arthur — Aqueles monstros sádicos não vão parar até que estejamos todos mortos.
Ford bateu no lábio inferior.
— Ei, sabe de uma coisa? Acho que eles não estão atrás de mim. Só de vocês, terráqueos.
Random apertou os olhos por causa do sol.
— Não estou vendo nada.
— Eles estão lá em cima, com certeza. O *Guia* nunca mente.
— Essa droga de livro mente o tempo todo. Aí tem mais mentiras do que verdade.
Ford declamou o slogan padrão:
— *O Guia do Mochileiro das Galáxias* é definitivo. A realidade, no entanto, é que está frequentemente incorreta.
Arthur achou que já havia passado uma porcentagem considerável da vida escutando o amigo falar abobrinha enquanto um planeta ou outro estava para explodir.
— Certo, Ford — disse, com urgência — O que devemos fazer?
A pergunta pareceu deixar o betelgeusiano confuso.
— Fazer?

— Com relação aos vogons. Como vamos sobreviver?
— Ah. Sim. Foi por isso que eu vim aqui. Você me viu atravessando a praça? Eu estava no maior pique. Nem me importo se machuquei alguém.
— Vimos. E agora, o que vamos fazer? Podemos pegar uma carona?
Ford gargalhou.
— Está brincando? Os vogons não vão cair nessa de novo. Agora, até os escudos deles têm escudos.
— Então vamos fazer o quê?
— Precisamos correr, depressa, até o espaçoporto. Ainda podemos ter tempo para embarcar na *Coração de Ouro*.
— Estou vendo uma coisa — disse Random, apontando para o céu, para o que parecia um grupo de estrelas cadentes vindo na direção deles, descendo em giros sincronizados pela atmosfera.
— Ah, não — disse Ford.
Ele arrancou o sorvete da mão de Random e lambeu-o devagar, saboreando cada lambida.

Fim de Papo

— Vamos pôr hologramas nos mísseis? — perguntou Jeltz — O que você acha, soldado?
O soldado não iria discutir.
— Por que não, Prostetnic?
Jeltz parecia quase alegre.
— De fato, por que não? Cavalos alados seriam legais.
— Então, cavalos alados teremos — disse o artilheiro, rodando o programa.
— Brilha, brilha — balbuciou Jeltz.

Nano

Thor deu um arroto fenomenal e tirou as migalhas de cima da túnica. Estalou os dedos e Mjölnir fez um barulho eletrônico, pulando do

carregador na parede e voando até a mão do deus.
— Quem são esses invasores? — perguntou ele a Hillman.
— Vogons, senhor, de acordo com o programa de reconhecimento de espaçonaves. Uns encrenqueiros bem durões. Especializados em destruir Planetas.
Zaphod estava empolgado.
— Os vogons já chegaram! Isso vai ser ótimo. Épico. Você vai dizimar totalmente aqueles safados.
Thor deu alguns giros com o martelo, treinando.
— Dizimar Tem certeza de que eu deveria, Zaph? Estou falando: não vou mais parar em nenhum tribunal novamente, e ainda não sabemos como o espancamento do imortal vai ser recebido na Subeta.
Hillman sorriu gentilmente.
— Nada de tribunais, senhor. O senhor estará simplesmente protegendo seu planeta. Está no contrato.
— Exatamente — disse Zaphod — É uma estratégia de divulgação brilhante. Destruir uma nave vogon é a melhor coisa para colocá-lo de volta em todas as redes principais: BBS, Orbit, Nova, até na Leviatã, ainda que eles sejam um bando de religiosos intolerantes. A grande rede de religicomunicação adora ver um valentão sendo destruído quase tanto quanto adora ver um mártir morrendo.
Thor fez alguns exercícios de voo, relaxando os músculos.
— Espero que desta vez eu consiga fazer um show melhor. Dar algum drama aos espectadores. Ser um pouco mais parecido com papai. Vocês sabem... totalmente divino. Acho que estou me sentindo divino.
Zaphod deu-lhe um tapa na coxa.
— Fantástico. Mas somos nós ou eles, de forma que talvez fosse bom você meter a mão na massa.
Thor se imobilizou no meio de um alongamento.
— Meter a mão na massa? Isso parece ser uma ordem, Zaph. Os deuses não recebem ordens de mortais.
Zaphod pareceu extremamente magoado.
— Eu nunca lhe daria ordens, ó poderoso. Nem sonharia com isso. O que estou fazendo é manipulando-o, para o seu próprio bem.

> ***Nota do Guia: O fato de Zaphod Beeblebrox ser capaz de manipular alguém nos revela muito sobre a frágil autoestima da***

pessoa que estava sendo manipulada. Especialmente porque o presidente Beeblebrox só havia procurado o significado da palavra "manipular" no mês anterior, como parte de um programa de autoaperfeiçoamento "uma palavra por semana". Obviamente, ele não havia lido nada além do verbo no infinitivo.

Thor mastigou a ponta do bigode.
— Isso é...
— É uma coisa boa, rapaz. Uma coisa positiva e respeitosa.
— Tem certeza?
— Absolutamente.
— Muito bem, mortal. Livrarei este planeta do tormento.
Zaphod deu um soco no ar.
— Ouviu isso, Hillman? Isso é que é um byte valiosíssimo. Alguém devia estar filmando esse cara.
Thor selecionou o Music-O-Menu no cabo do martelo e foi passando as diversas opções até chegar a "É Hora de Martelar". Acordes da canção reverberaram pelo refeitório.
— É hora de martelar. A gente quer... martelar! — cantou o deus a plenos pulmões, depois executou uma decolagem vertical em alta velocidade, abrindo um buraco em forma de estrela nos painéis absorventes de energia solar no teto.
— Vai nessa! — gritou Zaphod para o cliente, imaginando se Thor saberia a diferença entre 15% e 20% de comissão, depois se perguntando se ele mesmo poderia calcular a diferença. Cérebro Esquerdo teria de fazer isso.
Hillman Hunter também estava pensando em dinheiro.
— Cristo, Zaphod. Leve um papinho com seu cliente. Essas porcarias desses painéis são caros. Será que ele não poderia ter saído pela porta, uma porta perfeitamente utilizável, e fazer aquela baboseira da "martelada" lá fora, *sem* causar nenhum dano na propriedade?
Zaphod inclinou sua única cabeça.
— Ora, Hillman. Ele é um deus. Os deuses gostam de chamar atenção. Fica uma história muito melhor num livro sagrado, quando alguém resolver escrever.
— Bom, aí está um título que venderia um bocado — disse Hillman, pensativamente.
Zaphod passou um braço pelos ombros do irlandês.

— Posso lhe dar direitos exclusivos.
Hillman abraçou o contrato junto ao peito.
— Você já deu, meu caro — disse ele.

Thor sentiu o vento em seus cabelos e os insetos em seus dentes.
— Visor — disse, e um campo de força minúsculo se estendeu pela borda de seu capacete.
Esse tipo de coisa era essencial para um deus: o pulo que desafia a gravidade, o cabelo esvoaçante, as pernas musculosas. Coisas básicas para todo bom deus. E era isso que Thor mais gostava de fazer: voar e martelar.
***Eu gosto de ser adorado também*, pensou, mas não verbalizou essa opinião.**
Antigamente, um deus podia se sentar no topo de uma montanha e gritar qualquer bobagem que estivesse a fim, pois os mortais lá embaixo interpretariam os ecos distorcidos como pérolas de uma sabedoria onisciente e profunda. Uma das histórias que Odin mais gostava de contar ere que, certa vez, ele raptou a esposa de um mortal e empilhou insultos sobre o azarado homem, completando, com sua crueldade característica, com um "vai a merda" muito bem-exclamado.
— Imaginem minha surpresa — dizia Odin, naquele irritante jeitinho afetado "sou mais sagrado que você" — quando, na minha próxima visita, eu encontro um templo naquele exato local com a inscrição "vale viver" no teto. Aparentemente, hoje é um lugar de sabedoria e contemplação.
Mas, atualmente, havia câmeras e gravadores de som por toda parte. Se uma divindade comentasse qualquer coisa, sua fala seria retransmitida para todo o Universo. Não havia mais o benefício da dúvida, pois não havia mais dúvida. Se um deus falasse "bunda", então todo mundo ouvia "bunda" e provavelmente sem nenhum chiado no fundo. E, pior, se um dissesse "Eu não sei", todo mundo ouvia também. Loki, que gostava de dar umas escapadas de Asgard nos finais de semana para tomar uns barris de cerveja com alguns mortais, deu um verdadeiro presente para os infiéis quando passou uma noite inteira bebendo e reclamando dos seus problemas de ereção. Ou, como ele elegantemente colocou: "Minha mangueira perdeu toda a força. Aliás, mal dá para chamar isso de mangueira".
Depois desse incidente, os demais que tinham mais cérebro do que músculos foram aconselhados a manter as bocas fechadas e os martelos em funcionamento enquanto estivessem voando pelo espaço, já que um asteroide pulverizado diz muito mais do que simples palavras.

E quando eu acabar com esses vogons,* pensou Thor, *vou ter um vídeo em que nenhum babaca espertinho vai poder botar defeito.
Mas então Thor pensou em outra coisa: *A não ser que alguém, em algum lugar, goste desses vogons.*
Antes que pudesse considerar as consequências dessa ideia e os possíveis efeitos que seus atos causariam à sua imagem de celebridade, a primeira leva de mísseis estava em cima dele e se pareciam um bocado com cavalos.

Fim de Papo

Constante Mown estava despedaçado, mas não dava para notar. Por fora, ele estava bufando e babando como o resto da tripulação.
— Status do deus? — perguntou Jeltz.
— Hein?
— O que você disse?
— Hein, senhor?
As pálpebras de Jeltz tremeram um pouco, assim como as pregas de carne solta entre as narinas.
— Qual é o status do deus?
Mown obrigou os olhos a pararem de dançar nas órbitas e a focalizar nos monitores adiante.
— Subindo, e depressa. Vindo ao nosso encontro, Prostetnic.
— Excelente. Finalmente, uma chance real de mandar o TESTE.
Em geral, Mown adorava uma bela sigla, mas hoje era como se cada letra fosse um D de *desespero*. Também de *dor* e, mais do que provavelmente, *danação*.
— Vá em frente, filho. Sei que você está morrendo de curiosidade.
— Eu gostaria de saber! — disse o soldado, animado.
— TESTE significa Torpedo Experimental de Sublimação Totalmente Esquisito.
— Mown achava que a palavra "experimental" no nome de uma arma não era exatamente encorajador.
Porém, ele conseguiu pescar uma ideia no pântano do desespero.
Nós estamos prestes a matar um deus.
— Senhor Prostetnic. Não somos obrigados a apresentar uma declaração

verbal de nossas intenções?
— Os terráqueos já receberam essa declaração. Só porque esses desgraçados não estavam lá para ouvir não significa que eu tenha de desperdiçar valiosos vogsegundos apresentando-a novamente.
— Mas o imortal, senhor. A diretriz especial de Contatos Extraordinários de Qualquer Grau determina que deve se tentar fazer uma comunicação antes de disparar contra um ser imortal.
Jeltz ficou feliz com esse desafio. Era preciso castigar esses moleques quando eles jogavam os regulamentos na sua cara.
É assim que eu vou ser conhecido*, percebeu, sentindo-se instantaneamente mais leve. *Jeltz Regulamento Perfeito. Ótimo.
— Porém, esse deus é um agressor — declarou — O que descarta a diretriz especial.
Por dentro, Mown se acovardou, mas obrigou-se a assentir, numa concordância falsa.
— É claro. Boa observação, Prostetnic.
— Tem razão, Constante — reconheceu Jeltz graciosamente, e depois, por cima do ombro: — Soldado, prepare o TESTE para a solução final.
— Pode ser um pouco difícil, senhor — admitiu ele — Não sei de que esses seres são feitos, mas o laser não o fere.
Jeltz se remexeu na cadeira.
— Não, não. Aponte o alvo para os terráqueos. Vejamos quanto esse deus ama seu povo.
Esperto*, pensou Mown, completamente arrasado. *Muito esperto.

Thor estava se divertindo como nunca. Aqueles mísseis-cavalos trovejaram em direção à superfície do planeta em grupos, com efeitos sonoros equinos e tudo o mais.
Thor relinchou alto, depois pensou: *Zark, câmeras de satélites*, e logo fechou a boca.
***Hrrruuummfff*, pensou, sentindo-se um pouco subversivo.**
Mudou a trilha sonora, passando de "É Hora de Martelar" para a ode instrumental clássica "A Cavalgada das Vidleswoshen", transmitida para todas as redes ao alcance do sinal do Mjölnir. Ele sempre gostou da "Vidleswoshen" para situações de guerra, se bem que, ultimamente, o efeito

fora um tanto diluído, pois uma empresa de bebidas gasosas a usou como jingle musical no anúncio clássico de um cara praticando surfe em erupções solares enquanto bebia um odre de Bipzo Explosivo ao mesmo tempo em que seduzia um bando de garotas.

Muitos deuses mais jovens gostam de usar um software de orientação de alvos quando enfrentam alguns mísseis, deixando o computador fazer todo o trabalho. Thor, no entanto, gostava de fazer tudo à moda antiga.

Nada deixa os mortais mais impressionados do que um pouco de músculos e tendões,* costumava dizer Odin. *Quebre tudo o que você puder quebrar.

Ouvir os discursos de Odin era quase tão divertido quanto uma espada enfiada na canela, mas ocasionalmente ele falava alguma coisa que valia a pena.

***Quebre tudo o que você puder quebrar*, pensou Thor, e rodou Mjölnir num arco amplo, partindo para estibordo e acertando por baixo o primeiro grupo de mísseis.**

Uau. Esses hologramas são bons,

Os cavalos iam em direção à superfície de Nano, sacudindo as cabeças e até mesmo levantando alguma poeira. Dentro de suas peles praticamente transparentes, o olho vermelho e o brilho metálico da morte iminente era vagamente visível.

Thor entrou no meio deles cheio de ânimo, arrebentando os sistemas de orientação com as mãos nuas, dando uma porrada depois da outra, despedaçando os invólucros dos mísseis. Os torpedos voavam a uma velocidade espantosa, mas para o asgardiano eram como peras açucaradas penduradas no céu por um fino fio de palha. O deus zunia entre eles, com o trovão, sua marca registrada, estrondeando atrás de si, destruindo detonadores com golpes rápidos. Os cavalos congelaram, estremeceram e desapareciam, com os pixels se espalhando como flocos de neve eletrônicos.

Thor ouviu o chiado da detonação de uma ogiva por perto e enfiou-a na barriga, absorvendo a explosão nuclear, alimentando suas mitocôndrias, ficando cada vez maior. Do chão, parecia que ele havia engolido o sol. Todo planeta estremeceu e raios de luz relampejaram por entre os dentes do deus.

Hillman estava verdadeiramente impressionado.
— Isso é que é um deus de verdade. Com ele não tem aquela porcaria de "morto, mas sonhando".
Zaphod estava começando a achar que tinha vendido Thor por um preço baixo demais.
— Acho que deveríamos conversar sobre algum tipo de bônus. Quer dizer, qual é, Hillers, olha o tamanho daqueles torpedos.
Hillman nem se deu o trabalho de balançar a cabeça.
— Um: não me chame de Hillers. Minha Na... avó costumava me chamar assim e nem você nem um milhão de pessoas iguais a você seriam dignos de mergulhar um soldado no ovo cozido dela. E dois: nada de bônus.

Fim de Papo

Jeltz levantou um dedo, hipnotizando a tripulação e mantendo-a fascinada.
Eu poderia quebrar o dedo de papai,* pensou Mown com desespero suicida. *Depois enfiar alguma coisa na sua boca, talvez uma de minhas pernas. Assim ele não conseguiria dar a ordem.
Papai mastigaria minha perna,* percebeu Mown. *E depois escreveria a ordem com o meu sangue na tela.
O dedo balançou e toda a tripulação prendeu a respiração.
E desceu. A ordem estava dada.
— Matem aquele deus — disse Jeltz mucolicamente.
Agora foi o dedo de Mown que subiu, apontando para a tela da câmera na proa.
— Acho que é Thor, senhor. *O Thor*. Tem certeza de que deseja...
— Matem aquele deus — repetiu o Prostetnic Jeltz, moendo cada uma das palavras.
O soldado girou uma catraca três vezes e depois gritou por um tubo de voz:
— O TESTE foi lançado. Logo o deus estará morto, senhor — disse ele.

Nano

Ford Prefect conseguiu invadir vários sites subetas de Galáctic-O-Mapas e estava olhando a batalha de uma dúzia de ângulos diferentes na tela de seu *Guia*.

— Meu corretor de apostas está me dando dez a um para os vogons — disse ele a Arthur — Vou apostar alguns milhares no bom e velho Barba Ruiva — ele deu de ombros — comigo é assim. Se eu ganhar, ganho muito. Se perder, ninguém estará por perto para me ouvir reclamar.

— Você não teria uma toalha à prova de bombas, teria? — perguntou Arthur.

— Claro, tenho uma toalha à prova de bombas e uma fronha conversora de matéria.

Arthur chegou até mesmo a sorrir.

— Ei, sarcasmo. Muito bem, meu amigo, você está aprendendo.

Algo no *Guia* de Ford interrompeu a conversa. Ele tocou numa parte da tela e a expandiu.

— Que zark é isso?

Arthur ficou atrás do ombro dele para dar uma olhada.

— Outro cavalo?

— Não. Essa belezura não tem nada de holograma. Olha o tamanho desse torpedo. Já vi asteroides menores.

Arthur tentou puxar as mangas de um roupão que ele não estava usando.

— Mas Thor vai engoli-lo, não vai? Ele é um deus. Não tem problema, certo?

— Ele não está indo na direção de Thor, Arthur.

— Deixa eu adivinhar.

— Nem se incomode.

— Certo. Você ainda tem aquele palito da alegria?

Atmosfera Superior de Nano

Para dizer a verdade, Thor estava tentando aparecer: dava piruetas no ar, mergulhava em queda livre pelas nuvens brilhantes do crepúsculo, expondo coxas bronzeadas para as mulheres que por acaso estivessem olhando. Para garantir o máximo de efeito dramático, ele destruía os mísseis ao ritmo da

“Cavalgada das Vindleswoshen”.
Isso é fácil demais,* percebeu. *Se continuar assim por muito mais tempo, a audiência vai cair.
Então seu tímpano imortal detectou um som diferente. O chacoalhar grave de um pequeno jato empurrando uma carga grande. Esses vogons estavam tentando fazer algo passar por ele.
Thor despachou o último cavalo-torpedo com um giro casual do martelo e depois olhou para o céu, que ia escurecendo. Sua Divin-O-Visão distinguiu um brilho cheio de bordas voando numa curvatura meio barriguda na direção da cidade dos mortais abaixo.
Aqueles safados estão tentando acabar com o meu cachê.
Até esse ponto, Thor achava que estava sendo razoavelmente benevolente em relação aos invasores burocráticos. Tudo bem, ele tinha destruído algumas ferramentas deles, mas ninguém estava flutuando pelo espaço tentando encher os pulmões com vácuo. Certo, depois de dar fim nessa bomba, com considerável sangue frio, talvez ele mandasse Mjölnir abrir uns buracos no casco da nave vogon.
Thor cruzou os braços diante do peito e mergulhou na aurora da ionosfera de Nano como uma pedra impelida por um foguete em um planeta com gravidade alta. Ainda que não pudesse estar em dois lugares ao mesmo tempo, o deus do trovão certamente conseguia se mover de um lugar para o outro mais rápido do que praticamente qualquer outro ser no Universo.

> ***Nota do Guia (breve, para não arruinar o fluxo da narrativa): Na verdade, Thor era considerado o quinto ser mais rápido do Universo. O oitavo, se não estivesse com Mjölnir para estabilizá-lo. O ser mais rápido do Universo era Hermes, que usava sua velocidade principalmente para beliscar os mamilos de Ares e depois sair correndo.***

Thor sentia a fricção das moléculas do ar na ponta dos pelos da barba. Estava empregando uns 90% de sua força, no mínimo. Ainda era capaz de dar um pouco mais, mas se fosse nessa velocidade, nenhuma câmera no Universo conseguiria capturar sua imagem.
O novo torpedo entrou em uma espiral abaixo dele, uma série enorme e volumosa de cilindros ásperos com um jato minúsculo fazendo todo o esforço. Thor farejou, mas não conseguiu reconhecer o tipo de explosivo

com que estava lidando. O cheiro o lembrou um pouco o fedor das suas próprias roupas depois de uma noite enchendo a cara do lado de trás do horizonte de eventos de um buraco negro, mas ainda assim não exatamente igual.

Que negócio é esse?

Não importava. Mesmo que não houvesse uma gota de explosivo dentro, só a cratera do impacto seria muito maior do que a cidade, e a transfiguração do choque iria derreter boa parte do continente. De modo que, se algum mortal sobrevivesse à explosão, só viveria o suficiente para se afogar num mar de lava.

Pousou na fuselagem do torpedo, se agarrou no cilindro e foi se arrastando em direção ao cone do nariz. Agora não havia nenhuma urgência, já que ele tinha vários segundos antes do impacto — uma eternidade para um deus com suas capacidades.

Será que devo jogar este míssil no espaço*, perguntou a si mesmo, inclinando-se contra o vento*, ou será que devo redirecionar essa coisa para fora do rumo, em direção ao oceano? O que ficaria melhor na televisão?

Thor chupou a ponta do bigode enquanto se lembrava de algo que Zaphod tinha dito.

Será que...

Fim de Papo

— Detone o TESTE — ordenou Jeltz.

— Sim, Prostetnic — respondeu o soldado.

Perdoe-nos*, transmitiu Mown ao Universo em geral. *Somos apenas vogons.

Nano

Agora, o gigantesco torpedo podia ser visto claramente a olho nu, voando implacavelmente em direção a Innisfree, com a estranha esteira de jato cuspindo na parte de trás como em código Morse.

— Ponto traço, ponto traço ponto — disse Ford — Acho que quer dizer:

“Arthur Philip Dent é um babaca e idiota completo”.

Arthur estava cansado demais para demonstrar uma irritação muito veemente.

— Isso é hora de fazer piada, Ford? Sério mesmo?

Parecia que toda a população de Nano estava na praça John Wayne. Todas as cores e credos unidos, talvez por estarem todos num barco sem remo no mesmo rio de merda em que afundavam naquele momento.

Random foi até o pai e entrelaçou o braço no dele.

— Esse planeta poderia ter tido um futuro — disse ela — Eu ia representar seu povo.

Arthur franziu os olhos para ver melhor a enorme coluna de destruição que vinha na direção deles.

— Sua mãe vai me matar — suspirou ele, depois levantou os olhos enquanto um “uuuuh” coletivo subia da multidão.

***Isso é uma coisa que não se vê todo dia,* pensou, usando clichês até nos momentos de espanto.**

Thor estava andando ao longo do gigantesco foguete. Por baixo.

Random encostou a cabeça no ombro dele, pela primeira e muito provavelmente última vez.

— Estamos salvos, papai? Quantas vezes um grupo de pessoas pode ser salvo? Sem dúvida, o Universo não vai dar muito mais chances para os Dent, não é?

Ford se espremeu entre eles.

— Tem mais uma, pelo menos. Pelo que sei, nada pode matar um deus.

Então o TESTE explodiu. Quer dizer, mais ou menos.

Não foi uma explosão convencional, no sentido de que, se a pessoa estivesse esperando pelo tradicional *blam, bang, cabuum*, o preferido dos diretores de cinema e dos escritores de RPG de todo o Universo, se sentiria ligeiramente frustrada. Não houve nenhuma onde de choque, ou chamas, ou entulho voando, só um *uuuump* alto e um cuboide perfeito, de material verde, se inflando. O material estalou e se encolheu, captou uma pequena interferência de desenho animado de um satélite local durante alguns segundos, depois se dividiu em 16 cubos menores.

Ford disse o que a maioria das pessoas estava pensando:

— Aqueles cubos são bem pequenos. Bem menores do que o Thor.

Os cubos estouraram um a um, em uma rápida sequência, e o que quer que fosse o que havia dentro deles choveu sobre a terra como cinzas. Thor havia

desaparecido.
— Estou com aquele palito da alegria aqui em algum lugar — disse Ford, remexendo na sacola — E uns dois ovos de dragão do mar. É melhor a gente partir cantando.

Algo brilhou no céu acima da cabeça de Zaphod.
— Olha! Está vendo aquilo?
Hillman não respondeu, já que tinha decidido não falar mais com aquele imbecil do Zaphod Beeblebrox.
Zaphod correu pela área de estacionamento do centro da cidade.
— Souvenir! — gritou por cima do ombro — Souvenir!
Zaphod se colocou embaixo do objeto que caía, fazendo uma pequena dança para se posicionar.
Será que eu consigo?*, pensou. *Será?
— Câmeras! — gritou ele, só para garantir — alguém, por favor, capte isso.
Claro, pode ser que eu seja morto.
Mas, se sobrevivesse, quantos votos o vídeo valeria? Quantas visitas ele teria em seu site na Subeta?
O objeto não caía como um objeto normal.
Claro que não*, pensou Zaphod. *Porque é um talismã mágico feito de material divino, vindo direto das minas de metal em Asgard.
A coisa flutuava e inchava, dava cambalhotas e deslizava. Escolhia um tamanho, para depois mudar de ideia.
Zaphod enfiou as mãos no bolso para não se sentir tentado a usá-las. Aquele era um truque para ser feito sem as mãos.
A coisa vinha descendo de modo errático, e Zaphod dançava em suas botas sem saltos, imitando as excentricidades daquilo. E finalmente, incrivelmente, o capacete de Thor aterrissou na cabeça de Zaphod Beeblebrox de modo perfeito, encolhendo-se para caber de modo exato.
— Isso! — gritou Zaphod, dando outro soco no ar — Viu só, Hillers? Viu isso, cara? E eu tinha duas cabeças até bem recentemente, de forma que foi necessário mais habilidade do que você imaginaria... que seria necessária. Fala agora que eu sou especial! Fala!
Hillman violou seu voto de silêncio para gritar para o outro lado do estacionamento:

— Eu mandei você não me chamar de Hillers, seu pedaço de bosta. E, falando em ser especial, não havia nada de muito especial naquele deus que você me vendeu.
Zaphod ficou subitamente mortificado.
— Não admito ouvir uma palavra contra o Thor. Ele se sacrificou para salvar vocês.
Hillman apontou um polegar para o burocruzador vogon pairando sobre a cidade.
— Então ele não fez um serviço muito bom, não é?

Fim de Papo

As axilas de Prostetnic Jeltz estavam úmidas de alegria. Ele não conhecia muito bem essa emoção, e por um momento chegou a pensar que a nave, de algum modo, tinha escorregado de volta para o hiperespaço. Mas não, o planeta fora da janela estava em foco e pronto para ser destruído.
— Atire mais uma dúzia daqueles torpedos! — gritou para ninguém em particular.
Os terráqueos não pareciam ter nenhum tipo de artilharia e estavam completamente indefesos, agora que seu deus fora despachado para o pós-vida. Jeltz mastigou a carne gorda do lábio inferior. Se os deuses já viviam no céu, para onde iam ao morrer? Será que os deuses eram narcisistas que cultuavam a si mesmos? Ou talvez cultuassem alguns überdeuses e passassem para um nível mais elevado do céu após a morte?
***Criei um enigma novinho em folha*, pensou, e a ideia o agradou tremendamente.**
— O que acha do seu pai agora, Mown? — perguntou ao subordinado que estava inquieto junto ao seu cotovelo.
Mown hesitou antes de responder, e o brilho de baba da vitória não podia ser visto em nenhum de seus lábios. Um Prostetnic podia sentir-se tentado a pensar que seu Constante não estava apreciando esse conflito, ainda que legalmente não houvesse nada de errado com isso. Jeltz tinha certeza de que os deuses preencheriam um formulário de reclamação, mas duvidava de que fosse além de uma carta com algumas palavras pesadas, principalmente

quando o Governo Imperial Galáctico tivesse o TESTE no seu arsenal. Falando nisso, já não era hora de os deuses pagarem um pouquinho de imposto? Aqueles asgardianos vinham ocupando um local de primeira desde o início dos tempos e jamais tinham contribuído — nem ao menos com uma bateria descarregada — para os cofres do governo.

— E então, Mown? O que me diz?

Mown estava abalado por todo seu gelatinoso âmago. Tinham acabado de matar um deus. Removeram um imortal do Universo. Sem dúvida haveria consequências, não? Uma reação igual e oposta devia estar a caminho pela tubulação cósmica. E mesmo que não houvesse consequências, ainda assim era triste demais.

Mown tirou uma tigela de seus queixos duplos, erguendo a cabeça.

— Estou atordoado, Prostetnic. O senhor conseguiu, quando ninguém mais conseguiria.

— Hmmm — rangeu Jeltz, terminando o barulho com um "m" satisfatório — Consegui mesmo, não foi? Correram boatos em Megabrantis dizendo que eu já não era mais o velho Jeltz. Imagine só. Jeltz Regulamento Perfeito já não era mais o mesmo.

— Regulamento Perfeito?

— Meu novo apelido. Gostou?

— O que aconteceu com Safado Completo?

Jeltz pôs uma mão quase sem ossos no ombro do filho.

— Espero que um dia você seja o Safado Completo.

Mown baixou a cabeça.

— Já sou. Todos nós somos.

Jeltz sentiu as glândulas das axilas espirrarem.

— Sábias palavras, meu garoto. Sábias palavras.

O soldado interrompeu esse momento quase terno. Bom, se não tivesse ternura, pelo menos não era cheio de violência implícita.

— Senhor. Os terráqueos. Estamos nos desviando do alvo.

Nesse momento Jeltz subitamente odiou ter de lidar com aqueles terráqueos. Parecia um grande anticlímax, mas negócios eram sangue, então... Revirou o olho esquerdo para a tela e viu que a *Fim de Papo* estava mesmo se desviando de sua posição geoestacionária acima da principal cidade do planetoide.

— Não tem problema — murmurou — Meus torpedos podem fazer curvas — Balançou uma das mãos para o soldado — Extermine-os. Resistir é inútil

e coisa e tal.
— Sim, senhor — disse o soldado, com improvável alegria. Ser vogon significava fazer o serviço, e não ficar comemorando abertamente a aniquilação de uma outra espécie, pois assim os membros da tripulação poderiam rotulá-lo de doente e mandar as filhas para outro sistema estelar antes de deixar que elas o namorassem — Meia dúzia com baixo rendimento deve bastar para vaporizar os terráqueos. Se eu puder fazer uma sugestão, Prostetnic, estaria dentro das nossas obrigações confiscar o planeta que essas pessoas compraram. Tenho certeza de que a secretaria de bens criminais estaria bastante interessada...
Jeltz ficou impressionado.
— Ora, soldado, essa é uma ótima sugestão. Por que não puxa sua cadeira mais perto da minha? Acho que eu gostaria de coçar sua cabeça.
— Meu cocuruto oleoso ficaria honrado, senhor. Apenas me conceda um instante para eu explodir essas pessoas.
— Ora, é *assim* que se puxa o saco de alguém — disse Jeltz ao filho, porém Mown não estava escutando porque tivera uma ideia que estava fazendo de tudo para derrubá-lo e derreter seu fluido cerebral com sua própria audácia.
Constante Mown tirou a tigela de baba do pescoço, correu pela cabine de comando e deu um golpe na testa do soldado no momento em que o dedo do oficial tocava o botão de disparo. A tigela de metal mergulhou em uma camada de banha e depois foi de encontro ao crânio do rapaz. Os olhos dele ficaram vesgos, se desvesgaram, e depois se fecharam.
Novamente, a tripulação parou para ver qual seria o destino de Mown. Violência casual não era algo incomum numa nave vogon, mas interrupção violenta do cumprimento da ordem de um Prostetnic certamente era.
Jeltz se recostou com um borbulhar de líquido abdominal e um chiado da cadeira.
— Constante Mown. Esta já é a segunda vez hoje. Estou intri-i-i-i-i-gado.
O alongamento da última palavra sugeria que seria bom que a explicação de Mown fosse a melhor da história das explicações de ações aparentemente insanas sem motivo. Melhor até mesmo do que a de Jammois Totalle, o hemagoniano kyrstiano que acidentalmente arrebentou os vasos sanguíneos do cérebro da esposa com o anel de sinete celular enquanto dormia e depois afirmou que os ossos de seus ancestrais o tinham levado a fazer aquilo, chegando ao ponto de encomendar ossos de outro planeta, envelhecê-los

artificialmente e enterrá-los sob as raízes de sua árvore wango-pango.
A pele de Mown estava suando pelo lado de dentro, uma raríssima condição vogon agravada por ansiedade ou por ácaros, que faz com que os poros suguem umidade do ar ao redor e engordem os queratinócitos basais.
— Achei que você já tivesse controlado isso, Mown — disse Jeltz, com óbvio desapontamento enquanto o filho inchava diante de seus olhos — Vamos usar homeopatia, disse sua mãe, e eu dei ouvidos a ela, que Zárquon me perdoe. Da próxima vez, vou mandá-lo direto para o poço das sanguessugas, garoto. Agora, como eu estava dizendo, estou intri-i-i-i-i-i-gado.
— Isso não está certo! — desembuchou Mown.
— O que quer dizer? — perguntou Jeltz, perplexo — Eticamente? Num sentido de certo e errado? Por favor, não me diga que você desenvolveu moral para combinar com esses seus pé ágeis — Jeltz sugou o ar, horrorizado — Não me diga que meu filho... *evoluiu?*
Mown apertou os minúsculos punhos e se manteve firme.
— Em primeiro lugar, o filtro de poeira deve estar quebrado aqui dentro, Prostetnic, porque meus poros estão enchendo. Em segundo, eu quis dizer que isso não está certo no sentido de que não segue estritamente o regulamento.
O papo de Jeltz bamboleou.
— Não segue estritamente o regulamento, foi isso o que você disse? Não segue o... — ele girou na direção do posto de comunicações — Grave isso, está bem? Talvez eu tenha que explicar a execução à mãe dele.
Mown seguiu com sua explicação, já que a única outra opção seria se deitar e chorar pela decadência de sua raça.
— Nossa ordem era de eliminar todos os terráqueos.
— Eu realmente espero que seu argumento melhore, porque até agora...
— Essas pessoas compraram um planeta dos magratheanos.
— Ah. Sei onde você quer chegar, mas o Governo Galáctico não governa os magratheanos. Eles têm sua própria republiqueta, o que é um exemplo terrível para as colônias, se quer saber a minha opinião.
— Ó, Sr. Prostetnic, o senhor está correto. Claro, absolutamente certo, mas os magratheanos são uma empresa registrada no governo. Eles têm um acordo comercial.
— Suponho que sim.
Mown correu o mais rápido possível até o console mais próximo, esquecendo-se de disfarçar sua agilidade.

— Olhem! — disse, exibindo a proposta de planejamento do escritório de novos mundos em Megabrantis — O status de planta de Nano foi aprovado pelo escritório de planejamento central.

— É difícil para um vogon considerar a embromação algo irritante, Dedos Lépidos — disse Jeltz, secamente — Mas confesso que, a não ser que você chegue a uma conclusão...

—- A conclusão está no horizonte, Prostetnic. O escritório de planejamento central aprovou Nano como um planeta pagador de impostos, colocando-o assim como um membro da união planetária, governada pelo Governo Galáctico.

— Você está só falando a mesma coisa de um modo diferente. Foi para isso que te mandei para a faculdade? — Jeltz pegou o microfone e gritou pelos alto-falantes: — Ainda assim, precisamos eliminar os terráqueos!

— Olhe aqui embaixo, no último parágrafo. Megabrantis, numa ação de rotina, também aprovou a candidatura de cidadania para os donos do planeta — Mown sentiu seu inchaço diminuir e o vapor sair pelos poros, assobiando suavemente. Agora estava falando de leis, e nenhum vogon discutiria com isso — Legalmente, os terráqueos que não são mais terráqueos: são nanoístas. Ou talvez nanosianos ou nanoleiros. Não tenho certeza. Mas tenho certeza de que se o senhor exterminar esse pessoal, vai exterminar um belo grupo de contribuintes de alto valor que nunca pediu restituição. Imagine Jeltz Regulamento Perfeito fritando cidadãos que, de outra forma, pagariam impostos. Será que Hoopz, o Embromador, seu velho chapa do Salão do *Krumpst*, não adoraria saber disso?

Nesse ponto, o suprimento de *krumpst* do próprio Mown estava completamente exaurido e ele se jogou para trás, contra os monitores, sua temperatura corporal lançando um arco-íris pelas telas de gás termorreativas.

— Uau — disse Jeltz, e essa não era uma palavra que ele usava levianamente ou com frequência. Se segurou em um apoio para levantar da cadeira e permitiu que seu tronco gorduroso o impelisse para frente — Constante Mown, você aniquilou esta missão — Prostetnic ergueu-se acima de seu admirável filho, lançando uma sombra amorfa no rosto verde-oliva e pálido de Mown.

— Fiz o que tinha de ser feito.

Jeltz estendeu a mão, mas isso valia mais como gesto camarada do que como forma de puxar o filho, pois seria como tentar agarrar uma luva de

borracha cheia de requeijão cremoso.
— Você viu a verdade dentro da palavra. E pela palavra vem a ordem. Levante-se, meu filho. Venha para o lado do meu cotovelo.
Mown, que estava esperando ser um assistente de raspador de sujeira na próxima equipe de trabalho no casco, levantou-se sobre as pernas bambas e tossiu meio litro de líquido e dois flayboozes simbióticos carecas que todos os vogons carregam nos sacos de bile par quebrar os cálculos.
— Ah, não. Coitadinhos de Bola e Rebola.
Jeltz empurrou as bolas nojentas com a lateral do pé.
— Esqueça esses parasitas. Temos milhões deles nos recicladores de lixo.
Em seguida, ativou uma polia de içamento do teto da cabine de comando, uma das várias que ficavam no guindaste móvel exatamente para essas emergências de quedas de vogons. Ainda restava em Mown um pouco de raciocínio para fingir que precisava dela e içou-se até ficar ereto.
— Hoopz adoraria saber disso — confidenciou Jeltz ao filho — eu não ficaria nem um pouco surpreso se ele estiver espionando nossas naves lá de Megabrantis, esperando que eu transforme esta missão numa orelha de porco do pântano. Não há nada pior do que exterminar...
— O povo errado? — sugeriu Mown.
Jeltz deu um sorriso úmido diante da piadinha do subordinado.
— Os *contribuintes* errados, Constante. Você precisa controlar esse senso de humor; os outros tripulantes não têm tanto nível de inteligência como nós. Seus sarcasmos poderiam ser confundidos com simpatia.
— Ah — disse Mown, uma sílaba útil e descomprometida, ótimo de usar quando não se tem a mínima ideia do que se está sentindo.
Jeltz se deixou cair na poltrona com um estrondo.
— O velho Hoopz estava esperando que eu voltasse à base com um enorme saco de mancadas. Em vez disso, graças a você, retornaremos como heróis, com a morte de um deus e a cabeça erguida para encarar o departamento de impostos galáctico.
— Todo mundo vence... menos o Thor.
— O que foi que lhe disse, filho?
— Nada... de... piadas.
— Precisamente. Agora se esprema nessa cadeira ao meu lado e vamos aproveitar juntos a falsa esperança do hiperespaço.
A cabeça de Mown girou e suas mãos tremiam Tinha falado em defesa dos terráqueos e, de alguma forma, isso se tornou uma coisa boa.

Foi a lei, **percebeu.** ***A lei nos salvou. De agora em diante, usarei sempre a palavra.***

Ficou parado, em choque, com os braços levantados, enquanto dois limpadores de convés o lubrificavam para sentar na cadeira.

Jeltz teve um momento de quase carinho, coisa que só se permitia duas vezes por ano. ***Olhe para o meu filho, com os olhos arregalados com sua primeira viagem nos joelhos de um capitão. Eu tinha pensado que seria melhor mandá-lo para bem longe, mas depois do que ele fez hoje, esse garoto merece permanecer junto ao meu cotovelo. Ele vai ser um dos grandes. Um destruidor de mundos. Um enrolador de requerentes. Algum dia meu filho será realmente um Safado Completo.***

NANO

O clichê da representação de uma espécie inteligente sob ameaça de extinção vinda de uma espaçonave alienígena pairando no céu geralmente coloca todos como loucos correndo de um lado para o outro em pânico, segurando seus utensílios domésticos de maior valor sentimental junto ao peito e arrumando os automóveis em belíssimos engarrafamentos nas estradas (A não ser no caso do filme de Hrarf-hrarf, *A Ducha do Plong Vermelho*, onde todo mundo fica muito feliz imediatamente antes da aniquilação completa porque o período de vida deles corre de trás para frente no tempo, de modo que, pelo ponto de vista dos hrarf-hrarf, eles acabaram de sobreviver ilesos a uma ducha acachapante).

Não havia ninguém correndo em Nano e pouquíssimos utensílios domésticos podiam ser vistos. Os habitantes estavam reunidos na Praça John Wayne, balançando de leve, como juncos, de bocas abertas enquanto esperavam passivamente pela morte que vinha de cima.

Todos menos Aseed Preflux, que estava sentado num banco se empanturrando de queijo cottage.

— Eu estava tão enganado — soluçava entre mordidas — tão absolutamente enganado! Para entender o Queijo, o queijomante deve *consumir* o Queijo.

Hillman Hunter encontrava-se parado à sombra da estátua, tentando não chamar muita atenção, para o caso de as pessoas tentarem culpá-lo por todo esse sofrimento. Quase tudo corria morro abaixo, mas a culpa sempre corre morro acima, e Hillman preferia não sentir dor até que a grande pancada chegasse, e ele rezara para que ela fosse praticamente indolor.

***Ainda não*, disse a voz de Naná em sua cabeça.**

Enquanto Hillman refletia sobre essa misteriosa voz fantasmagórica e, quem sabe, profética, um bocado de queijo cottage meio derretido bateu na lateral de seu rosto, tapando um ouvido e pingando por dentro do colarinho.

— Belo trabalho com o seu deus, imbecil! — gritou Aseed Preflux, do outro lado da praça.

***Isso aqui vai ficar feio*, pensou Hillman.**

Duas tesouras de poda foram sacadas e Hillman teve certeza de que viu um abridor de cartas.

Por que sempre tem alguém com uma arma de corte?

Felizmente, nesse momento o burocruzador vogon decidiu se ausentar do espaço real numa belíssima demonstração de pirotecnia azul com seus hipermotores. Num segundo, ele estava lá, no outro — *uizz pop bang* — sumiu, deixando nada além de uma nuvem de sujeira de plasma, que durou muito pouco.

— Uuuuh — soltou a multidão em coro.

Zaphod, com seu inato senso para um bom espetáculo, subiu no pedestal da estátua.

— Os vogons foram expulsos daqui — gritou da dobra do braço de John Wayne — Thor salvou vocês.

— Thor nos salvou? — disse Hillman, perplexo — Qual Thor? Aquele que morreu e sumiu?

Zaphod lançou um olhar que perguntava a Hillman se ele era um completo idiota — e quando Beeblebrox acha que alguém é um completo idiota, significa que essa pessoa é muito mais idiota do que o próprio Zaphod, o que é ser absoluta e incrivelmente idiota, mas afinal de contas talvez essa pessoa fosse idiota demais para entender o olhar, ou mesmo para sentir-se insultada, se conseguisse interpretá-lo.

Hillman não era idiota, só estava momentaneamente demente. O momento havia passado.

— Claro! — gritou ele, a primeira sílaba saindo num guincho — Thor nos salvou!

Zaphod arregalou os olhos.

— É. Já não era sem tempo. Thor salvou todos nós.

Hillman subiu no pedestal.

— E ele voltará quando for necessário.

— Agora você está entendendo — disse Zaphod.

— E Lorde Thor vai se comunicar com seu povo somente através da minha pessoa!

— Isso está praticamente garantido. O que Hillers disser, é o que Thor, nosso salvador, deseja que todos vocês façam.

— E se a gente não fizer? — perguntou Aseed.

Zaphod franziu a testa e abriu a boca como se a ideia fosse simplesmente impensável.

— Então, Thor vai ficar muito nervoso. E o martelo dele também.

Hillman apertou os olhos para ver melhor a multidão, não ousando esperar que alguém engolisse toda aquela bobagem religiosa de quinta. Ficou

surpreso por não encontrar nenhuma lâmina, material de jardinagem ou utensílio doméstico virado em sua direção. Aseed estava com a mão dentro do balde de queijo, mas até ele parecia estar pensando no discurso.

***Eles não vão me matar*, percebeu Hillman.**

— Graças a Deus.

— A Deus, não — cortou Zaphod, objetivamente — Graças a Thor.

Hillman sorriu, depois se preparou para o *grand finale*.

— Nano exigiu um sacrifício — disse, equilibrando-se no pedestal — Nano exigiu a porra de um mártir...

Posteriormente, a palavra "porra" foi retirada da gravação em vídeo dessa pequena oração porque, depois do martírio de Hillman, tudo o que ele disse durante sua primeira vida passou a ter muito mais importância e sabedoria.

A próxima coisa que Hillman disse foi:

Rurrkkkaarrrrkshhhhhh — Mas é importante atentar que o "shhhhhh" do final podem ser gases escapando, pois nesse momento o nariz de um míssil destroçado, que Thor evidentemente havia deixado escapar, caiu do céu, acertando de raspão a cabeça da estátua do boxeador Sean, desprendendo as parafusos na altura do cinto da escultura e fazendo sua luva esquerda girar em sentido horário, dando um cruzado aniquilador que literalmente cortou Hillman ao meio.

— Ah, bosta — grunhiu Hillman, seguido pelas últimas palavras de sua vida atual — Tô indo, Naná.

Os historiadores apagaram a primeira frase porém mantiveram a segunda. Ela já foi mal interpretada tantas vezes que somente quinze mil anos mais tarde um aluno de terceira série escreveu errado e, acidentalmente, chegou ao significado certo.

capítulo 12

Não existe esse negócio de final feliz. Cada cultura tem um ditado próprio para abordar esse tema, mas em nenhum lugar do Universo você vai encontrar uma lápide onde esteja escrito "Ele amou tudo na vida, especialmente a morte, bem no finalzinho". Rollit Klet, o diretor de cinema independente e chef de cozinha de Dentrassis, diz em sua autobiografia *Peixe ou filme — O Primeiro Corte é meu!*: "O que você acha que é o final feliz é, na verdade, uma pausa para que o serial killer que você pensava estar morto volte e trucide todo mundo — menos a garota de peitos enormes; ela vai morrer na continuação do ano que vem". Ou como Zem, de Squornshellous Zeta, disse de forma mais sucinta: "O colchão nunca permanece seco por muito tempo". Entretanto, a citação mais usada sobre esse assunto de finais, felizes ou não, vem de um velho que vive em cima de um poste em Hawalius, que simplesmente declarou: "Não há nenhum fim, ou mesmo um início, por sinal; tudo é meio". A citação termina num tom um pouco mais pesado: "Os meios são uma droga. Odeio eles. Os meios vivem se lamentando do passado e esperando que algo interessante aconteça no futuro. Para mim, os meios podem ir se zarkar". Geralmente, o pessoal dos panfletos só tende a imprimir a primeira parte, talvez com a imagem de um belo sapo-baleia ao fundo ou um par de sóis se pondo.

Nem mesmo uma semana tinha se passado desde o ataque vogon e as pessoas nem se lembravam como tinham sorte só por estarem vivas, e voltaram a se preocupara com as grandes questões do dia, como: "Não tem nada que possa ser feito quanto àquela horrível névoa de fim de tarde que vem do oceano?", ou "Por que ninguém pensou em trazer mais manteiga de amendoim da Terra?", ou "O que é esse cheiro forte do lado de fora da creche?", ou ainda "Talvez fosse legal viver em um planeta maior, porque

essa gravidade artificial está deixando os velhos doentes".
Hillman Hunter estava sentado à sua mesa lendo as reclamações do dia e se perguntando por que tinha se incomodado em contratar um deus em primeiro lugar. Um monte daquela baboseira só servia para encher a lata de lixo e precisava ser resolvido com fogo, enxofre ou martelo, dependendo do caso. Hillman conseguia ver os benefícios reais de um deus ausente que só se comunicava pelo seu representante, mas será que Thor precisava ter se martirizado tão cedo? Não poderia ter passado algumas semanas no serviço público antes de se matar?
Isso não quer dizer que o sacrifício não tivesse suas vantagens. Desde que Hillman fora trazido de volta à vida ne enfermaria da *Coração de Ouro*, todo mundo subitamente ficou muito mais disposto a aceitar que ele era o representante de Thor em Nano. As pernas novas ajudaram.
O irlandês estava se esforçando ao máximo para ser piedoso e sábio, mas passar cada minuto de cada porcaria de dia lidando com a burocracia o estava deixando maluco. Além disso, a pele artificial da cintura estava coçando mais do que bunda de touro.
Sou Hillman Hunter, Naná. Sou uma figura do tipo Cristóvão Colombo, com a fundação de uma colônia e coisa e tal. Não posso ficar carimbando formulários e resolvendo problemas domésticos.
Seu interfone tocou e um holograma da secretária surgiu sobre a mesa.
— Oi, Marilyn. Qual é a história?
— Chegaram as pessoas do primeiro horário.
Hillman ficou quase aliviado. Discutir com pessoas de verdade era um pouco melhor do que se encher com resmas de papel.
***É melhor botar o carvão na fornalha*, pensou.**
— Certo, Naná. Mande-os entrar.
Marilyn franziu a testa.
— Desculpe, Sr. Hillman. Do que você me chamou?
***Droga*, pensou ele.**
— Por Nano! — disse rapidamente — É o nosso novo slogan oficial. O que achou?
— Bom. Ótimo, na verdade — respondeu a secretária, num tom que revelava tanto tédio que Hillman ficou surpreso por tê-lo ouvido cometer o erro.
Esta é a segunda farsa que vendo para as pessoas em uma semana. Primeiro o Thor, agora isso.

Arthur Dent e sua filha, Random, entraram no escritório e, claro, a garota sentou-se sem esperar pelo convite.
Essa garota é carrancuda, até para se sentar*, pensou Hillman. *Mas é espertinha.
— Sente-se, Arthur, por favor.
— Obrigado.
— Por Nano! — gritou Hillman, achando que seria melhor jogar aquilo na conversa de vez em quando.
Esse é o problema com as besteiras*, costumava dizer sua avó Naná. *Você tem de ficar amontoando-as cada vez mais.
— Como? — perguntou Arthur, confuso.
— É o nosso... ah... novo slogan. Para unir as pessoas e coisa e tal. Por Nano!
— Quando a gente usa?
— Para falar a verdade, eu não sei — bufou Hillman — ao final da colheita, atravessando o oceano, nessas ocasiões. Coisas heroicas. O que acha?
— É curto — disse Arthur, honestamente.
— Vigoroso seria a palavra certa, não? Você não tem ideia de quantas reuniões de subcomitê foram necessárias para criar esse slogan. No ano que vem, vai estar em todas as propagandas.
Random colocou os cotovelos na mesa:
— Ouvi dizer que sua avó se chamava Naná.
Hillman ficou abalado.
— É? Não me lembro. Pensando bem, acho que você está certa. Meu deus, claro, não penso nisso há anos, Cristo!
— Nem se incomode.
— O quê?
— Toda vez que você fica nervoso, imita um leprechaun e força o sotaque.
— Isso é ridículo — reagiu Hillman com muitos perdigotos, passando para o nível 2 de sotaque — Eu *sou* irlandês.
— Não tão irlandês assim. A verdade é que você nomeou este planeta em homenagem a sua avó.
— O tamanho do planeta foi o motivo *principal* do nome — disse Hillman, depois decidiu que era hora de partir para a ofensiva — De qualquer modo, e daí se eu batizei o planeta? Eu paguei pela maior parte dele, e você já viu a lista de sugestões? Ele pegou uma folha em seu quadro de cortiça — Morro de Carvalho, Tia Jojô, a melhor tia do mundo. Frank. Planeta Frank! Qual

é, garota. Nano nem de longe é tão ruim, comparado com essas porcarias.
O queixo de Random se projetou.
— Talvez, mas nomear planetas e inventar slogans empolgantes me parecem sementes de uma ditadura.
— Thor é o senhor daqui — disse Hillman, solenemente — Eu não.
Arthur entrou na conversa antes que Random pudesse responder essa.
— E como vão as pernas novas?
Hillman bateu os cascos no chão embaixo da mesa.
— As juntas são um pouco diferentes, mas estou me acostumando. Você tem que me ver subindo as escadas à noite. Pareço uma maldita bala.
Random sorriu.
— Aparentemente Thor sempre gostou de bodes, de forma que as pessoas estão tomando isso como um sinal.
Hillman quebrou o lápis que segurava entre seus dedos gorduchos.
— Um sinal de quê? Sinal de que Zaphod Beeblebrox é um imbecil?
— Pelo menos você está vivo — observou Arthur — E de volta aos seus... hã... cascos... Zaphod prometeu pernas humanoides assim que você estiver disposto a fazer a operação. Ele encontrou um ótimo par delas no fundo da geladeira.
— Você só ficou morto por vinte minutos — disse Random com doçura — Provavelmente só perdeu metade do seu QI. Nada que alguém vá notar, é claro.
Arthur decidiu que seria prudente mudar de assunto de novo.
— Algum progresso com nossos pedidos de cidadania?
— Um pouco — disse Hillman, feliz por se livrar da conversa sobre suas pernas de bode. O fato era que ele não desejava fazer outra operação. Havia algumas vantagens em ser metade bode. Certas pessoas na comunidade o veneravam, até faziam reverências quando ele passava. E outras mais jovens e ousadas tinham feito algumas perguntas bastante pessoais — Só algumas perguntas — disse ele, escondendo um súbito rubor nas bochechas por trás da tela do computador — Arthur Philip Dent. Blá-blá-blá. Ótimo, ótimo, ótimo. Ah, o que devemos colocar no quesito profissão?
Arthur coçou o queixo.
— Já faz algum tempo. Eu trabalhei numa estação de rádio. E com sanduíches. Sei fazer um sanduíche bem legal.
— Então mídia e bufê. Ótimas habilidades para se ter num mundo em desenvolvimento. Não vejo nenhum problema em você obter sua cidadania.

— E quanto a mim? — perguntou Random, num tom que mais parecia uma ameaça do que uma pergunta.
Hillman se recostou na cadeira.
— Só depende de você, Random. Está aqui simplesmente para se juntar aos queijomantes?
— Os queijomantes foram embora — respondeu Random, com um muxoxo — As vacas invadiram o complexo. E Aseed descobriu o iogurte. Agora, parece que eles estão venerando bolos e fundaram a Bolomancia.
— E você pretende se aliar a essa nova causa?
— Não. Tenho objetivos mais elevados.
— Mesmo? Encontrar um bom rapaz, se estabelecer?
— Quero ser presidente.
Se Hillman estivesse comendo alguma coisa, teria engasgado.
— Presidente? De Nano?
— Da Galáxia. Já fiz isso antes.
— É uma longa história — disse Arthur — Antes, ela precisa ir para a escola.
— Eu tenho oito mestrados e dois doutorados! — protestou a filha.
— Diplomas virtuais — falou Arthur, calmamente — Acho que eles não contam.
— Claro que contam, papai. Não seja tão cro-magnon.
— Não sou eu que faço as regras, garota.
— Isso é um tremendo clichê. Você parece um monte de tijolos de clichê empilhados para formar uma pessoa.
— Essa é uma imagem muito bonita, querida. Já pensou em ter um diploma em Artes?
Durante essa conversa Hillman estivera surfando pela Subeta.
— Talvez eu tenha uma coisa aqui que lhe interesse, Random.
Random escolheu o olhar "o inferno vai congelar antes que você tenha algo que possa me interessar" em seu catálogo de olhares feios, e mandou-o com força total para Hillman.
— Duvido.
Hillman respondeu com um ocular "ah, verdade?", e depois franziu os lábios, fingindo ser mais difícil do que uma linda ruiva num sarau irlandês.
Arthur cedeu primeiro.
— O que é?
— Nada. Random está certa. Ela não se interessaria.

— Por favor, Hillman. Não seja um criação.
Ele girou a tela.
— Olhem aqui. A Universidade de Cruxwan legitimiza diplomas virtuais se você conseguir passar no exame de qualificação. Eles podem extrair as memórias com essa coisa que parece um polvo robótico.
— Isso é levemente interessante — admitiu Random, lendo a tela — E eles oferecem um programa a distância.
— Eu *poderia* fazer a inscrição para você — disse Hillman.
Random reconheceu o tom dele, por causa de seus vários anos de experiência em negociações virtuais.
— Em troca do quê?
— Em troca de uma pequena ajuda. Serei honesto com você, Random: sou um homem muito importante. Não posso desperdiçar meu valioso tempo lidando com ninharias. Os problemas estão se empilhando aqui, garota. Violações de saúde e segurança, todo aquele pessoal do uBid procurando casas para morar, formulários de impostos de Megabrantis. Seu pai me falou sobre sua formação política e...
— E você quer uma assistente?
— Na mosca. Quem seria mais qualificada do que você?
Random fez "tsc-tsc".
— Com certeza não você. E o que eu ganho com isso?
— Experiência de mundo real. Um belo apartamento no povoado e salário inicial de nível três.
— Nível cinco — reagiu Random, por instinto.
— Cinco, então — disse Hillman rapidamente, estendendo a mão.
— Fique com a mão onde está. Podemos nos cumprimentar depois que os contratos estiverem assinados.
Hillman empurrou a cadeira para trás.
— Vejo que você vai ser um poço de risadas. Certo, então, menininha. Esteja aqui amanhã às oito em ponto, mas me espere por volta das dez e meia. Quero que o chá já esteja na minha mesa.
Arthur sentiu o fantasma do alívio pairando sobre um dos ombros e o fantasma da premonição acocorado no outro, tomando uma cerveja, coçando a bunda, fazendo hora.
Pense positivo*, disse a si mesmo. *Isso pode funcionar.
— Farei seu almoço — disse a Random — Podem ser sanduíches?
Talvez eles não matem um ao outro.

Hillman enfiou a mão embaixo da mesa e coçou os pelos da coxa.
— Ah. E eu preciso de um xampu especial para minhas novas pernas. E, além disso, você poderia me dar uma mãozinha lixando os cascos.
Arthur corrigiu o último pensamento para *talvez eles não se matem no primeiro mês*, mas depois de captar o fogo no olhar de Random, percebeu que sua conta estava sendo otimista em, pelo menos, duas semanas.

Zaphod Beeblebrox não fez absolutamente nada durante algumas semanas de pura diversão, depois decidiu se mandar para a improbabilidade durante a noite. Teria preferido fazer a saída embaixo de uma chuva de confetes de um desfile em sua homenagem, mas tinha a questão do ouro que havia "pegado emprestado" do cofre de Hillman como pagamento pelo sacrifício de Thor. Além disso, tinha uma meia dúzia de moças a quem ele podia ter prometido algumas coisas. Coisas como amor eterno, uma viagem às estrelas, sua senha do banco.
Estou aqui há menos de um mês*, pensou enquanto se aproximava das escadas da *Coração de Ouro*. *Imagine o dano que eu poderia fazer em um ano.
Zaphod Beeblebrox. O melhor bang desde o Big Bang. Dupal.
Ford Prefect sabia quanto Zaphod apreciava um belo desfile, por isso trouxe um saco de arroz para dar adeus ao semiprimo.
— Até breve, senhor presidente — gritou ele, jogando um punhado de arroz na cara de Zaphod — Aposto que algumas damas daqui sentirão sua falta.
Os músculos faciais de Zaphod executaram uma manobra muito complicada que deixou sua expressão em algum lugar entre o digno e o dolorido.
— Obrigado pela despedida, primo. Mas estou tentando me esquivar.
— Esquivar? Palavra da semana?
— Exatamente. Já estou fazendo estardalhaço suficiente manipularizando esta sacola sem você gritar comigo.
Ford deu de ombros.
— Ei, você é Zaphod Beeblebrox, cara. O Grande B. As pessoas vão gritar por você. Se eu estivesse no seu lugar, nunca colocaria uma saída silenciosa no final de seu plano de fuga.
Zaphod se agachou para descansar.
— Zark. Você está coberto de razão. Eu gostaria que alguém tivesse me

falado isso antes de Brontitall. Eu poderia ter evitado todos aqueles ovos na cara.

> ***Nota do Guia: Durante uma aventura anterior que ainda não aconteceu, Zaphod viajou no tempo até o planeta Brontitall, onde o povo-pássaro foi ressuscitado (terá sido ressuscitado. Por favor, flexione qualquer verbo seguinte de forma apropriada. Conjugações verbais, especialmente no futuro composto, podem congelar o* Guia*) como espécie dominante. Uma vez que Zaphod conseguiu, de forma bem-sucedida, encolher e roubar a estátua sagrada de Arthur Dent (não pergunte), ele tentou voltar para o espaçoporto tomando um atalho pela chocadeira. Infelizmente, a chocadeira era protegida por raios laser, detectores de movimento, alguns espíritos de ovos não-nascidos e pequenas armas de mira automática. O cabelo de Zaphod foi danificado, e, ao cair, ele dizimou, com o queixo, toda uma futura geração do povo-pássaro. Durante o julgamento, com um penteado novinho em folha, Zaphod não somente apelou para sua imunidade diplomática como conseguiu virar o processo contra o governo aviário por usar medidas de segurança exageradamente zelosas para a proteção de seus filhos.***

— Não me lembro de ter feito nada em Brontitall — disse Ford — Ei, não me diga que você está tendo aventuras sem mim.
— Não. Nunca faço nada sem você, Ford. Você é a única pessoa em quem confio. A única pessoa a quem posso contar segredos.
— O que tem dentro da sacola?
— Lembrancinhas. Um pouco de mistura para bolo que os bolomantes não queriam. Um forninho de micro-ondas.
— Dupal. Você pode fazer bolo quente.
— Esse é o plano.
Zaphod empurrou sua sacola porta dentro.
— Tem certeza de que não quer pegar uma carona? — perguntou ao primo.
— Não, valeu, Zaph. Tanto trabalho a fazer. Este planeta não tem sequer uma referência no *Guia*. Vou ficar por aqui mais umas duas semanas e escrever. Fazer um pouco de pesquisa, pegar um pouco de sol.
— Parece legal — disse Zaphod, com um pouco de inveja.

— Então por que você não fica também?
Zaphod parou na rampa de embarque, fazendo pose. Uma perna dobrada, o antebraço cruzado sobre o joelho. Em algum lugar atrás dele, uma lâmpada orgânica se acendeu, recortando sua silhueta em luz carmesim.
— Não é meu destino, Ford — disse ele, enquanto uma leve brisa agitava seu cabelo — O Universo tem planos diferentes para Zaphod Beeblebrox. Onde quer que haja fêmeas solitárias, eu estarei lá. Onde quer que estejam dando coquetéis grátis para celebridades, estarei por perto. Sempre que alguma coisa muito ruim acontecer a pessoas que estejam, você sabe, meio deprimidas e coisa e tal, Zaphod Quantus Beeblebrox fará seu melhor para ter tempo de estar lá.
— Quantus?
— Estou experimentando. O que acha?
— Bom. Muito heroico. Melhor do que o último.
— Eu sei — disse Zaphod, pesaroso — Pruntipends. Alguém deveria ter me avisado.
Fizeram o aperto de mão da infância. Bunda, bunda, bota, cotovelo, tapa na cara, cotovelo...
— Certo. A gente se vê então, Ford — disse Zaphod, entrando no campo de força da nave.
— Só mais uma coisa. Arthur está neste planeta, de forma que, você sabe, cedo ou tarde...
— ... alguém vai tentar explodi-lo. Não se preocupe, vou ficar de olho na Subeta. Ao primeiro sinal de vogons, me mando para cá.
— Conto com você.
A *Coração de Ouro* ergueu-se silenciosamente do concreto do espaçoporto.
— Não há nada de errado em ter um plano B — disse Zaphod, e partiu.
Cérebro Esquerdo já estava há tanto tempo plugado no plasma que se sentia um tanto inquieto.
— Olha só quem chegou, o grande presidente da Galáxia, agraciando-nos com sua presença.
Zaphod pôs o saco de ouro num armário.
— Oi, C.E. Ótimo trabalho com a luz e o ventilador.
Cérebro Esquerdo acertou Zaphod com seu vidro.
— Não gosto de ser usado como encarregado de efeitos especiais. Você foi eleito presidente da Galáxia, Zaphod. Não tem nenhuma dignidade?
Zaphod coçou o cocuruto.

— Não entendi a pergunta.
Foi até a cabine de comando, passando por várias portas programadas para reconhecê-lo e fazer comentários adequadamente elogiosos enquanto ele passava.
— Uau, mas esse garoto está em forma — exclamou o corredor de serviço um.
— Belo penteado, Zap — falou o elevador central, que sempre fora meio metido a besta.
— Você me dá vontade de virar orgânica — disse a porta da cabine de comando.
Enquanto caminhava presunçosamente pelo local, sentindo-se uns quinze graus de autoestima melhor, Zaphod notou um ícone de martelo girando na tela principal.
— Quando foi que isso apareceu? — perguntou a Cérebro Esquerdo, que obviamente estava pairando junto a seu ombro, estranhamente perto demais do lugar onde costumava ficar.
— Há algumas horas. Acho que estou com depressão de separação. Sinto falta do meu pescoço.
— Sem problemas — disse Zaphod, acomodando-se na cadeira de capitão — Podemos prender você de volta quando quiser.
— Não, obrigado. Prefiro tomar uns antidepressivos ou talvez comprar um Hol-O-Caminhão. Qualquer coisa é melhor do que andar com um palerma asinino como você.
Zaphod analisou a palavra "asinino" várias vezes, para depois esquecê-la imediatamente.
— Passe a mensagem.
— Com música de fundo?
— Não. Só o que veio, e não quero ninguém bisbilhotando.
— Tudo bem. Escudos ligados.
Na tela, o ícone do martelo girou e uma janela de vídeo surgiu. As feições barbadas de Thor encheram a tela.
— Ei, Zaph. Alô, alô? Isso é uma... aposto que nem é... Ok, ok, agora estou vendo. Está funcionando — O deus se ajeitou — Alô, Zaph, aqui é o seu cliente, Thor, o deus do trovão. Não estou morto, como você provavelmente adivinhou.
— Eu tinha adivinhado — reclamou Zaphod, dando um soco no ar.

Nota do Guia: O conceito do sacrifício divino vem funcionando bem para a maioria dos deuses desde a Hora do Café da Manhã dos Tempos quando Raymon, o Imoral, um deus que morava em Tarpon VII, evitou dar uma sentença determinando quem era a mãe de um certo bebê e forjou a própria morte através de overdose sexual. Raymon percebeu que as pessoas gostavam muito dele quando estava morto e que tendiam a basear suas decisões em boatos nada confiáveis ou em coisas que ele poderia ter sussurrado a um leproso surdo numa caverna. O salário de Raymon continuava indo diretamente para a conta bancária, e agora tudo o que ele precisava fazer era surgir na forma de uma sombra a uma virgem a cada mil anos mais ou menos e dizer algo enigmático como: "As pequenas pedras salvarão todos nós. Certifique-se de que você ama as pedrinhas". O método de Raymon se tornou um modelo tão conhecido que logo deuses de toda a Galáxia estavam fingindo morrer e amaldiçoando Raymon por ter registrado os direitos autorais de morte por overdose sexual.

Thor se inclinou para mais perto da câmera.
— Foi o comentário sobre mártires. Como você disse. Eu estava andando sobre aquela bomba enorme, pensando que, se eu deixasse ela me matar, os humanos achariam que morri por eles. Por isso, parti a 100% da minha força para cima da nave vogon quando escutei o detonador e me escondi na tubulação deles por um minuto. Pensei em bater na nave com Mjölnir, fazer parecer que um pedaço de estilhaço tinha acabado com ela, mas então eles simplesmente se mandaram para o hiperespaço. Não sei por quê. E, sinceramente, não me importo. De qualquer forma, é isso aí. Estou voltando para Asgard, pronto para a ressurreição se você precisar de mim. Mas acho que posso ter distendido a virilha, então me dê um tempo para eu voltar à velha forma. Ligue para mim, avise se o negócio do sacrifício deu certo. Além disso, me arranje um pouco de grana, estou tão duro que já perdeu a graça. Uma última coisa, veja se consegue achar o meu capacete. Eu o perdi na explosão, e é meu predileto. Vou desligar, estou recebendo outra ligação — Thor bateu no peito com um punho, depois piscou para a câmera — Bom trabalho, empresário.
Zaphod fechou a janela de vídeo, pasmo.
— Uau — disse — Não acredito que a ideia do sacrifício funcionou. Além

disso, estou besta em ver que Thor captou uma coisa tão sutil. Geralmente meus planos têm tantas camadas que a maioria das pessoas precisa ouvi-los duas vezes.

Cérebro Esquerdo se balançou diante dos olhos de Zaphod.

— Você não se lembra de ter dito nada sobre mártires, não é?

— Não — respondeu Zaphod — Mas isso não significa que não tenha dito.

— Então você realmente pensou que seu cliente estava morto?

— Claro que não. Não dá para matar um deus. Até aquele cara que entrou no buraco branco está vivo, ainda que suas partes estejam espalhadas por algumas dimensões.

— E quanto àquela bomba espacial?

Zaphod fungou com desdém.

— A TESTE? Quem você acha que vendeu aquilo para os vogons? Estou surpreso por ela não ter caído do céu em queda livre. Eu coloquei um motor de cortador de grama naquela coisa.

Cérebro Esquerdo ficou em silêncio, a não ser pelos cliques dos aranhobôs limpando a condensação na parte interna de seu globo.

— Bem, só nós dois de novo. O que quer fazer?

Zaphod cruzou as botas sobre o painel.

— Não sei. Vai demorar um pouco para o vídeo do sacrifício de Thor se tornar viral, então temos tempo. O que estávamos fazendo antes de tudo isso?

— Levantando fundos para sua campanha de reeleição.

Zaphod pareceu surpreso.

— Estávamos? Mas eu já sou presidente.

— Você foi presidente — corrigiu Cérebro Esquerdo no tom paciente de um professor de jardim de infância explicando a uma criança pequena pela enésima vez por que não era uma boa ideia beber a água da privada — Até o momento em que foi condenado por um crime em primeiro grau.

— Mas todo mundo ainda me chama de presidente.

— Todos os ex-presidentes são chamados de presidente.

— E isso não é confuso?

— Não por mais de meio segundo, se você tiver mais de meio cérebro.

Zaphod franziu a testa.

— Eu preciso multiplicar essas frações?

Cérebro Esquerdo bufou dentro de sua bolha.

— Esqueça. Você era presidente, agora não é mais. Está suficientemente

claro?
— Então, quem é o presidente?
— Atualmente?
— É, E agora também.
Cérebro Esquerdo não precisou consultar nenhum documento porque todo mundo sabia quem era o presidente da Galáxia, com exceção de todos os passageiros regulares daquela nave, e possivelmente, mas não de forma definitiva, de Ford Prefect.
— Spinalé Trunco, da tribo dos Cavaleiros sem Cabeça de Jaglan Beta.
Zaphod se levantou em choque, o que não é fácil quando seus pés estão apoiados no painel de instrumentos. Os cotocos dos saltos soltaram fagulhas enquanto ele batia as botas no chão, irritado.
— O quê? Trunco? Mas ele não tem nenhuma cabeça. Nenhuma cabeça. Zero coisas em cima dos ombros.
— Nós já conversamos sobre isso, Zaphod.
— Não nos últimos vinte minutos. E você sabe como é a minha memória.
— Estou surpreso por você ter alguma memória.
— Exatamente. Certo, C.E., ponha as coordenadas da minha jurisdição.
— Você não tem jurisdição, e se tivesse, seria toda a Galáxia.
— Então me leve até o centro da Galáxia. Se Zaphod Beeblebrox está de volta, as pessoas precisam saber. Tenho de aparecer numa boate, ter relações num banheiro. E, provavelmente, participar de um reality show.
— Acho que a primeira coisa que temos de fazer é rebaixar a acusação de crime em primeiro grau para crime em segundo grau. Assim, você poderá concorrer ao cargo.
— Boa ideia, C.E. Quem a gente vai subornar?
Desta vez, Cérebro Esquerdo consultou seus bancos de dados.
— Por mais improvável que pareça, Spinalé Trunco.
— O velho Trunco. Não tinha uma coisa em relação a ele...
— Eles não têm cabeça.
— Nem mesmo uma. Safado.
Cérebro Esquerdo demorou alguns segundos para hackear a programação da equipe de segurança do presidente.
— No momento, Trunco está relaxando em seu complexo de estábulos em Jaglan Beta.
— Então, toca para lá.
Cérebro Esquerdo franziu os olhos enquanto organizava as coordenadas no

gerador de improbabilidade infinita.
— Você sabe que Trunco odeia você, não é Zaphod? Talvez ele queira algo um pouco mais tentador do que aquele saco de ouro que escaneei você trazendo a bordo da nave.
Zaphod fez sinal de positivo com os dois polegares, e a cabeça sem corpo demorou um instante para perceber que havia algo em um dos polegares. Um minúsculo capacete.
— Acho que eu tenho alguma coisa com a qual barganhar — disse Zaphod.

ESPAÇO

Thor tinha parado num asteroide para tentar ligar para Zaphod, e estava sentado num pequeno bolsão de oxigênio na superfície quando atendeu a um telefonema. Na verdade, ele não precisava respirar, mas o oxigênio ajudava a afastar a enxaqueca e, além disso, tornava bem mais fácil falar ao telefone pois ele não precisava gritar no poço mágico para fazer sua voz ser ouvida no espaço.
— Aqui é o deus do trovão — disse, junto ao cabo do Mjölnir — Fale.
Uma pequena cabeça dourada apareceu na cabeça do martelo.
— E aí, garota do trovão, o que está rolando?
— Bispo. Bom te ver. Tem um monte de coisas rolando. Tenho fiéis genuínos agora. Talvez só haja um guerreiro no grupo, mas já é um começo.
A peça de xadrez deu um trago no cigarro.
— Isso é ótimo, Thor, e estou ligando para dar mais boas notícias.
— Verdade? O que é?
— Tem a ver com aquele vídeo. Está em primeiro lugar, com mais de dois bilhões de visualizações. Uma tremenda sensação na Subeta.
O coração de Thor se encolheu.
— Quando vão deixar isso para lá? Eu vesti um bustiê uma vez e o Universo nunca esquece.
— Não. Esse, não. O novo, com você metendo a porrada naquele cara verde que insultava todo mundo. Parece que tinha um bocado de gente que estava esperando ver o palhaço verde receber o que merecia.
— Primeiro lugar? Verdade? Isso é fantástico.
— É. Foi um excelente golpe, por sinal, com o corpo impulsionando o

movimento, como eu mandei você fazer. Você está de volta ao topo, amigo.
Thor deu um sorriso enorme.
— Maravilha. Ligue para papai e mamãe. Ligue para todo mundo. Grande festa no meu castelo hoje à noite! Quero hidromel, porco, boi e virgens.
— Que tal lulas?
— Não. Nada de lulas. Mas leve qualquer outra coisa que conseguirem arranjar. E garanta que as valquírias recebam um convite.
O Bispo deu um soco no ar.
— O Trovão está de volta — disse ele.
— É issaí. O Trovão está de volta.
Thor desligou e decolou. Em seguida, voltou e arrebentou o asteroide só para aparecer.
Ei,* disse o espírito de Fenrir. *Esse era o meu dente.

Fim de Papo

Constante Mown estava deitado na cama, olhando para o próprio rosto no espelho da Barbie.
— Você fez a coisa certa — ficava repetindo sem parar, mas mudava um pouco a estrutura da frase para enganar seu subconsciente e fazê-lo pensar que estava escutando algo novo.
— Foi uma coisa boa que você fez. A coisa certa.
Depois:
— O que você fez lá atrás foi totalmente correto. Uma coisa boa.
O rosto no espelho, dentro da moldura de plástico rosa, parecia amigável, porém preocupado. Tinha salvado os terráqueos, é verdade, mas ainda havia muitas espécies na lista de demolição, e aquele truque dos *cidadãos pagadores de contas* só funcionaria enquanto fosse legal — o que não seria muito frequente, agora que Prostetnic Vogon Jeltz o havia experimentado uma vez.
Será a primeira coisa que ele vai verificar daqui pra frente: quem são essas pessoas que estamos prestes a extinguir?
— Você encontrará um modo — disse o rosto no espelho, um rosto quase gentil sem a tigela de baba.
Agora, Mown nunca saía de sua cabine sem a tigela. A última coisa que

queria era parecer gentil, o que poderia ser visto como um sintoma de evolução. Na verdade, Mown havia acrescentado um atrapalhador de pés ao seu guarda-roupa depois do comentário sobre pés ágeis na cabine de comando. Não era bom ter o passo muito leve numa nave vogon.
— Um dia, dançaremos — disse ao reflexo.
— Um dia, cantaremos — respondeu o rosto no reflexo, e depois: — Foi a coisa certa, o que você fez lá. Certa e boa.
A voz de seu pai o interrompeu, saindo do alto-falante acima da cama:
— Constante! Estou com um conselheiro planetário na linha dizendo que, por causa do sistema de salto orçamentário anual deles, não demos atenção suficiente à execução da ordem de destruição do seu planeta. Quero que você dê uma olhada nisso.
— Agora mesmo, papai — disse Mown, escondendo o espelho e prendendo o atrapalhador de pés nos dedos — Estou indo.
— Esse é meu Safado Completo — disse Jeltz, e desligou.
Ainda não,* pensou Mown, bamboleando até a porta. *Por enquanto, ainda não sou.

NANO

Arthur Dent estava começando a entender os sentimentos de isolamento da filha.
— Agora entendo do que você estava falando — disse a ela num dia de manhã, antes do trabalho — Nós não pertencemos a lugar nenhum. A Terra era o nosso planeta, mas agora ele se foi. E mesmo que a gente a chamasse de lar, a Terra não foi nosso lar por décadas. Nós dois vivemos vidas inteiras longe de sua superfície. Eu na minha ilha, você em Megabrantis. Somos nômades cósmicos, o que seria um nome fantástico para uma banda, por sinal, vagabundos interestelares sem ninguém a quem se agarrar nessa eternidade de desconexão, a não ser um no outro.
E Random disse:
— O que você vai colocar no meu sanduíche hoje, pai? Lembre-se que estou tentando me tornar vegetariana, e carne não é comida vegetariana.
— Essa carne se enfiou escondida no seu sanduíche — disse Arthur, sem

graça, e percebeu que Random não estava tão implacavelmente infeliz quanto antes. Talvez o atrito diário no escritório de Hillman Hunter estivesse dando vazão à ira de sua filha, e Arthur deveria agradecer pela adolescente agradável que se apresentava à mesa do café da manhã todo dia, em vez de tentar arrastá-la para fora de sua psique ferida.

— Couve?

Random beijou a bochecha dele.

— Ótimo. É pão sem casca?

— Claro que é pão sem casca! O que nós somos, bárbaros? Como eu poderia me considerar um Fazedor de Sanduíches?

E assim por diante. Quando Arthur terminou de fazer suas reclamações e passou a relatar sua listagem de credenciais como Fazedor de Sanduíches, Random já havia enfiado o almoço na bolsa emprestada por Ford e ido para o trabalho.

Arthur se manteve como um pai presente e solidário por algumas semanas, mas depois começou a procurar desculpas para viajar.

— Só você e eu — propôs Arthur a Ford — Vai ser como nos velhos tempos, mas sem planetas explodindo e as pessoas que ficavam com a gente nos velhos tempos.

— Sinto muito, não vai dar, cara — respondera Ford, esforçando-se ao máximo para parecer triste, o que era difícil para alguém com uma máscara de lama vulcânica cobrindo a face e duas lindas massagistas dedilhando seus ombros — Há uma quantidade espantosa de spas neste planeta e eu preciso passar em todos. Devo isso aos mochileiros que estão lá fora.

Arthur deu uma olhada na lista de preços.

— Você não deveria estar gastando apenas trinta dólares altairianos por dia?

— O mercado de ações altairiano flutua bastante — disse Ford, ruborizando um pouco debaixo da lama — Num dia, com trinta dólares você pode comprar uma casa no subúrbio com garagem para dois filhos e 3,4 esposas. No outro, você vai ter sorte se for o suficiente para um tubo de sanguessugas antirressaca. Estou cobrindo o turismo de alto e de baixo nível, só para garantir.

E, assim, Arthur foi obrigado a viajar sozinho.

***Sozinho*. Essa era a palavra que ele temia. Ele, Arthur Dent, era um homem só, sozinho e solitário. Emprestado de outra dimensão. Um ninguém, um encosto sem ter em quem se encostar.**

Tudo isso parecia um tanto pessimista e egocêntrico, até mesmo para alguém que recentemente recebera uma encomenda endereçada a Pessimista Irremediavelmente Egocêntrico, Nano. Assim, Arthur decidiu disfarçar essa viagem como um dever de pai.

— Vou viajar para Cruxwan e verificar aquela tal universidade — disse a Random. Ela discutiria, mas ele já tinha resposta para derrubar seus argumentos antecipadamente — Bom, sei o que você vai dizer, mas que tipo de pai eu seria se deixasse minha única filha perdida pelo Universo sem verificar o lugar primeiro? Sua mãe e Wowbagger vão voltar do cruzeiro em alguns dias. Além disso, Ford vai ficar aqui com você até eu estar de volta. São só 12 saltos, portanto não deve demorar mais do que uma semana. No máximo, duas. De qualquer modo, em termos virtuais, você tem cem anos, ou seja, duas semanas sem mim não são nada. Estou deixando sanduíches congelados, então tudo deve ficar bem. Alguma pergunta?

Random pensou por um momento, e perguntou:

— Que tipo de sanduíches?

Agora Arthur estava sentado numa confortável poltrona de gel envolvente, na classe executiva de uma nave de alcance hiperespacial que, de fora, tinha a alarmante aparência de uma genitália masculina humana, mas que era bastante agradável por dentro assim que a pessoa conseguisse banir da memória os dois motores hiperespaciais e o tubo de passageiros. Sua passagem fora comprada com pontos espaciais de uma conta que ele abrira nos dias pré-Lamuella.

Os dia de Fenchurch.

Isso é bom*, disse a si mesmo. *Estou fazendo alguma coisa positiva em vez de ficar em casa me lamentando e interferindo na carreira de Random. Agora, em vez disso, posso interferir na formação profissional dela.

Arthur deixou os funcionários da nave o vestirem com uma malha colante de voo, em seguida foi lubrificado e enfiado na poltrona. O assento de gel se dobrou à sua volta e ele escolheu *O Guia do Mochileiro das Galáxias* no menu de toque. Arthur fez o cursor se esfregar no link de Cruxwan. Havia mais de três mil artigos.

***O bastante para me ocupar durante a viagem toda*, pensou.**

Quando todos os passageiros já estavam a bordo, as portas pneumáticas guincharam, fechando-se, e Arthur ficou aliviado ao descobrir que era a única pessoa em sua fileira. Não se considerava um fresco em viagens, mas, às vezes, um homem lubrificado vestindo uma malha colante gosta de sair

da poltrona sem ser observado.
Partiram, e Arthur pode ver Nano recuar para o espaço através da Camer-O-Nave em sua poltrona. Logo, toda a nebulosa era pouco mais do que um xale de algodão cósmico lançada sobre uma teia de estrelas.
Xale de algodão cósmico*, pensou Arthur. *Se Ford conseguisse escrever coisas assim, talvez ganhasse algum dinheiro.
Um pequeno ícone azul surgiu no canto de sua almofada e Arthur sugou com força o canudinho de sedação.
Hiperespaço. Senti tanto sua falta.
O salto foi mais suave do que ele se lembrava.
Devem ser essas poltronas novas.
A sensação lembrava-o um pouco a maciez de cair em um monte de neve com um trenó durante sua infância, mas sem o choque do frio. Esta sensação era calorosa e bem-vinda. Arthur sentiu uma pontada de perda nesse momento de bom humor. O hiperespaço podia levar coisas embora também, especialmente se você fosse de uma Zona Plural.
Arthur Dent relaxou e viu o Universo se dobrando à sua volta. Fora do casulo de sua poltrona dançavam asteroides, criaturas espaciais e mais de um milhão de outros viajantes. *O Guia* identificava todos eles com pequenas etiquetas virtuais com códigos de cores, mas os viajantes sumiam e eram substituídos por outros antes que Arthur pudesse ler uma única palavra.
Depois de um excelente primeiro salto, a nave abandonou o hiperespaço, saltando de lado como uma pedra ricocheteando num lago. As luzes dos cintos de segurança se acenderam por alguns segundos, e depois se apagaram.
Acho que vou ao banheiro*, pensou Arthur. *Antes do próximo salto.
Obviamente, a poltrona poderia reciclar seus excrementos, mas Arthur achava que algumas coisas não deveriam ser feitas em público num saco de plástico.
Desinflou a poltrona um pouco, sentou-se, tonto, e ficou levemente surpreso ao descobrir que a poltrona ao seu lado estava ocupada. A recém-chegada estava falando com ele com alguma familiaridade, como se já se conhecessem. A visão de Arthur ainda não havia se clareado, mas reconhecia a voz, assim como a inclinação da cabeça e a mecha de cabelos presa atrás da orelha.
Fenchurch?
Arthur esfregou os olhos para colocá-los em foco e olhou de novo. Era

Fenchurch, conversando animadamente como se os dois nunca tivessem se separado.

Isso não pode ser verdade. Estou sonhando.

Mas não estava. Era mesmo Fenchurch, que lhe fora devolvida. Estava exatamente igual, a não ser pelas pintas azuis junto à raiz dos cabelos e uma breve curva óssea no centro da testa.

Quase a mesma. Talvez duas dimensões abaixo. O Arthur dela se foi, assim como a minha Fenchurch.

Fenchurch terminou de falar e riu seu riso encantador com o característico inalar de ar no fim, que sempre fazia Arthur se lembrar do aspirador de pó de sua mãe.

Se eu conheço bem Fenchurch, ela ainda não acabou*, pensou Arthur, ainda lutando para sair de uma amnésia curiosa. *Há mais histórias por vir.

Estava certo. Fenchurch deu-lhe um tapinha no braço, enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha e abriu a boca:

— E tem outra coisa... — disse ela.

Que outra coisa?*, queria perguntar Arthur. *E que coisa veio antes dessa outra? Conte todas as coisas em ordem.

Queria dizer essas palavras para aquela Fenchurch exótica, porém familiar, mas quando levantou a mão para acariciar o rosto dela, viu que seus dedos estavam ficando transparentes.

O quê? Ah, não. Não.

A náusea cresceu dentro dele, um arame farpado de estática que fluiu pelos membros e envolveu seu cérebro.

A Zona Plural*, percebeu. *Pessoas de uma Zona Plural nuca devem viajar pelo hiperespaço. Elas podem parar em qualquer lugar.

Arthur viu Fenchurch estender a mão para ele. Sua linda boca formou seu nome e então ela estava partindo num *zoom-out*, num túnel elástico multicolorido.

Ela não está partindo*, percebeu Arthur. *Sou eu. Eu é que estou no zoom.

A Galáxia redemoinhou à sua volta e ele se viu nu, sem nenhuma proteção contra o frio ou contra a radiação, no entanto não morreu nem sofreu, simplesmente ficava cada vez mais nervoso enquanto a anomalia do hiperespaço o afastava de sua vida. O simples volume das coisas e das perspectivas ficou aterrorizante demais, por isso Arthur fechou os olhos, o que não fez absolutamente nenhuma diferença, já que eles eram transparentes; por isso tentou se concentrar no único lugar onde já conhecera paz na vida.

Mergulhou mentalmente, pensando em cada vara de bambu de sua cabana e cada pedra branca que rompia do oceano em seu pedaço de areia. Não pensou na nebulosa que passou em redemoinho, nem nas estrelas vermelhas cuspindo sua luz pelo espaço. Não pensou nessas coisas com tanta força que rapidamente elas eram tudo em que ele não conseguia pensar.

Depois de um tempo, que não poderia ser medido nem mesmo com o melhor dos relógios digitais, Arthur resolveu que estava sólido de novo. Forçou os ouvidos e ouviu ondas estourando, abriu a boca e sentiu gosto de sal.

***Será possível?*, pensou.**

Arthur Dent abriu os olhos e se viu sentado numa praia bastante similar à de sua vida virtual. A curva da costa era um pouco diferente, mas era parecida a ponto de não fazer diferença; havia até uma pequena cabana logo depois dos arbustos.

Será possível?*, pensou novamente. *Ou até mesmo provável, o que quer que isso realmente signifique, se é que significa alguma coisa?

Franziu os olhos contra a claridade dos raios do sol do fim da tarde e não pôde deixar de notar uma nave amarela se aproximando no horizonte.

O quê? Certamente que não é possível.

Arthur teria dito: *não pode ser!*, mas ele descobrira que esta frase em particular não poderia anteceder um ponto de exclamação desde que conhecera Zaphod Beeblebrox. Nada poderia não ser e, se não deveria ser, geralmente era.

Um pássaro sinagudo veio para perto dele.

— Vogons desgraçados — disse ele, pelo canto do bico — Estiveram aqui há alguns dias. Parece que alguém esqueceu de preencher a permissão de construção daquela cabana.

— Típico — disse Arthur, depois fechou os olhos e desejou estar em outro lugar, com outra pessoa.

> ***Nota do Guia: O azar quase inacreditável de Arthur Dent criou um vácuo diametralmente oposto que gerou uma excelente boa sorte para uma pessoa do outro lado do Universo. Um certo Sr. A. Grajag, um desconhecido jornalista esportivo de Un Hye, foi ressuscitado com sucesso depois de seis meses em coma no hospital por colidir com uma nave de carga da uBid. Ele foi imediatamente recebido com um drinque de felicitações do comitê da loto planetária para comemorar seu acerto na megadezena galáctica.***

No mesmo instante, sua paixão de infância, que reconheceu o Sr. Grajag quando ele apareceu no **Celebridade em Coma**, *entrou no quarto declarando seu amor antigo e verdadeiro. Os dois se casaram e tiveram dois filhos muito bem-ajustados, que não quiseram seguir o pai na carreira do showbusiness, e foram estudar Direito e Medicina.*

Se Arthur Dent tivesse ouvido falar dos Grajag, talvez tivesse ficado um pouquinho mais animado.
Mas não muito.

——- Fim de Um dos Meios -——